O DESCOBRIMENTO DO BRASIL

ESTUDO CRITICO

De acordo com a documentação
historico-cartografica e a nautica

Deste livro foram tirados, fora do comércio, cincoenta exemplares em papel **Bouffant**, numerados e assinados pelo Autor.

Exemplar 01204 *

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA
Série 5.ª * BRASILIANA * Vol. 253

THOMAZ OSCAR MARCONDES DE SOUZA
Da American Geographical Society de Nova York — da Royal Geographical Society de Londres — "Officier d'Académie" da Republica Franccsa, etc.

O DESCOBRIMENTO DO BRASIL

ESTUDO CRITICO

De acordo com a documentação historico-cartografica e a nautica

EDIÇÃO ILUSTRADA

★

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO
1946

OBRAS DO MESMO AUTOR

"A DESCOBERTA DA AMERICA E A SUPOSTA PRIORIDADE DOS PORTUGUESES", São Paulo, 1912 — esgotada.

"O ESTADO DE S. PAULO" (monografia geografica). São Paulo, 1915 — esgotada.

"A FRANÇA CALUNIADA" (politica internacional), 1923 — esgotada.

"O DESCOBRIMENTO DA AMERICA E A SUPOSTA PRIORIDADE DOS PORTUGUESES" (2.ª edição ampliada d'"*A Descoberta da America*"), São Paulo, 1944.

1 9 4 6

Impresso nos Estados Unidos do Brasil

Printed in the Unitd States of Brazil

Aos meus netos Nilson, Eduardo, Niobe, Mariza, Rosa e Thomaz Oscar, para que conheçam acertadamente as primeiras paginas da historia da nossa Patria.

BIBLIOGRAFIA

Abreu, J. Capistrano de — *"O Descobrimento do Brasil"*, Rio de Janeiro, 1929.

"Alguns Documentos do Archivo Nacional da Torre do Tombo", Lisboa, 1892.

Alvares, Padre Francisco — *"Verdadeira informaçam das Terras do Preste Joam das Indias"*, Lisboa, 1540.

Angleria, Pedro Martyr — *Décadas del Nuevo Mundo"*, tradução argentina, Buenos Aires, 1944.

"Arquivo Historico da Marinha Portuguesa", Lisboa, varios numeros.

Babcock, William H. — *"Legendary island of the Atlantic"*, New York, 1922.

Barros, João de — *"Décadas da Asia"*, Lisboa, 1628.

Beazley, C. Raymond — *"Prince Henry the Navigator the Hero of Portugal and of modern discovery"*, tradução portuguesa, Porto, 1945.

Bensaude, Joaquim — *"Lacunes et surprises de l'histoire des découvertes maritimes"*, Coimbra, 1930.

Bettencourt, E. A. — *"Descobrimentos, guerras e conquistas dos portugueses no seculo XIV e XV"*, Lisboa, 1881-82.

Biggar, H. P. — *"Voyages of Cabot and Corte-Reals"*, Paris, 1903.

"Boletin del Instituto de Investigaciones Historicas", Buenos Aires, 1933, numeros 55-57.

"Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa", varios numeros.

Boni, Bardelli — *Il Milioni di M. Polo"*, Florença, 1827.

Caddeo, Rinaldo — *"La historia della vita e dei fatti de Cristoforo Colombo per D. Fernando Colombo suo figlio"*, Milano, 1930.

Caddeo, Rinaldo — *"Le Navigazioni Atlantiche de Alvise da Cà da Mosto, Antoniotto Usodimare e Noccoloso da Recco"*, Milano, 1928.

Canto, Ernesto do — *"João Fernandes Lavrador"*, "Archivo dos Açores", Ponta Delgada, volume XII.

Castanheda, Fernão Lopes de — *"Historia do Descobrimento e Conquista da India pelos Portugueses"*, Lisboa, 1833.

"Coleção de Noticias para a História e a Geographia das Nações Ultramarinas", Edição da Academia das Sciencias de Lisboa, 1867.

Cordeiro, Padre Antonio — *"Historia Insulana"*, Lisboa, 1866.

Correia, Gaspar — *"Lendas da India"*, Edição da Academia das Sciencias de Lisboa, 1858.

Cortesão, Armando — *"Cartografia e Cartografos Portugueses dos séculos XV e XVI"*, Lisboa, 1935.

Cortesão, Jaime — *"A Expedição de Pedro Alvares Cabral"*, Lisboa, 1922.

Cortesão, Jaime — *"Do Sigilo Nacional sobre os Descobrimentos"*. Revista *"Lusitania"*, Lisboa, 1924, fasciculo 1, paginas 45 a 81.

Cortesão, Jaime — *"A Carta de Pero Vaz de Caminha"*, Rio de Janeiro, 1943.

Costa, A. Fontoura da — *"A Marinharia dos Descobrimentos"*, Lisboa, 1939.

Costa, A. Fontoura da — *"Cartas das ilhas de Cabo Verde de Valentim Fernandes"*, Lisboa, 1939.

Coutinho, Almirante Gago — *"Descobrimento do Brasil, coordenação em mapa das rotas de descobrimento no Atlantico Sul, especialmente a de Cabral"*, Rio de Janeiro, 1943.

Duro, Cesario Fernandez — *"Cólon y Pinzón"*, Madrid, 1883.

Errera, Carlo *"L'Epoca delle Grandi Scoperte Geografiche"*, Milano, 1926.

Figueiredo, Fidelino de — *"Estudos de Historia da America"*, São Paulo, Companhia Melhoramentos.

Fonseca, Faustino da —*"A Descoberta do Brasil"*, Lisboa, 1908.

Fonseca, Quirino — *"A Caravela Portuguesa"*, Coimbra, 1934.

Freitas, Jordão de — *"O Descobrimento Pre-Colombiano da America Austral pelos Portugueses"*. Revista *"Lusitania"*, Lisboa, 1926, fasciculo IX, paginas 315 a 328.

Fructuoso, Gaspar — *"As Saudades da Terra"*, Ponta Delgada, 1876.

Galvão, Antonio — *"Tratado dos Descobrimentos"*, terceira edição, Porto, 1944.

Gandavo, Pero de Magalhães — *"Historia da Provincia de Santa Cruz"*, Lisboa, 1576.

Gandia, Henrique —*"Historia de Colón"*, Buenos Aires, 1942.

Ghillany, E. W. — *"Geschichte des Seefahrers Ritter Martin Behaim"*, Nuremberg, 1855.

Godinho, Vitorino Magalhães — *"Documentos sobre a expansão portuguesa"*, Lisboa, Editorial Cleba, LDA, 1 volume.

Góes, Damião de — *"Chronica do Felicissimo Rei Dom Manuel"*, Lisboa, 1566.

Góes, Eurico de — *"Os Simbolos Nacionaes"*, S. Paulo, 1908.

Greenlee, William B. — *"The Voyage of Pedro Alvares Cabral to Brazil and India"*, London, 1938.

Greenlee, William B. — *"The Background of Brazilian History"* na "The Americas", volume 11, outubro de 1945, numero 2.

Greenlee, William B. — *"The First Half Century of Brazilian History"*, na "Mid-America", volume 25, nova serie volume 14, numero 2.

Harrisse, Henry — *"The Discovery of North America"*, London, 1892.

Harrisse, Henry — *"Découverte et évolution cartographique de Terre Neuve"*, Paris, 1900.

Harrisse, Henry —*"Les Corte Real"*, Paris, 1883.

Harrisse, Henry — *"Cristoforo Colombo e il Banco di S. Giorgio"*, Genova, 1890.

Herrera, Antonio de Herrera y Tordesillas — *"Historia General de los Hechos de los Castellanos en las Islas y Tierra firme del Mar Oceano"*, Madrid, 1725.

"Historia da Colonização Portuguesa do Brasil", Porto, 1921-24.

"Historia da Expansão Portuguesa no Mundo", Lisboa, 1937.

"Historia de Portugal" — Edição Monumental, Barcelos, 1932.

Humboldt, Alexandre — *"Examen critique de l'histoire de la geographie"*, Paris, 1837.

Humboldt, Alexandre — *"Cosmos"*, Paris, 1855.

Kunstmann, Friedrich — *"Atlas zur Ertkungsgesckichte Amerikas"*, Munchen, 1859.

Larsen, Sophus — *"La Découverte du continent de l'Amérique Septentrionale en 1472-73 par les Danois et les Portugais"*, Coimbra, 1922.

Las Casas, Bartolomeu — *"Historia de las Indias"*, Madrid, 1875.

Lopes, Fernão — *"Chronica del Rey D. Joam I"*, Lisboa, 1644.

Magnaghi, Alberto — *"Amerigo Vespucci"*, Roma, 1924.

Magnaghi, Alberto — *"Il tentativo di viaggio transoceanico dei genovesi fratelli Vivaldi nel* 1291", Roma, 1935.

Major, Richard Henry — *"Vida do Infante D. Henrique"*, tradução portuguesa de Ferreira Brandão, Lisboa, 1876.

Marchant, Alexander — *"The Discovery of Brazil a note on Interpretations"*, na "The Geographical Review" de Nova York, volume XXXV, numero 2, abril de 1945, paginas 296 a 300.

Marcondes de Souza, Thomaz Oscar — *"O Descobrimento da America e a Suposta Prioridade dos Portugueses"*, S. Paulo, 1944.

Ministerio das Colonias da Republica Portuguesa — *"Os Sete Unicos Documentos sobre o Descobrimento do Brasil*, Lisboa, 1940.

Montalboddo, Fracanzano da — *"Paesi novamente retrovati & Novo Mondo de Alberico Vesputio Florentino intitulato"*. Reprodução em fac-simile da edição de 1508 feita em Milão, pela Princeton University Press, 1916.

Morison, Samuel Eliot — *"Portuguese Voyages to America in the "Fifteenth Century"*, Cambridge, U. S. A., 1940.

Morison, Samuel Eliot — *"Admiral of the Ocean Sea. A life of Christopher Columbus"*, Boston, 1942.

Murr, Christoph Gottlieb von — *"Diplomatische Geschichte des portugiesischen berühmten Ritters Martini Behaims Aus Originalurkunden"*, Gotha, 1801.

Navarrete, Martin Fernandes de — *"Coleccion de los Viages y Descubrimientos que hicieron los españoles desde fin del siglo XV"*, Madrid, 1837.

Nunn, E. George — *"Geographical Conceptions of Columbus"*, New York, 1924.

Olschki, Leonardo: *"Storia Letteraria delle Scoperte Geografiche"*, Firenza, 1939.

Osorio, Jeronimo — *"Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel"*, Porto, 1944.

Pereira, Duarte Pacheco — *"Esmeraldo de Situ Orbis"*, Lisboa, 1892.

Pina, Ruy de — *"Chronica d'El-Rei D. João II"*, Lisboa, 1792.

Pinto, Manuel de Souza — *"Pero Vaz de Caminha e a carta do achamento do Brasil"*, Lisboa, 1934.

Pohl, Frederick J. — *"Amerigo Vespucci — Pilot Major"*, Columbia University Press", New York, 1945.

Prestege, Edgard — *"The Portuguese Pioneers"*, tradução portuguesa, Porto, 1943.

Ravenstein, E. G. —. *"Martin Behaim. Its life and his Globe"*, London, 1908.

"Raccolta di Documenti per quatro centenario della Scoperta dell'-America", Roma, 1893.

"Revista do Archivo Municipal da cidade de S. Paulo", vol. 11.

'Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro", varios numeros.

"Revista do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo", varios numeros.

Rezende, Garcia de — *"Chronica dos Valeorosos e insignes feitos de El Rei D. João II"*, Coimbra, 1778.

Rodrigues, J. C. — *"Catalogo Anotado dos Livros Sobre o Brasil"*, Rio de Janeiro, 1907.

Rio Branco, Barão do — *"Memoire présenté par les États Unis du Brésil au Gouvernement de la Confédération Suisse, arbitre entre le Brésil et la France"*, Berne, 1899.

Ruge, Sophus — *"Historia da Epoca dos Descobrimentos"*, tradução portuguesa.

Sá, Ayres de — *"Frei Gonçalo Velho"*, Lisboa, 1899.

Silva, Joaquim Caetano da — *"L'Oyapoc et l'Amazone"*, terceira edição, Paris, 1899.

Silva, Luciano Pereira da — *"Astronomia dos Luziadas"*, Coimbra, 1915.

"The Geographical Journal" da "The Royal Geographical Society" de Londres, varios numeros.

"The Hispanic American Historical Review", varios numeros.

Toscano, F. Soares — *"Paralelos de Principes e Varões ilustres antigos"*, Lisboa, 1623.

Ulloa, Luis — *"El Pre-descobrimento hispano-catalán de America en 1477"*, Paris, 1928.

Varnhagen, Francisco Adolpho de — *"Amerigo Vespucci, son caractère, ses écrits, etc."* Lima, 1865.

Varnhagen, Francisco Adolpho de — *"Le Premier Voyage de Amerigo Vespucci définitivement expliquê"*, Vienne, 1869.

Varnhagen, Francisco Adolpho de — *"Historia Geral do Brasil"*, terceira edição, Companhia Melhoramentos de S. Paulo.

Vasconcellos, A. M. de — *"Vida del Rey Don Juan el Segundo"*, Madrid, 1639.

Vignaud, Henry — *"Histoire Critique de la Grande Entreprise de Christophe Colomb"*, Paris, 1911.

Vignaud, Henry — *"Americ Vespuce"*, Paris, 1917.

Villasboas, Antonio — *"Nobiliarchia Portuguesa"*, Lisboa, 1676.

Viterbo, Souza — *"Notas ao Catalogo da Exposição de Arte Ornamental"*.

AGRADECIMENTOS

Apresentamos aqui os nossos mais sinceros agradecimentos ao professor e comandante da gloriosa marinha de guerra dos Estados Unidos da America do Norte, erudito historiador Sr. Samuel Eliot Morison, por nos ter autorizado a traduzir para o português e publicar neste livro o seu magistral estudo nautico, intitulado *"Da Gama's Instructions and the Sailing Route to India"*, que se encontra ás paginas 95 a 107 da sua valiosa obra *"Portuguese Voyage to America in the Fifteenth Century"*, livro este que citamos amiudadamente e de cujo metodo de exposição procuramos aproximar-nos o mais possivel.

Esses nossos agradecimentos são extensivos ao professor da *Newbery Library* de Chicago, erudito historiador dr. William Brooks Greenlee, que nos enviou por via aerea uma fotocopia das paginas do Codice Riccardiano 1910, onde existem por copia as cartas que Bartolomeu Marchioni enviou de Lisboa a Florença, em 1501, dando no-

ticias da viagem de Cabral ao Brasil e á India; a leitura em italiano dessas cartas; e também um exemplar em fac-simile da segunda edição de 1508 da obra de Montalboddo — *Paesi Novamente Ritrovati e Novo Mondo de Alberico Vesputio florentino intitulato".* Com esses preciosos elementos, temos a oportunidade de publicar na integra, em português, pela primeira vez no Brasil, as referidas cartas de Marchioni e, ao mesmo tempo, de traduzirmos pela primeira vez em vernaculo, recorrendo ao texto original italiano, a descrição da viagem de Cabral ao Brasil e á India, mais conhecida com o titulo de: *"Relação do Piloto Anonimo".*

Somos do mesmo modo muito gratos aos prezados amigos e consocios, professores drs. Otoniel Mota e Americo B. de Moura, pelos valiosos auxilios que nos prestaram, em se tratando de assuntos de suas especialidades

T. O. M. S.

Prefacio

Duas concepções geograficas se defrontavam nos ultimos decenios do seculo XV, tratando-se do ambicionado caminho maritimo para a Asia e particularizando para a India, donde com os aromas, pedras preciosas, brocados e purpuras, vinha tambem à Europa a fama de riquezas fabulosas.

De um lado estava um pequeno grupo de cosmografos letrados, dos quais a historia tem conservado os nomes de Toscanelli, Monetario, Behaim e Colombo, o qual dando grande impulso às ideias classicas da antiguidade grega sobre a redondeza da terra e a pequena extensão dos mares, dizia que navegando rumo ocidente seria possivel em curto espaço de tempo atingir a ilha de Cipango e o litoral de Chatay. Eram os partidarios do chamado ciclo ocidental. Combatiam essa ideia os cosmografos portugueses que opinavam pela procura da rota maritima para a India navegando ao longo da costa ocidental da Africa até encontrar uma passagem ao sul desse continente e, assim, penetrar no Oceano Indico. Eram os adeptos do denominado ciclo oriental.

Dessas duas concepções geograficas resultaram o descobrimento da America por Colombo e o encontro do caminho da India por Vasco da Gama, sendo que todas as demais descobertas ma-

ritimas que se seguiram a essas, tais como as de Caboto, Cabral, Corte Real, Fernão de Magalhães, etc., nada mais foram do que o complemento dos feitos de Colombo e Gama.

Partindo desse raciocinio, entendemos ser de bom alvitre fazermos anteceder o nosso estudo sobre o descobrimento do Brasil pela segunda armada da India de um resumo historico onde nos ocupamos das supostas descobertas pre-colombianas e pre-cabralinas por navegantes lusos, habilitando assim o leitor a estimar, com melhor conhecimento de causa, o valor dos nossos argumentos na tese que defendemos neste livro.

Os melhores trabalhos aparecidos entre nós sobre o descobrimento do nosso pais são os de Joaquim Norberto de Souza e Silva, Antonio Gonçalves Dias e Capistrano de Abreu, publicados os dois primeiros na "Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro", respectivamente em 1852 e 1855, e o de Capistrano em 1883, pela editora G. Leuzinger & Filhos, Rio de Janeiro.

Na epoca em que esses historiadores publicaram os seus estudos, constituiram eles verdadeiros sucessos, visto que souberam não só aproveitar com invulgar inteligencia o escasso material de que dispunham, como tambem porque defenderam os seus pontos de vista com uma linguagem elevada onde a erudição casava-se a todo o momento com a delicadeza das frases.

Depois do que escreveram esses historiadores, aqui e ali, esporadicamente, têm aparecido entre nós alguns trabalhos sobre essa empolgante pagina da nossa historia, porém sem que seus autores se tenham aprofundado no assunto e trazido à discussão qualquer documento dos que ultimamente

foram encontrados nos arquivos europeus, tais como no Codice Vaglienti ou Riccardiano 1910, e no Codice Peutinger da Biblioteca de Stuttgart.

Pois bem. Estudando toda a moderna documentação historica e cartografica, emprestando, como merece, capital importancia aos estudos nauticos relacionados com a viagem de Cabral no Atlantico Sul, entregamos à critica do leitor este nosso modesto trabalho sem a pretensão de termos feito obra irretorquivel, mas apenas visando um unico objetivo: defender a verdade, pouco nos incomodando se assim procedendo derrubamos ou elevamos certas figuras.

"Sine ira et studio"

São Paulo, Junho de 1946.

THOMAZ OSCAR MARCONDES DE SOUZA

PRIMEIRA PARTE

SUPOSTOS DESCOBRIDORES DA AMERICA SETENTRIONAL

CAPITULO I

Preambulo

No ultimo quartel do seculo XIII e durante o XIV, navegantes de diversas nacionalidades da Europa foram os precursores dos portugueses. Porém os mais famosos navegadores daquela epoca foram os das republicas italianas de Amalfi, Pisa, Genova e Veneza, tais como os Dorias, os Vivaldos, os Malocellos, os Reccos, os Corbizos, os Zenos e outros que se aventuraram no Atlantico setentrional e meridional.

Em 1270 Lanzarotto Malocello encontrou as Canarias e conquistou a ilha que do seu nome se ficou a chamar Lançarote e aí edificou um castelo que foi visto em ruinas pela expedição normanda de 1402. Os irmãos Ugo e Guido Vivaldi equiparam em 1291 dois navios, partiram de Genova, atravessaram o estreito de Gibraltar e tomaram o rumo da costa ocidental da Africa para não só procurar a desejada passagem ao sul, como mesmo tentar a navegação e chegar por esse caminho maritimo à India [1]. O genovês Nicoloso de Recco

(1) Alberto Magnaghi — *"Il tentativo di viaggio transoceanico dei genovesi fratelli Vivaldi nel* 1291" Roma, 1935.

e o florentino Angiolino del Tegghia de Corbizzi, em 1341, com dois navios providos pelo rei D. Afonso IV de Portugal e com equipagem de florentinos, genoveses, catalães e espanhois, aportaram às Canarias, já anteriormente descobertas por Malocello (2). Jaime Ferrer, natural da Maiorca, em 1346, com um navio atingiu a costa africana no Rio do Ouro. Segundo Carlo Errera, mais ou menos em 1330 os genoveses descobriram o arquipelago da Madeira e em 1340 o dos Açores (3). De 1394 a 1405, ocorreram os seguintes fatos: o veneziano Nicolau Zeno navegando para a Holanda, foi arrastado por um temporal para uma das ilhas de Féroe por ele denominada "*Frislanda*", onde foi bem acolhido pelo senhor da mesma. À vista disso, mandou chamar na Italia o seu irmão Antonio e ambos durante quatro anos percorreram o Atlantico Norte, descobrindo a Islandia e a Groenlandia. No ano de 1402, o normando Jean Bethencourt tendo partido de Rochelle, atingiu as Canarias onde desembarcou na ilha Lançarote com cerca de 50 homens, construindo um pequeno forte aí, onde se manteve com grandes dificuldades durante algum tempo, findo o qual pediu o auxilio de Castela que lhe foi concedido, sob a condição de se reconhecer feudatario dela. Depois disso, Bethencourt partiu para a costa ocidental da Afri-

---

(2) Narração de Giovanni Boccacio, tradução portuguesa em "*Documentos sobre a expansão portuguesa*", volume I, notas de Vitorino Magalhães, Editora Gleba Limitada, Lisboa.

(3) "*L'Epoca delle Grandi Scoperte Geografiche*", Milano, 1926, pagina 428.

ca onde desembarcou ao sul do cabo Bojador e, no ano de 1405, voltou à França [4].

Resumindo, temos que durante esse largo espaço de tempo, mais de um seculo, no primeiro periodo das viagens ao Atlantico, no comando das galeras estavam somente os capitães italianos. O segundo periodo é caracterizado principalmente pelo esforço dos espanhois para equipar navios e sob o comando de genoveses, explorarem o Atlantico. O terceiro periodo é dos venezianos com viagens ao norte e dos franceses de Rochelle, tentando apossar-se das Canarias e navegando na costa ocidental da Africa. Só depois é que aparece a figura inconfundivel do Infante D. Henrique que dá, a partir da tomada de Ceuta, um impulso ininterrupto à navegação, [5] principalmente ao longo da costa ocidental do continente negro, concorrendo desse modo para que, mais tarde, nos reinados de D. João II e D. Manuel, e com o valioso auxilio de sabios judeus, entre eles o salamanquino Abraham Zacuto, surgissem navegadores famosos

---

(4) M. D'Avezac," *Notice des Découvertes faites au Moyen-Age dans l'océan Atlantique*", Paris, 1845.

(5) Sobre a tão decantada Escola Naval de Sagres, assim se manifesta o historiador português Ayres de Sá, na sua obra "*Frei Gonçalo Velho*", I volume, paginas CXII a CXIV: "Da leitura da "*Cronica de Guiné*", por Gomes Eanes de Azurara, da "*Relação*", de Diogo Gomes, da primeira década de João de Barros, dos documentos que se referem ao Infante, quer do seculo XV, quer do seculo XVI, e mesmo de Rui de Pina e de todos os escritores desses dois seculos, não consta que o Infante D. Henrique fundasse observatorio e escola em Sagres ou em qualquer outra parte. Nesse promontorio não existe o minimo sinal de antigo edificio desse genero, que teria aparecido como uma exalação. O Infante, possuindo um estabelecimento de instrução de tal forma importante, não teria ido deixar legados à Universidade

como Bartolomeu Dias, Vasco da Gama e Fernão de Magalhães (6).

Se, como acabamos de ver, partiram da Italia os primeiros ensinamentos nauticos aos portugueses e espanhois, tambem nessa peninsula surgiu com mais vigor a cartografia medieval.

---

para manter a cadeira de teologia, nem teria fundado, talvez, a cadeira de matematica, em Lisboa. D. João II, que tomou os descobrimentos tanto a peito, devia ter utilizado essa escola. Finalmente seria para espantar que uma tão importante inovação passasse desapercebida aos proprios biografos do Infante, seus contemporaneos, e que os sabios estrangeiros fossem, por tal forma, desprezados que nem se lhes sabe o nome."

"O processo de exploração oceanica empregado pelo Infante era muito diferente: deduz-se de Gomes, Azurara e Barros, deduz-se dos poucos documentos que nos restam, começamos a esboça-lo quando tratarmos do Infante."

"Estabelecido na sua vila, onde certamente se fizera cercar dos rudes portulanos de então e de algumas esferas, tendo à sua disposição uma biblioteca, onde se deviam encontrar relações de pilotos portugueses, alguns livros de historia e os filosofos da Grecia, então muito em voga entre os eruditos, por meio dos quais devia encontrar-se algum livro de cavalaria, o Infante combinava as rotas com os seus companheiros de Ceuta e com os pilotos conhecedores do Atlantico até ao Cabo Não, que abundavam em Lagos. Se os enviados tornavam com boa nova ou com presa que a confirmasse, o Infante alegrava-se, fazia-lhes merces nas suas terras ou nas da Ordem e enviava novas expedições, tudo à sua custa".

"Outras vezes pediam-lhe os armadores de Lagos, cubiçosos de boa presa, que os deixasse ir à descoberta; o Infante, se lhes consentia, impunha-lhes condições, tais como darem-lhe o quinto do que trouxessem, e à volta escutava as suas narrações, e registrando-as pouco a pouco ia alargando os conhecimentos do Mar Tenebroso. Foi um negocio identico o que fez com Alvise de Ca da Mosto; este nó-lo refere. Sem o estimulo da presa era escusado intentar os descobrimentos, porque ninguem se prestaria a afrontar os misterios terriveis do Atlantico se não houvesse para isso

Enumeremos apenas os principais mapas e portulanos desenhados na Italia durante os seculos XIV e XV e que chegaram aos nossos dias.

O mais antigo mapa do seculo XIV é aquele desenhado em 1320 por Pietro de Vesconte para o "Liber Secretorum Fidelium Crucis", de Marino Sanuto, onde o cartografo dá forma grafica às ideias que inspiraram as primeiras viagens no Atlantico. Neste planisferio o sul da Africa é banhado pelo mar, como imaginavam os irmãos Vivaldi. Depois temos o belissimo portulano de 1325 de Angelino Dalarto, genovês. Após o portulano de Dalarto, vem o famoso Atlas Mediceu ou Portulano Laurenziano de 1351, florentino, que assinala os descobrimentos maritimos no Atlantico, de 1341 a 1346, mencionando as ilhas da Madeira, Canarias e Açores, estando desenhado nesse documento cartografico, com muita aproximação da realidade, o litoral ocidental africano até o cabo Bojador, com bahias, rios, cabos, etc. Desenhados respectivamente em 1355, 1367 e 1380, existem os mapas de

---

um estimulo, um lucro material. Estas excursões tornavam-se empresas de cavalaria."

"Quando as viagens de Frei Gonçalo Velho, de Gil Eanes e de Dinis Fernandes iniciaram uma nova fase na vida economica do sul do reino, já as caravelas partiam com muito mais facilidade, porque o Infante dava poderes mais largos e o caminho já era conhecido."

"Com isto, que é a sumula do que referem Diogo Gomes, Gomes Eanes de Azurara e João de Barros e do que os documentos dizem, fica destruida a lenda do fantastico observatorio, da imaginaria escola de nautica, dos sabios estrangeiros mandados vir pelo Infante, etc."

(6) A. Fontoura da Costa — *"A Marinharia dos Descobrimentos"*, Lisboa, 1939, pagina 14.

Frazio degli Uberti, o dos irmãos Pizzigani e aquele do convento camaldolense de Murano. E, para terminar, tratando-se dos mapas do seculo XIV, temos o celebre Catalão de 1375 feito em Maiorca para o rei Carlos V de França, que não só menciona as ilhas atlanticas da Madeira, Canarias e Açores, como tambem a costa d'Africa além do Cabo Bojador, fazendo menção da viagem de Jaime Ferrer ao Rio do Ouro em 1346.

No seculo XV, é ainda a cartografia italiana a que domina. Considerado como o mais antigo mapa desse seculo, é citado aquele existente no Museu do Cardeal Stefano Borgia, em Velletri, cuja data é fixada entre 1401 a 1410. Vem a seguir o Atlas de Nicolau Pasqualini, de 1408. No palacio Pitti, em Florença, existe a carta desenhada em 1417, e na Biblioteca de Reims, a que foi doada nesse mesmo ano pelo Cardeal Guilherme Fillastre. O autor deste mapa adotou em parte o sistema de Ptolomeu, e como este geografo, cometeu varios erros, inclusive aquele de que a terra é circundada pelo oceano. Em seguida vêm os de Leonardo Dati (1423-1424), existente em Florença; o de Giacomo Giroldi de 1426; o de Battista Beccario de 1435; o de André Bianco de 1436 que está em Veneza; o de Giorgi Calapoda de 1437; o de André Bianco de 1448, arquivado na Biblioteca Ambrosiana de Milão; o de Pareto de 1455. O mapa de Fra Mauro, de 1459 da Biblioteca Marciana de Veneza, procura conciliar os dados sobre descobertas maritimas dos portugueses ao longo do continente negro, com a tradição classica e com as ideias mais aceitaveis de Ptolomeu. Depois da carta de Fra Mauro, são conhecidos cinco mapas do cartografo natural de Ancona de nome Gra-

cioso Benincasa e que se encontram: o de 1468 no Museu Britanico; o de 1469 na Biblioteca de Ancona; o de 1471 na Biblioteca do Vaticano; o de 1473 na Biblioteca Universitaria de Roma; e o de 1480 na Biblioteca Nacional de Viena. Com a data mais ou menos de 1471, existe na Biblioteca Estense de Modena, um portulano português representando a costa atlantica da Europa e Africa ocidental, desde a Normandia ao rio do Lago, no golfo da Guiné. Esta carta assinala tambem as ilhas dos arquipelagos da Madeira, Canarias e Cabo Verde. Na direção oeste e mais ou menos na latitude certa, estão as ilhas dos Açores e nada mais. Em 1486 o veneziano Cristoforo Soligo desenhou um mapa que está no Museu Britanico. O mais moderno documento cartografico do seculo XV, é o famoso globo de Martim Behaim, conservado na Biblioteca de Nuremberg e que foi feito em 1492.

Pois bem. Quase todos esses mapas e portulanos dos seculos XIV e XV, assinalam no então Mar Oceano dos portugueses e espanhois, uma serie de ilhas imaginarias rodeadas de lendas as mais extravagantes, tais como *Antilha* ou *Sete Cidades*, *S. Brandão*, *Man Satanazio*, *Brasil*, etc. além das autenticas pertencentes aos arquipelagos da Madeira, Canaria e Açores.

Homem empreendedor, como era o Infante D. Henrique, ao mesmo tempo que se dedicava à empresa lucrativa da Africa, era natural que tambem cuidasse de mandar alguem sondar o Atlantico na direção d'Oeste com o fito de verificar o que de verdade havia com relação às ilhas figuradas nesse oceano pelos cartografos a que nos referimos. Desse modo, em 1431 D. Henrique mandou Gonçalo Velho Cabral à procura dessas ilhas, resultando

disso o redescobrimento de uma parte dos Açores. Com o decorrer do tempo, as demais ilhas desse arquipelago foram redescobertas por outros navegantes portugueses e todas elas foram povoadas por colonos do reino e flamengos [7].

Entre os povoadores dos Açores, naturalmente não era ignorada a tradição então corrente em Portugal e nos demais paises da Europa, principalmente na Espanha e Italia, segundo a qual o Mar Oceano estava povoado de ilhas fabulosas, entre as quais eram a todo o momento citadas a *Antilha* ou *Sete Cidades, S. Brandão e Brasil.* Daí surgiu mui facilmente a ideia entre os açoreanos de se aventurarem ao mar em direção ao Oeste em procura dessas ilhas, resultando disso uma serie de viagens infrutiferas que a maioria dos historiadores portugueses querem a viva força transformar em descobrimentos autenticos de regiões norte-americanas.

Analisaremos, pois, apenas as principais tentativas desses inexperientes navegantes ilheus, que, como iremos ver, nada descobriram, porque insignificantes eram os seus conhecimentos sobre a capital importancia dos ventos e correntes maritimas na navegação à vela.

---

(7) Somos de opinião que as ilhas dos Açores foram descobertas no seculo XIV pelos genoveses e redescobertas no XV pelos portugueses. Sobre este assunto veja-se Rinaldo Caddeo — *"Le Navigazioni Atlantiche di Cà da Mosto, Usodimare e Niccoloso da Recco"*, Milão, 1929.

CAPITULO II

Diogo de Teive e Pedro de Velasco

O historiador português Jaime Cortesão publicou no "*Arquivo Historico da Marinha*", volume I, Lisboa, 1933, interessante trabalho visando emprestar a Diogo de Teive, português natural da ilha da Madeira, e ao seu piloto Pedro de Velasco, galego, a gloria da prioridade do descobrimento da America, visto que em agosto de 1452 estes navegantes atingiram o banco da Terra Nova.

Os textos fundamentais que, na opinião de Cortesão, fazem referencia à suposta viagem desses navegantes à referida região setentrional do Novo Mundo em 1452, são os seguintes: o capitulo IX da "*Historie del S. D. Fernando Colombo; nelle quali s'ha particolare e vera relatione della vita, e de fatti dell'Ammiraglio D. Christoforo Colombo, suo padre*", Venetia, 1571, e o capitulo XIII da "*Historia de las Indias*", de Fray Bartolomé de Las Casas, escrita entre 1552 a 1561, mas só publicada pela primeira vez em Madrid em 1875. Esses dois textos, que são iguais, provém do texto original espanhol da "*Historia de Colón*" de D. Fernando, hoje desaparecida, sendo que esta, por sua vez, foi escrita, tendo por base as notas manuscritas de seu pai, o almirante Christoforo Colombo.

O individuo que deu noticia ao Almirante sobre a pretensa viagem que vamos estudar, foi

Pedro de Velasco, o referido piloto do navio de Diogo de Teive. [8]

Além dessa fonte, recorreu Cortesão aos depoimentos de duas testemunhas de nomes Alonso Vélez Allid e Fernando Valiente, que depuseram em "*las probanzas*" dos chamados "*Pleitos de Colón*", referentes ao periodo de 1532 a 1535, com o escopo de deixar bem evidenciado ter Colombo sido informado em S. Maria de la Rabida, da viagem de Teive e seu piloto ao suposto banco da Terra Nova. Para isso, o referido historiador português procurou identificar certo Pero ou Pedro Vazquez de la Frontera a que aludem essas testemunhas dos "*Pleitos de Colón*", com Pedro de Velasco dos textos de D. Fernando e Las Casas, dizendo que Colombo nas suas notas latinizou o nome do piloto Vazquez para Velascus ou Velasci, donde derivou o Velasco a que se referem D. Fernando e Las Casas. [9]

Vamos transladar para aqui o que sobre a viagem de Diogo de Teive e mais o seu piloto escreveu Las Casas e bem assim os trechos dos depoimentos das referidas testemunhas dos "*Pleitos dc Colón*" que interessam à presente discussão.

Diz Las Casas: "Algunos salieron de Portogal á buscar esta misma (isla) que, por comun vocablo, la llamaban Antilla, entre los cuales salió uno que se decia Diego Detiene, cuyo piloto, que se llamó Pedro de Velasco, vecino de Palos, afirmó al mismo Cristóbal Colón, en el monesterio de Sancta Maria de la Rábida, que habian partido de la isla

---

(8) *"Arquivo Historico da Marinha"*, volume I, Lisboa, 1933.

(9) *"Arquivo Historico da Marinha"*, idem, idem.

del Fayal, y *anduvieron 150 leguas por el viento lebechio, que es el viento Norueste, y á la vuelta descubrieron la isla de las Flores,* guiándose por muchas aves que vian volar hácia allá, porque congnocieron que eran aves de tierra y no de la mar, y ansi juzgaron que debian de ir á dormir á alguna tierra. Desques diz *que fueron por el Nordeste,* tanto camino, que se les quedaba el Cabo de Clara, que es en Ibernia, hácia el Leste, *donde hallaron ventar muy recio los vientos Ponientes y la mar era muy llana, por lo cual creian que debia de ser por causa de tierra que por alli debia de haber, que los abrigaba de la parte del Occidente; lo cual no prosiguieron yendo para descubrirla, porque era ya por Agosto y temieron el inverno.* Esto diz que fué cuarenta años antes que el Cristóbal Colón descubriese nuestras Indias. Concuerda con esto lo que un marinero tuerto dijo al dicho Cristóbal Colón, estando en el puerto de Sancta Maria, que, en un viaje que habia hecho á Irlanda, vido aquella tierra que los otros haber por alli creian, é imaginaban que era Tartaria, que daba vuelta por el Occidente: la qual creo yo cierto que era la que ahora llamamos la de los Bacallaos, a la cual no puedieron llegar por los terribles vientos. Item, *un marinero que se llamó Pedro de Velasco, gallego, dijo al Cristóbal Colón en Murcia, que, yendo aquel viaje de Irlanda, fueron navegando y metiéndose tanto al Norueste, que vieron tierra hácia el Poniente de Ibernia,* y esta creyeron los que alli iban que debia de ser la que quiso descobrir un Herman Dolinos, como luégo se dira." (10)

(10) Fray Bartolomé de Las Casas — *"Historia de las Indias"*, Madrid, 1875, volume I, capitulo XIII, paginas 100 e 101.

A testemunha dos "*Pleitos de Colón*" (probanza de Juan Martin, feita em Palos em novembro de 1532) de nome Alonso Vélez Allid, disse "que lo que sabe es que Martin Alonso Pinzón, llevó aviso de Pedro Vazquez de la Frontera, que habia ido á descubrir esta tierra con un infante de Portugal y decia *que por cierto la habian errado y se habian enganãdo por las yerbas que habian hallado en el golfo de la mar* y dijo al dicho Martin Alonso que cuando llegasen á las dichas yerbas y el almirante quisiera volverse de alli que no lo consintiese salvo que siguiesen la via derecha, porque era imposible el no dar la tierra y necessidad lo que habian de hacer *porque el dicho infante de Portugal por no hacerlo erró la dicha tierra y no llegó allá.*" (11)

A outra testemunha (probanza del Almirante, feita em Madrid em agosto de 1535), de nome Fernando Valiente, declarou "que lo que sabe es que D. Cristóbal Colón antes que fuese á negociar con los Reyes Católicos sobre el descubrimiento, vino á la villa de Palos para buscar favor e ayuda para ir al dicho descubrimiento e posó en el monesterio de la Rábida y de alli venia algunas veces á villa de Palos e hablaba con un Pero Vazquez de la Frontera, que era hombre muy sabio en el arte de la mar e habia ido una vez *á hacer el dicho descubrimiento con el infante de Portogal*, e este Pero Vazquez de la Frontera daba aviso al dicho Colón e á Martin Alonso Pinzón *e animaba la gente e les decia publicamente que todos fuesen á aquel viaje, que habian de hallar tierra muy rica,*

---

(11) Cesário Fernandez Duro — "*Colón e Pinzón*", Madrid, 1883, paginas 234 e 235.

e esto que lo sabe este testigo porque vió á dicho Colón e oyó decir lo que tiene dicho al dicho Pero Vazquez de la Frontera". [12]

Vejamos antes de tudo a parte puramente historica dessa suposta viagem de Diogo de Teive e mais o seu piloto ao banco da Terra Nova, para depois estudarmos com o auxilio do comandante Morison [13] a parte nautica, justamente a mais importante e que melhor elucida a questão.

De caso pensado grifamos diversas frases do texto que transcrevemos de Las Casas e bem assim dos depoimentos das testemunhas dos "*Pleitos de Colón*", a fim de poder o leitor acompanhar com mais facilidade a presente discussão.

Como sabemos, o famoso processo conhecido por "*Pleitos de Colón*", em que o governo espanhol procurou anular os privilegios hereditarios dos descendentes de Colombo, e os Pinzóns tudo fizeram para diminuir a gloria do descobridor do Novo Mundo em proveito de Martin Alonso, testemunhas faciosas foram arroladas e interrogatorios ardilosos foram feitos. Portanto, quando temos necessidade de recorrer aos depoimentos de tais testemunhas, devemos usar de grande cautela, se é que não desejamos cometer graves erros, ou pelo menos ser incoerentes. Foi certamente assim raciocinando que o erudito americanista Henry Vignaud, apesar de em 1911 conhecer os documentos de que em 1933 se serviu Jaime Cortesão para tentar identificar o piloto Pedro de Velasco dos textos de Las Casas e de D. Fernando, com

---

(12) Duro, obra citada, paginas 253 e 254.

(13) Samuel Eliot Morison — "*Portuguese Voyages to America in the Fifteenth Century*", Cambridge, 1940, pag. 21 a 29

Pero ou Pedro Vazquez de la Frontera dos depoimentos aqui transcritos das duas testemunhas dos *"Pleitos de Colón"*, não se abalançou a tanto, apenas limitando-se a fazer uma mera insinuação. [14]

Em realidade, essa identificação a que nos referimos, tentada por Jaime Cortesão, não resiste ao embate de uma critica imparcial. Pedro de Velasco, segundo os dois historiadores referidos (D. Fernando e Las Casas) após ter em companhia de Diogo de Teive descoberto a ilha das Flores, navegou tanto rumo Nordeste até que o Cabo Claro da Irlanda ficou-lhe a Este e avistou terra ao Poente. Portanto o nome de Pedro de Velasco está ligado às viagens ao ocidente, *porém nas altas latitudes, acima de 40 graus.* Quanto a Pero ou Pedro Vazquez de la Frontera, as fantasiadas viagens que disse ter realizado ao ocidente, inclusive uma com indeterminado infante de Portugal, *fôram nas baixas latitudes,* no mar percorrido por Colombo na ida da sua primeira viagem ao Novo Mundo onde existiam *"las yerbas"*, isto é, no denominado Mar de Sargaço. E, depois, não é admissivel que, se Pero ou Pedro Vazquez de la Frontera, fosse o piloto Pedro de Velasco, companheiro de Diogo de Teive, *não fizesse alarde de ter tambem navegado nas altas latitudes,* quando publicamente se gabava de ter atingido o Mar de Sargaço.

Declarou a testemunha dos *"Pleitos de Colón"* de nome Fernando Valiente, como já vimos, que Pero ou Pedro Vazquez de la Frontera "daba aviso al dicho Colón e á Martin Alonso Pinzón, *e*

---

(14) Henry Vignaud — *"Histoire Critique de la Grande Entreprise de Christophe Colomb"*, Paris, 1911, volume II, paginas 22 e 23, nota n.º 27.

animaba la gente e les decia publicamente que todos fuesen á aquel viaje, que habían de hallar tierra muy rica". No entanto, da relação dos nomes de todos os tripulantes dos navios que partiram de Palos em busca dessa "*tierra muy rica*", não consta o nome de Pero ou Pedro Vazquez de la Frontera. Por que? Será que não tinha "*gana*" de ficar rico, preferindo não acompanhar Colombo para ser assassinado, antes da volta triunfal deste Almirante?

Este suposto piloto não passava de um dos agentes encarregados por Colombo e Pinzón, de aliciar tripulantes para a temeraria viagem rumo ao ocidente desconhecido. Toda propaganda que fazia da "*tierra muy rica*", toda sua gabolice de ter tentado encontrá-la com um infante de Portugal era justificada, porque as dificuldades para alistar gente para tal empresa eram tão grandes, que Fernando e Isabel tiveram necessidade de baixar um decreto em 30 de abril de 1492, garantindo a todos os que se alistassem nas naus de Colombo

praticado até aquela data, tendo esse decreto validade durante toda a viagem e mais dois meses após a volta da expedição. [15]

Anulada assim a identificação tentada por Cortesão, de Pedro de Velasco com Pero ou Pedro Vazquez de la Frontera, resta-nos analisar o que sobre a viagem de Diogo de Teive e mais o seu piloto Pedro de Velasco, escreveu Las Casas.

Segundo este historiador, Pedro de Velasco afirmou a Colombo no convento de la Rábida, que após ter descoberto a ilha das Flores (com Diogo

---

(15) Navarrete — "*Colección de los Viajes y Descubrimientos*", Editorial Guarania, Buenos Aires, 1946, tomo II, pags. 25 e 26.

de Teive), navegou tanto rumo Nordeste até que o Cabo Claro da Irlanda lhe ficou a Este e percebeu sinal de terra ao ocidente, mas não foi à procura dela por ser o mês de agosto e temer o inverno. Depois, em Murcia, Pedro de Velasco disse a Colombo que quando navegava naquela viagem da Irlanda, rumou tanto a Noroeste, até que avistou terra ao Poente.

Ora, o simples fato de ter Pedro de Velasco declarado a Colombo que avistou terras ao ocidente da Irlanda, *sem que tivesse a elas aportado*, não pode em absoluto constituir prova a favor da descoberta do banco da Terra Nova ou de outra qualquer região setentrional americana, em agosto de 1452, por Diogo de Teive e seu piloto. A historia dos descobrimentos maritimos está cheia de noticias de terras e ilhas avistadas pelos navegantes dessa epoca e que até hoje não foram encontradas.

Diz Morison: "Houve mais de um falso "Terra à vista!" — na primeira viagem de Colombo à America. A ilusão de avistar terra é um dos mais comuns fenomenos maritimos. Uma nuvem no horizonte ou uma linha de nevoeiro podem ser tomadas facilmente por terra, sobretudo quando se está ansioso por avistá-la. Tal fato é conhecido de todos os que fazem viagens maritimas e navegam em alto mar. Las Casas, no capitulo XIII da sua obra *(Historia de las Indias)* diz ter extraido, das notas que lhe forneceu Colombo, varias noticias de terras avistadas não longe dos Açores. A ilha Brasil na altura da Irlanda, era uma dessas ilhas constantemente avistadas. Segundo o embaixador espanhol na Inglaterra, os habitantes de Bristol equiparam navios, a partir de 1491 até

1497, para irem à procura das ilhas "*Brasil*" e das "*Sete Cidades*". Existem relatos pormenorizados da descoberta da imaginaria ilha "*Brasil*" nos seculos XVII e XVIII, e o Almirantado não retirou de suas cartas geograficas o "*Rochedo Brasil*" a não ser depois de 1875. O proprio professor Westropp pensa te-lo avistado da costa irlandeza em 1872, e os pescadores da ilha Aran ainda acreditam qua a ilha "*Brasil*" aparece cada sete anos. Os açoreanos, muito antes do descobrimento da America por Colombo, até 1770, viviam a avistar novas ilhas além do seu arquipelago. Em 1593 o governo português ainda concedia carta de doação ao capitão donatario de S. Miguel, garantindo-lhe a posse de uma ilha que de tempos em tempos aparecia perto da que habitava." (16)

Encaremos agora a questão sob o ponto de vista nautico.

Cortesão é de parecer que D. Fernando, filho de Colombo, adulterou e mutilou as proprias fontes que utilizou ao escrever a *Historia de Cristóbal Colón*, com o objetivo premeditado de diminuïr de importancia os indicios que seu pai tinha colhido dos navegantes portugueses sobre a existencia de terras ao ocidente. O extravio de toda a documentação pertencente a Colombo e referente à viagem em apreço e bem assim o dos originais da *Historia de Cristóbal Colón* escrita pelo seu filho D. Fernando; não constituem obstaculo para Cortesão sustentar o seu ponto de vista.

E, com o escopo de retificar essas adulterações e mutilações que diz ter praticado D. Fernando, por sua vez Cortesão altera radicalmente os

---

(16) Morison, obra citada, paginas 27 a 29.

textos da "*Historia del S. D. Fernando Colombo; nelle quali s'ha particolare e vera relatione della vita, e de fatti dell'Ammiraglio D. Christoforo Colombo, suo padre*" e da "*Historia de las Indias*" de Las Casas, na parte referente ao rumo que Diogo de Teive e mais o seu piloto Pedro de Velasco tomaram após terem descoberto a ilha das Flores. Nos textos, Teive e seu piloto partiram em procura da imaginaria ilha "*Antilha*" ou *Sete Cidades*" e após terem navegado 150 leguas além do Faial, sem nada encontrarem, na volta descobriram a ilha das Flores e desta ilha tomaram o rumo Nordeste e navegaram tanto, que o cabo Claro da Irlanda ficou a Este deles. Cortesão alterou para *Noroeste* o rumo da navegação de Teive e mais o seu piloto, a partir do ponto em que eles atingiram a ilha das Flores, pois não concorda que esses navegantes tenham tomado a direção (Nordeste) da Irlanda, mas sim aquela (Noroeste), do banco da Terra Nova.

Acontece, porém, que essa alteração tão radical, feita por Cortesão nos textos de D. Fernando e de Las Casas, em absoluto não redunda a favor da sua tese porque, de acordo com a "*Pilot Chart of the North Atlantic*", publicada mensalmente pelo "*United States Hydrographic Office*", os ventos predominantes em agosto são os d'Oeste e Noroeste entre 45 e 60 graus de latitude Norte e de costa a costa. Portanto não seria possivel a um navio de vela, partindo de qualquer ilha dos Açores, realizar uma viagem rumo *Noroeste,* em direção à Terra Nova (como supõe Cortesão terem realizado Teive e seu piloto), ou a qualquer outra região da America Setentrional. [17]

(17) Morison, obra citada, pagina 24.

Ao contrario, uma viagem rumo *Nordeste*, como está nos textos citados, em direção à Irlanda, partindo de qualquer ponto dos Açores, é favorecida justamente por esses ventos que sopram de Oeste e Noroeste. Tudo pois indica que Teive e mais o seu piloto, após terem descoberto a ilha das Flores, navegaram, como está nos textos de D. Fernando e de Las Casas, rumo *Nordeste* até que atingiram a Irlanda, e não como pretende Cortesão em direção a *Noroeste*, em procura da Terra Nova. Acresce ainda esta circunstancia, posta em evidencia por Morison: "em vista dos predominantes ventos d'Oeste nos Açores e zona vizinha, é muito dificil que um navio de vela partindo deste arquipelago (ilha das Flores), com destino à Irlanda (como dizem os textos que Teive e seu piloto fizeram), fosse de tal modo afastado de sua rota ao ponto de avistar a Terra Nova." (18)

George E. Nunn, tratando da primeira viagem de Colombo ao Novo Mundo, estuda minuciosamente o regime dos ventos e correntes maritimas no Atlantico Norte, tanto na zona onde estão compreendidas as ilhas dos Açores como naquela onde se acham as Canarias, concluindo por demonstrar *"a impossibilidade de qualquer navio de vela, partindo de qualquer ilha dos Açores, navegar por longo tempo em direção a Oeste ou Noroeste, devido aos fortes ventos predominantes d'Oeste"*. (19)

Mais uma vez fizemos alusão ao fato de terem Diogo de Teive e mais o seu piloto partido após a descoberta da ilha das Flores, em direção a Nor-

---

(18) Morison, obra citada, pagina 27.

(19) George E. Nunn — *The Geographical Conceptions of Columbus"*, New York, 1924, paginas 31 a 53.

deste avistando a Irlanda. Com que intuito teriam esses navegantes tomado tal direção e não a da Terra Nova, como pretende Cortesão? Quer nos parecer que assim procederam visando o encontro da mitica ilha "*Brasil*" assinalada nos mapas da epoca, justamente a Oeste da parte Sul da Irlanda, à semelhança do que se observa no mapa de Bartolomeu Pareto reproduzido no Atlas de Kretschmer. Nesse rumo, a meio caminho, o já citado portulano português de 1471, existente na Biblioteca Estense de Modena, indica uma grande ilha com o nome de "*Danayba*".

Finalizando, diz Cortesão que o conjunto de circunstancias geograficas, tais como a existencia de mui fortes ventos d'Oeste estando o mar tranquilo, indicio da existencia de terra proxima, e o sinal de proximo inverno em pleno agosto — só no banco da Terra Nova se pode dar. E, acrescenta: estas coincidencias dos textos de Las Casas e de D. Fernando, com as realidades geograficas tão singulares e localizadas, é uma prova mais valiosa do que aquela fornecida pelos documentos. [20]

A esses argumentos de Cortesão, responde Morison do seguinte modo: "Forte vento d'Oeste, mar tranquilo e uma alteração no ar a prenunciar inverno, podem ocorrer em qualquer ponto entre a America e a Europa e entre 45 e 60 graus de latitude Norte e são frequentemente observados hoje em dia pelos navegadores dessa extensa zona". E, quanto à tranquilidade do mar, nas proximidades do banco da Terra Nova a que tambem alude Cortesão, declara Morison que tal fenomeno não acon-

(20) "*Arquivo Historico da Marinha*", volume I, Lisboa, 1933.

tece em absoluto, *conforme constatou* durante sete viagens que, no verão, realizou a essa paragem. [21]

À vista do exposto, a suposta descoberta do banco da Terra Nova em agosto de 1452 por Diogo de Teive e seu piloto Pedro de Velasco, com muito boa vontade poderá ser incluida na relação das fracassadas tentativas dos ilhéus portugueses, notadamente dos açoreanos, em procurar as imaginarias ilhas do então Mar Oceano, notadamente a "*Antilha*" ou "*Sete Cidades*".

E esses fracassos são de facil explicação. Os marinheiros ilhéus eram inexperientes navegantes, não podendo ser comparados aos que navegaram ao longo da costa ocidental da Africa, tais como Diogo de Azambuja, Diogo Cão, Bartolomeu Dias, Vasco da Gama e outros. Desse modo tinham pouca noção da importancia que, para a navegação à vela, representa o estudo da direção dos ventos e correntes maritimas. Partiam, quase sempre dos Açores, rumo ocidente, em epocas e em latitudes onde os fortes ventos d'Oeste tornam ainda hoje perigosa e incerta a navegação para navios de vela e, desse modo, haviam de ser forçosamente vencidos pelos fatores meteorologicos, como sempre foram.

---

21) Morison, obra citada, paginas 23 e 24.

CAPITULO III

João Vaz Corte Real (*)

De todos os pseudo-precursores de Colombo no descobrimento da America, é João Vaz Côrte Real o mais enaltecido entre os historiadores modernos de Portugal e o unico que mereceu da municipalidade de Lisboa uma homenagem "sui generis". Mandou ela gravar por meio de mosaicos nas calçadas da Avenida da Liberdade esta original legenda: *"Descoberta da America 1472 — João Vaz Corte Real Descobridor da America"*.

Será que o prefeito de Lisboa que assim procedeu, entende que, mesmo em se tratando de historia, *"a alma do negocio é a propaganda"?!*

Deixemos porém em paz essa estravagancia do original lisboeta, e vejamos se João Vaz Corte Real é de fato um personagem de vulto na sempre empolgante historia do descobrimento do Novo Mundo.

O primeiro desta familia Corte Real, do qual a historia guardou alguma referencia, foi Vas-

(*) A parte puramente historica deste trabalho é extraida quase toda da monumental monografia de Henry Harrisse — *"Les Corte Real"* — embora, de permeio, consignemos argumentos de outras procendências. Para a relativa à cartografia, tivemos a preciosa colaboração do erudito geologo e geografo norte-americano Orville A. Derby, nosso grande amigo, já falecido.

queanes da Costa, natural de Tavira [22], pais do Algarve, provincia meridional de Portugal. Viveu no tempo do reinado de D. Fernando, tendo ajudado o Grão-Mestre da Ordem de Aviz a defender o reino na luta contra a Espanha, nos ultimos anos do seculo XIV. [23]

Teve ele tres filhos legitimos, a saber: Vasqueanes da Costa, que depois foi chamado Vasqueanes da Costa Corte Real, Gil Vaz da Costa e Afonso Vaz da Costa.

Vasqueanes da Costa Corte Real foi homem dotado de força herculea [24] e valente. Em uma certa ocasião, tendo sido desafiado pelas armas por dois cavaleiros estrangeiros de fama, aceitou a luta e os levou de vencida em toda a linha, pelo que D. João I, entusiasmado com esse feito, lhe pôs o sobrenome de "*Corte Real*". [25]

---

(22) Diogo Barbosa Machado, por alcunha "Xisto Tavares", foi Conego da Catedral de Lisboa, onde morreu em 1525. O seu trabalho sobre genealogia denominado — "*Livro dos Principaes Linages de Portugal*" é de tal valor, que basta lembrar ter D. João III ordenado a Damião de Góes, Guarda-Mor da Torre do Tombo, que adquirisse o original, a fim de figurar no arquivo do reino.

(23) Fernão Lopes. E' outro cronista português, tido como um dos melhores de seu tempo. Viveu entre 1380 a 1449, justamente no tempo em que se deram os fatos que relatamos. Sua obra denomina-se — "*Chronica del Rey D. João I*".

(24) F. Soares Toscano, cronista português de merito. Escreveu os "*Paralelos de Principes e Varão Ilustres Antigos*".

(25) Antonio de Vilasboa, cronista português. Sua obra denomina-se — "*Nobiliarquia Portuguesa*": Jeronimo Corte Real, poeta-cronista português. Escreveu o "*Naufragio e lastimoso sucesso de Manuel de Souza Sepulveda*".

Outros cronistas, entre os quais Diogo Barbosa [26], afirmam que o sobrenome "*Corte Real*", dado a Vasqueanes da Costa, provinha do grande brilho que dava à corte de D. João I. Distinguiu-se combatendo na Africa contra os mouros, esteve na tomada de Ceuta, onde foi o primeiro a entrar na fortaleza, arvorando o estandarte português. [27]

Devido a esse ato de bravura, D. João I o autorizou a acrescentar em seu brasão um braço armado empunhando uma lança de ouro, tendo preso um pendão flutuante. Teve dois filhos bastardos: Fernão Vaz Corte Real e João Vaz Corte Real.

João Vaz Corte Real, filho de Vasqueanes da Costa Corte Real, foi "*Porteiro-Mor*" de D. Fernando, duque de Viseu, irmão de D. Afonso V, e pai de D. Manuel. [28] Em 2 de abril de 1474 foi nomeado capitão donatario da parte meridional da ilha Terceira chamada Angra [29] e depois, em 4 de maio de 1483, da ilha de S. Jorge. [30] Canalizou o rio que passa por Angra, levantou algumas fortificações nesta cidade e em Moinhos, construiu o convento de S. Francisco e bem assim o Hospital do Espirito Santo, em 15 de maio de 1492.

Foi casado com Maria de Abaca, filha de Pedro de Abaca, natural de Tuy, na Galicia, da qual teve

---

(26) Obra citada.

(27) Fernão Lopes — Obra citada, parte III, cap. LXXXI.

(28) Diogo Barbosa Machado — Obra citada.

(29) Carta de doação datada de 2 de abril de 1474, passada por D. Beatriz e existente na Torre do Tombo.

(30) Carta de doação datada de 4 de maio de 1483, assinada por D. Manuel, quando duque de Beja e conservada na Torre do Tombo.

seis filhos. Os varões chamavam-se Vasqueanes, Miguel e Gaspar. Faleceu em 2 de julho de 1496 na sua capitania de Angra, na ilha Terceira. Foi, segundo nos declara Drummond (31), um ratoneiro de terras, homem injusto e cruel.

Vasqueanes Corte Real II, filho de João Vaz Corte Real, nasceu antes de 1450, em Tavira ou Lisboa. Sucedeu a seu pai em 1 de março de 1497 no governo das capitanias de Angra e S. Jorge. Casou-se com Joana da Silva, da qual teve cinco filhos, a saber: Manuel, Cristovão, Miguel, Bernardo e Jeronimo.

Miguel Corte Real casou-se antes de 1490 com Isabel, filha de Garcia de Castro, com a qual teve somente duas filhas de nome Catarina e Joana.

Gaspar Corte Real morreu celibatario. De um processo intentado por João Leonardes em 1502, contra os Corte Reais, devido à usurpação de suas terras na ilha Terceira, consta que Gaspar teve um filho bastardo de nome Fernão Vaz.

* * *

É a João Vaz Corte Real que alguns historiadores portugueses procuram atribuir a gloria de ter descoberto a America, pois, dizem eles, anteriormente a Colombo, em 1472, mais ou menos, esse navegante descobriu a Terra Nova.

Em apoio dessa opinião, invocam o que diz o Padre Antonio Cordeiro no livro VI, capitulo II da "*Historia Insulana*", escrita em 1717. Segundo

---

(31) Drummond — "*Annaes da Ilha Terceira*", tomo I; pagina 70.

esse historiador, estando vaga a Capitania da Terceira pela falta do primeiro donatario Capitão Jacome de Bruges, sucedeu aportarem à Terceira dois fidalgos, que vinham da *"terra do bacalhau"*, que por mandado de el Rei de Portugal tinham ido descobrir, sendo que um se chamava João Vaz Corte Real e o outro Alvaro Martins Homem, os quais, informando-se da terra, lhes contentou tanto, que, em chegando a Portugal, a pediram de mercê por seus serviços a D. Beatriz, viuva de D. Fernando, duque de Viseu, a qual dividiu a dita ilha em duas partes, dando uma a João Vaz Corte Real e a outra a Alvaro Martins Homem, em recompensa da descoberta que tinham realizado.

Mas, o que nos diz Cordeiro com referencia à descoberta de João Vaz Corte Real, ele o colheu no livro VI, capitulo IX das *"Saudades da Terra"* de D. Gaspar Frutuoso [32], escritor este que compôs o seu trabalho em 1590, isto é, quasi cento e vinte anos depois que tal fato pudesse ter-se dado, com a unica diferença que Frutuoso não faz alusão alguma a Alvaro Martins Homem.

Pelo que nos declara Frutuoso, João Vaz Corte Real vinha da descoberta da *"Terra Nova dos Bacalhaus"* que por mandado do rei de Portugal tinha ido realizar. Sua descoberta, portanto, devia ter sido realizada antes de 1474, epoca em que recebeu a doação de uma parte da ilha Terceira, em galardão, como pretendem, de sua descoberta.

Mas é extraordinario que um fato tão importante como esse não se encontre mencionado nem em Garcia de Rezende, nem em Antonio Galvão,

---

(32) Henry Harrisse — *"Les Corte Real"*, pag. 27.

nem em Damião de Góes [33] e que nenhum dos historiadores portugueses do seculo XVI que trataram não só de Gaspar Corte Real, mas tambem de Colombo, Vespucci e até mesmo de João Vaz Corte Real, não procure reivindicar para este a gloria de ter descoberto o Novo Mundo.

Dar-se-á o caso de que esta fonte de informações se encontrasse sòmente nos Açores? Essa hipotese não é admissivel, pois que, conforme esta versão, João Vaz apenas chegou de sua descoberta à Ilha Terceira, partiu para Portugal, a fim de solicitar a capitania que se tornara vaga com a morte de Jacome de Bruges.

Será, porém, verdade que a razão alegada por João Vaz para obter a posse da capitania de Angra fosse o fato de ter descoberto a *"Terra dos Bacalhaus"?*

Então como é que se explica o silencio que sobre esse feito maritimo tão importante guardam os arquivos de Portugal, nos documentos que fazem direta referencia não só a João Vaz, como tambem a seus filhos e netos?

E, depois, podemos crer na autenticidade desse fato, uma vez que, sendo uma descoberta ordenada pelo rei de Portugal e coroada de sucesso, D. João II aceitasse a divisão do hemisferio, segundo a bula do Papa Alexandre VI, de 4 de maio de 1493, cuja linha de demarcação passava "a cem leguas ao oeste dos Açores e Cabo Verde",

---

(33) Damião de Góes como já sabemos, foi "Guarda-Mor da Torre do Tombo", e assim é impossivel que deixasse escapar às suas vistas qualquer documento com referencia à viagem de João Vaz Corte Real, caso ele a tivesse de fato realizado, mormente se ela foi empreendida, como diz Frutuoso, mediante ordem real.

quando a "*Terra dos Bacalhaus*" está situada, mesmo nos mapas portugueses mais antigos, a 43° de longitude? [34]

Mas, unicamente para argumentar, suponhamos que fosse de fato só nos Açores o lugar onde se pudessem obter informações sobre a descoberta de João Vaz, apesar de ter sido feita, repetimos, em consequencia de uma ordem real. Ainda assim, teriamos quem nos revelasse algo a respeito; essa pessoa seria Martim Behaim.

De fato, o famoso globo feito em Nuremberg em 1492, sob a direção de Behaim, é um valioso documento para a presente discussão. O cartografo medieval, em seu documento geografico, traçou as possessões e descobertas recentes dos portugueses, acompanhando-as de inscrições elucidativas e de bandeiras desta nacionalidade.

Na região do norte, igualmente mencionou Behaim algumas terras, mas sem legenda nem bandeiras, o que prova que essa delineação da parte setentrional é puramente imaginaria. No entanto, isso patenteia que a atenção de Behaim tambem se estendeu até esse ponto e que inscreveu em seu globo tudo o que pôde saber com relação às regiões d'Oeste e Noroeste.

Era Martim Behaim cunhado do genro de João Vaz Corte Real [35]. Viveu nos Açores na ilha do Faial, de 1486 a 1490 [36], isto é, no tempo em que

---

(34) A verdadeira posição da parte mais proxima da Terra Nova para com a Europa, acha-se na posição de 54° 52', de longitude de Paris.

(35) Christoph Gottlieb von Murr — "*Diplomatische Geschichte der portugiesischen berühmten Ritters Martini Behaims, Aus Originalurkunder*", Gotha, 1801, pagina 107.

(36) Humboldt — "*Cosmos*", 2.° volume, pagina 292.

João Vaz residia na Ilha Terceira, bem proximo da que ele habitava. A ciencia especial de Behaim era a cosmografia, e as descobertas maritimas o interessavam tanto, que em uma delas tomou parte acompanhando Diogo Cão em uma expedição à costa da Africa, em 1484. (37)

Podemos supor que ele não tivesse falado sobre empreendimentos maritimos, objeto de sua principal meditação, com João Vaz ou com qualquer outra pessoa que soubesse da feliz viagem deste pseudo navegante?

Como se justifica então, o fato de Behaim não mencionar em seu globo, delineado posteriormente a essa suposta descoberta de João Vaz, a *Terra dos Bacalhaus*, atribuindo-lhe o importante feito, uma vez que resultariam disso honras para uma familia à qual ele pertencia?

Mas, dizem alguns historiadores, nós temos um documento, a carta de doação passada por D. Beatriz em 2 de abril de 1474 a favor de João Vaz Corte Real, o qual deixa transparecer de um modo bem claro, que este Capitão prestou algum serviço de valor ao seu marido D. Fernando e ao seu filho D. Manuel, serviço esse que deve ser a descoberta que realizou da Terra Nova, quando diz: "E considerando eu doutra parte os serviços que João Vaz Corte Real, fidalgo da casa do dito Senhor meu filho, tem feito ao infante meu Senhor seu padre que Deus haja, e depois a mim, e a ele, confiando em a sua bondade, lealdade, e vendo a sua disposição a qual é para poder servir o

---

(37) João de Barros — *"Décadas da Asia"*, Lisboa, 1778 — déc. I, liv. IV, cap. 2, pag. 282; Humboldt — Obra citada, 2.º vol., pagina 292.

dito Senhor, e seu entender e boa descrição pera a dita ilha governar e manter seu direito e justiça, em galardão dos ditos serviços lhe fiz mercê da dita capitania da ilha Terceira..."

Ora, esses serviços referidos por D. Beatriz, nós os conhecemos bastante. Não foi pelo fato de ter ido em procura da *Terra dos Bacalhaus* que João Vaz tornou-se digno da recompensa com que foi distinguido, recebendo a capitania d'Angra da ilha Terceira, pois se assim fosse, a carta de doação o mencionaria.

Ao que alude o topico acima da carta de doação, de um modo aliás banal, é aos serviços que a toda a sua familia prestou João Vaz Corte Real no tempo em que foi Porteiro-Mor de D. Fernando, duque de Viseu, seu falecido esposo.

Outros escritores, não mui dispostos a reivindicar para Portugal glorias dificilimas de provar, limitam-se a dizer que não devemos tomar no sentido absoluto as referencias de Frutuoso e Cordeiro, mas sim em parte, para acreditar que houve somente um esforço de João Vaz, aliás de resultado negativo, para descobrir terras americanas. Ainda assim, não podemos deixar de fazer algumas considerações.

Nós conhecemos a carta de doação pela qual o rei D. Manuel, em 12 de maio de 1500, concede a Gaspar Corte Real, filho de João Vaz, a posse de terras que esse navegante pretendia descobrir, fazendo ao mesmo tempo referencias às tentativas anteriores por ele realizadas.

Diz a carta de doação: "A quamto esta nosa carta de doaçaaom virem fazemos saber que por quamto Gaspar Corterreall fidalguo da nosa casa

os dias pasados se trabalhou per sy e a sua custa com navyos e homes de buscar e descubrir e achar com muyto seu trabalho e despesa de sua fazemda e peryguo de sua pessoa algumas ilha e terra firme e pelo consyguymte o quer ainda agóra comthenuar..."

Por que o Rei tambem não faz referencia nesta carta de doação, segundo o costume da epoca, às tentativas que João Vaz, seu pai, fizera nessa direção anteriormente?

Podemos crer que Gaspar Corte Real hesitasse em vangloriar-se disso e que D. Manuel deixasse de o mencionar, se um fato tão louvavel como esse fosse levado ao seu conhecimento?

Dizem alguns historiadores portugueses que, "nascido nos Açores, convivendo com os companheiros e os contemporaneos dos Corte-Reais, é Gaspar Frutuoso uma autoridade incontestavel, e basta ele só para estabelecer de uma forma irrecusavel a descoberta da Terra dos Bacalhaus por João Vaz Corte Real".

Pensamos que a asserção de tais historiadores não tem o menor fundamento possivel e consideramos que nesse ponto navegam em mar de escolhos. Senão, vejamos.

Segundo Frutuoso, João Vaz Corte Real foi um cavaleiro intrepido e de uma força herculea e "nunca deu batalha, no mar nem em terra, que não vencesse". Ora, quem é que não vê nessa linguagem pomposa um eco dos altos feitos que a tradição atribui a Vasqueanes da Costa Corte Real, primeiro de tal nome, o qual Frutuoso confunde com seu filho João Vaz?

Esta confusão é ainda maior, quando vemos este cronista referir que João Vaz "por dar muito

lustre à corte de el-rei de Portugal, lhe pôs el-rei este nome, *Corte Real*, dizendo que 'sua corte era real quando ele estava nela".

Frutuoso alude às duvidas que sobre a origem do sobrenome *Corte Real* existem, porém assim procedendo, evidentemente patenteia a sua falta de criterio e os erros cometidos.

Diz ele: "Mas a certeza deste nome *Corte Real*, foi por que em tempo d'el-rei D. João de boa memoria, primeiro de nome, vindo dois cavaleiros alemães mui esforçados e temidos' e de grande nome nas cortes de outros reis e por desafio, para provar suas forças na corte de Portugal, aceitando o dito João Vaz a batalha e sendo vencedor nela, lhe disse o dito Rei em alta voz: que pois com sua pessoa e sangue a casa antiga, tanto ilustrava a corte de Portugal, fazendo-a real, lhe ficasse este nome *Corte Real* por seu apelido".

Por dar muito brilho à corte de D. João I, ou por ter vencido dois cavaleiros estrangeiros que o desafiaram para um duelo, é que deram o sobrenome de *Corte Real* a um Costa, isso nós sabemos, mas para Frutuoso esse personagem de grande destaque foi João Vaz, quando em realidade fora ele Vasqueanes da Costa, pai de João Vaz.

Frutuoso mostra desconhecer os fatos mais importantes da historia de sua patria, quando diz que alguem refere, mas sem refutar, "que João Vaz Corte Real descobriu a mesma ilha Terceira e alguma parte do ponente e do Brasil e Cabo Verde".

Desse modo, como diz Harrisse [38], o autor das *Saudades da Terra* confunde Corte Real com Cabral, sem se lembrar que quando este ultimo, pela

(38) *"Les Corte Real"*, pag. 33.

primeira vez, em 22 de abril de 1500 descobria o Brasil, João Vaz Corte Real era falecido havia quatro anos; atribui a João Vaz a gloria de ter descoberto as ilhas de Cabo Verde quando de fato o seu descobridor foi Antonio da Noli.

Quanto ao descobrimento da ilha Terceira, que Frutuoso tambem atribui a João Vaz, lembramos ao leitor que antes desse capitão donatario houve outro, que foi Jacome de Bruges, e bem assim que os portulanos antigos, a partir da coleção dos Medici, traçados de 1351 em diante e o Catalão de 1375, mencionam as ilhas do arquipelago dos Açores.

Diz um historiador português [39], e repetimos as suas palavras, "*que Frutuoso nasceu nos Açores, conviveu com os companheiros e os contemporaneos dos Corte Reais, sendo uma autoridade incontestavel*", no entanto é o proprio Gaspar Frutuoso quem contesta esse historiador, dizendo positivamente que "não pode saber com quem fora casado o primeiro capitão d'Angra e de S. Jorge, João Vaz Corte Real", revelando-se-nos assim um historiador mediocre, pois que desconhece justamente os mais notaveis membros da familia *Corte Real*, que foram Gaspar Corte Real, o descobridor autentico da Terra Nova e seu irmão Miguel Corte Real, que, como Gaspar, encontrou a morte no Novo Mundo em viagem de exploração.

Damião de Góes, Antonio Galvão e outros cronistas, que não viveram nos Açores, nem tão pouco gozam do privilegio de ter convivido com os companheiros e contemporaneos dos Corte Reais, mos-

---

(39) Faustino da Fonseca — *A Descoberta do Brasil"*, 2.ª edição, pag. 31.

tram conhecer muito melhor os vultos de destaque desta familia do que Gaspar Frutuoso.

O autor das *Saudades da Terra* é, pois, como nos diz Harrisse [40], um escritor completamente desprovido de valor critico e somente podemos ligar uma importancia insignificante a sua narração.

* * *

A ultima tentativa que conhecemos visando fazer de João Vaz Corte Real um precursor de Colombo no descobrimento da America, é do historiador dinamarquês Sophus Larsen, baseada principalmente na noticia de uma expedição às regiões boreais, realizada no reinado de Cristiano I, da Dinamarca, que passamos a expor e criticar. [41]

O rei Cristiano III deste país nordico, encarregou em 1550 o mercador e burgomestre da cidade de Kiel, de nome Carsten Grip, de adquirir para o seu palacio: livros, quadros, etc., a fim de melhor adorná-lo. Dando desempenho a essa honrosa missão, Grip entabolou correspondencia com diversos antiquarios da Europa, inclusive com um livreiro de Paris que, ao que parece, lhe propôs vender um mapa valioso. Assim, em 3 de março de 1551, o referido burgomestre escreveu uma carta a Cristiano III, na qual fazia referencia ao mapa aludido, esclarecendo que, entre outras coisas, esse documento cartografico tinha uma inscrição d clarando que *a pedido do rei de Portugal o rei Cristiano I da Dinamarca,* havia encarregado dois

---

(40) *"Les Corte Real"*, pag. 33.

(41) *"La Découverte du continent de l'Amérique Septentrionale en 1472-73 par les Danois et les Portuguais"*, Coimbra, 1922.

navegantes de nomes Pynink e Poidthorsth de procurar novas ilhas e terras nos mares do Norte.

Como o rei Cristiano I reinou de 1448 a 1481, Larsen, por meio de uma serie de conjecturas, algumas até irrisorias, chegou à conclusão de que, em realidade, a pedido do rei D. Afonso V de Portugal, o citado monarca dinamarquês, entre 1472-73, enviou uma expedição exploradora às regiões boreais do Novo Mundo, a qual atingiu as proximidades do golfo de S. Lourenço na costa Nordeste da America do Norte. Nessa viagem, pretende Larsen que tenham tomado parte dois fidalgos portugueses, justamente aqueles que Gaspar Frutuoso e o Padre Antonio Cordeiro dizem, desembarcaram na ilha dos Açores, quando de volta da descoberta da *Terra dos Bacalhaus*, que por mandado do seu rei, D. Afonso V, tinham ido descobrir, isto é, João Vaz Corte Real e Alvaro Martins Homem.

Mas a verdade é que até agora não foi encontrado nos arquivos dinamarqueses nenhum documento pelo qual possa alguem concluir ter qualquer rei de Portugal solicitado de qualquer monarca da Dinamarca a sua interferencia direta ou indireta, na organização de qualquer expedição exploradora do Novo Mundo.

Apenas sabemos que em 1472 o rei Cristiano I, da Dinamarca, tratou de desalojar os ingleses da Islandia e Groenlandia e para isso enviou uma expedição composta de dois navios sob o comando de dois alemães de nomes Dietrich Pining e Hans Pothorst, os quais só atingiram a Islandia. (42)

---

(42) Enrique de Gandia — *"Historia de Colón"*, Buenos Aires, 1942, pagina 165.

E, quanto aos nomes de João Vaz Corte Real e Alvaro Martins Homem, que Larsen traz à baila, o silencio é absoluto, quer na citada carta que a 3 de março de 1551 o burgomestre de Kiel enviou ao rei Cristiano III, quer no mapa que o livreiro de Paris propôs vender a este rei da Dinamarca, mapa esse identificado como sendo aquele de Olaus Magnus, reproduzido no "*Facsimile Atlas*" de A. E. Nordenskiold, Stocolmo, 1889, pagina 59.

* * *

O unico argumento de Larsen, que à primeira vista parece realmente valioso a favor de uma descoberta atribuida a João Vaz Corte Real, é tirado de uma serie de mapas que, a partir de 1534, apresentam dados geograficos não encontrados nos mapas anteriores a esta data, havendo, entre outras novidades, o nome "*João Vaz*", inscrito na costa do Lavrador. (43) O mais antigo desses mapas é o conhecido pelo nome de Riccardiano. (44) É tão proximamente identico ao mapa de Gaspar Vieigas, datado de 1534, que se lhe pode atribuir o mesmo prototipo e aproximadamente a mesma data. Esse mapa se destaca dos outros da serie por não trazer a descoberta do francês Jacques Cartier, em 1534, do golfo de S. Lourenço, de modo a permitir a discriminação perfeita entre as descobertas portuguesas porteriores às dos Corte Reais e às francesas que em todos os mapas conhecidos de data posterior vêm envolvidas com aquelas.

---

(43) Em 1900, portanto há 46 anos, Faustino da Fonseca, "*A Descoberta do Brasil*", trouxe à discussão este mesmo argumento.

(44) Reproduzido por Kretschmer, folha XXXIII.

Não é dificil determinar a origem dos novos dados que figuram pela primeira vez no mapa Riccardiano. Em 13 de março de 1521, João Alvares Fagundes, como recompensa de serviços prestados em uma ou mais viagens anteriores a esta data, obteve carta-patente concedendo-lhe a posse de certas ilhas e terras contiguas à terra descoberta pelos Corte Reais. Entre as ilhas vem especificada uma à qual já estava dado o nome de Fagundes, nome este inscrito no mapa Riccardiano, mas que em dois outros mapas portugueses do mesmo grupo, é aplicado a uma ilha ao sul da Terra Corte Real (Terra Nova) (45), para a qual os cartografos franceses contemporaneos empregaram a outra parte do nome — João Alvares. (46)

Portanto, é certo que os acrescimos de origem portuguesa, que se notam neste grupo de mapas, são devidos a descobertas começadas antes de 1521 e efetuadas por Fagundes e os seus companheiros ou sucessores. É tambem sabido, em virtude desta carta-patente, que Fagundes tentou estabelecer uma colonia e esta circunstancia indica que depois de 1521 houve diversas viagens portuguesas a estas paragens.

No mapa Riccardiano o trecho de costa descoberto pelos Corte Reais (costa oriental da Terra Nova), é evidentemente baseado num prototipo português de 1502-1505 e não apresenta novidades dignas de nota, merecendo, porém, ser notada a retenção do nome "*Terra dos Corte Reaes*". Este se acha colocado quase exatamente no meio do

---

(45) Harrisse — "*Découverte et évolution cartographique de Terre Neuve*", pags. 233 e 234.

(46) *Idem, idem*, pags. 220 e 230.

trecho, como se fosse um nome coletivo para o conjunto da antiga exploração portuguesa, à qual se ajuntavam ao sul os resultados das explorações subsequentes dos bretões e espanhois (Estevão Gomes, 1525) e ao norte as novas descobertas portuguesas.

À primeira vista, estas ultimas parecem abranger o golfo de São Lourenço representado por uma grande reentrancia da costa denominada "*Golfam da Tormenta*", mas comparando este mapa com os subsequentes, em que vêm representados os resultados da viagem de Cartier em 1534, vê-se que esta reentrancia é a da costa atlantica do Lavrador, hoje denominada Hamilton Inlet. Este trecho acrescentado ao Norte da "*Terra dos Corte Reaes*" traz uma rica nomenclatura de 31 nomes dos quais cinco são de significação historica por serem pessoais e são *I* (*ilha*) *de Jã de maio, Terra de Jã bãz, R* (*rio*) *de manoel pinheiro, B* (*bahia*) *de Jã Vãz e B* (*bahia*) *do brãdã* (*Brandão?*).

Entre estes nomes os que interessam à presente discussão são o segundo e o quarto, cuja grafia é reproduzida no fac-simile abaixo e que mostra ser um nome abreviado.

b: da Jã vãz

trrã da Jã bãz

Para tentar decifrar esta abreviatura temos de recorrer ao mapa de Vaz Dourado, confeccionado

em 1571, e evidentemente baseado para este trecho da costa, num prototipo diferente do que serviu ao mapa Riccardiano, embora quase contemporaneo dele. No Atlas de Kunstmann vem reproduzida a copia feita em 1580, e conservada em Munich, deste mapa que pertence ao arquivo da Torre do Tombo, em Lisboa. O fac-simile que reproduzimos, sugere logo que o nome abreviado é o de *João Alvares.*

6. de Joãà uãz'

tes ade. J. uaz.

Esta interpretação concorda admiravelmente com os fatos conhecidos relativos às descobertas portuguesas nesta costa, e combina com a presença de outra parte do nome (*Fagundes*) em outro local do mesmo mapa.

A hipotese que combatemos, de que este nome no mapa de Vaz Dourado, deve ser lido "*João Vaz,*" despreza por completo a abreviatura, e o acrescimo do nome "*Corte Real*" é absolutamente gratuito. A aceitação desta hipotese envolverá a de uma outra muito inverossimil: que os cartografos de 1534 fossem melhor informados do que os de 1501, a respeito dos acontecimentos que eram recentes nesta ultima data, e que querendo prestar honras postumas ao nome de João Vaz Corte Real, tivessem tido uma piedosa lembrança, *que não ocorreu aos proprios filhos deste personagem.*

CAPITULO IV

Fernão Dulmo e João Afonso do Estreito

No reinado de D. Afonso V, de Portugal (1438-1481), foram feitas diversas doações de ilhas figuradas no então denominado Mar Oceano ou Mar Tenebroso pelos cartografos do seculo XIV, sobre a base mais ou menos fantastica das lendas da Idade-Media, e desse modo varios navegantes portugueses, notadamente os açoreanos, fizeram-se de vela rumo ocidente em procura delas, sempre porém com insucesso.

Falecendo D. Afonso V, cognominado *O Africano*, subiu ao trono de Portugal o seu filho D. João II, que reinou até 1495.

Tratando-se de empreendimentos maritimos este monarca nada mais fez que seguir o programa adotado pelo seu falecido pai: todo o sacrificio, inclusive do erario, era para encontrar o ambicionado caminho para a India pelo ciclo oriental, ao passo que a exploração do Atlantico, do Mar Oceano, era relegada a um plano inferior que consistia apenas em distribuir cartas de doação das ilhas que os navegantes ilhéus propunham descobrir a sua propria custa. Desse modo, como ironicamente diz R. Caddeo, "*Re Giovanni II di Portogallo distribuiva con una certa generositá le isole*

che i suoi sudditi vedevano, ma non riuscivano mai a trovare". [47]

Assim sendo, D. João II não apresentou a menor objeção quando em 1486 o donatario da parte Norte da ilha Terceira dos Açores, o flamengo Fernão Dulmo (Ferdinand van Olm ou von Ulm), lhe solicitou a posse para si e seus herdeiros da imaginaria ilha das *"Sete Cidades"*, que propunha descobrir a sua propria custa.

Foi, pois, expedida a carta de doação solicitada por Dulmo em 3 de março de 1486, a qual foi retificada a 12 de julho desse mesmo ano, sendo ela do teor seguinte:

"Dom Joham, etc. A quamtos esta nossa carta virem fazemos saber que vimos huum estormento, contrauto e doaçam, feito amtre Fernam Dulmo e Joham Afomso do Estreito, morador na ylha da Madeyra, do qual ho theor de verbo a verbo tal he, como se ao diamte, se adiante (*sic*) segue. Em nome de Deus amem. Saibam os que este estormento de comtrauto virem, que no anno do naçimento de nosso Senhor Jesu Christo de mil iiijc bj (1486) annos, doze dias de Julho, na cidade de Lixboa, no paço dos taballiaens, pareçeo hy Fernam Dulmo, cavalleiro da casa del Rey nosso senhor, e capitam na ylha Terçeira, *que ora vay por capitam a descobrir a ilha das Sete Cidades per mandado del Rey nosso senhor;* e outrosy pareçeo Joham Afomso do Estreito, morador da ylha da Madeira, na parte do Fumchal. E loguo o dito Fernam Dulmo apresemtou a mym tabaliam huma

(47) Rinaldo Caddeo — *Historie della vita e dei fatti di Cristoforo Colombo per D. Fernando suo figlio".* Milano, 1930, vol. I, pag. 75.

carta do dito senhor Rey, da qual carta ho theor tal he. Dom Joham per graça de Deus Rey de Portugal e do Algarve d aquem e d allem maar em Africa, senhor de Guiné, fazemos saber que Fernam Dulmo, cavalleiro e capitam na ylha Terçeira por o duque Dom Manuel, meu muito preçado e amado primo, veo ora a nós, e nos dise como ele nos queria dar achada huma gramde ylha ou ylhas ou terra firme per costa, que se presume seer a ylha das Sete Cidades, e esto todo aa sua propia custa e despesa, e que nos pedia que lhe fezesemos merçee e real doaçam da dita ylha ou ylhas ou terra firme, *que elle asy descobrise ou achase ou outrem per seu mamdado*, e asy lhe fezessemos merçee de toda a justiça com alçada de poder emforcar, matar, e de toda outra pena criminal da dita ylha ou ylhas e terra firme pavoradas e despavoradas, com todallas remdas e direitos que em as ditas ylhas e terra se poder aver pera elle dito Fernam Dulmo e herdeiros e deçemdemtes; e que per seu falleçimento d elle dito Fernam Dulmo a dita ylha ou ylhas ou terra firme e governamça e jurdiçam com a alçada e remdas fique ao seu filho ho mayor ao tempo de sua morte, se o hy ouver; e, nam avemdo hy filho a que esto ficar, que entam fique a sua filha mais velha; e, nam avemdo hy filho nem filha, que entam fique a seu paremte mais acheguado ou a paremta que hy ouver. Da qual cousa a nos aprouve como de feito nos praz; e queremos que allem de todo o dito Fernam Dulmo aja ho titollo da homrra que a nos parecer seer razam, *o qual lhe nos daremos tamto que elle estas ylhas ou terra firme achar;* a qual doaçam e merçee lhe nos asy fazemos pera elle e seus descendemtes, deste dia

pera sempre, das dytas ylhas e terra firme, com jurdiçõees çives e crimes e alçada, sem numca em tempo alguum lhe poder seer revoguada per nos nem per nossos soçessores, como dito he. Amtes emcomendamos e mandamos aos que depos nos vierem, que lhe confirmem imteiramente todo como se nesta nosa carta comtem, sem lhe yrem comtra ella em parte nem em todo. E per esta lhe damos poder e autoridade, que possa loguo tomar e tome pose real e autoal *de todallas ylhas e terra firme que asy achar*, sem lhe mais seer neçesario pera ello nossa autoridade, por quamto nos de nosso poder ausolluto lhe fazemos realmente a dita doaçam e merçee; e esto com tal emtemdimemto e comdiçam que nos ajamollas dizimas de todallas remdas e direitos, que elle dito Fernam Dulmo yra sempre por capitam moor das ditas armadas, e esto reconheçemdo a nos sempre por seu rey como nosso vasallo. E por sua guarda lhe mandamos dar esta nossa carta per nos asinada e asellada do noso sello pendemte. Dada em a nossa villa de Samtarem a tres dias do mês de março, anno do naçimento de nosso Senhor Jesu Christo de mil iiijc ixxxbj (1486) annos. E apresemtada asy a dita carta, como dito he, dise ho dito Fernam Dulmo que, comsideramdo elle ser serviço de Deus e do dito senhor Rey, e prol e homrra dos ditos regnos, e por quamto elle Fernam Dulmo nam estava em tal desposiçam pera poder fazer a dita armada e despesas que pera ella pertemçiam, e por o dito senhor ser servido muj jmteiramente, que a elle Fernam Dulmo aprazia, como loguo de feito aprouve, de dar ao dito Joham Afomso a metade da dita capitania e asy a metade de qualquer ylha ou ylhas e terra fir-

me pavoradas è por pavorar, *que ele com a dita armada achase e descobrise*, com todallas liberdades e previllegeos e jurdiçam çivel e crime, e com a dita alçada, asy e tam compridamemte como o dito senhor a elle Fernam Dulmo tem feyta a dita merçee e na dita carta se contem, da qual metade de capitania, ylhas e terra firme, elle Fernam Dulmo fazia ao dito Joham Afomso pura, jmrrevoguavel doaçam amtre vivos, d este dia pera sempre valedoira, com vomtade e proposito e temçam de numca seer revoguada, e que elle Fernam Dulmo se nam posa emvestir em pose de nenhuuã cousa das que lhe Deus asy dese achar, a menos de o dito Joham Afomso seer emtregue e em pose da dita sua metade, que sera partida per elles ou per homeens sem sospeita ajuramentados, e per sortes, e cada huum tomará a parte que lhe asy acomteçer. E, depois que elle Joham Afomso fose emcorporado e emvestido em pose da sua metade, que elle Joham Afomso a posa dar, doar, trocar, escambar, e vender, e arremdar, e aforar em pesoas ou pera sempre, toda ou parte d ella e fazer d ella e em ella todo o que quiser e por bem tever, como de sua cousa propia, livre, e isemta. E isto com estas comdições, a saber: que o dito Joham Afomso arme duas caravellas bôas de todo mamtimemto e cousas que lhe pertençem pera tal armaçam, *pera descobrimento das ditas ylhas e terra firme*, aa sua propia custa e despesa, as quaees caravellas ho dito Fernam Dulmo buscará e fará prestes com boõs pilotos e marinheiros pertemçemtes pera tal armada, e paguará elle Fernam Dulmo os soldos, e o dito Joham Afomso paguerá o frete d ellas aos senhorios d ellas, e se faram ambos prestes per a maneira que dito

he *per todo o mês de março primeiro que vem de mil e iiije ixxxbij (1487) annos na ylha Terçeira dos Açores*, e hiram ambos por capitãees cada huum em sua caravella, e amte que partam o dito Fernam Dulmo escolherá nos pillotos que tiver tomados huum d elles, e o dito Joham Afomso o outro, e, se forem mais, que o dito Joham Afomso escolha nos que ficarem huum primeiramente que o dito Fernam Dulmo. E quamto he ao cavalleiro allemam, que em companhia d elles ha de ir, que elle alemam escolha d ir em qualquer carabella que quiser. E, no dia que anbos partirem da dita ylha Terçeira, o dito Fernam Dulmo fara seu caminho per homde lh aprouver *atee coremta dias primeiros seguimtes;* e o dito Joham Afomso seguira com a dita carabella, de que asy for capitam, a rota e caminho que o dito Fernam Dulmo fezer e seguirá seu forol, segumdo o regimento que lh o dito Fernam Dulmo deer per escripto; e, tam to que pasarem os ditos coremta dias, o dito Fernam Dulmo nam levara mais forol, nem mandara fazer caminho pera nenhuua parte, mas amtes seguira e fara seu caminho e rrota per homde ho dito Joham Afomso requerer, sem outra contradiçam alguua, com sua caravella e companha, e seguirá o forol do dito Joham Afomso, e comprira em todo seu regimemto como de capitam primçipal atee elle Joham Afomso tornar pera Portugal", etc., etc. [48]

Resumindo e analisando tal documento, temos que Fernão Dulmo propunha descobrir ilha, ilhas ou terra firme por costa que se presumia ser a ilha "*Antilha*" ou das "*Sete Cidades*", a sua pro-

---

(48) *"Alguns Documentos da Torre do Tombo"*, pags. 58 a 61.

pria custa. Pedia, pois, que "lhe fizessem mercê e real doação da dita ilha ou ilhas ou terra firme *que ele assim descobrisse ou achasse ou outrem por seu mandado*" e que tambem lhe fosse concedida plena jurisdição criminal e civil, "como todas as rendas e direitos que em as ditas ilhas e terras se pudesse haver para ele dito Fernão Dulmo e herdeiros e descendentes".

Fica assim evidenciado que acreditando na existencia da imaginaria ilha das "*Sete Cidades*", procurada sem resultado por Diogo de Teive em 1452 e por Fernão Teles em 1475, Dulmo nutria a doce ilusão de a poder encontrar e dela tomar posse.

D. João II não só atendeu ao pedido de Dulmo, como além de lhe prometer uma honrosa recompensa, qual a concessão de um titulo honorifico de maior ou menor valia, segundo a importancia da descoberta que realizasse, tambem se comprometeu a fornecer-lhe gente armada e navios, caso houvesse necessidade de força para tornar efetiva a posse da ilha que, como sabemos, segundo a lenda então em voga, era habitada por gente portuguesa que no ano 734 da era cristã, partiu do Porto com um arcebispo e mais seis bispos, os quais fundaram sete cidades nessa fabulosa ilha.

Como se vê, era tentadora a empresa, mas Dulmo, depois de estar de posse da carta de doação datada de 3 de março de 1486, concluiu que a realização da viagem excedia aos seus recursos, pelo que entendeu ser de bom alvitre procurar um socio rico na pessoa de João Afonso do Estreito, residente em Funchal, na ilha da Madeira, a quem propôs sociedade na empresa que tinha intenção de realizar.

João Afonso achando vantajosa a proposta de Dulmo, aceitou-a. Desse modo, em 12 de julho desse mesmo ano de 1486, foi expedida uma nova carta de doação a Dulmo, na qual constava que João Afonso seria o seu associado na viagem de descoberta que planejara.

Ficou entre ambos estabelecido este criterio: João Afonso se comprometia a equipar à sua custa duas caravelas para uma viagem de 6 meses e Dulmo por sua vez se responsabilizaria pelo pagamento do soldo dos pilotos e marinheiros, os quais seriam contratados por ele Dulmo nos Açores, principalmente na Terceira, de onde partiria a expedição em começo de março de 1487.

Tambem Dulmo se comprometia "a dar ao dito João Afonso a metade da dita capitania e assim a metade de qualquer ilha ou ilhas e terra firme povoadas e para povoar que ele com a dita armada *achasse e descobrisse*, com todas liberdades e privilegios e jurisdição civil e criminal".

Em uma das caravelas, à sua escolha, seguiria um cavaleiro alemão, provavelmente Martim Behaim, que era casado com a filha do flamengo Jobst van Hurter de Morkirchen, residente na ilha do Faial.

A contar do dia que ambos partissem da ilha Terceira para a planejada viagem, Fernão Dulmo navegaria pelo rumo que lhe aprouvesse *até quarenta dias,* acompanhando-o João Afonso com a sua caravela. Uma vez que passasse os quarenta dias de navegação, então era João Afonso quem passaria a comandar a expedição, ficando Dulmo na obrigação de o acompanhar no rumo que tomasse.

Faustino da Fonseca [49], Joaquim Bensaúde [50] e mais alguns historiadores portugueses, são de opinião que Dulmo e Estreito não iam apenas tentar descobrir ilhas no então Mar Oceano, mas sim tomar posse de terra firme, de uma região continental ao ocidente dos Açores, isto é, de um trecho do litoral americano. Porém a carta de doação aqui transcrita, habilita o leitor a julgar do acerto ou não do que dizem tais historiadores. Em todo o caso, a afirmativa feita, mais de uma vez, na carta de doação em apreço, que esses navegantes iam à procura da imaginaria ilha das *"Sete Cidades"*, merece ser sem duvida levado em consideração.

Bensaúde é ainda de parecer que a concessão feita por D. João II a Dulmo e Estreito, "*est le décalque parfait du plan de Colomb sans la séduisante rêverie du nom des Indes*" [51] e apresenta como principal argumento o fato deste almirante ter gasto 36 dias para atingir na sua primeira viagem o arquipelago das Bahamas e Dulmo ter estabelecido o prazo de 40 dias para por sua vez encontrar a ilha das *"Sete Cidades"*.

Com as seguintes palavras, anota Morison esse conceito de Bensaúde: "Só um mês depois da concessão desta carta de doação (de D. João II a Fernão Dulmo) é que Colombo apresentou-se *pela primeira vez* aos Reis Catolicos. Talvez tenha alguma importancia o fato de D. Fernando Colom-

---

(49) *"A Descoberta do Brasil"*, Lisboa, 1908, pags. 115 a 129.

(50) *"Lacunes et surprises de l'histoire des découvertes maritimes"*, Coimbra, 1930, I parte, pags. 271-72.

(51) Obra citada, pag. 272.

bo, no capitulo VII de sua "*Historie*" (Caddeo ed., I, 51), contar que seu pai ficou impressionado devido à declaração de Solino na "*Polyhistoria*", que das Gorgones, que ele supôs serem as ilhas de Cabo Verde, até Hesperides, que o Almirante pensou serem as Indias, havia só 40 dias de navegação. Mas Solino se referiu à rota para Este pela Africa". (52)

O prazo de 40 dias estabelecido por Dulmo para encontrar a ilha das "*Sete Cidades*" ou outra qualquer terra, resultou da leitura da citada passagem da "*Polyhistoria*", de Solino, a que maliciosamente se refere Morison, leitura essa feita presumivelmente por Martim Behaim, a quem é atribuido todo o plano dessa viagem.

Em que pese o alto conceito em que é tido Bensaúde como historiador, não vemos onde o acerto de querer ele achar semelhança entre o projeto de Dulmo e aquele de Colombo.

Dulmo, com o seu desejo de pesquisar o Atlantico desconhecido, visando o encontro casual de ilhas imaginarias, apenas revela que um romanticismo insular, como diz Olschki (53), estimulava naquela epoca os navegantes a sondar o mar inexplorado em busca de misterios e de visões fabulosas, traduzindo assim a ilusão psicologica de que estavam dominados, ao passo que Colombo com o seu projeto defendia uma concepção geografica sustentada por um pequeno grupo de cosmografos letrados do qual a historia só tem con-

---

(52) Samuel Eliot Morison, "*Portuguese Voyages to America in the Fifteenth Century*", Cambridge, 1940, pag. 46.

(53) Leonardo Olschki — "*Storia Letteraria delle Scoperte Geografiche*", Firenze, 1939, pag. 39.

servado os nomes de Toscanelli, Monetario, Behaim e do proprio Colombo. Como diz o sabio professor do Instituto Politecnico de Dresde, Sophus Ruge, o projeto de Colombo "surpreendeu todo mundo e não encontrou senão impugnadores, apesar de estar fundado em principios perfeitamente exatos e não disputados, isto é, na forma esferica da terra, então já universalmente admitida". (54) Carlo Errera, erudito historiador italiano inumeras vezes citado na *"Historia da Colonização Portuguesa do Brasil"*, portanto acima de qualquer suspeita, diz que os navegantes portugueses que partiram dos Açores em viagem de descobertas, não se afastaram muito, mas apenas tentaram o encontro de ilhas imaginarias ou de ilhotas pertencentes ao arquipelago em que viviam, jamais visando uma rota continua em direção ao poente com o escopo de desvendar o grande enigma do então Mar Tenebroso, à semelhança do que propusera e fizera Colombo. São estas as palavras de Errera: *"quei pochi avventurosi, che, nella seconda metà del secolo XV (prima di Colombo), tentarono l'Oceano pur di là da codeste isole estreme (Azore), non andaron lontano, né in ogni modo si proposero mai una rotta continuamente dirrita verso ponente alla ricerca del grande enigma oceanico; ma cercarono solo a tentoni nell'ignoto le imaginate isole leggendarie o qualche isoletta che per avventura prolungasse più oltre ad occaso gli arcipelaghi già dicoperti."* (55)

---

(54) Sophus Ruge — *"Historia da Epoca dos Descobrimentos"*, versão portuguesa, pag. 209.

(55) Carlo Errera — *"L'Epoca delle Grandi Scoperte Geografiche"*, Milano, 1926, pag. 272.

Realizaram Fernão Dulmo e João Afonso do Estreito a pretendida viagem em procura de ilhas, principalmente daquela das *"Sete Cidades"?* Bartolomeu Las Casas faz uma laconica referencia à pretendida viagem de Dulmo ao ocidente dos Açores quando diz: "Un marinero que se llamó Pedro de Velasco, gallego, dijo al Cristóbal Colón em Múrcia, que yendo aquer viaje de Irlanda, fueron navegando y metiéndose tanto al Noroeste, que vieron tierra hácia el Poniente de Ibernia y esta creyeron los que allí iban *que debia ser la que quiso descubrir un Herman Dolinos,* como luego se dirá". (56)

Morison admite que da parte de Fernão Dulmo e de João Afonso do Estreito houve uma tentativa para descobrir terras ao ocidente a qual malogrou, quando diz: "Não é dificil compreender porque Dulmo e Estreito não foram bem sucedidos. O mês de março, em que pretendiam fazer-se ao mar, é mau tempo para navegar ao Oeste dos Açores, por ser o mês de ventos tempestuosos de Oeste e Noroeste. O perigo e o receio de enfrentar tais ventos podiam ter provocado algum motim que os obrigasse a voltar; pois a facil viagem de Colombo com ventos favoraveis foi quasi frustrada pela covardia de seus homens". (57)

Edgar Prestage, professor de camoniana, de literatura e de historia portuguesas na Universidade de Londres, acatadissimo no meio intelectual de Portugal, não admite que tenha havido da parte de Dulmo e Estreito qualquer tentativa para en-

---

(56) Bartolomeu Las Casas — *"Historia de Las Indias"*, Madrid, 1875, vol. I, cap. XIII, pag. 101.

(57) Obra citada, pag. 47.

contrar a fantastica ilha das "*Sete Cidades*", quando diz: "Tanto quanto sabemos, a expedição nunca chegou a realizar-se, *podendo se encontrar razão disto numa carta do governador da Terceira para Fernão Dulmo* em que o adverte de que perderia todos os direitos sobre as terras desta ilha que haviam sido doadas se deixasse a sua capitania". (58)

A suposta viagem de Dulmo e Estreito, ao ocidente dos Açores, relaciona-se com as de outros navegantes nessa direção, "em que são mais as hipoteses aventurosas que as ideias verificaveis", como diz Vitorino Magalhães Godinho. (59)

---

(58) Edgar Prestage —"*The Portuguese Pioneers*", tradução portuguesa, Porto, 1943, pag. 273.

(59) "*Documentos sobre a expansão portuguesa*", I vol., pagina 214.

CAPITULO V

João Fernandes (o Lavrador?)

Os historiadores portugueses pretendem provar que um tal João Fernandes, da ilha Terceira dos Açores, que procuram identificar com um navegante apelidado *"Lavrador"*, aportou às regiões boreais da America antes de outubro de 1492, sendo portanto um precursor de Colombo. (60)

Como mui acertadamente pondera Henry Harrisse, até agora não foi encontrada nos arquivos portugueses e, bem assim, nas cronicas daquela epoca, a menor referencia a essa suposta viagem de João Fernandes (o Lavrador?) ao Novo Mundo. (61)

Apenas existe uma carta de doação do rei D. Manuel, expedida em 28 de outubro de 1499, a favor de um João Fernandes, a qual diz textualmente:

"Dom Manuel etc. A quamtos esta nossa carta virem fazemos saber que Joham Fernandes, morador em nossa ilha Terceira nos disse que por serviço de deos e nosso sse queria trabalhar de hyr buscar e descobrir algumas ilhas de nossa conquista aa sua custa e vemdo nos seu bôo desejo e proposito aalem de lhe termos em serviço

---

(60) Ernesto do Canto, *"João Fernandes Lavrador"*, Arquivo dos Açores, volume XII, pags. 353 a 371.

(61) *"The Discovery of North America"*, pag. 58.

a nos praz e lhe prometemos por esta de lhe darmos como de fecto daremos a capitania de quallquer ilha ou ilhas asy povoadas como despovoadas que elle descobrir e achar novamente e esto com aquellas remdas homrras proveitos e imtaresses com que temos dadas as capitanyas das nossas ilhas da Madeira e das outras et por sua guarda e nossa lembrança lhe mandamos dar esta carta por nos asinada e assellada com o nosso sello pemdemte". [62]

Era uso nessa epoca ao ser concedida carta de doação a qualquer navegante, que se propunha realizar descobertas no então Mar Oceano, fazerse referencia às anteriormente por ele realizadas, como até às simples tentativas, à semelhança do que ocorreu com Gaspar Corte Real, seus irmãos Miguel e Vasqueanes e com João Alvares Fagundes, ao receberem, respectivamente em 12 de maio de 1500, 15 de janeiro de 1502, 17 de setembro de 1506 e 13 de março de 1521, cartas de doação das ilhas e terra firme que propunham descobrir nas altas latitudes a Noroeste dos Açores. [63] Desse modo, se João Fernandes tivesse, como querem, realizado em 1492 qualquer descoberta de terras americanas ou mesmo feito simples tentativa nesse sentido, não é admissivel que ele disso não se gabasse e que D. Manuel ao lhe expedir a carta

---

(62) Documento da Torre do Tombo, Livro XVI, de D. Manuel, folha 39, verso.

(63) Documento da Torre do Tombo, livro XVI, de D. Manuel, folha 91; livro IV, folha 3, verso; livro XLIX de João III, folha 243, verso; E. A. Bettencourt, *"Descobrimentos, guerras e conquistas dos Portugueses em terra de ultramar nos seculos XV e XVI"*, Lisboa, 1881, tomo I, pag. 132.

de doação de 28 de outubro de 1499, que acabamos de transcrever, silenciasse um tal acontecimento.

Se após essa concessão de D. Manuel de 28 de outubro de 1499 a favor de João Fernandes, organizou este uma expedição, para onde se dirigiram os navios, qual o resultado de tal viagem, tudo não passa de meras conjecturas, porque os arquivos e cronistas portugueses são de um silencio sepulcral. Quase dois anos depois dessa concessão outorgada por D. Manuel a João Fernandes, o rei Henrique VII da Inglaterra, em 19 de março de 1501, expedia carta de doação a favor de tres comerciantes de Bristol, de nomes Richard Warde, Tomas Asshehwist e John Tomas, associados a tres açoreanos de nomes João Gonçalves, Francisco Fernandes e João Fernandes, autorizando-os a realizar, por conta da coroa, viagens às regiões boreais do Novo Mundo. (64)

Quanto ao resultado dessa viagem de exploração, apenas temos conhecimento de que em 1502 o rei Henrique VII concedeu pensões a João Gonçalves e a Francisco Fernandes em consideração aos bons serviços que prestaram como capitães na nova terra descoberta ("in consideration of the true service which they have doone unto us to oure singler pleasure as Capitaignes into the newe founde lande") (65), ao passo que o nome de João Fernandes não é citado, o que nos leva a concluir não ter ele participado das viagens que, para o referido monarca inglês, realizou a partir de 1501 a sociedade anglo-açoreana.

---

(64) Henry Harrisse — *"The Discovery of North America"*, pag. 58.

(65) J. A. Williamson — *"Voyages of the Cabots"*, pag. 56.

Um argumento, que à primeira vista parece ter algum fundamento a favor de uma descoberta pre-colombiana portuguesa nas regiões setentrionais da America, é tirado de alguns mapas que, a partir de 1502, trazem inscrito o nome "Lavrador" em uma peninsula a Oeste da Islandia. Será que o navegante Lavrador é o João Fernandes da ilha Terceira? O caso se nos afigura um tanto nebuloso porque, se João Fernandes era mais conhecido por "*Lavrador*", a ponto de figurar nos mapas sem exceção de um só, com esse apelido, por que razão nos documentos oficiais da epoca, tanto portugueses como ingleses, onde o seu nome é citado varias vezes, não existe a menor alusão à sua alcunha? Mas para nós é indiferente que João Fernandes seja, ou não, o "*Lavrador*", porque iremos provar que a descoberta a este atribuida, nas regiões boreais do Novo Mundo, foram realizadas muito depois do feito de Colombo.

O primeiro mapa que faz referencia ao Lavrador é o anonimo italiano existente na Biblioteca Oliveriana de Pesaro, Italia, cuja data é atribuida a 1502 ou 1503. Nesse mapa, num cabo que corresponde ao Farewell da Groenlandia, existem estas palavras: "*Cavo Laboradore*". Numa ilha imaginaria ao sul desse cabo se lê: "*Insula de Labrador*". [66] Logo em seguida vem o mapa anonimo conhecimento por Kunstmann II, que, por não mencionar a ilha Fernão de Noronha, apresenta prova de ter sido terminado antes da volta, em 1504, da segunda expedição portuguesa ao Brasil, que sofreu naufragio perto dessa ilha. Em uma

(66) Henry Harrisse — "*Découverte et évolution cartographique de Terre Neuve*", pags. 53 e 54.

ilha que toscamente representa neste mapa a Groenlandia, existe esta legenda em letras graudas: "*Terra do lavrador*". (67)

O mapa de Pedro Reinel que foi desenhado em Lisboa entre 1502 a 1505, só representa o Atlantico Setentrional. Na parte que corresponde às regiões boreais da America, existem duas consideraveis massas de terra separadas por um estreito canal. Essas massas de terra são a parte meridional da Groenlandia e a parte central e meridional da costa oriental da Terra Nova. Com relação ao Lavrador, Reinel associou a esse nome no seu mapa, bandeiras inglezas e portuguesas, sem dar nenhum nome pessoal.

Na carta anonima italiana conhecida como "*do dr. Hamy*", mapa este posterior a 1504, numa grande ilha a noroeste da Irlanda, mais ou menos na latitude da Groenlandia, existem estes dizeres: "*Terra Laboratoris*". (68)

Temos, depois do mapa do dr. Hamy, dois italianos de 1511: o do Visconde de Maggiolo e o do cartografo napolitano Bernardo Sylvano, d'Eboli. O Visconde de Maggiolo, no seu referido portulano, representando as regiões setentrionais da America, assinala duas peninsulas. Na que fica a Noroeste há esta legenda: "*Terra de los ingres*". Na que está ao Sul, numa ponta que se assemelha ao cabo Farewell, existem estes dizeres: "*Terra de Lavradore de rey de portugall*". (69)

---

(67) Frederico Kunstmann — "*Atlas zur Entdekungs-Geschichte Amerikas*", Munich, 1859.

(68) A. Fontoura da Costa — "*A Marinharia dos Descobrimentos*", Lisboa, 1939, pag. 206.

(69) Henry Harrisse — "*Découverte et évolution cartographique de Terre Neuve*", pag. 71.

A carta de Sylvano, que faz parte do *Ptolomeu* publicado em Veneza em 1511, na mesma latitude onde no planisfério de Cantino existe a terra dos Corte Reais, do lado mais proximo da Europa, tem esta legenda: "*Terra laboratorum*". (70) O mapa anonimo e sem data, porém desenhado antes de 1520, conhecido por *Kunstmann IV ou Munich-Português,* ultimamente tem sido atribuido ao cartografo português Jorge Reinel. Na costa de uma peninsula que é denominada "*do Lavrador*", existe nesse mapa a seguinte frase em latim: "*terram istam portugalenses viderut atame nom intraverunt*", isto é, os portugueses viram esta terra, mas não entraram nela. (71)

O mapa espanhol, desenhado em Sevilha em 1527 e conhecido por Wolfenbuttel, traz uma interessante inscrição que diz: "*Tiera Del Labrador, Laqual fue descubierta por los Ingleses dela vila de bristol e por q el q dio ell aviso della era lavrador de las islas de los açares le quido este nõbre.*" (72)

Um mapa tambem desenhado em Sevilha pelo cartografo português Diogo Ribeiro em 1529 e existente em Roma no Museu de Propaganda Fide, tem esta legenda numa peninsula na região setentrional da America: "*Tiera Del Labrador la qual descobrierõ los Ingleses dela uila de bristol en la qual no allarõ cosa de nenhu provecho*".

---

(70) Henry Harrisse — "*Les Corte Real*", pag. 121.

(71) A. Fontoura da Costa — "*A Marinharia dos Descobrimentos*" Lisboa, 1939, pag. 206.

(72) E. L. Stevenson — "*Maps illustrating Eearly Discovery and Exploration in America,* 1502-30" — New Brunswick, 1903 — n.° 8.

Na "*Landesbibliothek de Weimar*", existe um • , feito no mesmo ano de 1529, onde se lê na mesma região: "*Esta tierra descubrierõ los ingleses no ay en ella cosa de proue-cho Tiera del Labrador*". (73) Como acabamos de ver, esses mapas portugueses e de prototipos portugueses não combinam entre si quanto à nacionalidade do navegante que descobriu a então terra do Lavrador. Os anonimos (italiano de 1502 ou 1503 da Biblioteca Oliveriana de Pesaro, o Kunstmann II, aquele conhecido pelo nome de "Dr. Hamy"), bem assim o de Sylvanó de 1511, nada dizem sobre a nacionalidade do descobridor. O de Pedro Reinel indica que a terra do Lavrador foi descoberta por uma expedição anglo-portuguesa. O de Maggiolo, de 1511, apenas diz que a terra do Lavrador é do rei de Portugal. O anonimo Kunstmann IV, de 1519, refere que os portugueses avistaram a terra mas nela não realizaram desembarque. Por outro lado, tanto o espanhol Wolfenbuttel de 1527, como o português de Diogo Ribeiro de 1529, atribuem aos ingleses da vila de Bristol a descoberta do Lavrador. Portanto a propria cartografia americana vetustissima, os proprios mapas desenhados em Lisboa, não atribuem unicamente a um navegante português a descoberta do Lavrador. Há divergencia a favor dos ingleses.

O estudo deste grupo de mapas e de outros anteriores (Cantino, Nicolo Canerio, Pedro Reinel e Kunstmann II e III) por nós realizado em

(73) Armando Cortesão — "*Cartografia e cartografos portugueses nos seculos XVI e XVII*", Lisboa, 1935, 2.º volume, paginas 148 e 155.

1912 [74], revela que na epoca em que foram eles traçados, não era conhecida a terra hoje denominada Lavrador, sendo que as legendas com referencia a este nome, nos mapas por nós citados, foram principalmente aplicadas à parte Sul da Groenlandia. Só mais tarde, após a viagem de Cartier em 1534 e a descoberta por este navegante do golfo de São Lourenço, é que o nome Lavrador foi deslocado da sua primitiva posição, que era na Groenlandia, para a costa Norte do golfo de S. Lourenço e ao trecho da costa atlantica imediatamente ao Norte. [75] Acontece, porém, que o mapa de Cantino que, como sabemos, foi desenhado por um cartografo português em 1502, presumidamente oficial, planisferio este no qual estava representado o mundo tal qual como o imaginavam os geografos lusitanos [76], tem, na peninsula, onde em outros mapas existem dizeres tais como *"Cavo Labradore"*, *"Terra do lavrador"*, *"Insula de Labrador"*, etc., esta elucidativa legenda: *"Esta terra he rescober(ta) per mandado do muy escelentissimo pncepe dom manuel Rey de portugall aquall se cree ser esta a ponta dasia..."*.

Ora, tendo a descoberta dessa peninsula, que então representava a *Terra do Lavrador*, sido fei-

---

(74) *"A Descoberta da America e a Suposta Prioridade dos Portugueses"*, paginas 86 e 87.

(75) Esta nossa opinião concorda com aquelas de H. P. Biggar, *"Voyages of Cabots and Corte Reals"*; F. Nansen, *"In Northern Mists"*. Por sua vez foi apoiada por J. A. Williamson, *"Voyages of the Cabots"* e por Heinrich Winter no seu erudito trabalho sob o titulo *"The Pseudo Labrador and the Oblique Meridian"*.

(76) *"Historia da Colonização Portuguesa do Brasil"*, 2.º volume, pag. 426.

ta durante o reinado de D. Manuel, como diz a inscrição transcrita do mapa de Cantino, e como este monarca começou a reinar a partir de 1495 em diante, a conclusão logica a que se pode chegar é uma só: a descoberta que querem atribuir ao navegante Lavrador (João Fernandes?) de terras nas regiões setentrionais da America é "*post*" e não pre-colombiana. O aparecimento quase simultaneo, em Lisboa, de cinco mapas (Cantino, Reinel, Kunstmann II e III e Nicolo Canerio) com a delineação da Terra Nova e da parte da Groenlandia onde foram escritas as legendas com referencia ao Lavrador, deu-se logo em seguida à chegada aí, em outubro de 1501, de dois navios da segunda expedição de Gaspar Corte Real, os quais traziam, entre outras, a noticia do desaparecimento deste explorador, sendo que a primeira expedição deste infeliz navegante partiu de Lisboa em 1500, logo após a saida de Cabral para as Indias.

É evidente que os dados para a confecção desses mapas foram trazidos pela maruja destes navios e o fato de haver num dos mapas (Kunstmann II), os dois nomes — *Corte Real e Lavrador* — indica presumivelmente que o assim chamado *Lavrador* fazia parte da tripulação aludida e que a exploração que ligou o seu nome à costa norte-americana foi feita de parceria com Gaspar Corte Real, portanto de 1500 em diante.

SEGUNDA PARTE

SUPOSTOS DESCOBRIDORES DA AMERICA MERIDIONAL

CAPITULO I

Das Lucaias a Tordesillas

Mais ou menos em 1484, Colombo se apresentou a D. João II de Portugal, solicitando navios e gente para atingir a Asia por uma rota completamente oposta àquela procurada pelos portugueses, isto é, navegando rumo ocidente. A sua proposta não foi aceita. Essa recusa por parte do monarca português podia ter por base o resultado das viagens infrutiferas dos açoreanos em procurar ilhas a Oeste de seu arquipelago, ou as conclusões a que tinham chegado os seus cosmografos, em face do resultado das viagens ao longo da costa do continente negro.

Colombo, diante do sucedido, procurou os reis da Espanha, Fernando e Isabel, aos quais expôs o seu projeto. Depois de uma serie de peripecias, obteve esse navegante tres naus, com as quais partiu de Palos a 3 de agosto de 1492, tocou nas Canarias e daí rumou, quase em linha reta, para o ocidente em procura da ilha Cipango (Japão) e da costa de Cathay (China), atingindo a 12 de outubro uma das ilhas do arquipelago das Lucaias.

Regressando à Espanha, aportou nos Açores, de onde partiu para Palos, mas um temporal obrigou-o a alterar a sua rota, arribando em Lisboa, onde desembarcou e foi ao encontro de D. João II que se achava em Valparaiso e a quem narrou a sua descoberta.

Este monarca português, segundo os cronistas seus contemporaneos, tais como Rui de Pina [77] e Garcia de Rezende [78], declarou a Colombo que a sua descoberta tinha sido realizada "*dentro dos mares e termos de seu senhorio de Guiné em que se oferecia defesão*". O descobridor do Novo Mundo limitou-se a responder que, de acordo com as instruções recebidas dos reis de Castela, não tinha ido nem à Mina, nem à Guiné e que de antemão tinha mandado afixar edital em todos os portos da Andaluzia, quando angariava tripulantes para os seus navios, dizendo que não iria aos mares da Guiné. [79]

As conclusões que podemos tirar desta entrevista entre Colombo e D. João II, para a nossa discussão, são bem claras e positivas: o monarca português ainda nessa ocasião (1493) nada sabia de positivo ou mesmo vagamente, com relação à existencia de terras ou ilhas ao ocidente dos Açores e Cabo Verde, visto que entendia erroneamente que a descoberta realizada pelo Genovês por conta da Espanha, *tinha sido feita em seus dominios da Guiné.* [80]

---

(77) Rui de Pina — "*Chronica d'El-Rey D. João II*", tomo II, pagina 178.

(78) Garcia de Rezende — "*Chronica dos Valerosos e insignes feitos de El-Rey D. João II*", cap. CLXV, pag. 241.

(79) Antonio Herrera — "*Historia General de los Hechos de los Castellanos en las Islas y Tierra Firme del Mar Oceano*" — Madrid, 1725, volume I, decada I, livro II, capitulo III, pag. 38.

(80) Alguns historiadores, principalmente os portugueses, são de parecer que o tratado de paz de Toledo, firmado entre Portugal e Castela em 1480, dividiu o Atlantico, em toda a sua extensão Este-Oeste, em duas partes, por meio de um imaginario paralelo: das ilhas das Canarias inclusive, para o Norte, tocava à

A Espanha, como era natural, procurou garantir a posse da descoberta realizada por Colombo, recorrendo para isso ao papa Alexandre VI, que a 3 de maio de 1493, expediu a primeira bula que garantia em termos gerais à Espanha, direitos semelhantes àqueles que já tinham sido concedidos a Portugal por outros papas, relativamente às descobertas feitas na costa ocidental d'Africa.

Logo que o representante de Portugal, junto à Corte de Alexandre VI, teve conhecimento dos dizeres dessa bula, alegou ser ela vaga em seus termos, sendo necessario modificá-la, estabelecendo um limite maritimo entre Portugal e Espanha, a fim de evitar futuras duvidas. Atendendo a essa

---

Espanha; desse arquipelago para o Sul, pertencia à Portugal. Desse modo, as terras que Colombo em 1492 acabava de descobrir, pertenciam à Portugal, tendo D. João II o direito de assim se manifestar, quando da entrevista que teve com o Almirante em Valparaizo.

Não esposamos essa opinião. Pelos dizeres do referido tratado, Portugal ficou com a posse de Fez, com o direito exclusivo da navegação e comercio da Guiné, com a exploração do ouro da Mina e com o dominio das ilhas da Madeira, Açores e Cabo Verde. Mas em realidade, o que Portugal advogou com mais insistencia nesse tratado e conseguiu, foi transformar o mar que banha a costa da Guiné em um *"Mare Clausum"* para seu unico uso, como acertadamente poz em relevo Edgar Prestage na sua erudita obra *"The Portuguese Pioneers"*, tradução portuguesa, segunda edição, pagina 233.

O insuspeito historiador luso, professor Duarte Leite (*"Revista Portuguesa"*, S. Paulo, 1930, tomo I, fasciculo 2.º, paginas 89 a 99), declara que, pelas bulas dos papas Nicolau V, de 1454 e de Calixto III, de 1456, tinha sido doado "a D. Afonso V *o litoral até Guiné e ainda mais além*", e que, "no tratado de Toledo, celebrado pelo primeiro (Portugal) em 1480 com Castela, esta ficou com a posse tranquila das Canarias a troco da renuncia aos direitos *sobre a costa desde Marrocos até à Guiné*, conformando-se deste modo com as duas bulas acima citadas".

representação do embaixador português, no dia seguinte, 4 de maio de 1493, baixou Alexandre VI outra bula, conhecida pelo nome de *Inter Coetera*, a qual estabelecia o limite reclamado, declarando que o dominio da Espanha começava a 100 leguas ao oeste dos Açores e Cabo Verde, estendendo-se em longitude de um a outro polo.

Não é admissivel que o pedido de Fernando e Isabel para obter a necessaria posse estivesse unido, ou na sua parte, ou na de Colombo, como pondera Harrisse [81], com sugestões relativas ao estabelecimento de uma linha de demarcações; pois, do contrario, a primeira bula, a de 3 de maio, teria exposto os limites maritimos. Além disso, não era do interesse da Espanha limitar a sua ação a este respeito.

Evidentemente o estabelecimento de um limite foi reclamado pelo embaixador português, que a 11 de abril, tinha recebido instruções de D. João II por meio de um mensageiro especialmente enviado à Santa Sé. É natural que esse embaixador havia de pedir o dominio no mar o mais que

---

Antonio de Herrera y Tordesillas, nascido em 1559 e falecido em 1625, historiador oficial do reino da Espanha, na sua "*Historia General de los Hechos de los Castellanos en las Islas y Tierra firme del Mar Oceano*", Madrid, 1725, volume I, decada I, livro II, capitulo VIII, pagina 47, diz o seguinte sobre o tratado de paz de Toledo: "...pero que sus Altezas tenian por cierto, que al Rei D. Juan no pertencia otra cosa, en todo Mar Oceano, fino las Islas de la Madera, las de los Açores, i Cabo Verde, i las demas, que entonces poseia, i lo que se havia descubierto desde las Islas de Canaria à Guinea, con sus Minas de Oro, i Tratos; i esto era solamente lo que la tocaba por el Capitulo de la Paz", etc.

(81) "*The Discovery of North America*", pag. 55.

pudesse, ao Oeste das ilhas portuguesas já conhecidas (Cabo Verde e Açores), e uma vez que solicitou que a linha imaginaria passasse 100 leguas a Oeste destes dois arquipelagos, esse é um fato que por si só basta para provar que com essa margem de 100 leguas, julgava ressalvar não só os descobrimentos efetivos no momento, como algum outro que depois levasse a efeito o governo português por meio de seus navegantes.

Como a 100 leguas a oeste das ilhas referidas na bula *Inter Coetera* a linha de demarcação não abrangia terra alguma do Novo Mundo, o que fica provado é que D. João II ignorava completamente o que podia existir além das suas ilhas atlanticas, como tambem a verdadeira distancia em que estava para com a Europa a região recem-descoberta por Colombo.

Pouco tempo depois de ser expedida a bula *Inter Coetera,* o rei D. João II manifestou-se insatisfeito com o estabelecido por Alexandre VI e aproveitando-se da situação dificil em que se encontrava a Espanha, ameaçada de uma guerra com a França por causa da posse dos condados de Rossilhão e Cerdanha, tornou-se exigente e estava a ponto de enviar uma armada ao Novo Mundo para disputar pelas armas a posse das terras descobertas por Colombo, quando a França amistosamente restituiu a Fernando e Isabel os referidos condados e desse modo a Espanha podia atacar Portugal com todo o seu poderio. Então D. João II, que entendia que as terras descobertas pelo Genovês lhe pertenciam de acordo com bulas de varios pontifices, achou mais prudente resolver a pendencia com Fernando e Isabel por meios suasorios, resultando assim o famoso Tratado de Tor-

desillas de 7 de junho de 1494, que é interpretado de diversos modos: os portugueses dizem que aí a diplomacia de D. João II obteve estrondosa vitoria; os espanhois são de parecer que o monarca português foi ludibriado.

Seja como for, nesse tratado a Espanha reconheceu plenamente a Portugal todos os direitos sobre a Guiné, ilhas da Madeira, Açores e outros territorios d'Africa, e concordou que a linha de demarcação fixada por Alexandre VI fosse afastada 270 leguas mais para Oeste, isto é, a 370 leguas das ilhas de Cabo Verde, tomando desta vez por ponto de partida a ilha mais ocidental deste arquipelago, não fazendo referencia aos Açores. Disso resultou, de acordo com os modernos conhecimentos geograficos, que a concessão feita pela Espanha a D. João II ficou reduzida a 180 leguas, porque a diferença de longitude extrema dos Açores e a extrema de Cabo Verde, é de 90 leguas.

Em Tordesillas, onde se discutia e se defendia posse de terras, o bom senso está a dizer que os delegados de ambas as partes deviam ter o maior interesse em provar quais as terras que já tinham os seus governos mandado descobrir, para assim firmar os seus direitos pela formula do "*uti possidetis*", estabelecida pela bula de Alexandre VI de 25 de setembro de 1493. Os representantes de Fernando e Isabel não fizeram segredo das regiões descobertas por Colombo, ao passo que os delegados de Portugal nada alegaram, limitando-se a advogar que a linha imaginaria de demarcação que passava a 100 leguas a Oeste das ilhas dos Açores e Cabo Verde, fosse deslocada mais

270 leguas ao ocidente deste arquipelago, como já referimos.

A este nosso argumento respondem os historiadores lusos que tudo se explica pela "*politica de sigilo*" dos monarcas portugueses. Então, como mui judiciosamente observa Morison, "tais historiadores pretendem nos convencer que, tanto D. João II como D. Manuel, fizeram tanta questão em conservar sob sigilo as terras descobertas pelos seus navegantes na America Setentrional e Meridional, a ponto de preferirem que a Espanha se apossasse dessas terras, a revelarem o segredo, a existencia delas! Com outras palavras: esses patrioticos historiadores lusos desejam que acreditemos serem esses monarcas portugueses discretos por prazer e a tal ponto, que colocaram o sigilo ao par do idiotismo." (82) Mas esse temerario conceito não faremos de D. João II e D. Manuel, em hipotese alguma.

Uma vez assinado o Tratado de Tordesillas, em que o direito das duas partes estava perfeitamente definido, que fez D. João II? Iniciou a corrida ao Mundo Novo a fim de tomar posse das terras que *escondia* de Castela? (82A) Nada disso.

(82) Samuel Eliot Morison, obra citada, pag. 81.

(82A) Somos de opinião que, antes da assinatura do Tratado de Tordesillas e pelo menos até maio de 1495, D. João II não tinha conhecimento da existencia de qualquer terra ao ocidente.

Esta nossa opinião é baseada nos dizeres da carta-patente dos Reis Catolicos, dada em Madrid em 7 de maio de 1495, que se acha arquivada na Torre do Tombo, gaveta 10, maço 5, numero 4 e transcrita por copia no final deste livro.

Essa carta-patente é um ato adicional ao Tratado de Tordesillas, aceito tanto por D. João II como por Fernando e Isabel. Entre outras cousas, estabelece esse ato adicional que, para a fixação da linha de demarcação entre Portugal e Castela, duas

E seu sucessor, o rei D. Manuel, cuidou ao menos de anunciar a existencia dessas terras que o seu falecido cunhado *ocultava?* Absolutamente não. O interesse de Portugal nessa epoca estava em encontrar o ambicionado caminho à India, tanto assim que em 1497 Vasco da Gama partiu em procura dele e o encontrou, depois de uma longa e penosa viagem.

Só depois de Caboto ter em 1497 atingido as regiões boreais do Mundo Novo; após Colombo, Hojeda, Pinzón, Lepe, La Cosa e outros navegantes espanhois terem em 1498-1499 descoberto a parte norte da America Meridional; é que *atrasados chegam os portugueses que tudo sabiam de antemão,* é que arribam em 1500 ao Novo Mundo: ao Norte, Gaspar Corte Real e ao Sul, Pedro Alvares Cabral.

E depois? Depois a atenção tanto da Espanha como de Portugal volta-se para as Molucas e o Brasil ficou esquecido até 1532.

---

comissões de astronomos e pilotos, uma portuguesa e outra espanhola, após atingirem as ilhas referidas, (Cabo Verde) velejariam rumo Oeste, *até que uma das partes encontrasse ilha ou terra firme que parecesse situada na linha divisionaria e, no caso que uma das partes encontrasse ilha ou terra firme, devia notificar a outra para que, então, os astronomos e pilotos de ambas as partes estabelecessem onde a raia devia passar.*

Evidentemente, caso D. João II, como pretendem, tivesse nessa ocasião conhecimento de terras ao ocidente, teria revelado a existencia delas aos Reis Catolicos, visto ser de seu interesse apressar o estabelecimento da linha divisionaria que, por meio de seus delegados, advogou ardorosamente em Tordesillas.

Como conciliar os dizeres do documento ora citado com a opinião dos historiadores lusos, segundo a qual, em Tordesillas D. João II tratou de defender a posse do Brasil, de cuja existencia já tinha conhecimento?

CAPITULO II

Um suposto Descobrimento do Brasil, antes de 1448

Na Biblioteca Ambrosiana de Milão existe um portulano da Europa e Africa desenhado em 1448, em Londres, pelo navegante e cartografo veneziano André Bianco.

No canto inferior esquerdo desse mapa e a Sudoeste do Cabo Verde, está assinalada uma ilha com a legenda *"Ixola Otinticha"*, que tem sido traduzida por *"ilha autentica"*. Abaixo dessa legenda existe outra, com palavras ilegiveis, em parte, o que tem dado margem a diversas interpretações, algumas delas até temerarias, como iremos ver.

Em uma sessão da *"Royal Geographical Society"*, de Londres, em 1894, o Professor da Universidade de Cambridge, H. Yule Oldham, fez uma comunicação procurando identificar a *"Ixola Otinticha"* do citado mapa de André Bianco com um trecho do litoral Norte do Brasil e, desse modo, provar que antes de 1448, era conhecida na Europa, principalmente em Portugal, a existencia de terras americanas no Atlantico Sul.

O citado professor inglês fundamentou a sua tese *("A Pre-Columbian Discovery of America")* no seguinte topico do historiador quinhentista português Antonio Galvão, que escreveu o seu *"Tratado dos Descobrimentos"* em 1563:

"No anno de 1447 tornou Nuno Tristão em huma caravella, e passou o Cabo Verde, e rio Grande; e sahio em otro que está além delle em vinte graos, onde o matarão com dezoito portugueses, e com quatro ou cinco se tornou o navio em salvamento. Contão mais que neste meyo tempo vindo huma nao de portugueses pelo Estreito de Gibaltar fóra, lhe dera tal tormenta, que correra a loeste muito mais do que quizera, e forão ter a huma ilha em que havia sete cidades, e falavão a nossa lingoa (portugueza), e preguntarão se tinhão os mouros ainda occupado Espanha donde fogirão polla perdida del Rey D. Rodrigo. O contramestre da nao diz que trouxe huma pouca darea, e que a vendera a hum ourives em Lisboa de que tirara boa cantidade douro: sabendo isto o Infante D. Pedro que ainda governava, diz que o mandou escrever na casa do Tombo. E alguns querem que estas terras, e ilhas que os portuguezes tocarão, sejão aquellas que agora chamão as Antilhas, e nova Espanha, e allegão muitas razoens para isso, em que não fallo por não tomar isto á minha conta, mas com tudo toda a causa de que não sabião dar razão era dizer, he a nova Espanha." (83)

A suposta viagem de uma nau portuguesa à lendaria ilha das Sete Cidades ou Antilha, realizada no tempo do Infante D. Henrique, era uma novela que se tinha espalhado por toda a peninsula iberica, tanto assim que dela nos dá noticia Bartolomeu Las Casas, a *"Historia de Colon"* atribuida a seu filho D. Fernando etc. Com as seguintes palavras, Las Casas se refere a essa viagem: "Esta isla de las Siete Ciudades, dicen, *se-*

(83) *"Tratado dos Descobrimentos Antigos e Modernos"*, Lisboa, 1731, pagina 24.

gun se suena, los portugueses, que fué poblada dellos al tiempo qué se perdió España reinando el rey D. Rodrigo; y dicen que por huir de aquella persecucion se embarcaron siete obispos y mucha gente, y con sus navios fueron á aportar á la dicha isla, donde cada uno hizo su pueblo, y porque la gente no pensase tornar, pusieron fuego á los navios, y dicese que en tiempo del Infante D. Enrique de Portugal, com tormenta, corrió un navio que habia salido del puerto de Portogal y no paró hasta dar en ella, y, saltando en tierra, los de la isla los llevaron à la iglesia por ver si eran cristianos y hacian las cerimonias romanas, y visto que lo eran, rogáronles que estuviesen alli hasta que viniese su señor que estaba de alli apartado; pero los marineros, temiendo no les quemasen el navio y los detuviesen alli, supechando que no querian ser sabidos ne nadie, volvieranse à Portugal muy alegres esperando recibir mercedes del Infante: *á los cuales diz que maltrató y mandó que volviesen, pero el maestre y ellos no lo osaran hacer, per cuya causa, del reino solidos, nunca más á él volvieron:* dicen más, que los grumetes cogieron cierta terra ó arena para su fogon, y que hallaron que mucha parte della era oro." (84)

Apesar do cunho caracteristico da mais pura fantasia que se nota na narração que dessa viagem à imaginaria ilha das "*Sete Cidades*" fez Antonio Galvão; tendo Bartolomeu Las Casas a ela feito referencia com o escopo de ridicularizа-la, frisando que o proprio Infante D. Henrique maltratou esses pseudo-descobridores, tachando-os de embusteiros; não existindo, como acabamos de

(84) Bartolomeu Las Casas, *"Historia de las-Indias"*, Madrid, 1875, volume I, capitulo XIII, paginas 99 e 100.

ver, na narração dessa suposta viagem de uma nau portuguesa à mistica ilha das *"Sete Cidades"* a menor referencia a ter ela, quer na ida quer na volta, tocado em qualquer terra ou ilha situada ao ocidente da Africa, portanto no Atlantico Sul, não trepidou o Professor Oldham em atribuir aos tripulantes desse navio a possibilidade de terem descoberto qualquer parte do litoral Norte do Brasil, de modo a fornecer a André Bianco as informações necessarias para que este cartografo mencionasse em seu mapa desenhado em Londres em 1448 essa descoberta, representando-a por meio da famosa *"Ixola Otinticha"*.

Porém a sua tese que foi publicada no *"Geographical Journal"* do mês de março de 1895, provocou, como era natural, veemente repulsa da parte dos socios da *"Royal Geographical Society"*, tendo sido combatida por notabilidades tais como E. G. Ravenstein, Raymond Beazley e Clements Markham.

Em 1448, quando André Bianco desenhou o seu portulano, Portugal ainda estava no inicio das suas descobertas maritimas ao longo da costa ocidental do continente africano, visto que só depois de 12 anos de continuas e infrutiferas tentativas, em 1434, conseguiu Gil Eanes dobrar o cabo Bojador, fazendo uso de uma barca. A navegação ainda era a de cabotagem. Por outro lado, faltavam marinheiros habeis e escasso e antiquado era o material, tanto assim que o Infante D. Henrique aceitou e até solicitou a colaboração de navegantes italianos, tais como Cá da Mosto, Usodimare, Antonio da Noli e outros; de igual modo os seus navegantes realizaram as suas primeiras viagens em barcas, barineis e fustas.

No começo da empresa maritima na costa africana, tiveram os nautas portugueses necessidade de resolver um grande problema que, ainda em 1448, quando Bianco desenhou o seu mapa, não tinha tido completa solução. Consistia ele em encontrar o melhor meio para que o navio que fosse à Africa pudesse regressar ao ponto de partida, que geralmente era o porto de Lagos, vencendo correntes maritimas e principalmente ventos ponteiros. Isso só foi possivel com o decorrer do tempo e, consequentemente, com conhecimentos mais apurados que, da arte de navegar, adquiriram com sucessivas viagens ao longo do litoral africano. Desses conhecimentos resultou uma serie de modificações introduzidas na caravela, barco empregado pelos portugueses desde o seculo XIII na pesca e na cabotagem. A principal das modificações foi a de dispor as velas, chamadas latinas, no sentido longitudinal e não no transversal, em relação à quilha, permitindo que a caravela impelida pelo vento se movesse num rumo contrario ao mesmo vento, isto é, navegasse à bolina.

Desse modo, admitir a possibilidade de um navio português ter atravessado o Atlantico Sul, descoberto o Brasil e regressado ao porto de partida, com tempo de Bianco em 1448 assinalar esse descobrimento em seu portulano, importa dar credito a existir já naquela epoca quem conhecesse a existencia da formidavel corrente equatorial e meios de a vencer; quem soubesse da existencia dos alisios de Sudeste e de Nordeste, dos ventos escassos, e estivesse habilitado a lutar contra esses ventos por muito tempo, isto é, quem já conhecesse perfeitamente a arte de navegar à bolina.

Logo em seguida à publicação do trabalho do professor Yule Oldham no *"Geographical Journal"*, em 1895, o historiador italiano Carlo Errera publicou na *"Memorie della Societá Geografica Italiana"*, volume V, paginas 202 a 225, um trabalho onde declara que examinou na Biblioteca Marciana o mapa de Bianco, e que a distancia indicada na legenda é 500 milhas, e não 1500 como pretendia Yule Oldham.

Em 1897, o historiador português Jaime Batalha Reis, com o titulo *"The Supposed Discovery of South America before 1448, and the Critical Methods of the Historians of Geographical Discovery"*, publicou por sua vez no *"Geographical Journal"* um trabalho sobre a ilha em questão e apoiou plenamente as conclusões do referido professor inglês.

Nessa mesma revista geografica inglesa, em 1926, o professor E. G. R. Taylor procurou identificar a *"Ixola Otinticha"* com a extremidade Oeste da costa Sul do golfo da Guiné, representado este por uma reentrancia longa e profunda que se nota no mapa-mundi catalão de 1450, existente na Biblioteca Estense de Modena.

Em 1932, o Professor Manuel d'Oliveira Ramos, repetindo de modo sintetico os argumentos de Jaime Batalha Reis, foi de opinião que a ilha em estudo, de fato pode ser identificada como fez o Professor Oldham, com uma região qualquer do litoral norte brasileiro. (85)

Jaime Cortesão, por sua vez, tambem em 1932, fez um detalhado estudo sobre as correntes mariti-

(85) *"Historia de Portugal"*, Barcelos, 1932, volume III, paginas 591 e 592.

mas e os ventos que imperam no Atlantico Sul, concluindo por admitir a possibilidade de a *"Ixola Otinticha"* representar uma parte do litoral do Brasil situada ao Norte, descoberta por um navegante português no tempo do Infante D. Henrique que, inadvertidamente ou não, se afastou em demasia das costas d'Africa, tendo sido arrojado às terras do ocidente (Brasil) pela corrente equatorial. (86)

No decimo quinto *"Congresso Internacional de Geografia"*, realizado em Amsterdam, em 1938, foi debatida a questão relacionada com a geografia do litoral ocidental da Africa e estudada a identificação da *"Ixola Otinticha"* pelo Professor F. C. Wieder e outros congressistas.

Ultimamente o historiador e navegante norte-americano Samuel Eliot Morison, fazendo um estudo comparativo entre o mapa de André Bianco de 1448 e o de Gracioso Benincasa de 1469 existente na Biblioteca de Ancona, procurou identificar a *"Ixola Otinticha"* como a *ilha "Usamanta"*, uma do arquipelago das Bissagos que fica em frente do estuario do rio Geba, na Africa ocidental. (87)

Ora defendendo o ponto de vista do Professor Oldham, ora divergindo dele, diversos historiadores e geografos, tanto da Europa como da America, têm se ocupado da *"Ixola Otinticha"*, sem todavia apresentar uma identificação satisfatoria.

Estudando nós em 1944 a questão relacionada com o descobrimento das ilhas do arquipelago de

---

(86) *"Historia de Portugal"*, Barcelos, 1932, volume IV, paginas 130 a 138.

(87) *"Portuguese Voyage to America in the Fifteenth Century"*, Cambridge, 1940, paginas 119 a 125.

Cabo Verde, deparamos entre as paginas 98 e 99 do livro editado pelo Ministerio das Colonias da Republica Portuguesa, com o titulo: — *"Cartas das Ilhas de Cabo Verde, de Vâlentim Fernandes"*, por A. Fontoura da Costa, a reprodução fotografica de uma parte do mapa de André Bianco de 1448, justamente onde existe desenhada a tão discutida *"Ixola Otinticha"*.

A nossa surpresa foi enorme, ao verificarmos nessa reprodução fotografica a existencia de uma outra legenda, já por nós referida, na ilha em estudo, com palavras, em parte ilegiveis, mas distinguindo-se perfeitamente estes vocabulos finais: *"a ponete /500/mia"*, o que se pode verificar no clichê que aqui publicamos.

Diante desse fato que nos causou admiração, passamos a confrontar esse trecho do portulano de André Bianco, cuja fotografia vem reproduzida, como já dissemos, no trabalho editado pelo Ministerio das Colonias de Portugal, com identico trecho desse mapa estampado em varios livros e revistas e, assim procedendo, chegamos a esta conclusão: a legenda em apreço da carta do navegante e cartografo veneziano André Bianco, desenhada em Londres em 1448, tem sido astuciosamente adulterada com o escopo premeditado de levar os incautos a identificar a *"Ixola Otinticha"* com uma

parte do litoral Norte do Brasil onde está o Cabo S. Roque e, assim, provar que, antes de 1448, houve um navegante português que aportou em terras americanas no Atlantico Sul.

A titulo de exemplo, reproduzimos aqui a legenda adulterada da *"Ixola Otinticha"* que vem publicada no volume I, pagina XXXII, da *"Historia da Colonização Portuguesa do Brasil"*.

ixolaotinticha
Xc longa a ponete 1500 mia

Como facil é verificar, a falsificação consistiu em alterar de 500 para 1500 o numero de milhas indicado na legenda da ilha em apreço, tendo-se em vista que a distancia real entre Cabo Verde e o cabo de São Roque no Brasil é aproximadamente de 1.520 milhas.

E, radiantes, assim comentam os historiadores portugueses: "Parece que a estimativa (feita por André Bianco) está apenas errada em 20 milhas, o que é já um resultado de rara precisão." (88)

Mas os que assim se pronunciam não levam em consideração o fato de ser humanamente impossivel, na epoca em que Bianco desenhou o seu mapa e mesmo muito depois, indicar-se *a longitude* de um ponto qualquer da Terra, sem se incor-

---

(88) *"Historia de Portugal"*, Barcelos, 1932, volume III, pagina 392.

rer em grandes erros. Vejamos o que a este respeito diz A. Fontoura da Costa (*"A Marinharia dos Descobrimentos"*, Lisboa, 1939, paginas 147 a 149).

"A determinação simultanea da *latitude* e da *longitude* constitue o *problema do ponto no mar*, hoje de uso corrente a bordo, obtendo todos os pilotos das marinhas de guerra e mercante, com a maior facilidade, os tres pontos principais: *de alva, do meio dia e da tarde"*

"Mas até grande parte do seculo XVIII só se determinava uma das coordenadas: *a latitude*, especialmente *ao meio dia;* a *longitude,* pelos nossos denominada *altura de leste-oeste* e tambem *longura,* era então impossivel de obter, apezar do reconhecimento da necessidade da sua determinação, quando a navegação começou a afastar-se das costas da Africa".

"Dos nossos autores coevos dos *Descobrimentos,* é Duarte Pacheco o primeiro que se refere à *longitude,* no final do capitulo 8.° do seu *"Esmeraldo*: "... os graaos da longura se contam de ouriente em oucidente a que os marinheiros chamom lest o oest & por ser dificil podem se saber por nom terem ponto firme & fixo como som os pollos que unem ha ladeza nom curo de nisto mais fallar."

"Reconhecia implicitamente a necessidade do conhecimento da *longitude,* como tambem Colombo nas suas *notas,* mas não tratava dela por não ter origem fixa. E se bem o disse, melhor o fez."

"O problema da longitude arrastou-se durante seculos, sem solução pratica, não obstante os incitamentos pecuniarios dos espanhois (com Filipe III, cerca de 1600), dos Estados Gerais da

Holanda, do Parlamento inglês (1714) e do premio Rouillé (1715) da Academia das Ciencias Francesa".

"Citemos alguns erros averiguados, para mostrarmos a que disparates, muitas vezes fatais, conduziam *as longitudes estimadas*, mesmo após a invenção da *barquinha* e o uso de *agulhas* perfeitas:

1.°) Erros de 1 grau em viagens de cinco dias, chegando a mais de 2 graus em vinte dias;

2.°) Em 1689 ainda a Carta do Mediterraneo estava alongada em *longitude* de 1/7 a 1/4 do seu comprimento;

3.°) Em 1751 havia uma diferença de 9 graus entre as cartas inglesas e holandesas das regiões da Terra Nova fundadas na *estima*:

4.°) Duas cartas de meados do seculo XVIII dão a nossa ilha do Corvo com uma diferença de cerca de 4½ graus entre elas."

"*As distancias lunares*, indicadas primitivamente pelo astronomo Werner (1514), só tiveram execução no seculo XVIII com o aperfeiçoamento das *tabuas lunares*, a aparição dos *instrumentos de reflexão*, a utilização dos *logaritmos* e os progressos da *trigonometria* e da *Astronomia*. Deram elas uma primeira solução desse *problema da longitude*, que não satisfez completamente, só vindo a ter realidade pratica nos primeiros lustros do seculo XIX com o uso dos *cronometros* aperfeiçoados, que permitiram obter a *hora do primeiro meridiano* sensivelmente exacta."

"Podia então determinar-se isoladamente a *latitude* e a *longitude*, o que ainda não satisfazia o navegador, que só obteve a verdadeira efectivação pratica *do ponto no mar: simultaneidade das duas coordenadas*, quando em 1837 o capitão ame-

ricano Sumner descobriu as *curvas e as rectas de altura.* Estas não só fornecem esse *ponto no mar,* como ainda permitem *utilizar uma só observação de qualquer astro".*

À vista do exposto, é erro gravissimo admitir alguem a possibilidade de André Bianco em 1448 assinalar em seu portulano uma ilha no Atlantico Sul para designar o Brasil, indicando com quasi absoluta precisão a distancia *em longitude* entre o litoral brasileiro e Cabo Verde, as tais 1500 milhas que querem à viva força ser o que se pode ler na legenda da *"Ixola Otinticha".* Se esta ilha representasse em realidade um trecho do litoral norte brasileiro, não seria possivel a Bianco localiza-la a Oeste de Cabo Verde, apenas praticando um erro de *longitude* de 20 milhas, pois que a distancia entre o referido cabo e aquele de S. Roque é de 1520 milhas. O erro nesse caso seria no minimo de 3 a 4 graus, isso no caso de se admitir que em 1448 se errasse tanto como em 1500, no calculo de *longitude.*

Descoberta a fraude, restava-nos identificar a *"Ixola Otinticha".* Mas desse trabalho nos poupou o erudito e probo historiador português A. Fontoura da Costa no seu já citado trabalho, com a seguinte passagem:

"No canto inferior esquerdo da carta de Bianco de 1448, vê-se uma ilha proximamente a S. W. do Cabo Verde, com a seguinte inscrição:

Ixola Otinticha

x e longa a ponente / 500 / mia

"O professor Wieder não concorda com a interpretação *"x e longa",* devida a Theobaldo

Ficher: a leitura sendo quase ilegivel, o problema é de natureza enigmatico. Mas para o seguimento deste assunto, não tem o caso a menor importancia".

"O desenho desta ilha aproxima-se muito, na sua configuração Norte, dos da *"Ilha de San Jacomo"* (*"Santiago"*) das cartas de Benincasa."

"Alguns autores supuseram que *"Ixola Otinticha"* se refere ao Brasil: suposição absolutamente gratuita."

"Cremos que as palavras *"a ponente /500/ mia"* podem significar que *"a ilha fica a 500 milhas ao poente do continente (Cabo Verde)"*. As "500 milhas (italianas)" pouco divergem da distancia verdadeira (cerca de 400 milhas, tambem italianas): o erro, nessa epoca, era de facil cometimento; quanto à orientação *"ponente"* é de admitir que o autor, curando por informações, quisesse indicar *"para o poente."* (89)

Desse modo, está perfeitamente identificada a famigerada *"Ixola Otinticha"* do portulano de André Bianco de 1448, com a atual ilha de Santiago, uma do arquipelago de Cabo Verde e ao mesmo tempo anulada uma das pretensas provas de ter sido o Brasil descoberto pelos portugueses anteriormente ao feito de Colombo e a viagem de Cabral a Calicut.

---

(89) *"Cartas das Ilhas de Cabo Verde de Valentim Fernandes"*, Lisboa, 1939, paginas 97 e 98.

CAPITULO III

O lendario João Ramalho

Querendo dar aos portugueses a prioridade do conhecimento da America, frei Gaspar da Madre de Deus, em um documento datado de 3 de julho de 1784 e existente no arquivo do Mosteiro de S. Bento, em São Paulo (90), depois de narrar o descobrimento do Novo Mundo por Colombo, devido às instruções que lhe dera a viuva de Alonso Sanches (não o proprio Sanches, como referiu Oviedo, Gomara, Garcilasso e outros), procurou reivindicar essa gloria a João Ramalho, porque, disse Frei Gaspar, no ato de fazer o seu testamento em São Paulo, no dia 3 de maio de 1580, declarou, sem que ninguem perguntasse, que havia uns noventa anos que estava no Brasil, do que concluiu Frei Gaspar que esse português já residia em terras americanas, oito anos antes que Colombo as tivesse pela primeira vez descoberto. São estas as expressões de Frei Gaspar:

"Eu tenho uma copia do testamento original de João Ramalho escripto nas notas da Villa de S. Paulo pelo tabellião Lourenço Vaz, aos 3 de Maio de 1580. A factura do dito testamento, além do referido tabellião assistiram o Juiz Ordinario Pedro Dias e quatro testemunhas, as quaes todos

---

(90) *"Revista do Instituto Historico Brasileiro"*, vol. II, pagina 427.

ouvirão as disposições do testador. Elle duas vezes repetiu que tinha alguns noventa annos de existencia nesta terra, sem que ninguem lhe advertisse que se enganava... Se pois na éra de 1580 contava João Ramalho alguns 90 annos de residencia no Brasil, segue-se que aqui entrou em 1490, pouco mais ou menos; e como a America pela parte do Norte foi descoberta em 1492, resulta que no Brazil assistirão Portuguezes 8 annos pouco mais ou menos, antes de se saber na Europa que existia o mundo novo: digo Portuguezes no plural, porque das Memorias do Padre Jorge Moreira, escriptas no meio do seculo passado, consta que com João Ramalho veio Antonio Rodrigues, o qual, diz o author, casara com uma filha de Piquirobi, Cacique da aldêa de Hururay."

Todos os historiadores nacionais de merito que de João Ramalho têm tratado, entre os quais agora lembramos os nomes de João Mendes Junior, Azevedo Marques, Machado de Oliveira, João Mendes de Almeida, Barão do Rio Branco, Capistrano de Abreu, Moreira Pinto e Teodoro Sampaio, são unanimes em declarar que absolutamente ele não antecedeu a Colombo no conhecimento da America e quase todos concordam em afirmar que Frei Gaspar foi vitima de um engano por parte do copista que lhe tirou a copia do testamento do Alcaide-Mor de Santo André, o qual, por estar o referido documento original com as letras semi-apagadas devido a ação do tempo, tomou um 7 do original por um 9 e em vez de 70 anos como estava no original, escreveu 90.

Parecerá, à primeira vista, que essa referencia dos eruditos historiadores nacionais não é digna

de todo o conceito, com o que de fato concordariamos, se ela não fosse fortemente documentada.

João Mendes Junior [91], baseado no livro de vereanças da Camara de S. Paulo, sessão de 15 de fevereiro de 1564, diz: "João Fernandes, escrivão da Camara, e Balthazar Rodriguez, procurador do conselho, vão á casa de Lourenço Martins, onde estava de pousada João Ramalho, e ahi lhe requerem que aceitasse o cargo de vereador de S. Paulo, porque saira na eleição em pauta; João Ramalho recusou-se, allegando *ser homem velho, maior de 78 annos.*"

Se, como vemos, baseado em um documento publico, o dr. Mendes Junior declara que em 1564 João Ramalho *era maior de 78 annos de idade*, em 1580, ao fazer o seu testamento, teria de fato perto de 94 anos, isto é, mais ou menos *uns noventa*, porém não de Brasil, como declarou Frei Gaspar, mas sim de idade.

Um outro documento de valor para a presente discussão, é sem duvida, a carta de sesmaria a favor de Pedro Góes, das terras de Tecoapara, vertentes do Geribatiba, ao oriente de Santos, e passada por Martim Afonso de Sousa, em 15 de outubro de 1532. Um dos topicos dessa carta de sesmaria escrita pelo escrivão Pedro Capico, diz: "... *e levei comigo João Ramalho e Antonio Rodrigues, linguas desta terra, já de quinze e vinte annos estantes nesta terra, etc.*" [92]

Se nessa data (1532) já os dois referidos *linguas* contavam, um quinze anos e outro vinte de

---

(91) João Mendes Junior — *"Municipio da Capital de S. Paulo"*, pag. 12.

(92) *"Revista do Instituto Historico de S. Paulo"*, vol. IX, pag. 466; VII, pag. 256.

permanencia no Brasil, é claro que para aqui vieram não em 1490, mas de 1512 a 1517, justamente quando os mares de nossa Patria eram navegados por navios espanhois que iam até o Rio da Prata, pelos franceses que aqui vinham traficar com os selvagens e pelos navios portugueses em viagens de explorações.

Entre os papeis do arquivo de José Bonifacio, o Patriarca, o dr. Washington Luis encontrou um manuscrito (93), o qual vem derramar muita luz sobre esta questão de João Ramalho. Vamos aqui inserir os trechos mais interessantes desse documento.

"Hum msc. velho q. tinha Fran.^{co} de Godoi Moreira dis q. antes dos Portuguezes virem pôvoar o Brasil viera primeiro João Ramalho, q. em Portugal havia sido Escudr.^{o} da Snr.^{a} Rainha, q. por delictos q. na corte fizera, o mandara lançar nesta costa, onde hoje he villa de Santos... Meo Tio o Cap.^{m} João Teixeira de Carvalho, Governador da Fortaleza do Itapema... Do Testam.^{to} do d.^{to} Ramalho (cart. de Notas caderno rubric. por João Soares tt.^{o} Abril 1850 fol. 10) consta ser elle natural de Bousella, comarca de Viseo, filho de João Velho Maldonado, e sua Mãe Catherina Affonso de Balbóde, e q. do tempo q. a esta terra (Brasil) viera se cazara com hûa moça, q. se chamava Catherina Fernandes dos Vacas, a ql. lhe parece, q. ao teampo q. se della partio p.^{a} vir p.^{a} ca, ficara prenhe, e qu' isto havera alguns 90 annos (*eu leio 70 annos*) q. elle neste terra esta."

Comentando esse documento, o dr. Washington Luis diz que é todo ele escrito pelo proprio

(93) *"Revista do Instituto Historico de S. Paulo"*, vol. IX, pags. 563 e 564.

punho de José Bonifacio, mas que não pode ser de sua lavra, visto que o autor se declara sobrinho do capitão João Teixeira de Carvalho, grau de parentesco que o ilustre santista não tinha com este capitão governador da Fortaleza de Itapema, e acertadamente conclui que esse manuscrito não é um original, mas uma copia feita pelo Patriarca da nossa independencia.

O fato de no manuscrito existirem particularidades tão precisas, como rubrica, ano, mês e folhas, indica, como bem observou o dr. Washington Luis, que o autor do escrito do qual José Bonifacio extraiu a copia, leu o testamento, não em um traslado, mas no proprio livro de notas em que foi ele lavrado; e tendo empregado o verbo no presente, escrevendo *eu leio 70 annos*, conclui-se que esse livro existia no tempo em que tal copia foi feita.

Não sabemos como foi que Frei Gaspar pode concordar com a data errada existente na copia que lhe foi tirada do testamento de João Ramalho, uma vez que ele referiu ter conhecimento da carta de sesmaria a Pedro Góes, já por nós referida, na qual em 1532 foi dito *que João Ramalho e Antonio Rodrigues eram linguas estantes no Brasil de quinze e vinte anos*, afirmativa esta que dá a João Ramalho em 1580, na epoca de fazer o seu testamento, de 63 a 68 anos de residencia no Brasil, isto é, *uns setenta anos* e não noventa.

Na sessão de 5 de junho de 1934, do Instituto Historico e Geografico de São Paulo, o padre Serafim Leite leu um documento que, ao nosso ver, põe um ponto final nesta debatida questão sobre a epoca em que teria João Ramalho chegado ao Brasil ou melhor, ao atual Estado de S. Paulo.

O documento em apreço é uma carta autografa do provincial da Companhia de Jesus no Brasil, padre Manuel da Nobrega, ao provincial da mesma ordem religiosa em Portugal, padre Luis Gonçalves da Camara, missiva essa datada do sertão da Capitania de S. Vicente em 31 de agosto de 1553, na qual existe este topico (94):

"Este homem (João Ramalho), para mais ajuda, é parente do padre Paiva e cá se conheceram. *Quando veio da terra que haverá quarenta anos e mais,* deixou a mulher lá, viva, e nunca mais soube dela, mais que lhe parece ser morta, pois já vão tantos anos."

Fica assim esclarecido que, em agosto de 1553, João Ramalho contava pouco mais de quarenta anos de permanencia na Capitania de S. Vicente, isto é, aportou ao Brasil mais ou menos entre 1512 a 1515.

---

(94) *"Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo"*, vol II, paginas 44 a 46.

CAPITULO IV

A carta de Estevão Fróis

Na coleção dos documentos da Torre do Tombo, existe uma carta endereçada da cidade de S. Domingos ao rei D. Manuel, datada de 30 de julho de 1514 e assinada por Estevão Fróis. Quem revelou a existencia de tal documento foi o erudito historiador brasileiro Francisco Adolfo de Varnhagen. Essa carta de inicio diz o seguinte:

"Eu escrevi a Vossa Alteza destas Indias onde estou preso como Vossa Alteza sabe, e, assim, senhor, tive cá maneira de fazer tresladar o processo que contra nós intentaram e o mandei a Vossa Alteza para ser informado do que diziam contra nós e depois de lá, senhor, estar o processo, o que ao diante nele se fez. Assim é que saiu o alcaide-mor Marcos d'Aguilar com um despacho que antes de mais nada ordenava que mice Francisco Corco e Pero Corco, o que cá havia estado, fossem metidos a tormento, não prejudicando ao provado contra nós pelo promotor da justiça, do qual despacho apelamos para a relação de Sua Alteza, que confirmou a sentença do alcaide-mor, e este as meteu a tormento de agua e cordeis e lhes perguntavam no tormento se vinhamos de Portugal com intenção de entrarmos em terras d'el-rei de Castela. Responderam que não e que vinham a descobrir terras novas de Vossa Alteza, como tinham dito em seus interrogatorios, e apesar disto,

senhor, nos não querem despachar, nem nos quiseram receber a prova do que alegavamos, *como Vossa Alteza possuia estas terras há vinte anos e mais* e que já João Coelho, o da porta da Cruz, vizinho da cidade de Lisboa, viera por onde nós outros vinhamos a descobrir *e que Vossa Alteza estava de posse destas terras por muitos tempos e que o assente quanto a limites era que da linha equinocial para o sul pertencia a Vossa Alteza e da mesma linha para o norte a el-rei de Castela* e nós não passaramos a linha equinocial nem chegaramos a ela com 150 leguas. Ainda mais: as testemunhas contra nós eram suspeitas por serem castelhanos, o que, segundo a regra e lei do Direito assim era que, sobre caso de propriedade entre um reino e outro não se haviam de receber testemunhas dos naturais do reino quanto mais, senhor, que todas estas testemunhas, que contra nós deram, eram todos os que nos prejudicavam, dos naturais de Palos, homens que nos queriam mal por causa de um Diogo de Lepe que Vossa Alteza mandou enforcar por ter sido encontrado na Guiné com certos negros furtados. Essas testemunhas andavam dizendo por toda esta cidade que nos enforcassem a todos, pois nada faltava para os apropriar aos judeus quando diziam que o seu sangue viesse sobre nós e sobre nossos filhos, etc. Disto, senhor, e doutras coisas mais por inteiro fizemos artigos sem nos quererem receber a prova de nenhum."

"Agora, senhor, não sei o que quererão fazer. O feito está concluso sobre o tormento; não sei o que será e nós senhor, não temos por nós senão o bacharel Pero Moreno. Temo-lo por nosso letrado, e, além de ser nosso advogado, nos ajuda em todas

as outras necessidades por sermos naturais do reino de Vossa Alteza, e nos diz que por sermos vassalos de Vossa Alteza fará tudo o que puder, como de feito faz." (95)

Louvando-se nessa passagem da carta de Estevão Fróis a D. Manuel, historiadores modernos de Portugal, inadvertidamente opinam: se em 1514 as terras onde esse navegante aportou, pertenciam a Portugal há mais de 20 anos, segue-se que elas foram descobertas pelos portugueses antes de 1494, antes do Tratado de Tordesillas. (96)

---

(95) *"Historia da Colonização Portuguesa do Brasil"*, volume I, introdução, pagina XLVI.

(96) Jordão de Freitas — *"O descobrimento pre-colombiano da America austral pelos portugueses"*, revista *"Lusitania"*, fasciculo IX, 1926, paginas 315 a 327, dá grande importancia ao citado passo da carta de Fróis, dizendo que "certamente que conhecia (ele) a existencia de portugueses mais de vinte anos atrás (de 1514) no nordeste brasileiro, em Pernambuco".

A respeito do que escreveu Jordão de Freitas na citada revista, cabe-nos fazer aqui um resumido comentario.

O Tratado de Tordesillas firmado em 1494, foi unicamente entre a Espanha e Portugal, não estando obrigados às suas clausulas os demais paises da Europa. Desse modo, logo após o descobrimento do Brasil por Cabral, os franceses trataram de traficar com os nossos selvagens, chegando mesmo a estabelecer feitorias no nosso país.

Em 1532, uma nau que partiu de Marselha com 18 canhões e 120 homens, denominada *"La Pélerine"*, armada á custa de Bertrand d'Ornessan, barão de Saint-Blancard, almirante da frota francesa do Mediterraneo, atacou e tomou posse de uma feitoria portuguesa em Pernambuco, levantando aí uma fortaleza provisoria que, nesse mesmo ano de 1532, foi atacada e destruida por Pero Lopes de Sousa.

Disso resultou que o barão de Saint-Blancard apresentasse ao seu governo energico protesto, que foi encaminhado ao de Portugal, contra o acto de Pero Lopes de Sousa, pelo que em 1535 foi instituido um tribunal na cidade de Baiona (França), composto de quatro juizes, sendo dois franceses e dois portugue-

À primeira vista, esse conceito é de impressionar, mas estudado com calma e criterio o topico citado da carta do lamuriento navegador português, não apresenta a opinião dos lusos historiadores a menor consistencia, não resiste ao embate da critica.

Preso em *flagrante delito* pelos espanhois quando violava o Tratado de Tordesillas, quando ultrapassava a linha de demarcação invadindo terras e mares de Castela, quais as desculpas que poderia apresentar Fróis, se não as que constam da carta que conhecemos e que enviou a D. Manuel?

---

ses, para atender às reclamações de presas e tomadias, dos queixosos de ambas as partes.

Tanto os franceses como os portugueses, como era natural, tinham o maximo interesse em dilatar, o mais possivel, o numero de anos em que estavam de posse do local da referida feitoria de Pernambuco, isso a bem de seus direitos. Assim, por um documento que o historiador luso Jordão de Freitas encontrou no arquivo da Torre do Tombo, datado de *12 de julho de 1539*, sabemos que os advogados dos portugueses nesse tribunal sugeriram que entre outras alegações a serem apresentadas aos juizes, fossem incluidas as seguintes:

a) que em Pernambuco existiam, ha mais de trinta anos, uma fortaleza e um castelo, feitos pelo rei de Portugal e seus vassalos;

b) que o dito castelo era habitado pelos portugueses que tinham aí as suas casas de morada, havia quarenta anos e mais.

Acontece que, o documento em apreço tendo sido datado, como já vimos, em *12 de julho de 1539*, temos que o castelo e a fortaleza foram edificados em 1508 ou pouco antes dessa data, e que os portugueses tinham as suas casas de morada, no referido local, a partir de 1499, ou tambem pouco antes.

A ocurrencia que deu causa à instituição do referido tribunal em Baiona, isto é, a destruição por Pero Lopes de Sousa da feitoria francesa de Pernambuco, foi em 1532. No entanto o documento a que se refere Jordão de Freitas diz que tal facto aconteceu em 1531. Ora, que valor podemos emprestar a tal

Sabia Fróis muito bem que, à semelhança do que faziam os portugueses aos que invadiam os seus dominios nos mares da Guiné, os espanhois castigavam severamente todo aquele que ultrapassava a raia e penetrava nos seus mares e nas suas terras do Mundo Novo. Daí alegar Fróis que aquelas terras onde fora preso, há mais de 20 anos pertenciam à coroa portuguesa, o que importava dizer que antes do Tratado de Tordesillas, já eram elas do dominio de Portugal; daí fingir-se de ignorante quanto ao estabelecimento da linha de demarcação em 1494 entre os dominios de Castela e Portugal no então Mar Oceano, alegando que "*o assento quanto a limites era que da linha equinocial para o Sul pertencia a Portugal e da mesma linha para o Norte a Castela*".

---

documento, uma vez que tendo sido escrito em 1539, portanto apenas 7 anos após a destruição da feitoria francesa por Pero Lopes, revela que quem o escreveu, não sabia nem a data exata em que tal fato ocorreu?

Em realidade, a que ficam reduzidas, do documento em apreço, as frases "ha mais de trinta anos" e "havia quarenta anos e mais", a que se apega Jordão de Freitas para a defesa da sua extravagante conjetura de um descobrimento pre-colombiano da America austral pelos portugueses?

Quer nos parecer que não estão terminadas as investigações que o ilustre historiador luso fez visando provar um descobrimento pre-colombiano do Brasil por nautas portugueses. Para a completa elucidação da questão, seria de toda a conveniencia que uma cuidadosa busca fosse feita nos arquivos de Baiona. No caso de terem os portugueses apresentado aos juizes do tribunal as alegações a que se refere o documento revelado por Jordão de Freitas e existente no arquivo da Torre do Tombo, seguramente os franceses as impugnaram. Não seria de admirar que tivessem declarado conhecer o litoral de Pernambuco a partir de uma data muito anterior àquela referida pelos portugueses. Quiçá não tenham até indicado o nome de um emulo do lendario Jean Cousin.

Com esses argumentos é evidente que Fróis procurava despistar os espanhois adaptando o seu caso ao Tratado de Paz de Toledo de 1480 entre Portugal e Castela, segundo o qual, das ilhas das Canarias exclusive, para o Sul, tudo que era ou fosse descoberto nos mares da Guiné pertenceria a Portugal, ao passo que desse arquipelago para o Norte, exceção feita das ilhas da Madeira e Açores, tocaria à Espanha. (97) Mas em realidade, quando em 1513 Fróis foi preso pelos castelhanos, o Tratado de Toledo já tinha caducado, estando em vigor o de Tordesillas.

Sobre essas justificativas esfarrapadas de Fróis, diz o insuspeito historiador português, professor Duarte Leite, o seguinte: "Os navegadores (portugueses) para o Brasil iam sempre munidos, sobretudo nos primeiros decenios do seculo XVI, de cartas de marear *onde estava traçada a divisoria (do Tratado de Tordesillas)*, para evitar a inconsciente invasão da zona defesa e a possivel surpresa de navios castelhanos: mas por vezes ultrapassavam deliberadamente a demarcação, ou eram a isso forçados por necessidade da navegação, como alegou ter feito Estevão Fróis. O que ele escreveu a D. Manuel acerca de limites *não passa duma desculpa desajeitada* de ter violado terras defesas, e digo-a desajeitada, *porque os viajantes bem sabiam que a demarcação era feita por um meridiano, como indicavam as cartas de marear e não pelo paralelo equinocial.*" (98)

---

(97) *"Alguns Documentos do Arquivo Nacional da Torre do Tombo"*, Lisboa, 1892, paginas 42 e 43.

(98) Duarte Leite — *"A Divisoria de Tordesillas"* — *"Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa"*, Setembro-Outubro 1940.

Historiadores de incontestavel erudição, tais como o Barão do Rio Branco, Francisco Adolfo Varnhagen, Capistrano de Abreu e outros [99], concluem do topico citado da carta de Fróis a D. Manuel, que de 1502 a 1513, diversos navegantes portugueses visitaram o litoral Norte do Brasil, desde a foz do Amazonas até as Guianas, uns encarregados oficialmente da exploração das costas e outros com o escopo comercial. Os detalhes dessas viagens são desconhecidos, podendo-se apenas citar os nomes de alguns dos exploradores: João Coelho (Gonçalo Coelho?) em 1502; João de Lisboa; Diogo Ribeiro, morto pelos selvagens; e o proprio Estevão Fróis que se fez acompanhar dos pilotos Francisco e Pedro Corso, sendo que tanto Fróis como os Corsos, foram presos pelos castelhanos depois de terem percorrido o litoral setentrional do Brasil, ao Sul da linha equinocial, e provavelmente as embocaduras do Amazonas, visto que alguns cartografos, entre eles Gutierrez, denominaram a extremidade ocidental deste rio Cabo Corso, mais tarde mudado para Cabo Raso.

Não existe documentação alguma que esclareça qual o fim que tiveram Estevão Fróis e os pilotos Corsos; se foram sentenciados ou absolvidos.

Capistrano de Abreu, que foi o primeiro a dar publicidade à carta de Fróis, baseando-se no que

---

(99) Barão do Rio Branco, "*Frontières Entre Le Brésil et la Guyane Française*, Mémoire", Paris, 1899, volume I, paginas 60 e 61; Francisco Adolfo de Varnhagen, "*Historia Geral do Brasil*", 3.ª edição, volume I, paginas 103 e 104; Capistrano de Abreu, "*O Descobrimento do Brasil*", Rio de Janeiro, 1929, pagina 70.

narra Herrera, decada II, livro I, capitulo VII e livro II, capitulo VIII, é de parecer que Estevão Fróis e os Corsos fizeram parte de um grupo de onze portugueses trocados por sete castelhanos aprisionados na bahia dos Inocentes. (100)

---

(100) Capistrano de Abreu, obra citada, edição de 1929, pagina 91.

CAPITULO V

Duarte Pacheco Pereira

Entre os anos de 1505 a 1508, o guerreiro e cosmografo portugues Duarte Pacheco Pereira escreveu o "*Esmeraldo de situ orbis*", roteiro da circunavegação africana, trabalho esse incompleto, pois devendo constar de 5 livros, só foram escritos os tres primeiros e parte do quarto. O manuscrito original foi extraviado, havendo felizmente duas copias: uma na Biblioteca de Evora e outra na de Lisboa.

Na edição do "*Esmeraldo*" de 1905, feita pela Sociedade de Geografia de Lisboa, à pagina 16 existe esta discutida passagem:

"E além do que dito é, a experiencia, que é madre das coisas, nos desengana e de toda duvida nos tira; e portanto, bem-aventurado Principe, temos sabido e visto — como no terceiro ano de vosso reinado do ano de Nosso Senhor de mil quatrocentos e noventa e oito, *donde nos vossa Alteza mandou descobrir a parte ocidental, passando além a grandeza do Mar Oceano*, onde é achada e navegada uma tam grande terra firme, com muitas e grandes ilhas adjacentes a ela, que se estende a setenta graus de ladeza da linha equinocial contra o polo artico e, posto que seja assaz fora (fria?) é grandemente povoada, e do mesmo circulo equinocial torna outra vez e vai além em vinte e oito graus e meio de ladeza contra o polo

antartico, e tanto se dilata sua grandeza e corre com muita longura, que de uma parte nem da outra não foi visto nem sabido o fim e cabo dela, pelo qual, segundo a ordem que leva, é certo que vai em circuito por toda a redondeza, assim que temos sabido que, das praias e costa do mar destes Reinos de Portugal e do promontorio de Finisterra e de qualquer outro lugar da Europa e d'Africa e d'Asia atravessando além todo o Oceano direitamente a ocidente, ou a loeste segundo ordem de marinharia, por trinta e seis graus de longura, que serão seiscentas e quarenta e oito leguas de caminho, contando a dezoito leguas por grau, e há lugares algum tanto mais longe — é achada esta terra, navegada pelos navios de vossa Alteza e, por vosso mandado e licença, os dos vossos vassalos e naturais; e indo por esta costa sobradita, do mesmo circulo equinocial em diante, por vinte e oito graus de ladeza contra o polo antartico, é achado nela muito e fino brasil com outras muitas coisas de que os navios nestes Reinos vem grandemente carregados."

Este topico que acabamos de transcrever do "*Esmeraldo*", extenso e confuso como declaram os que o analisaram a fundo [101], nas mãos do professor Luciano Pereira da Silva [102], de Jaime Cortesão [103], de Faustino da Fonseca [104], e do Almi-

---

(101) Duarte Leite — *"Duarte Pacheco e o Brasil"*, "Jornal do Comercio" do Rio de Janeiro, 7 e 14 de julho de 1929.

(102) *"Historia da Colonização Portuguesa do Brasil"*, volume I, paginas 231 a 259.

(103) *"A Expedição de Pedro Alvares Cabral"*, Lisboa, 1922, paginas 143 a 171.

(104) *"A Descoberta do Brasil"*, Lisboa, 1908, paginas 312 a 317.

rante Gago Coutinho [105], dá-nos uma viagem de Duarte Pacheco ao litoral brasileiro; e naquelas do professor Duarte Leite [106] e bem assim de Capistrano de Abreu [107] e outros eruditos historiadores, dá-nos uma descoberta realizada nas altas latitudes do hemisferio Norte da America.

Só este fato basta para evidenciar que esse trecho do *"Esmeraldo"*, tido pelos modernos historiadores portugueses no mais alto apreço, em realidade é destituido de qualquer valor critico. Isso todavia não nos impede de, por nossa vez, dele nos ocuparmos.

O descobrimento da Florida e de uma parte do litoral Leste dos Estados Unidos, anteriormente às viagens de Juan Ponce de Leon em 1513 e Lucas Vasques de Ayllon em 1520, que Duarte Leite procura atribuir a uma viagem de Duarte Pacheco Pereira ao hemisferio setentrional da America em 1498, é contestada: por Henry Harrisse que atribui a uma expedição clandestina espanhola a exploração do litoral Este dos Estados Unidos, inclusive a Florida [108]; por F. Adolfo de Varnhagen que opina ter Vespucci na sua primeira viagem à America em 1497-98, não só descoberto os golfos de Honduras, Campeche e México, como a peninsula da Florida e o litoral norte-americano até à bahia de Chesapeake [109]; por Henry Vignaud que atri-

---

(105) *"Descobrimento do Brasil"*, conferencia no Liceu Literario Português do Rio de Janeiro, 1943, pagina 31.

(106) Trabalho citado.

(107) Obra citada, edição de 1929, pagina 304.

(108) *"Les Corte Real"*, Paris, 1883, pags. 69 a 151.

(109) *"Le Premier Voyage de Americo Vespucci Définitivement expliqué"*, Vienne, 1869, pags. 1 a 35.

bui resolutamente a Vespucci a nomenclatura da Florida no planisferio de Cantino [110]; pelo almirante Gago Coutinho que, sustenta com entusiasmo, ter sido Gaspar Corte Real o descobridor autentico do litoral Este dos Estados Unidos, antes de 1500, como tambem da peninsula da Florida. [111]

Porém, Alberto Magnaghi combate com erudição a viagem de Vespucci à America em 1497-98 e sustenta que, a saliencia a Noroeste de Cuba não é a Florida, "mas sim uma daquelas supostas terras terminais com as quais se completava frequentemente o desenho de massas de terras em forma ainda vaga e indeterminada, para as quais não se podia ainda ter dados precisos e positivos". [112]

Por sua vez, G. E. Nunn prova de modo convincente, recorrendo à documentação historica e cartografica, confrontando principalmente o mapa de Cantino com o de Canerio e com aqueles de Waldseemüller de 1507 e 1516 que, a suposta Florida do planisferio da Biblioteca Estense, nada mais é do que um trecho ampliado da ilha de Cuba e que a nomenclatura que ai se nota foi fornecida pela maruja dos navios da primeira e segunda viagens de Colombo ao Novo Mundo. [113]

Nós esposamos a opinião de G. E. Nunn, principalmente porque, tanto no mapa de Canerio que

---

(110) *"Americ Vespucci"*, Paris, 1919, pag. 132.

(111) *"Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa"*, novembro-dezembro de 1933, paginas 3 a 20.

(112) Alberto Magnaghi, *"Amerigo Vespucci"*, Roma, 1924, volume II, pagina 102.

(113) G. E. Nunn, *"Geographical Conceptions of Columbus"*, Nova York, 1924, paginas 91 a 141.

é semelhante ao de Cantino, sendo quiçá obra do mesmo cartografo, como nos de Waldseemüller de 1507 e 1516, existem desenhados na extremidade Norte dessa suposta Florida o pavilhão de Castela, indicação segura de ter sido ela descoberta por uma expedição espanhola.

Desse modo, fortemente combatida uma suposta descoberta da Florida, antes da realizada por Ponce de Leon em 1513, quer por Vespucci (1497-98), quer por Duarte Pacheco Pereira (1498), quer por qualquer outro navegante, resta-nos examinar a opinião do professor Luciano Pereira da Silva que atribui não só a este guerreiro e cosmografo ilustre a gloria de ter descoberto o Brasil em 1498, sendo portanto precursor de Cabral, como o fato de ter acompanhado embiocado, em 1500, este capitão-mor na sua viagem para Calicut. [114]

Perfilham essa opinião do professor Luciano, os conhecidos historiadores lusos Faustino da Fonseca, Brito Rabelo, Lopes de Mendonça, Jaime Cortesão, assim como o americanista Henry Vignaud, tão combatido em se tratando das cartas de Toscanelli, que considerou apocrifas.

O Dr. Duarte Leite, todavia, contesta com invulgar erudição essa proposição de Luciano e dos que o acompanham. [115] Vamos aqui reproduzir os argumentos de que se serviu o professor Duarte Leite para refutar a opinião do professor Luciano.

A partida de Duarte Pacheco Pereira para o hemisferio austral da America, teria sido decidi-

---

(114) *"Historia da Colonização Portuguesa do Brasil"*, volume I, paginas 231 a 259.

(115) Trabalho citado publicado no *"Jornal do Comercio"* do Rio de Janeiro.

da, como querem, após ter Colombo, em maio de 1498, partido para a sua terceira viagem ao Novo Mundo. Desse modo, Pacheco Pereira teria dado inicio à empresa de que fora encarregado por D. Manuel, no ultimo trimestre de 1498.

A essa proposição, opõe Duarte Leite estes argumentos: "A quadra final do ano era imprópria para uma aventura de navegação a terras desconhecidas. A experiencia portuguesa da travessia atlantica recomenda seu começo no decurso do primeiro semestre; e neste periodo partiram todas as armadas da India, às quais o *"Esmeraldo"* aconselha o primeiro trimestre, dando a preferencia a fevereiro. Só por necessidade seriam escolhidos os ultimos meses do ano, e não transluz tal necessidade, pois Pacheco não carecia de correr no encalço de Colombo. D. Manuel, que acompanhava com atenção os descobrimentos espanhois, estava ao par dos movimentos da corte de Castela; mas no caso era superflua a espionagem, já que se não fazia misterio da expedição de Colombo, cujos preparativos vinham de meses atrás. O monarca português estava portanto dela informado quando seguiu para Toledo, e se era seu proposito reconhecer as terras austrais, definidas em Tordesillas, não atino com as razões que o levariam a subordinar e pospor seu projeto a qualquer outro espanhol, sobretudo se tivesse suspeita de que Colombo intentava aproximar-se da linha de demarcação. Por estas razões cuido que, se em março de 1498 Pacheco não desaferrara para o continente americano, já se tinham iniciado os preparativos da viagem que não devia tardar."

Após dizer que a questão de datas é secundaria, que o que verdadeiramente importa é saber se

Pacheco chegou ao Brasil precedendo Alvares Cabral, prossegue o Dr. Duarte Leite:

"No entanto, se Pacheco costeou litorais indubitavelmente situados aquém do meridiano de Tordesillas e dele trouxe noticias para Portugal, escapam-me as razões que induziram a D. Manuel a calar, como fez, tão importante descoberta. Em 1501, depois do regresso de Cabral, não teve o monarca glorioso duvida em anunciar em carta aos Reis Catolicos o achado de Vera Cruz, e fê-lo em termos tão vagos que não lhes era possivel situá-la no continente americano, ficando apenas esclarecido que estava seguramente dentro da jurisdição portuguesa. Porque motivo não fez em 1499, depois do regresso de Vasco da Gama, analoga comunicação das descobertas do ano anterior, se elas se realizaram em seu dominio? *De Castela não lhe podiam vir duvidas ou reclamações, já que o tratado de Tordesilhas era respeitado, do mesmo modo que não vieram em* 1501, *e tão tranquila seria a posse num caso como foi no outro.*"

"Não havendo necessidade de sigilo, o silencio de D. Manuel, durante dois anos, dificil de explicar se Pacheco percorreu o Brasil, é perfeitamente justificado se ele navegou ao longo de outras costas ou não estava certo de que as avistadas estivessem realmente aquém da demarcação. Os pilotos portugueses eram, muito mais que quaisquer outros, peritos na determinação da latitude; mas a localização das terras dependia tambem dos rumos das derrotas ou da estima da distância percorrida. A imperfeição desta em mares desconhecidos e bem assim as duvidas acerca das indicações da bussola, sempre afetada pelas incertas declinações magneticas deles conhecidas, tiravam exatidão a

essa determinação das longitudes. Se acrescentarmos a isto que a linha divisoria não fora ainda demarcada, não havendo concordancia entre Castela e Portugal, bem se admite que Pacheco hesitasse em atribuir a Portugal certas costas perlustradas no continente austral."

"O "*Esmeraldo*", que registra os nomes de descobridores da Africa e repetidas vezes se refere a Vasco da Gama, não menciona Cabral. Querem atribuir a omissão à circunstancia do autor o ter precedido no Brasil, e não querer alardear a prioridade de sua descoberta. Mas não é melhor de aceitar que tal prioridade não existe, e explicar a omissão porque só incidentalmente o "*Esmeraldo*" se ocupa com o Novo Mundo, não sendo mister falar de seus descobridores? Convenço-me pois de que Pacheco em 1498 não percorreu costas americanas austrais ou não passou por zona claramente dentro da demarcação."

"Os historiadores portugueses citados (Faustino da Fonseca, Brito Rabelo, Lopes de Mendonça e Jaime Cortesão) afirmam, na fé dos cronistas, que ele tornou cá (Brasil) em 1500. Transcrevo de Luciano:

"Na armada de Pedro Alvares Cabral que largou de Lisboa em 9 de março de 1500, vai Duarte Pacheco, o qual neste mesmo ano se torna notavel na India, na tomada da nau do elefante, a pedido do Rei de Calicut, episodio que narram Castanheda, Barros, Góis e Osorio. Castanheda, quando descreve depois a armada dos Albuquerques, mandada à India em 1503, menciona entre os capitães Duarte Pacheco Pereira, "de que falei atrás", fazendo assim notar que este é o mesmo que tomou parte na tomada da nau."

"Tudo estaria muito bem se houvessemos de depositar inteira confiança na palavra dos cronistas; mas infelizmente eles se enganam em muitos episodios da viagem de Cabral. Não é para aqui demonstrá-lo, e limito-me a acentuar a duvida que me sugere, no caso da nau dos elefantes, do texto de Castanheda. Na primeira edição de 1551, diz ele: *"mandou o capitão mor a Pero detaide que fosse na sua caravela tomar a nau e que fosse coele "ha fidalgo macebo" chamado Duarte Pacheco que estava tido em cota desforçado cavaleyro e deu-lhe 70 homens."*

"A classificação pela idade é erronea, pois, conquanto se ignore quando nasceu Pacheco, em 1500 andava seguramente na casa dos 40. Depois de lhe trocar a idade, Castanheda apresenta-o como quem não tinha ainda ao tempo solidamente firmada sua reputação quando em verdade talvez nenhum dos seus companheiros se lhe avantajasse em bravuras, saber e serviço, qualidade que lhe deviam valer alta situação na armada, nobre como era de estirpe, do mesmo modo que lhe indicaram para comandar a expedição clandestina em 1498 e anos depois, uma nau de Afonso de Albuquerque. Diria portanto que a descrição da cronica *quadrava melhor a um jovem fidalgo homonimo de Pacheco* e seu parente, o qual o autor tomou pelo proprio quando mais adiante, enumerando os capitães que foram em 1503 ao mando do heroi de Orniz, cita Duarte Pacheco de que falei atrás."

"A segunda edição de 1553-1554 (*"Descobrimento e conquista da India"*) altera o texto da primeira: *"e por isso mandou Pedro alvares fazer prestes, Pero Dataide no seu navio e deu-lhe* 60 *homens e mandou a um fidalgo chamado Duarte*

Pereira Pacheco que fosse coele, e a outro que havia nome Vasco da Silveira, ãbos valentes cavaleiros". Aqui está identificado o guerreiro, embora haja inversão dos apelidos; mas deve notar que as alterações introduzidas nesta edição, quanto à expedição de Cabral, não oferecem garantias de exatidão superior a da antecedente. Cito como exemplo o que se passa com a nau perdida em Cabo Verde. Na edição princeps, é do comando de Vasco de Ataide e sumiu-se não se sabe como, sem que houvesse tempestade, ambas as coisas de acordo com a carta do veridico Vaz de Caminha, e não reapareceu, como consta da carta escrita em 1501 por D. Manuel aos Reis de Castela; na outra, a nau tem por capitão Luis Pires, desgarrou em virtude de tormenta, e arribou a Portugal. Três erros com que se pretendeu emendar a verdade. Se Castanheda se enganou, confundindo dois fidalgos, é natural que os cronistas subsequentes reincidissem, tantos são os emprestimos que ali lhe fez."

"Demais custa a crer que Pacheco viajasse com Cabral incognito, por assim dizer, pois aparece envolvido na façanha casual da nau moura."

"Vaz de Caminha, na sua minuciosa carta a D. Manuel, menciona nove dos tripulantes, capitães e outros, mas não diz uma palavra do personagem já então de fama assinalada; e é mesmo de estranhar que D. Manuel não lhe confiasse uma das naus da sua armada. Lopes de Mendonça supõe que Pacheco se alheiou aparentemente a todos os atos da expedição em virtude das suspeitas que podiam despertar a presença na esquadra de um personagem envolvido nas negociações de Tordesillas, mas em verdade não percebo como tais sus-

peitas poderiam aconselhar o retraimento de Pacheco, mais de cinco anos volvidos sobre o tratado."

"Não é de reparar o silencio do *"Esmeraldo"* a respeito do descobrimento de Cabral, se Pacheco não o precedeu no Brasil, e ainda poderá passar sem estranhar se ambos estivessem presentes à missa solene em Porto Seguro, e ao tanchar da grande cruz. Neste caso, porém, devia o nauta e o astronomo interessar-se pela determinação da sua latitude e até observá-la, como tantissimas vezes fez em lugares africanos."

"Mestre João, na carta que escreveu a D. Manuel conta que êle e o piloto-mor Pero Escolar pesaram o sol em Porto Seguro e lhe calcularam a latitude em 17 graus, valor cujo erro não excede de 40 minutos. Vê-se que Pacheco não assistiu à operação, mas não se esqueceria de arquivar o resultado; no entanto a tabua de ladezas brasileiras do *"Esmeraldo"* dá 18 graus para o coordenado. Este era o valor achado nas duas expedições portuguesas entre 1501 e 1504, e afastava-se da de 1500, quer por menos pericia dos pilotos, quer por se atribuir o nome Porto Seguro a um ponto situado ao sul do indicado por Caminha. Como quer que seja, a discrepancia apontada oferece-nos razões bastante para acreditar em que o ilustre cosmografo ignorava a observação de Pero Escolar, o que é incompativel com sua presença na armada de Cabral."

"Nem em 1498 nem em 1500, conclui o Dr. Duarte Leite, creio que o sabio nauta tocasse no Brasil."

* * *

Da leitura atenta da frase do *"Esmeraldo"* — *"donde nos Vossa Alteza mandou descobrir a parte*

ocidental" — concluimos que não se trata de uma ordem dada por D. Manuel apenas a Duarte Pacheco, mas tambem aos demais vassalos. Desse modo, na nossa opinião, o referido monarca português mandou em 1498 alguns de seus navegantes procurar terras ao ocidente, mas se essas terras foram encontradas nesse ano, em que latitude e por quem, Duarte Pacheco não esclarece.

Tendo este cosmografo português escrito o seu tratado de navegação e cosmografia de 1505 a 1508, portanto numa epoca em que o litoral brasileiro já tinha sido percorrido por duas expedições exploradoras portuguesas; quando Caboto já tinha em 1497 descoberto o Lavrador; quando Colombo, Pinzón, Hojeda, Lepe, la Cosa e Vespucci haviam entre 1498 e 1499 navegado parte da America Central, parte do litoral leste e todo o litoral norte da America Austral; após terem os irmãos Corte Reais descoberto a Terra Nova e regiões circunvisinhas; não é de admirar que Duarte Pacheco nos revele a existencia de um grande continente ao ocidente e até nos relate que de uma região dele é transportada para o reino grande quantidade de pau brasil.

Somos propensos a acreditar que o citado trecho do "*Esmeraldo*" se refere às tentativas de descobertas que, a mandado de D. Manuel, realizaram às regiões boreais do Novo Mundo os Corte Reais. Se atendermos a que na carta de doação do referido monarca a favor de Gaspar Corte Real, datada de 12 de maio de 1500, existe uma clara referencia às tentativas feitas anteriormente por este navegante para descobrir terras ao ocidente, esta nossa opinião ficará mais reforçada, porque Duarte Pacheco poderia, como ainda hoje sucede com alguns historiadores, entre eles o Almirante

Gago Coutinho (116), ter dado como realizadas com pleno exito as tentativas que esse açoreano e mais o seu irmão Miguel fizeram anteriormente a 1500, em procurar terras no Mar Oceano.

Encerrando este capitulo, temos a lamentar o fato de alguns historiadores portugueses, no afã de inventarem novas descobertas e novos descobridores, trazerem à baila o nome austero de Duarte Pacheco Pereira, o "*Aquiles Lusitano*", para em realidade expo-lo ao ridiculo, ora como suposto descobridor de terras no hemisferio setentrional, ora no austral do Novo Mundo.

(116) *"Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa"*, Novembro-Dezembro de 1933, paginas 3 a 20.

TERCEIRA PARTE

PRECURSORES E FALSOS PRECURSORES DE CABRAL

CAPITULO UNICO

Precursores e falsos precursores de Cabral

Sabemos que a França com Jean Cousin, a Espanha com Alonso de Hojeda, Juan de la Cosa, Diogo de Lepe e Vicente Yañez Pinzón, a Italia com Amerigo Vespucci, e Portugal com Cabral, disputam a gloria da prioridade do descobrimento do Brasil.

1° — Jean Cousin

O pretenso precursor de Cabral, o francês Jean Cousin, teve como principais patronos Demarquets e Paulo Gaffarel, este ultimo notavel professor da Universidade de Dijon e versado nos assuntos que dizem com a historia da epoca dos descobrimentos maritimos.

O suposto descobrimento do Brasil pelo dieppense Cousin já foi estudado a fundo por inumeros historiadores, entre os quais ora lembramos os nomes de Capistrano de Abreu e Zeferino Candido, tendo sido postos em evidencia os frageis e absurdos argumentos desses historiadores franceses que, certamente trouxeram à baila o nome de Jean Cousin, por desmedida vaidade nacional.

Como depois de Gaffarel, nenhum outro intelectual francês tentou rehabilitar Cousin como precursor de Cabral, julgamo-nos desobrigados de novamente tratar desse pretenso navegante normando, por já termos dele nos ocupado no nosso

trabalho *"O Descobrimento da America e a Suposta Prioridade dos Portuguezes"*, paginas 125 a 129.

2º — ALONSO DE HOJEDA

Louvando-se na grande epistola endereçada a Pedro Soderini e atribuida a Amerigo Vespucci, como tambem no depoimento de Hojeda, em 8 de fevereiro de 1513, nos *"Pleitos de Colón-Probanzas del Fiscal"*, o erudito historiador brasileiro Francisco Adolpho de Varnhagen (*"Historia Geral do Brasil"*, terceira edição, I volume, pagina 79) declara que, "em fins de junho de 1499, Alonso de Hojeda, navegando em companhia dos celebres pilotos Juan de la Cosa e Amerigo Vespucci, se encontrara com terra, proximamente na latitude de cinco graus ao sul da Equinocial; a qual terra era baixa, alagada e de varios esteiros e braços de rios. Não pode ter sido outra senão a do delta do Assú, na actual provincia do Rio Grande do Norte. Intentou Hojeda prosseguir pela costa, no rumo de lessueste; mas não lhe foi possivel vencer a força das correntes, e viu-se obrigado a seguir com estas na direção de noroeste; e, navegando ao largo, foi somente de novo aportar, segundo parece, em Cayena. No avistar terra junto á foz do Assú fôra o mesmo Hojeda protegido pela Providencia, de um modo analogo como depois o foi Cabral; pois se, durante a travessia do Atlantico, houvesse descaido um pouco menos para loeste, poderia ter naufragado nos perigosos escolhos e baixios *(Urcas* e *Lavadeiras)*, que por ali jazem, um pouco mais a leste".

Na carta endereçada a Soderini e atribuida a Vespucci, a expedição chegou até 5 graus de la-

titude Sul, como se vê do seguinte topico: "Feita aqui (ilha do Fogo) provisão de agua e lenha, tomamos nossa derrota pelo Sudoeste e em 44 dias avistamos uma nova terra que julgamos ser terra firme e continua com a acima mencionada, a qual está situada dentro da zona torrida e fóra da linha equinocial, para a banda do Sul. Sobre ela se eleva *o polo meridional 5 graus*, fóra de todo o clima e dista das ditas ilhas pelo Sudoeste 500 leguas". Mas de acordo com o depoimento do proprio Hojeda, em 8 de fevereiro de 1513, nos *"Pleitos de Colón-Probanzas del Fiscal"*, atingiu ele 5 graus de latitude Norte, como se verifica do seguinte trecho de seu citado depoimento: "vyno a descobrir el primero despues quel almyrante, e descubrió al medio dia la tierra firme, e corrió por ella *casi doszientas leguas hasta Paria*, e salió por la Boca del Drago, e ally conosció quel almyrante avia estado en la ysla de la Trenydad, junto a la Boca del Drago, e de ally corrió e descubrió la costa de la tierra firme hasta el golfo de las perlas e vajo la ysla Margarita y la anduvo por tierra a pie, porque conosció quel almyrante no savia della nada mas de avella visto yendo su camino, e de ya fue descubriendo toda aquella costa de la tierra firme desde los Frayles hasta en par de las yslas de los Gigantes e el golfo de Venecia, que es en la tierra firme, y la provincia de Ququibacoa, y en toda esta tierra firme *dozienta leguas* antes de Paria, y dente Paria hasta las Perlas, e dente las Perlas hasta Ququibacoa, que este testigo (Hojeda) descubrió, nunca nadie lo avia descubierto ny tocado en ello", etc.

E' manifesta a divergencia entre o depoimento de Hojeda e a carta que foi endereçada a Soderini.

Diante desse fato, fica-se em duvida se Hojeda, em realidade, atingiu em 1499 o litoral brasileiro.

Mas, Juan de la Cosa, que tomou parte nessa expedição, esclarece tudo muito bem. Pelo exame dos contornos e da nomenclatura de seu mapa desenhado na Andaluzia em 1500, nota-se que Hojeda apenas atingiu *cerca de 5 graus de latitude Norte*, não sendo portanto precursor de Cabral. Reforçam esta nossa opinião, os depoimentos de varias testemunhas dos *"Pleitos de Colón-Probanzas del Fiscal"*.

3º — Amerigo Vespucci

O erudito historiador italiano Alberto Magnàghi, que fez um estudo profundo sobre Vespucci e suas viagens, analisando detalhadamente o Codice Vaglienti ou Riccardiano 1910 (*"Americo Vespucci"*, Roma, 1924), é de opinião que os unicos e verdadeiros documentos autenticos sobre as viagens de Vespucci, são as cartas que este navegante escreveu a Lourenço di Pier Francisco de Medici, sendo o *"Mundus Novus"* bem como as cartas endereçadas a Pedro Soderini, simples falsificações com as quais Vespucci nada tem que ver (obra citada, volume I, pagina 43). De acordo, pois, com a missiva que Vespucci enviou de Sevilha em 28 de julho de 1500 a Lourenço di Pier Francisco de Medici, e tambem com o depoimento de Hojeda nos *"Pleitos de Colón-Probanzas del Fiscal"*, chega Magnaghi à seguinte conclusão: uma expedição espanhola composta de 2 ou 3 navios, zarpou de Cadix em 18 de maio de 1499, nela viajando Alonso de Hojeda, Amerigo Vespucci e Juan de la Cosa, sem que se saiba ao certo qual tenha sido

o comandante, tudo porém propendendo a favor de Vespucci. Essa expedição após ter atingido a ilha Gomara, uma das Canarias, navegou rumo Oeste, cerca de 5 graus de latitude Norte. Nesse ponto, houve divergencia entre Hojeda e Vespucci quanto ao rumo a tomar: se para o Sul, se para o Noroeste. Disso resultou ser a expedição subdividida. Hojeda com Juan de la Cosa rumaram para Noroeste e após ter percorrido parte do litoral norte da America do Sul, inclusive o golfo de Paria, foram ter à ilha de Haiti. Ao contrario de Hojeda, tomou Vespucci o rumo Sul e acompanhando o litoral penetrou na foz do Amazonas, daí navegou ainda para o Sul até atingir cerca de 5 graus de latitude abaixo da equinocial, de onde velejou para o Noroeste, percorrendo também parte do litoral Norte da America do Sul. A vista do exposto, Magnaghi é de opinião que a prioridade do descobrimento do Brasil pertence ao navegante e cosmografo florentino Amerigo Vespucci (obra citada, volume II, paginas 107 a 170).

Recentemente (ano de 1945) foi publicado nos Estados Unidos um excelente estudo sobre as viagens de Vespucci, sendo o seu atuor Frederick J. Pohl. O livro tem como titulo: "*Amerigo Vespucci-Pilot Major*" e foi editado pela "Columbia University Press". Nesse trabalho, que foi muito bem recebido pelos criticos, Frederick J. Pohl chega a esta conclusão: Duas expedições espanholas partiram de Cadix, a 18 de maio de 1499, com destino ao Novo Mundo. Uma sob o comando de Hojeda e outra sob o de Vespucci. A comandada por Vespucci atingiu o litoral da America do Sul, cerca de 5 graus de latitude Norte. Desse ponto rumou para o Sul até chegar mais ou menos a 4 graus e meio de

latitude Sul, sendo que o ultimo desembarque que fez no Brasil foi em Junho de 1499. Atingida que foi a citada latitude Sul, Vespucci velejou para o Noroeste, percorreu parte do litoral Norte da America do Sul, voltando à Espanha onde chegou em Cadix em meados de junho de 1500. Hojeda que não passou a equinocial, que só percorreu parte do litoral Norte da America do Sul, navegando assim menos que Vespucci, voltou para Cadix onde entrou em Abril de 1500. Desse modo, como Magnaghi, o historiador norte-americano Frederick J. Pohl defende a tese de pertencer a Vespucci a prioridade do descobrimento do Brasil.

4º — Vicente Yañez Pinzón

O historiador português Duarte Leite ("*Historia da Colonização Portuguesa do Brasil*", I volume, paginas 107 a 199), publicou um trabalho no qual baseando-se principalmente em ventos e correntes maritimas, procurou provar que nenhum navegante espanhol nem Vespucci são precursores de Cabral no descobrimento do Brasil.

O mais elementar dever de justiça manda reconhecer como de grande erudição esse estudo do conhecido professor luso, mas na nossa opinião o terreno em que se assenta a prioridade de Vicente Yañez Pinzón, em se tratando do descobrimento do nosso paiz, é muito solido, não podendo ser abalado pelos argumentos de Duarte Leite.

A viagem de Pinzón ao Brasil, onde chegou em janeiro de 1500, é comprovada: a) pela legenda existente no mapa-mundi de Juan de la Cosa, desenhado em Andaluzia em 1500; b) pela primeira década da obra de Pedro Martyr de Angleria, in-

titulada "*De rebus oceanicis et novo orbe*", que Angelo Trevisan, secretario da embaixada de Veneza na Espanha, depois de agosto de 1501, enviou ao Almirante Domenico Malipiero, década essa que em 1504 Albertino Vercellese publicou com o titulo "*Libretto de Tutta la Navigatione del Re de Spagna de le Isole e terreni nouvamente trouati*"; c) pela capitulação que os reis de Espanha assentaram em Granada com Pinzón em 5 de setembro de 1501; d) pelo depoimento do proprio Pinzón nos "*Pleitos de Colón-Probanzas del Fiscal*"; e) pelos depoimentos de varias testemunhas que depuseram no citado processo; f) pelos historiadores contemporaneos desse navegante. (116-A)

De acordo com todos esses documentos, resumidamente a viagem de Vicente Yañez Pinzón póde ser assim narrada: A expedição composta de quatro navios, partiu de Palos a 18 de novembro de 1499 e após ter tocado nas Canarias, seguiu para o arquipelago de Cabo Verde, onde atingiu a ilha de Santiago. Desta ilha rumou para SSO e depois de percorrer cerca de 540 leguas, chegou a expedição a uma terra ao Sul do Equador, a 26 de janeiro de 1500. Essa terra era o Brasil e o cabo a que Pinzón deu o nome de "*Santa Maria de la Consolacion*" é o atual cabo de Santo Agostinho. Desse ponto seguiu a expedição para o Norte acompanhando a costa até que descobriu um rio caudaloso a que deu o nome de "*Mar-dulce*" e que é o nosso Amazonas. Daí velejando mas sempre avistando a costa, chegou até o cabo Orange, a que denominou de "*S. Vicente*" e ao rio Oyapok que batisou com o nome de "*Vicente Pinzón*". Este foi o ultimo

(116-A) Vide a parte deste livro referente a documentos.

local do Brasil em que a expedição tocou, rumando então para Noroeste.

Todos os historiadores de merito do Brasil, entre eles Varnhagen, J. Caetano da Silva, Capistrano de Abreu, bem como estrangeiros, entre cujos nomes ora lembramos os de Navarrete, D'Avezac, Peschel. e Humboldt, estão de acordo que Vicente Yañez Pinzón antecedeu a Cabral no descobrimento do Brasil.

Defendendo os direitos do Brasil na questão de limites com a França (questão do Amapá), afirmou o Barão do Rio Branco, e a França não contestou, "que a costa setentrional do Brasil, compreendendo a do territorio contestado, foi descoberta em 1500 pelo navegante espanhol Vicente Yañez Pinzón". (*Memoire présenté par les États Unis du Brésil au Gouvernement de la Confédération Suisse arbitre entre le Brésil et la France*", Berne, 1889, volume I, pagina 47).

Convem, todavia, pôr aqui em destaque, que se os espanhois ou Vespucci, são cronologicamente os descobridores do Brasil, isso nenhuma influencia teve na formação da nossa nacionalidade. Tudo devemos aos portugueses, porque foram eles que a custa de grandes sacrificios e durante tres seculos, tudo fizeram para transformar em pais civilizado a terra de Cabral, então habitada por selvagens, alguns deles até antropofagos.

QUARTA PARTE

O DESCOBRIMENTO DO BRASIL POR CABRAL

Introdução

O descobrimento do Brasil por Cabral foi uma consequencia da concepção geografica portuguesa que consistia em procúrar a India navegando rumo oriente, contornando a Africa, em oposição ao projeto de um grupo de cosmografos letrados, do qual se salientou Colombo, que propunha atingir Cipango e Chatay velejando em direção ao ocidente, ou como resumidamente diz Greenlee, "o descobrimento do Brasil foi um incidente do esforço da Espanha e Portugal, para a conquista do mercado de drogas e especiarias do oriente". (117)

Mesmo que Colombo não tivesse em 1492 descoberto a America, o descobrimento do Brasil pelos portugueses seria questão de mais ou menos tempo porque, com os conhecimentos nauticos que estes iam pouco a pouco adquirindo nas viagens ao longo da costa ocidental da Africa, principalmente depois que Bartolomeu Dias dobrou o cabo da Boa Esperança e Vasco da Gama atingiu a India, tudo aconselhava a navegar em mar largo, afastado da costa do continente negro, principalmente do golfo da Guiné, a fim de evitar os aliseos de Sudeste e as calmarias dominantes no citado golfo, de acordo com as instruções que Gama dera a Cabral. (118)

---

(117) William B. Greenlee, *"The First Half Century of Brazilian History"*, revista *"Mid-America"*, volume 25, nova serie, volume 14, numero 2, pagina 91.

(118) Henry Harrisse, *"Cristoforo Colombo e il Banco di S. Giorgio"*, *Genova*, 1890, paginas 28 e 29.

E, como era então ignorada a formidavel corrente equatorial do Atlantico Sul [119], se não fosse Cabral, seria qualquer outro navegante luso que procurasse dobrar o cabo da Boa Esperança, o arrastado à costa do Brasil. Não há exagero nesta nossa afirmativa porque, ainda hoje em dia, com mais de quatro seculos de aperfeiçoamentos na navegação à vela, apezar de todas as precauções tomadas, os navios que velejam no Atlantico Sul são frequentemente impelidos para a costa do Brasil, como se lê na *"Geographie der Atlantischen Ozeans"*, Hamburgo, 1912, pagina 279.

Até a primeira metade do seculo XIX, tanto em Portugal como aqui no Brasil. era do dominio pacifico da historia ter sido o nosso paiz descoberto casualmente pela segunda armada portuguesa da India, sob o comando de Pedro Álvares Cabral.

Em 1850, porém, numa das sessões do Instituto Historico e Geografico Brasileiro, com sede no Rio de Janeiro, o socio Joaquim Norberto de Souza e Silva, baseando-se principalmente em um dos topicos da carta que Mestre João enviou de Porto Seguro em 1.º de maio de 1500 ao rei D. Manuel, concluiu a sua conferencia afirmando ter sido o Brasil descoberto intencionalmente por Cabral, quando da sua viagem para Calicut. [120]

A opinião de Joaquim Norberto foi transformada, na feliz expressão de Capistrano de Abreu

---

(119) Duarte Leite, *"O mais antigo mapa do Brasil"*, no segundo volume, pagina 264, da *"Historia da Colonização Portuguesa do Brasil"*; Henry Harrisse, *"Cristoforo Colombo e il Banco di S. Giorgio"*, Genova, 1890, paginas 28 e 29.

(120) *"Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro"*, tomo XV, segunda edição, 1888, paginas 152 a 204.

em verdadeiro dogma em Portugal [121], e aqui entre nós, hoje em dia, não é pequeno o numero dos que a esposam.

Nós somos partidarios da tese da casualidade e fundamentamos a nossa opinião: a) na documentação historica; b) na cartografia americana vetustissima; c) no estudo nautico da viagem de Cabral, desde a partida das ilhas de Cabo Verde até Porto Seguro.

---

(121) "*O Descobrimento do Brasil*", Rio de Janeiro, 1929, pagina 303.

CAPITULO I

Documentação Historica

I — OS CRONISTAS

Nenhum dos cronistas portugueses [122] do seculo XVI e mesmo de outras nações da Europa, que escreveram sobre o descobrimento do Brasil. deixa ao menos transparecer a possibilidade de ter Cabral aportado à costa brasileira de caso pensado, na certeza da existencia de terras ao ocidente d'Africa. Narram tais cronistas o que ocorreu com a frota desse Capitão-mor na sua viagem à India, dizem claramente que o descobrimento da chamada ilha de Vera Cruz, hoje Brasil, foi obra simplesmente do acaso e acrescentam que de Porto Seguro foi destacada uma nau com o proposito de levar ao rei D. Manuel a grata noticia desse feliz achado. Esses cronistas são os conhecidos e pro-

---

(122) Os cronistas portugueses, principalmente aqueles que escreveram pouco depois dos descobrimentos maritimos, gosam da boa fama de terem colocado a verdade acima de qualquer conveniencia. Castanheda teve apreendido por determinação de D. João III o decimo livro da sua conhecida cronica, devido a ter narrado a verdade sobre o que ocorreu no cerco de Diu, e Damião de Góes, como diz Ayres de Sá, por "não temer desligar a verdade da mentira e não hesitar em ferir mesquinhos interesses, particulares e publicos, desmascarando ardilosos narradores", cahiu no desagrado dos poderosos da epoca, foi denunciado pela Inquisição e preso.

bos: Fernão Lopes de Castanheda, João de Barros, Damião de Góes, Jeronimo Osorio, Gaspar Correia e Pero de Magalhães Gandavo.

Obedecendo à ordem cronologica, passamos a transcrever aqui as referencias que, sobre o descobrimento do Brasil, fizeram tais cronistas.

Fernão Lopes de Castanheda, que teve a sua obra publicada pela primeira vez em 1551, assim descreve o que ocorreu com Cabral ao partir das ilhas de Cabo Verde, rumo ao Cabo de Boa Esperança:

"Desaparecida a caravela de Luis Pirez esperou Pedralvarez cabral por ela dous dias, e aos vintequatro Dabril que foy derradeyra oytaua da Pascoa foy vista terra, e que era outra costa oposta á da Africa, e demoraua a loeste, e reconhecida a terra pelo mestre da capitaina que la foy, mandou Pedralvarez surgir para fazer agoada e a descobrir, e por ho porto em que surgio ser bom, lhe pós nome porto seguro."

....

....

"Desta terra mandou Pedralvarez a Gaspar de lemos na sua caravela *com cartas a el Rey dõ Manuel, em que dizia ho que lhe ateli tinha acontecido*, e mandoulhe hum homem daquela terra, e ao outro dia que forão tres de Mayo partiose Pedralalvarez cabral cõ toda a frota, leuãdo a rota do Cabo da Boa esperança", etc. (123)

João de Barros, considerado o Tito Livio dos portugueses, autor da famosa cronica conhecida

---

(123) Fernão Lopes de Castanheda, *"Historia do Descobrimento e Conquista da India pelos Portugueses"*, Lisboa, 1833, livro I, capitulo XXXI, paginas 97 e 98.

por *"Décadas da Asia"*, cuja primeira década foi publicada em 1552, descreve o descobrimento do Brasil do seguinte modo:

"Junta a frota depois que passou o temporal, por fugir da terra de Guiné onde as calmarias lhe podião impedir seu caminho: empêgouse muito no mar por lhe ficar seguro poder dobrar o cabo de Boa Esperança. E auendo ja hum mes que hia naquella grão volta, quando veo ã segunda octaua da Pascoa que erão vinte quatro de Abril, foi dar em outra costa de terra firme: a qual segundo a estimação dos pilotos lhe pareceo que podia distar pera aloeste da costa de Guiné quatro centas cinquoenta legoas, e em altura do polo Antartico da parte do sul dez graos. *A qual terra estauão os homens tão crentes em não auer alguma firme occidental a toda a costa de Africa, que os maes dos pilotos affirmauão ser alguma grande ilha assi como as terceiras, e as que se acharão per Christouão Colom que erão de Castella"*........

....

....

"Pedralvarez vendo que por razão de sua viagem outra cousa não podia fazer, dali espedio hum nauio, capitão Gaspar de Lemos, com noua pera el Rey dom Manuel *do que tinha descoberto*: *o qual nauio com sua chegada deu muito prazer a el Rey, e a todo o reyno, assi por saber da boa viagem que a frota leuaua, como pola terra que descobrira."* (124)

Damião de Góes foi nomeado por D. João III, cronista-mor do reino e exerceu o alto cargo de

(124) João de Barros, *"Décadas da Asia"*, Lisboa, 1628, década I, livro 5º, capitulo II, folha 87 e verso e 88.

guarda-mor da Torre do Tombo. O que escreveu é, portanto, considerado a versão oficial. A primeira edição da sua cronica sobre o rei D. Manuel, foi publicada em 1566 e com as seguintes palavras narra o descobrimento do Brasil:

"A ho outro dia pela manhã que foram nove de Março de mil e quinhentos, partio ha frota do porto de Bethelem com bom vento de foz em fora, e ahos quatorze houve vista das ilhas da Canarea, e ahos vinte dous com vento prospero passou pela ilha de Santiago, avante da qual se apartou da frota com tormenta ha nao de que era capitam Luiz piz, que arribou a Lisboa desbaratada, per cujo respeito andou Pedralvares cabral aho pairo comtoda ha armada dous dias, mas vendo que não aparecia, seguio sua viagem, e navegando aloeste, ahos XXIIII dias do mes Dabril viram terra, *do que forão muim alegres, porque polo rumo em que jazia, nã ser nenhuma das que atte em então eram descobertas.*" ....

....

"Assi despachou para ho Regno Gaspar de lemoos no seu nauio, *com nouas deste descobrimento,* no qual mandou um homem dos da terra a el Rei, ho que feito deixando alli dous degradados, de vinte que leuaua, se partio apos dous dias do mes de Maio, tomando sua derrota pela ho cabo de boa Sperança"; (125)

Jeronimo Osorio, bispo de Silves, encarregado pelo Cardeal D. Henrique, regente da coroa de Portugal, durante a menoridade de D. Sebastião, de

(125) Damião de Góes, "*Chronica do Felicissimo Rei Dom Manuel*", Lisboa, 1566, volume I, folha 51 e verso.

escrever a vida do rei D. Manuel, compôs "*De Rebus Emmanuelis gestis*", publicada em Lisboa em 1571. A tradução para o português, de Francisco Manuel do Nascimento (Felinto Elisio) foi publicada em 1804 e reeditada em 1944). Narra Osorio o encontro do Brasil por Cabral, do seguinte modo:

"Mas Pedro Alvares Cabral, que ia em derrota da India, *seguindo a mesma esteira do Gama*, veio à ilha de Santiago; donde querendo passar avante, tal tormenta se levantou que a armada se lhes desgarrou, e uma das naus desalvorada recuou para Lisboa. Aplacada a tempestade, cuidou Cabral em recolher a si a armada, em que achou aquela nau de menos, pelo que mandou arrear as vêrgas e esperar por ela dous dias. Vendo porém que não aparecia, pôs a proa no ocidente. A vinte e quatro de Abril descobriram os gajeiros terra, de que todos conceberam incrivel contentamento, *não havendo nenum dos nossos que tivesse a menor suspeita de que lhes demorasse terra habitada de homens por semelhantes paragens*" ....

....

"E dali enviou Gaspar de Lemos, um de seus capitães, a Portugal dar parte a el-rei D. Manuel *do sitio daquelas novas terras,* que eu não tenho por alheio descrever delas algumas particularidades". (126)

Gaspar Correia que viveu na India poucos anos depois de ter sido ela encontrada por Vasco da

---

(126) Jeronimo Osorio, "*Da Vida e Feitos de El Rei D. Manuel*", Porto, 1944, volume I, paginas 86 e 88.

Gama, escreveu a sua cronica entre 1529 a 1561, mas só foi ela publicada em 1858 pela "Academia das Ciencias de Lisboa". Com as seguintes palavras narra esse cronista português o descobrimento do Brasil por Cabral:

"A capitania, que ia diante, amanhecendo um domingo houve vista de terra a barlavento, ao que fez sinal com tiro de berço, e foi correndo para ela, *e a descobrindo que era grande costa, terra nova, que nunca fora vista,* correndo ao longo dela, viram grandes arvoredos pelas fraldas do mar e por dentro grandes montes e serrarias, e muitos rios largos e grandes enseadas."

....

....

"Onde o capitão mór per conselho de todos, d'aqui tornou a mandar ao reyno o navio de André Gonçalves, *com a nova a El-Rei desta nova terra que descobrira*" etc. (127)

A primeira historia do Brasil foi escrita em Portugal em 1576 por Pero de Magalhães Gandavo, com o titulo: *"Historia da Provincia de Santa Cruz".* O descobrimento do nosso paiz pela segunda armada portuguesa da India, é assim narrado:

"Ehauendo ja um mez que iam naquella volta, nauegando com vento prospero, foram dar na costa desta provincia (Brasil); ao longo daqual cortaram todo o dia, parecendo a todos que era alguma grande ilha que alli estaria, *sem haver pilotos nem outra pessoa algua que tivesse noticias*

---

(127) Gaspar Correia, *"Lendas da India"*, Lisboa, 1858, volume I, paginas 151 e 152.

della, nem que presumisse que podia estar por aquella parte occidental". [128]

"Mutatis mutandis", todos os demais cronistas portugueses e estrangeiros dos seculos XVI XVII e XVIII, *sem exceção de um só,* que escreveram sobre o descobrimento do Brasil, estão de pleno acordo com os cronistas cujas passagens acabamos de citar, isto é, atribuem ao mero acaso o encontro do Brasil por Cabral.

Incluimos aqui uma referencia ao "*Livro das Armadas*", interessante manuscrito terminado mais ou menos em 1566 e conservado na biblioteca da "Academia das Ciencias de Lisboa". Nesse livro existe um desenho alusivo ao que ocorreu com os navios da frota de Cabral, desde a partida de Lisboa até Calicut, sendo que em baixo de uma das naus desenhada ha esta legenda: "*Gaspar de Lemos de santa cruz tera do Brasil tornou a Portugal co a noua do descobrimento della.*"

* * *

O professor Fidelino de Figueiredo, fazendo alusão às viagens de Gaspar Corte Real em 1500-1501, às regiões situadas nas altas latitudes do Novo Mundo, escreve: "A cronica de Damião de Góes, cronista-mor do reino nomeado por D. João III, *foi mandada emendar.* E as emendas introduzidas, não atingindo o texto referente às viagens para a America do Norte, *significam que ele obteve o "placet."* E prossegue: "Isso que eu chamarei

(128) Pero de Magalhães Gandavo, *"Historia da Provincia de Santa Cruz"*, capitulo I, folha 6.

a versão oficial das primeiras viagens portuguesas à America do Norte, regista o seguinte:" etc. (129)

Ora, dizemos nós, não tendo por sua vez sido atingido pelas emendas o texto dessa cronica que diz positivamente ter sido o Brasil descoberto casualmente por Cabral, temos que concluir pela força da lógica que, tambem nesse topico, Damião de Góes *obteve o "placet" e a sua narração é a versão oficial.*

À semelhança do que ocorreu com a de Damião de Góes, a cronica de Fernão Lopes de Castanheda foi alterada em diversas passagens, inclusive naquela referente à viagem de Cabral das ilhas de Cabo Verde ao Brasil. Na edição princeps de 1551, o navio que desgarrou da frota na altura do referido arquipelago era o de Vasco de Ataide e desapareceu não se sabe como, sem que tivesse havido tempestade. Na segunda edição de 1553-54, a nau era do comando de Luiz Pires, desgarrou devido a tormenta e arribou a Portugal. No entanto, *nada foi alterado* com o escopo de dar como intencional o encontro do Brasil por Cabral.

* * *

Os cronistas portugueses principiaram a narrar o descobrimento do Brasil pela segunda armada da India, a partir de 1551. Ora, nessa epoca não mais se justificava, se é que existiu, "*uma politica de sigilo*", em se tratando de descobrimentos maritimos. O Mundo Novo já estava quasi todo descoberto. Fernão de Magalhães tinha encontrado

---

(129) Fidelino de Figueiredo, "*Estudo de Historia da America*", Companhia Melhoramentos de S. Paulo, pagina 45.

na extremidade Sul do continente americano a almejada passagem para, rumo ocidente, atingir as ilhas das especiarias, as Molucas. As mais importantes ilhas e arquipelagos da Oceania já estavam descobertos, tais como Bornéo, Nova Guiné, Filipinas, Japão, etc. A questão que surgiu em consequencia da viagem de Magalhães e que dizia respeito à posse das Molucas, tinha sido resolvida amistosamente, pagando Portugal à Espanha a quantia de 350.000 ducados ouro para ficar com esse arquipelago, etc. Portanto, esconder o governo português a verdade sobre o descobrimento do Brasil, deixando os cronistas narrarem ter sido ele descoberto de modo fortuito, quando em realidade o tivesse sido intencionalmente, se nos afigura uma incoerencia, para não usarmos de expressão pejorativa.

II — AS CARTAS QUE BARTOLOMEU MARCHIONI ENVIOU DE LISBOA A FLORENÇA EM 1501

Durante os reinados de D. João II e de D. Manuel, epoca em que Portugal estava empenhado em descobrir o caminho maritimo para a India, verifica-se a existencia em Lisboa de um rico mercador e banqueiro florentino, gosando de excepcionais favores do governo português.

Quem era em realidade esse personagem e quais as razões de ser tão distinguido, principalmente por D. Manuel, ao ponto de incorporar em cada armada que partia de Lisboa à India, a principiar pela de Cabral, uma nau para o transporte de especiarias a sua custa?

Narram Castanheda [130] e o padre Francisco Alvares [131] que, tendo D. João II necessidade de enviar à India, Pero de Covilhã, e à Etiopia, Afonso de Paiva, o primeiro com o encargo de descobrir o pais de onde vinham à Europa as especiarias, e o segundo com o objetivo de visitar o enigmatico Preste João e captar o seu apoio ao projeto da expansão portuguesa no Oriente, recorreu a Bartolomeu Florentino que não era outro a não ser Bartolomeu Marchioni, o qual por intermedio de casas bancarias dos Medici, espalhadas pelas principais cidades dos paises do Mediterraneo e com as quais mantinha relações comerciais, forneceu a esses dois viajantes portugueses cartas de credito, facilitando assim as suas missões.

Devido a esse serviço e a outros prestados tanto a D. João II como a D. Manuel, inclusive aquele de adiantar dinheiro para a compra de navios e de dadivas destinadas aos principes indianos, [132] estava Bartolomeu Marchioni "intimamente relacionado com este monarca e com todos os negocios da empresa ultramarina dos portugueses e, por consequencia, na melhor situação para lhe conhecer os segredos." [132 A]

---

(130) Obra citada, edição de 1833, livro I, capitulo I, paginas 2 e 3.

(131) Padre Francisco Alvares, *"Verdadeira informaçam das Terras do Preste Joam das Indias"*, edição de 1540, folio 91.

(132) Souza Viterbo — *"Nota ao Catalogo da Exposição de Arte Ornamental"*.

(132A) Jaime Cortesão, *"A Carta de Pero Vaz de Caminha"*, Rio de Janeiro, 1943, pagina 84. Este historiador escreveu na *"Revista Portuguesa"*, S. Paulo, 1930, tomo I, fasciculo I, pagina 5, o seguinte: "O grande conselheiro e auxiliar financeiro da empresa dos descobrimentos e da organização do comercio da India, durante os reinados de D. João II e D. Manuel, foi o florentino Bartolomeu Marchioni".

Sendo assim, indubitavelmente a noticia que esse mercador e banqueiro enviou de Lisboa a Florença, sobre o descobrimento do Brasil, é a expressão pura da verdade, de vez que mesmo admitindo-se a existencia da contestada *"politica de sigilo"* dos reis portugueses, estava Marchioni na melhor situação para conhecer-lhes os segredos relacionados com os empreendimentos maritimos.

Pois bem. Logo após o regresso a Lisboa da primeira nau da frota de Cabral, justamente daquela de nome *"Anunciada"*, que tinha sido armada por D. Alvaro de Bragança, Bartolomeu Marchioni e mais dois mercadores italianos residentes em Lisboa, (133) deu pressa este banqueiro em escrever a Florença duas cartas, onde ha referencia ao descobrimento do Brasil pela segunda armada da India.

Essas cartas, por copia, fazem parte do famoso Codice de Piero Vaglienti ou Riccardiano 1910, existente na Biblioteca Riccardiana de Florença, sendo do começo do seculo XVI, pois Vaglienti, que faleceu em 1514, um ano antes da sua morte ainda escreveu parte desse codice. O codice em apreço é uma coletanea contendo em resumo e por extenso, copias de documentos descrevendo povos ou paises longinquos e bem assim as viagens de Marco Polo; informações valiosas que, os agentes de firmas italianas em Lisboa enviaram à Italia dando noticias sobre os resultados das viagens dos portugueses, principalmente à India. Tal codice contem tambem por copia, além das referidas cartas

---

(133) Carta de Giovanni Francesco Affaitato a Domenico Pisani, embaixador de Veneza na Espanha, datada de 26 de junho de 1501. *Diario de Marino Sanuto,* volume IV, col. 66-69).

de Marchioni, a de Girolamo Sernigi sobre a viagem de Vasco da Gama, a de Giovanni Matteo Cretico sobre a de Cabral, as de Vespucci, de Piero Rondinelli, de Corbinelli, de Giovanni de Empoli, etc.

Foi o erudito historiador da *Newbery Library* de Chicago, professor Dr. William B. Greenlee, quem pela primeira vez revelou a existencia das referidas cartas de Marchioni no Codice Vaglienti ou Riccardiano 1910, traduzindo-as para o inglês e publicando-as em 1938 na sua monumental monografia *"The Voyage of Pedro Alvares Cabral to Brazil and India"*, paginas 145 a 150. Em carta que nos escreveu, do seguinte modo, o professor Greenlee conta como encontrou no Codice Riccardiano 1910, por copia, as referidas cartas de Marchioni: "Eu tinha a certeza de que alguma cousa de positivo sobre a viagem de Cabral, havia de existir no Codice Vaglienti, porque Ravenstein tinha publicado, colhendo nessa fonte, alguma cousa sobre a viagem de Vasco da Gama. O manuscrito é dificil de ser lido, mas eu consegui finalmente ler o nome Marchioni e verifiquei que tinha encontrado o que procurava".

Como já declaramos em outra parte deste livro, na impossibilidade em que estavamos de consultar o Codice Riccardiano 1910, solicitamos o auxilio do professor Greenlee que, com toda a gentileza, nos remeteu por via aerea, não só uma copia das referidas cartas que obteve quando esteve em Florença, mas tambem fotocopia das mesmas.

Vaglienti ao copiar as cartas de Marchioni, omitiu as datas e o nome do destinatario. Tratando-se das datas, facil é fixa-las pelos dizeres das mesmas, como iremos ver mais adiante. Quanto

ao destinatario, temos o seguinte argumento. Na carta que de Cabo Verde, endereçou Vespucci a Lourenço de Pier Francisco de Medici, em 4 de junho de 1501, existe este topico: "Voi avete inteso, Lorenzo, si per la mia, *como per lettera de'nostri Fiorentini di Lisbona,* come fui chiamato, stando io a Sebilia, dal Re di Portogallo". Fica assim evidenciado que Bartolomeu Marchioni, o "Florentino de Lisboa", mantinha correspondencia com esse Medici sobre assuntos relacionados com os empreendimentos maritimos dos portugueses. Desse modo, tudo induz a admitirmos que as cartas que Marchioni enviou de Lisboa a Florença, dando noticia da viagem de Cabral a Calicut e fazendo referencia ao descobrimento do Brasil, foram endereçadas a Lourenço de Pier Francisco de Medici.

O inteiro teor dessas cartas é o seguinte:

"Addi XXIII di questo arivo qui u'navilio che viene di Chalichut, deto per nome l'Anunziata, e chonta chome l'altre charovelle, ch'erano in loro chonserva, erano restate a dietro poche leghe, che ongni leghe e 3 miglia e ½ delle nostre. la qual nave da infinite nouve e qui per questa te ne daro alcune qual saranno piu a proposito."

"Dice eser 4 mesi che di chonserva partinno d'una terra a chonfini di Chalichut tutte chariche di spezierie e che alla loro andata in la si perdenno 5 navi di loro chomando. Quele andavano alla mina nuova del oro e a Chalichut. Funno 8 e giunti funno a Chalichut. Fu fato loro grande onore e buona rachoglenza e danendo misso in terra le loro merchatantie el fatore derre inchominco s'abarazare chon loro: E in detto in quel era dei XXX

navi di Mori per charichare e portare a un porto del mare oceano, detto Bizidem, donde dipoi di quindi vanno a Domascho. E volendo charichare prima e Portoghalesi venono in tanta diferenza ch'e Mori si levonno a romore e amazonno tutti e Portoghalesi chessi trovanano in terra in sino al fatore derre. E veduto questo quelli delle navi Portoghallesi si ra cholsono inave e andonno a metere fuoccho nelle navi d'e Mori e chominconno a bonbardare la terra e fruchasonno in essa molte chase a amazonno di molta gente earsono da XV di quelle navi de Mori e per chonsiglio d'uno Indiano si partino d'indi e andonno a un altra terra dove trovonno uno re nimicho di questo di Cholochut. E fu fatto loro grande onore e grande e perfeta rachoglenza. E quivi bazarorono tute loro merchantie e enpieno e navili di spezierie, e oltre a questo, questo re voleva dare loro molte spezierie a chredenza a loro ritorno sopra alla loro fe, le quali non volsono piglare per avere loro el charicho abastanza pe'loro navili. E di quivi si partinno amici, e pregho loro per lo avenire fate si no quivi schala persenpre. el detto re camandato uno anbascadore al nostro re chon infiniti presenti e preghato e rachomandato loro che tornino in deto luogho e partiti. Che funno e Mori di Chalichut avevano armate 150 vele chon XV mila Mori e venivano per investire e nostri e perche le nostre erano cha riche e avendo a chonbatere non erano a proposito, si misono del orza elli lascamo per occhio di vento chome bestie, e alla loro venuta anno trovato molti re e signori e da tutti anno auto buona rachoglenza e presenti, e anno trovato el chorpo di santo tomaxo apostolo, el quale non ano potuto avere e molte altre e reliquie di che n'anno rechate qui in quantita arre e ci viene chon esse nave 4 anbascadori di due isi

signori e tutti si voglono sotometere al nostro re. E molte altre chose chontano le qua i fogli non sara abastanza a scchrivere, io nonno tenpo. E questo el charicho porta questa charovella e l'altre allo avenante:

300 chantara di pepe fine
160 chantara di chanella
60 chantara di laccha
14 chantara di bongivi"

"Codeste sono le chose da fare menzione e molte altre spezierie minute e che l'altre 7 navi lequi sono a dietro chetaschuna a suo charicho alla venante di dete spezierie".

"Anno rechato 2 papaghalli di diversi cholori e qui sono lunghi uno ghomito e ½ el quale e piu di b. 1 e ½ de nostri. Sono chose mirabile e di molti altri e vari ucelli e animali danno notizia, d'un modo che Plinio deto bugardo mostrano eser pure vere le sue storie.

Bartolomeo Marchioni in Lisbona."

A segunda carta diz o seguinte:

"Disevisi per l'utima nostra chome delle charovelle che andonno al viaggo di Chalichut n'era tornata una, e per essa vi si mando el charicho suo. Dipoli delle cinque restate a dietro ne tornate 3. L'altre sono perute (sic). E questo anno rechato chantara 3000 di pepe e chantara 1000 di chanella e gengano e gherofani e altre spezierie imodo che qui si stima abbi a fornire per questa via tuto l'ponente e anche chol tenpo l'Italia, e che abbi a

dare una gra'noia a Veneziani e via piu al soldano in pro che ghuasteranno que trafichi di la perche per questa via venghono chon assai mancho spesa e chon piu chomodita. Questo re mete a ordine XX navi per partire di questo porto per ½ novenbre o al piu lungho, per a dicenbre prosimo, chesseghio le chondute a saluamento. Arecheranno gran tesori imodo quivi, s'a fare gran richeze e tute chose buone e di nicista."

"Funno le spora dete charovelle alla mina nuo-in deto luogho. Si che vedete le merchantie nuova-mina. E questo re mete a ordine navili per mandali in deto luogho. Si che vedete le merchantie nuovamente trovate di qui, di che natura sono, che fortamente e da chome e dare *questo re, esara questo nuovamente trovato u'nuovo mondo, ma e pericholoso al navichare per le gran se che sono per que mari".*

"Anno rechato molte ragoni d'ucelli e animali a noi inchongniti e no mai piu visti in modo chelle chose rachontava Plinio nelle suo storie. Erano tenute bugie e per quello oggi di si vede si puo dire n'avasse qualche notizia."

"Le due navi andonno alla mina nuova del oro. Si stima sieno perdute, perche queste nonne danno alchuna nuova, e dichono di loro non avei auto sentore. Stimomi che altre volte questi mari sieno stati navichati, dipoi abandonati per le se che grandi vi sono, a noi inchongnite idio prospeti. Questo re di tale viaggio inpero che e una bella chosa."

"Del isola Taprobana dichono avere qualche nottizia e sperano chon breveve tenpo eser a essa. Dio li lasci andare e tornare a buon salvamento perche ongn'anno sentireno chose nuove e belle."

"Dichono avere trovato una grosisima citta inella quale dichono eser tale botegha darre di seta che a cento telaia, e lavora vi si fortisimamente stimomi sia la citta di strava donde venghono le sete stravai. Venghono di levante dipoi o inteso. La detta citta si chiama Zanzura ed e dentro al Mare Rosso. E chontano chose inchredibile pro che dichono che per 40 reali, che sono 40 quatrini de nostri, sa una b. di seta chermisi chesselo trovasono basterebbe. Sono Mori bianchi e uomini del soldano di Banbilonia. Dichono avervi venduto e paternostri galli d'anbera um marcho e ½ d'ariento la filza che sono d i 8 e chostano dalle bande loro circha a s io in XII de nostri la filza e che per tale chonto n'anno rechato 2000 marchi d'ariento ch'e una bella chosa e da fare gran richeza."

A nossa tradução dessas cartas é a seguinte:

"Aos 23 dias deste mes (134) chegou aqui (Lisboa) uma nau que veio de Calicut chamada "*Anunciada*" e conta como outras caravelas que vinham com ela, tinham ficado atraz poucas leguas, sendo que cada legua é 3 milhas e meia das nossas milhas, a qual nau trouxe infinitas noticias, e aqui por esta (carta) eu te darei algumas que são mais importantes."

"Diz-se que ha quatro meses que a frota partiu d'uma terra que confina com Calicut, toda carregada de especiarias, e que na sua ida para lá perderam-se 5 naus do comando deles. Elas iam à nova mina de ouro (Sofala) e a Calicut. Eram oito e juntas chegaram a Calicut. Grande honra e boa

---

(134) Dia 23 de junho, vespera do dia de S. João. Por este topico da carta, se conclui que ela foi escrita entre 24 a 30 de junho de 1501.

recepção lhes foi feita e tendo posto em terra as suas mercadorias, começou o feitor a negociar com eles. E no dito porto estavam 30 naus dos mouros para carregar e transportar (especiarias) a um porto do mar oceano chamado *Bizidem*, donde depois vão a Damasco. E querendo carregar primeiro, chegaram os portugueses a tanta desavença com os mouros, que estes levantaram tumulto e mataram todos os portugueses que se achavam em terra, até o seu feitor. E visto isto, aqueles das naus portuguesas a elas se recolheram, foram por fogo nas naus dos mouros, começaram a bombardear a terra, destruiram nessa (cidade) muitas casas, mataram muita gente e queimaram 15 naus dos mouros. E, por conselho de um indiano, partiram d'alí e foram a uma outra terra onde encontraram um rei inimigo do de Calicut. E foi feita a eles grande honra e grande e perfeita recepção. E aqui negociaram toda a sua mercadoria e encheram as naus de especiarias e de outras cousas. Este rei queria dar-lhes muitas especiarias e credito para a sua volta, sob palavra, mas não quizeram carregar por terem as naus bastante carregadas. E d'aí partiram amigos e pediram-lhes que, no futuro, fizessem sempre escala sòmente ali. O dito rei mandou um embaixador ao nosso rei (D. Manuel) com inumeros presentes. Prometendo que voltariam àquele lògar, partiram. Os mouros de Calicut tinham armado 150 velas com 15 mil homens e vieram atacar as nossas naus. E porque as nossas naus estavam carregadas e teriam de combater, isso não era para se considerar, e, colocando-se em ordem, elas os perderam de vista, com o vento em popa. E na sua vinda acharam muitos reis e senhores, e de todos tiveram boa recepção e presentes. Acharam o corpo do apostolo

S. Tomé, o qual não puderam ver, trouxeram para cá muitas reliquias para o rei (D. Manuel). Com essas naus vêm quatro embaixadores de dois senhores e todos querem submeter-se ao nosso rei (D. Manuel). E muitas outras cousas eles contam para escrever, as quais as folhas (de papel) são insuficientes e não ha tempo. Esta é a carga transportada por esta caravela:

300 quintais de pimenta fina
160 quintais de canela
60 quintais de laca
14 quintais de benjoim."

"Estas são as cousas dignas de menção e muitas outras especiarias pequenas. E o que cada uma das outras sete naus que estão atraz carrega, será sabido quando elas chegarem."

"Eles trouxeram de volta dois papagaios de varias cores, do tamanho de um covado e meio [135]. O que é mais do que um covado e meio dos nossos. São cousas admiraveis. Deram noticia de muitas outras variedades de aves e animais, de modo que quando se diz que Plinio mente, isso prova que é verdadeira a sua historia. [136]

Bartolomeu Marchioni em Lisboa."

* * *

"Foi dito na nossa ultima (carta) como das caravelas que seguiram viagem para Calicut, só

(135) Trata-se de aves da familia das Psitacidas, vulgarmente conhecidas por *"araras"*.

(136) Aqui neste passo, Marchioni refere-se ao Brasil.

uma tinha voltado, e nela se viu a carga que trazia. Depois, das cinco restantes que estavam atraz, tres voltaram. As outras estão perdidas.[137] Essas trouxeram 3000 quintais de pimenta, 1000 de canela, gengibre, cravo e outras especiarias, de modo que se calcula possam fornecer por esta via todo o Poente e, tambem com o tempo, a Italia. Poderão dar grande aborrecimento aos venezianos e ainda mais ao Sultão que desfruta o trafico de lá, porque por esta rota vêm com muito menor despeza e com mais comodidade. Este rei (D. Manuel) está pondo em ordem 20 navios para partirem deste porto (Lisboa) no meado de Novembro, ou quando muito, no proximo Dezembro. Queira Deus conduzi-los a salvo. Obterão, deste modo, grande tesouro, farão grande riquesa e todas as cousas boas e necessarias."

"Ás supraditas caravelas foram à nova mina de ouro e trouxeram bastante ouro da nova mina. Este rei (D. Manuel) põe em ordem navios para manda-los no dito logar, de modo que possa ver a mercadoria recentemente achada lá, de que natureza é, em que quantidade e quanto vale."

"Este rei (D. Manuel) achou recentemente nesta (viagem) um novo mundo, mas é perigoso navegar sobre a extensão desses mares." [138]

---

(137) Anota Greenlee o seguinte: "E' dificil conciliar esta asserção com a do Rei em sua carta de 1501. Duas, em vez de tres naus, parece que chegaram primeiro, a capitania e a de Simão de Miranda. Este asserto prova que a carta foi escrita imediatamente após a chegada de Cabral".

(138) Logo após o descobrimento do Brasil, passou ele a ser conhecido, principalmente pelos italianos, por *"Mundo Novo de Amerigo Vespucci ou Terra dei Papagá"*. Henry Vignaud — *"Améric Vespuci"*, Paris, 1917, pagina 300, diz que foi Vespucci

"Trouxeram muitas especies de aves e animais por nós ignorados e jamais vistos (139), de acordo com aquelas cousas contadas por Plinio na sua historia, o que eram tidas como mentira, mas hoje em dia se vê e se pode dizer que é verdade o que relata."

"Os dois navios que foram à nova mina de ouro (Sofala) são dados como perdidos, porque não ha noticia deles, e dizem que o ouro não foi conhecido antes. Crêem que em outros tempos estes mares foram navegados, mas depois abandonados por serem tão vastos. Em nossos tempos eles eram para nós desconhecidos. Este rei (D. Manuel) acredita que uma viagem como esta é bela cousa".

"Eles dizem que tiveram algumas noticias da ilha de Taprobana e esperam dentro em pouco lá ir. Permita Deus que vão e voltem em segurança, porque cada ano se conhecem novas e belas cousas".

"Dizem que acharam uma cidade bem grande, que dizem ter armazens de seda pertencentes ao rei, com cem teares e o seu trabalho é de tanta especies

---

o primeiro que afirmou que o Mundo Novo era completamente diferente da Asia.

Assiste toda a razão a Marchioni quando diz que "é perigoso navegar sobre a extensão desses mares", visto que após Cabral ter passado as ilhas de Cabo Verde em demanda do cabo da Boa Esperança, perdeu mais da terça parte dos navios de sua frota: a nau de Vasco de Ataide que desgarrou na altura do citado arquipelago e que não apareceu; as de Bartolomeu Dias, Simão de Pina, Aires Gomes e Luiz Pires, que naufragaram no trajeto Porto Seguro—cabo Boa Esperança. Ao todo, cinco naus das treze que somava a frota.

(139) Neste trecho, Marchioni faz alusão aos papagaios, araras e outros animais que a frota de Cabral levou do Brasil.

como na cidade de Strava, de onde vem a seda de Strava, que se entende vir do Oriente. A dita cidade é chamada Zanzura (Zanzibar) e está no Mar Vermelho [140] e falam de uma cousa incrivel quando dizem que por 40 reais que são 40 dos nossos *quatrini*, pode ser obtido um covado de seda encarnada, que pode ser achada em abundancia".

"Os mouros são brancos como os homens do Sultão da Babilonia. Dizem que venderam contas de ambar para rosario, por um marco e meio de prata cada misterio, que são seis ou oito (contas) cada um na terra deles, sendo que o nosso misterio tem 10 ou 12 contas, e que assim revenderam até 2000 marcos de prata, o que é bom meio de fazer grande riqueza".

Nas suas cartas, que acabamos de traduzir para o português na integra e pela primeira vez no Brasil, Marchioni faz referencia, mais de uma vez, ao tamanho e à beleza da plumagem das araras apanhadas no Brasil pelos tripulantes da frota de Cabral, e declara que D. Manuel *tinha achado recentemente* (por intermedio do referido capitão-mor) *um Novo Mundo*, que nada mais era que o nosso pais.

Porque esse banqueiro, amigo particular de D. Manuel, que estava ao par de todos os empreendimentos maritimos dos portugueses, em vez de dizer que D. Manuel *acabava de achar o Brasil* (pela interferencia de Cabral), não declara, não afirma, que essa terra já tinha sido encontrada anteriormente por um nauta português e que este capitão-mor se

(140) Anota Greenlee: "Isto se refere ao Mar Eritren (ou Vermelho), nome aplicado pelos gregos e romanos ao Oceano Indico, incluindo o Mar Vermelho e Golfo Persico".

afastou da rota que lhe traçara Vasco da Gama, com o proposito de tomar posse da *"Terra dei Papagá"* para o citado monarca português?

Acaso, pelos seus dizeres, contando até em detalhe as cargas das naus que voltavam da India, essas cartas de Marchioni enviadas a Florença, não são confidenciais e não podiam ter tais esclarecimentos?

Julgamos que essas perguntas são bons argumentos a opor aos partidarios da tese do descobrimento propositado do Brasil pela segunda armada da India.

III — OS DESPACHOS DIPLOMATICOS

Para a maioria dos historiadores portugueses, os *"oratori"*, os embaixadores das republicas italianas acreditados junto ao Governo Português, na epoca dos descobrimentos maritimos, não passavam de espiões habilissimos que, por todos os meios aos seus alcances, punham os seus governos ao par das menores ocorrencias em se tratando de viagens e descobrimentos, destacando-se entre eles os de Veneza. Desse modo vale, como a expressão da verdade, o que tais diplomatas participaram aos seus governos sobre o descobrimento do Brasil.

Em 27 de junho de 1501, logo após a chegada em Lisboa das naus de Cabral de volta da India, Giovanni Matteo Cretico, nuncio da Senhoria de Veneza junto a D. Manuel, enviou uma carta ao Doge, que nessa epoca era Agostinho Barbarigo, dando noticias da viagem do referido Capitão-mor Uma copia dessa carta, seguramente foi remetida

ao referido Doge, por intermedio de Pietro Pasqualigo, embaixador de Veneza em Lisboã e uma segunda copia por meio de Domenico Pisani, embaixador tambem de Veneza na Espanha. (141)

Na carta que Cretico escreveu à Senhoria de Veneza, dando noticia do que ocorreu com a frota de Cabral na sua viagem a Calicut, há esta passagem:

"...doue trouano una altra vena doro: la quale chiamano zaffala: doue li antiqui affermano esser mazor copia doro che in altra parte: de qui intrano in el mar Barbarico: & poi in quello dindia: & ariuano a Calichut: questo e lor uiazo el qualle e piu de XV M.miglia:ma trauersando lo scortano assai:*di sopra dal capo de Bonasperãza uerso garbi hanno scoperto una terra noua, la chiamano de li Papaga:per essergene di longeza de brazo.i.& mezo di uari colori:de li quali ne* hauemo visto doi"... ("...onde encontra um outro veio de ouro: o qual chamam Sofala: onde os antigos afirmam ter maior quantidade de ouro que em outra parte: daqui entram no mar Barbarico e depois naquele da India: e chegam a Calicut: este é o caminho deles, o qual é mais de 15.000 milhas: mas atravessando, o encurtarão bastante: *acima do cabo de Boa Esperança, do lado de Sudoeste, descobriram uma terra nova, chamam-na dos Papagaios: por serem eles do comprimento de um braço e mais, de varias cores, dos quais vimos dois*"...) (142)

---

(141) William B. Greenlee — *"The Voyage of Pedro Alvares Cabral to Brazil and India"*, London, 1938, pagina 115.

(142) *"Paesi nouamente retrouati & Novo Mondo da Alberico Vesputio Florentino intitulato"*, reprodução em fac-simile da edição de 1508 feita pela Princeton University Press, 1916, paginas 143 a 145.

Pedro Pasqualigo, dando noticia à Senhoria de Veneza em 18 de outubro de 1501, da viagem de Gaspar Corte Real às regiões boreais da America, escreveu:

"Etiam credeno conjungersi con le Andilie, che furuno discoperte per li reali di Spagne, et con la terra dei papagá, noviter trovata per le navi di questo re che andarono in Calicut". ("Tambem supõem estar ligada com as Antilhas que foram descobertas pelos reis da Espanha e com *a terra dos papagaios recentemente achada pelas naus deste rei que foram para Calicut".*) (143)

Na sua carta à Senhoria de Veneza, Giovanni Matteo Cretico diz que os portugueses *"descobriram uma terra nova"*, e Pedro Pasqualigo por sua vez declara que a *"terra dos Papagaios (Brasil) tinha sido recentemente achada".* O leitor sabe muito bem o significado das palavras aqui grifadas, razão pela qual nos abstemos de qualquer comentario.

— A COMUNICAÇÃO DE D. MANUEL AOS REIS CATOLICOS SOBRE A VIAGEM DE CABRAL A CALICUT E O DESCOBRIMENTO DO BRASIL

Com a data de 28 de agosto de 1501, D. Manuel escreveu aos soberanos da Espanha, seus sogros, uma carta dando noticias da viagem de Cabral à India e fazendo referencia ao descobrimento do Brasil, com as seguintes palavras:

---

(143) Henry Harrisse, *"Les Corte Real"*, Paris, 1883, pagina 209.

"Estes dias passados, depois que a primeira nova da India chegou, não escrevi a Vossas Senhorias as causas dela porque não era ainda vindo Pedro Alvares Cabral meu capitão mor da frota que lá tinha enviado. E depois da sua chegada sobrestive nisso porque tambem não eram ainda vindas duas naus de sua companhia das quais uma delas tinha enviado a Sofala, que é mina de ouro que novamente se achou, não para resgatar, sómente para haver verdadeira informação das coisas dela, porque duas naus que para isso iam, uma delas se perdeu no mar e a outra se apartou da frota com tempo feito e não foi à dita Mina. E depois de chegadas as ditas naus, estando para notificar tudo a Vossas Senhorias, Pero Lopes de Padilha me disse que folgarieis de saber as novas de como as cousas dela sucederam, as quais, de como tudo sumariamente se passou, são estas. O dito meu capitão (Pedro Alvares Cabral) com treze naus partiu de Lisboa a nove dias de março do ano passado e nas oitavas da pascoa seguinte *chegou a uma terra que novamente descobriu* [144] a que pôs nome Santa Crus, em que achou as gentes nuas como na primeira inocencia, mansas e pacificas, *a qual pareceu que Nosso Senhor milagrosamente quis que se achasse* porque é muito conveniente e necessario à navegação da India, porque ali corrigiu suas naus e tomou agua, e pelo caminho grande que tinha para andar não se deteve para se informar da dita

(144) O adverbio *"novamente"* aqui empregado, significa *recentemente, agora,* etc. Vide no final deste livro sob o titulo *"Questões Correlatas"*, um pequeno estudo filologico sobre o referido adverbio e o seu emprego no seculo XVI, tanto em Portugal como na Espanha, Italia e França.

terra, *somente dali me enviou um navio a notificar-me como a achara*, e seguiu seu caminho pela via do cabo da Boa Esperança", etc. (145)

Porque havia D. Manuel de dizer que o descobrimento do Brasil *tinha sido milagre de Deus;* qual a necessidade de informar Fernando e Izabel que, de Porto Seguro, *expediu Cabral uma nau afim de notifica-lo como tinha achado a Ilha de Vera Cruz?* Pois se o Brasil era conhecido em Portugal anteriormente à viagem do referido Capitão-mor, muito mais acertado andaria esse monarca português dizendo aos reis da Espanha, *seus prezados sogros*, que de acordo com as clausulas do Tratado de Tordesillas, mandara Cabral em viagem para Calicut, tomar posse do nosso país para a coroa portuguesa, pois que o mesmo estava na zona de sua jurisdição, aquem da divisoria.

V — O ACTO NOTARIAL DE VALENTIM FERNANDES

Valentim Fernandes, alemão natural da Morávia, gosou de grande prestigio nas cortes portuguesas. Foi impressor, tradutor, autor, epistolario, tabelião publico em Lisboa e até escudeiro da rainha D. Leonor, esposa de D. João II e irmã de D. Manuel.

Em um acto notarial de Valentim Fernandes, feito a 20 de maio de 1503, em Lisboa, para acompanhar uma imagem dum tupi e a pele de um jacaré,

---

(145) Documento existente no Arquivo do Estado em Veneza e publicado na *"Historia da Colonização Portuguesa do Brasil"*, volume 11, paginas 165 a 167.

enviados a Bruges por um mercador flamengo, acto esse cujo original pertence ao celebre Codice de Conrado Peutinger da Biblioteca de Stuttgart, ha uma longa passagem referente ao descobrimento do Brasil por Cabral. Transcrevemos aqui, na integra, devidamente anotada por A. Fontoura da Costa a tradução desse importante documento, que é do teor seguinte: (146)

"Em nome de Deus, Amém. Pelo teor do presente documento publico saibam todos claramente que no ano do nascimento do Senhor de 1504, indição sétima, e no dia 4 do mês de Agosto, no ano 1° do pontificado do Santissimo Padre em Cristo e nosso Senhor Julio II, papa pela Divina Providencia, o nobre e circunspecto varão Conrado von der Rosen, natural das regiões da Germania, possuindo e tendo em suas mãos uma autentica carta patente, ou seja o documento publico, abaixo transcrito, feito com sinal e assinatura do honrado varão, senhor Valentim Fernandes de Morávia, tabelião publico por autorização do serenissimo rei de Portugal e assinado tambem por ele, apresentou-o e entregou-mo a mim, tabelião publico abaixo assinado, para dele extratar uma publica forma; e, depois de vermos que estava em regra, pediu-nos que lhe dessemos uma copia que é do teor abaixo escrito:"

"Uma armada de 13 grandes naus do poderosissimo D. Manuel I, rei de Portugal e dos Algarves, d'Aquem e d'Alem mar em Africa, senhor da Guiné e da Conquista, Navegação e Comercio da Etiopia,

(146) A. Fontoura da Costa, *"Cartas das Ilhas de Cabo Verde de Valentim Fernandes"*, Lisboa, 1939, paginas 91 a 96.

Julgamos que, aqui no Brasil, somos o primeiro a publicar na integra, este importante documento.

Arabia, Persia e India, tendo saido do porto e riquissimo emporio de Lisboa, e partindo para a India, *descobriu aquem do Ganges, num mar desconhecido, sob a linha equinocial, um outro mundo, pela Divina Providencia ignorado de todas as outras autoridades, no ano de Cristo de* 1500 *e no ultimo dia do mes de Abril.* (*a*) Era seu comandante o estrenuo cavaleiro Pedro Alvares Cabral. Os habitantes desse mundo não têm fé, nem religião, nem indolatria, nem conhecimento algum do seu Criador, nem estão sujeitos a leis ou a qualquer dominio, mas apenas ao conselho dos velhos; nada têm como proprio, mas tudo lhes é comum, salvo as mulheres, andam todos completamente nus e nem homens nem mulheres cobrem as partes vergonhosas, afora em alguns dias festivos em que uns pintam os corpos de varias cores, outros cobrem-se, depois de ter untado o corpo, com pequenas penas de aves de cores variadas, e os restantes atam ao corpo grandes penas à maneira de aves. Os homens são de cor parda, de cabelos negros longos e corredios, não crespos como o dos Etiopes, posto que habitem no mesmo paralelo, de estatura pequena, de corpo robusto, rosto amplo, olhos pequenos, tendo buracos no queixo e além disso diversos na face, onde colocam pedras e ossos a titulo de ornato; todos os homens são imberbes e as mulheres arrancam-lhes os pelos, mas alguns trazem uma barba pintada."

"Os homens copulam com as mulheres, mas não em publico nem entre estes dois graus de parentesco: o filho com a mãe ou o pai com a filha e o irmão

---

(a) E' engano, a armada chegou à costa do futuro Brasil em 22 de Abril.

com a irmã. Não têm brado (*b*) algum; comem assadas ou cozidas carnes das aves e de todos os animais, bem como a carne humana dos seus inimigos, e de igual modo os peixes e os crocodilos."

"Fazem vinho do milho. Todos os animais são diferentes dos nossos, a não ser os porcos; e não são menos diferentes as aves, as arvores e as ervas. Encontram-se aí os maiores crocodilos, não todavia tão ferozes como na Etiopia, que tambem comem os homens: a pele presente deste mostra o corpo dum verdadeiro crocodilo. A terra é cheia de bosques espessos, de rios muito grandes e dela nos trouxeram os paus do Brasil e os paus de canela e outros que pareciam paus de canela, bem como papagaios de diferentes especies." (147)

"Passados dois anos, uma outra armada do mesmo cristianissimo rei, destinada a esse fim, tendo seguido o litoral daquela terra por quasi 760 leguas, encontrou nos povos uma só lingua, baptizou a muitos e, avançando para o sul, chegou até à altura do polo antartico, a 53 graus, e tendo encontrado grandes frios no mar voltou à patria." (*c*)

(*b*) Grito esforçado.

(147) E' engano, porque quando o Brasil foi descoberto por Cabral, não existia nele a caneleira (*Cinnamonum zeylanicum* Nees.).

(*c*) Todo este periodo diz respeito à discutida armada de tres navios, mandada por D. Manuel em 1501 a explorar as costas das terras descobertas por Alvares Cabral.

O unico dos nossos cronistas que se lhe refere é o infeliz Antonio Galvão.

Américo Vespucio (de cuja passagem por Portugal não existe um só documento nos Arquivos Nacionais), que ia a bordo dum desses tres navios, narrou a viagem, em termos pouco precisos, na sua famosa e discutidissima carta de 1502, a Lorenzo Petro de Medicis, publicada pela primeira vez sob o nome *Mundus Novus*

"Esta imagem, isto é, a daqueles homens e o presente crocodilo manda o egregio varão João Draba, para perpetua memoria dos reis serenissimo à capela do sangue de Cristo, fundada em Bruges, cidade de Flandres, para louvor de Deus omnipotente e da patria, no ano da salvação 1503, no mês de Maio." (*d*)

"E eu Valentim Fernandes de Morávia, tabelião publico por ordem do mesmo rei de Portugal, *li a carta presente diante da régia majestade*, dos seus barões, supremos capitães e pilotos ou governadores dos seus navios da supracitada terra dos anti podas com o novo nome de terra de santa cruz *e todos unanimemente a confirmaram* (*e*) *e eu coligi tudo isto dum livro escrito por mim* (*f*), *me-*

(ed. princeps de Florença, 1503?). Vespucio fez outras descrições desta viagem, de 1501-1502, que foram igualmente publicadas varias vezes.

E' possivel que Galvão desse a sua sumaria nota desta viagem tomando-a de alguma das descrições de Vespucio. Mas Valentim Fernandes, que escreve em 20 de Maio de 1503, refere-se a esta viagem em termos algo semelhantes que conheceu em Lisboa, onde estava, dos proprios homens regressados na frota de 1501-1502; êle confirma assim a discutida viagem.

O sr. professor Duarte Leite inclina-se a que fosse Fernão de Loronha o ignorado capitão da frota.

(*d*) Certamente que a primitiva escultura e a pele do crocodilo vieram das terras de Santa Cruz na frota de 1501-1502.

(e) Valentim Fernandes, já então escudeiro da rainha d. Leonor, estava nas melhores relações com D. Manuel; não admira, por isso, que ele lesse a sua carta — como lhe chama — na presença do rei e da sua corte.

(*f*) Que destino teria este livro, escrito por Valentim Fernandes? Iria tambem para à Alemanha ou ter-se-ia perdido, mesmo em Lisboa?

diante a narração de dois homens da terra acima referida, e abaixo assinados, que durante 20 *meses lá moraram* e afirmo que tudo é verdadeiro pelo que vi e me relataram". (*g*)

"Em testemunho do que aponho aqui o meu sinal publico, a 20 de Maio de 1503, por assim o ter escrito acima. Valentim Fernandes esta carta em verdade etc." (*h*)

"E porque eu Liberto Wigenhoist, clérigo de Colonia, etc." (*i*)

O documento que acabamos de transcrever é de grande importancia para a presente discussão, não só por ter sido redigido apenas 3 anos após o descobrimento do Brasil, quando a verdade não tinha ainda sido deturpada, mas tambem por ter o rei D. Manuel em companhia de sua corte assistido à leitura do mesmo, concordando serem os seus di-

---

(*g*) Pero Vaz de Caminha, na sua preciosa carta a D. Manuel, terminada em Porto Seguro no dia 1 de Maio de 1500, afirma que Cabral deixou em Vera Cruz dois degredados (talvez Afonso Ribeiro fosse um deles) e que, na noite de 30 de Abril para 1 de Maio, fugiram para terra dois grumetes; foram pois quatro os portugueses que ficaram em Vera Cruz.

D. Manuel, na sua carta a Fernando Católico, escrita em Lisboa no ano de 1505, a proposito dos dois degredados de Cabral, declara: "Destes dois homens, em uma outra armada, que directamente mandamos àquela terra, voltou um que sabia a lingua dos indigenas, e nos informou de tudo". Esta armada só podia ser a de 1501-1502. Concluimos do exposto que a frota de 1501-1502 recolheu em Vera Cruz — Santa Cruz, de D. Manuel — em Setembro de 1502, dois homens, segundo Valentim Fernandes, dos quatro que ali ficaram em 2 de Maio de 1500. Foram eles quem deram a Fernandes as informações que ele teve das terras americanas. E' pena não estar completo este seu documento, para se conhecerem os nomes dos referidos informadores.

(*h*) E' tradução fiel do documento transcrito por Kunstmann.

(*i*) A mesma observação de (*h*).

zeres a expressão da verdade. Desse modo, o Brasil tinha sido encontrado por Cabral *pela vontade da Divina Providencia, isto é, casualmente.*

Mas esse documento tem tambem um valor inestimavel para provar que a expedição exploradora da costa do Brasil, que de Portugal partiu em 1501 e onde viajava Vespucci como piloto, atingiu 53 graus de latitude Sul como disse este navegante florentino em uma de suas cartas, não sendo uma fantasia o que escreveu este cosmografo, como assoalham os seus gratuitos detratores.

VI — A RELAÇÃO DO PILOTO ANONIMO

Em 1507 foi publicada pela primeira vez na cidade de Vicencia, Italia, uma coletanea de descrições de viagens e descobrimentos maritimos organizada pelo professor de literatura dessa cidade, de nome Fracanzano da Montalboddo, sob o titulo: "*Paesi Nouamente retrouati et Novo Mondo de Alberico vesputio Florentino intitulato*".

Essa coletanea divide-se em seis partes, sendo que cada uma delas é denominada "*Libro*". Parte do "*Libro Secundo*" e todo o "*Libro Tertio*", são os que mais nos interessam. Narram eles a viagem de Pedro Alvares Cabral a Calicut e o descobrimento do Brasil por este Capitão-mor.

A descrição dessa viagem é conhecida entre nós com o nome de "*Relação do Piloto Anonimo*", devido ao fato de ter sido trazida em 1812, pela "Academia das Ciencias de Lisboa" da obra de Giovanni Baptista Ramusio publicada em Veneza em 1550, sob o titulo "*Navigationi et Viaggi*", sendo que

Ramusio erradamente atribue a sua autoria a um piloto anonimo português. (148)

As modernas investigações historicas (149) chegaram ao seguinte resultado, sobre o autor da descrição da viagem de Cabral a Calicut, publicada pela primeira vez por Montalboddo:

Pedro Martyr de Angleria, homem de notavel saber, o primeiro historiador do descobrimento da America, escreveu em latim uma narrativa completa das tres primeiras viagens de Colombo e daquelas de Alonso Niño e Vicente Yañes Pinzón tendo mandado tirar copias desse seu trabalho a fim de oferece-las a amigos da Italia. Uma dessas copias, que era a primeira decada "*De rebus oceanicis et novo orbe*", foi ter às mãos de Angelo Trevisan, secretario da embaixada de Veneza na Espanha.

Ora, como Trevisan recebia cartas do Almirante Domenico Malipiero, um dos historiadores da grandeza de Veneza, nas quais manifestava enorme interesse pelos recentes descobrimentos realizados pelos espanhois e portugueses, escreveu Trevisan de Granada a 21 de agosto de 1501 ao Almirante, dizendo que ia traduzir no veneziano vulgar a narrativa de Pedro Martyr e fazer-lhe pouco a pouco a remessa da mesma, visto não poder remete-la de uma só vez, por ser muita extensa.

Após ter recebido a aludida tradução e naturalmente tirado dela os apontamentos de que necessitava, Malipiero a ofereceu ao Senado de Veneza, sendo que o manuscrito foi ter em mãos de Alber-

(148) *"Collecção de Noticias para a Historia e a Geographia das Nações Ultramarinas"*, Lisboa, 1867, II vol., pag. 105.

(149) Raccolta Colombiana, parte III, Guglielmo Berchet, *"Carteggi Diplomatici"*.

tino Vercellese, de Veneza, que o fez imprimir em 1504, sob o titulo: *"Libretto de Tutta la Navigatione de Re de Spagna. De Le Isole et Terrene Nuoumente Trouati"*.

Mas o Almirante Malipiero não se contentava com os pormenores das viagens de Colombo e pedia a Trevisan que lhe enviasse tambem informações sobre a viagem de Cabral a Calicut. Dando desempenho a essa incumbencia de Malipiero, pediu Trevisan a Giovanni Matteo Cretico, nuncio de Veneza em Lisboa, que lhe enviasse uma minuciosa narrativa do que ocorrera com a segunda armada portuguesa da India sob o comando de Cabral.

Na citada carta de 21 de agosto de 1501, Trevisan além de informar Malipiero sobre o que tinha obtido com relação a viagem de Colombo, o cientifica de que *"ulterius aspetiamo di zorno in zorno da Lysbona el nostro doctore (Cretico), che lassó li el nostro magnifico ambassador (Domenico Pisani) el qual a mia instancia ha facto un'opereta del viazo del Calicut, de la qual ne faró copia á la magnificentia vostra", etc.* (Nós estamos esperando de dia para dia o nosso doutor, de Lisboa, que lá deixou o nosso magnifico embaixador, o qual a meu pedido escreveu um pequeno trabalho sobre a viagem de Calicut, do qual tirarei uma copia para vossa magnificencia.)

Mas, ao que parece, Malipiero insta com Trevisan por informações da viagem de Calicut, e o secretario da embaixada de Veneza na Espanha, provavelmente em Setembro desse mesmo ano, escreve novamente a Malipiero dizendo que, *"circa le desiderio ha la magnificentia vostra de intender el viazo de Calicut, io li ho scritto altre fiate*

che aspetto de zorno in zorno Messer Cretico, qual me scrive haverne composto una opereta. Subito ch'el sia zonto, faró che la magnificentia vostra ne haverá parte". (Com relação ao desejo de vossa magnificencia de inteirar-se a respeito da viagem de Calicut, eu já vos escrevi que, de dia para dia, estou esperando Messer Cretico, que me escreve *dizendo ter feito um pequeno trabalho.* Assim que ele chegue, farei com que vossa magnificencia receba uma parte.)

Está, desse modo confirmado, que Cretico escreve um opusculo sobre a viagem de Cabral a Calicut.

Finalmente, em 3 de Dezembro de 1501, de Exigia, escreve Trevisan uma nova carta ao Almirante Malipiero, onde ha esta passagem: "*Messer Cretico etiam sviscerato perlial et servitor de la magnificientia vostra, la rengratia che la se habi degnato per sue lettere salutarlo cosi amorevolmente, et molto se recommenda, congratulando-se ex intimo cordis de la felicitá sue, el venne de Portugal fino questo Setembre molto informato del viazo de Calicut, et tuta via compone uno tractato che sará molto bello et grato á chi se delecta de tal cose".* (Messer Cretico, tambem um leal servidor de vossa magnificencia, vos agradece por tê-lo saudado tão amavelmente em vossas cartas, e muito se recomenda, congratulando-se do fundo de seu coração da sua felicidade; ele veio de Portugal em fins de Setembro muito bem informado no que diz respeito à viagem de Calicut e *está escrevendo uma narração* que será muito bonita e agradavel a quem se deleita com tal cousa.)

Essa relação da viagem de Cabral, tão desejada mas tão retardada, só chegou a Veneza depois de ter sido publicado o *"Libretto de Tutta la Navigatione de Re de Spagna"*, de Albertino Vercellese, que como sabemos foi impresso em 1504, para sair daí a dois anos e meio na coletanea de Montalboddo, *"Paesi nouamente retrouati"*.

A correspondencia a que fizemos alusão, aquela de Trevisan ao Almirante Domenico Malipiero, foi por este oferecida ao Senado de Veneza, dali passou às mãos de Soranzo, patricio veneto, e depois dele às de duas ou tres pessoas, até que foi cair em poder do reverendo Sneyd, de Londres, e por sua morte tornou-se propriedade de seu filho, sendo hoje em dia conhecida por Codice Sneyd (Berchet, *"Carteggi Diplomatici"*, pagina 46 e seguintes). Tal codice está atualmente na Biblioteca Sneyd, de Newcastle.

Desse modo fica provado que o autor da narração da viagem de Cabral a Calicut, conhecida por *"Relação do Piloto Anonimo"*, foi Giovanni Matteo Cretico, mas na nossa opinião, a linguagem dessa descrição faz supor que teve como base, pelo menos um documento português.

De posse dessa narração, que lhe enviou Cretico, o secretario da embaixada de Veneza na Espanha, Angelo Trevisan, a remeteu ao Almirante Malipiero, depois de 5 de dezembro de 1501 e antes de 1507, ano este em que foi ela publicada por Montalboddo na sua coletanea.

A maioria dos historiadores portugueses é de parecer que a descrição da viagem de Cabral à

India, enviada ao Almirante Malipiero por Trevisan, permite avaliar-se da admiravel organização do serviço de espionagem mantido em Lisboa pelas republicas italianas. (150)

Sendo assim, a "*Relação do Piloto Anonimo*" é inegavelmente uma fonte segura sobre o que de verdade ocorreu em se tratando do descobrimento do Brasil por Cabral, de vez que os espiões sempre foram individuos atilados e sagazes, habeis tanto na coleta como na transmissão de informações aos seus governos.

A coletanea de Montalboddo — "*Paesi nouamente retrouati et Novo Mundo de Alberico vesputio Florentino intitulato*", publicou pela primeira vez as viagens de Cá da Mosto ao Cabo Verde e ao Senegal, quando a serviço do Infante D. Henrique; a de Vasco da Gama à India e a de Cabral ao Brasil e Calicut; a viagem de Vespucci ao Brasil; o despacho do nuncio de Veneza em Lisboa, onde ha referencia sobre o descobrimento do Brasil por Cabral. Além disso, esse livro deu à publicidade pela segunda vez as tres primeiras viagens de Colombo ao Novo Mundo, a de Alonso Niño e a de Pinzón ao Brasil, escritas por Pedro Martyr. Como disse J. C. Rodrigues, "esse livro não é uma joia, mas uma constelação de joias". Na America do Sul só existe um unico exemplar, aquele da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Eis agora a tradução da parte desse livro relativa ao descobrimento do Brasil por Cabral, feita

---

(150) *"Historia da Colonização Portuguesa do Brasil"*, volume I, introdução, pagina XXV.

por nós diretamente da edição princeps existente na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [151]:

Capitulo LXIII

ONDE EM PESSOA O REI MANUEL CONSIGNOU O ESTANDARTE REAL AO CAPITÃO

No ano de MCCCCC mandou o serenissimo Rei de Portugal por nome chamado Dom Manuel, uma armada sua composta de naus e navios a qual tinha por capitão geral Pedro Aliares Cabrile (Pedro Alvares Cabral), fidalgo. Estas naus e navios partiram bem aprestadas e providas de tudo o de que precisassem por ano e meio. Dessas XII naus ordenou que X descarregassem em Calicut e que as outras duas fossem á Arabia, ficando estabelecido que fossem a um logar chamado Zaffalle (Sofala) porque queriam contratar mercadorias no dito logar; e aquele logar de Sofala acha-se estar no caminho de Calicut. E assim as outras X naus levassem mercadorias que para a dita viagem lhes fosse necessario.

E aos VIII do mês de Março do dito milesimo ficaram prontas e naquele dia de domingo sahiram fora desta cidade duas milhas distante para um logar chamado Rastello, onde ha uma igreja chamada Santa Maria de Baller (Belém), no qual logar o Serenissimo Rei foi ele mesmo em pessoa

(151) A tradução feita pela "Academia das Sciencias de Lisboa" e publicada na *"Historia da Colonização Portuguesa do Brasil"*, volume II, paginas 113 a 117, contem varios erros, visto ter sido feita da coletanea de Ramusio, publicada em Veneza em 1550, sob o titulo *"Navigationi et Viaggi"*, etc.

consignar ao Capitão o estandarte real para a dita armada.

Item. Na segunda-feira que foi IX de Março partiu a dita armada para a sua viagem, com bom tempo.

Item. Aos XIV do dito mês passou a dita armada pela ilha das Canarias.

Item. Aos XXII passou pela ilha de Cabo Verde.

Item. Aos XXIII desgarrou uma nau da dita armada de modo que d'esta nunca se soube noticia até o presente, nem se pode saber.

CAPITULO LXIIII

COMO DISCORRIAM AS NAUS COM A TEMPESTADE

Aos XXIIII de Abril que foi a quarta-feira da oitava da Pascoa, teve a dita armada vista de uma terra, *com o que houve grande prazer.* E chegaram a terra *para ver que terra era,* a qual terra acharam muito abundante de arvores e gente que por ali andava pela praia do mar. E lançaram ancora na foz de um pequeno rio. E depois de lançadas ditas ancoras o Capitão mandou arriar um batel ao mar no qual *mandou ver que gente era aquela.* E acharam que era gente de cor parda, entre o branco e o preto, bem disposta, com os cabelos corredios. Andam nus, como nasceram, sem vergonha alguma. E cada um deles trazia seu arco com flechas, como homens que estavam em defesa do dito rio. Na dita armada *não havia ninguem que entendesse sua lingua* e, visto isso, os do batel voltaram ao Capitão. E nesse instante se fez noite, na qual houve grande tempestade.

Item. O dia seguinte pela manhã levantamos ancora com grande tempestade e andamos discorrendo a costa para o Norte, para vermos si encontravamos algum porto onde ficasse dita armada. O vento era sueste. Finalmente acharam um porto onde lançaram ancora no qual encontraram daqueles nativos que andavam nos seus barquinhos pescando. E um dos nossos bateis foi onde estes tais homens estavam e aprisionaram dois deles e trouxeram ao Capitão *para saber que gente eram.* E, como foi dito, não se entendiam por fala e menos por acenos. E naquela noite o Capitão os reteve consigo. No dia seguinte os mandou vestir com uma camisa, uma roupa e um barrete vermelho. E por aquele vestir, ficaram muito contentes e maravilhados das cousas que lhes foram mostradas. Depois daquilo mandou deita-los á terra.

Capitulo LXV

RAIZ DE QUE FAZEM PÃO, SEUS OUTROS COSTUMES

Item. Naquele mesmo dia que era a oitava da pascoa, a XXVI de Abril, determinou o Capitão-mor ouvir missa e mandou armar uma tenda naquele espaço, onde mandou armar um altar e todos aqueles da dita armada foram ouvir missa e pregação, onde se ajuntaram muitos homens daqueles bailando e cantando com seus cornos. E logo que foi dita a missa, todos partiram para as suas naus, e aqueles homens da terra entravam no mar até debaixo dos braços cantando e fazendo-lhes prazer e festa. E depois de ter o Capitão

jantado, tornou a terra a gente da dita armada, tomando recreio e prazer com aqueles homens da terra. E começaram a negociar com os da armada e davam de seus arcos e flecha por guizos e folhas de papel e pedaços de pano. Estiveram todo aquele dia tendo prazer com eles. Achamos neste logar um rio de agua doce e de tarde voltamos ás naus.

Item. No outro dia determinou o Capitão-mor tomar agua e lenha e todos aqueles da dita armada foram á terra e aqueles homens daquele logar vinham ajudar a tomar agua e lenha. Alguns dos nossos foram á terra donde estes homens são, que era tres milhas afastada do mar e trocaram papagaios e uma raiz chamada inhame que é o pão deles que comem os arabes. Aqueles da armada lhes davam guizos e folhas de papel em pagamento das ditas cousas, no qual logar estivemos V ou antes VI dias. O costume desta gente: eles são homens pardos e vão nus sem vergonha e os cabelos deles são longos e trazem a barba pelada. As palpebras dos olhos e os sobre-cilios eram pintados com figuras de cores branca, preta, azul e vermelha. Trazem os labios da boca, isto é, o de baixo furado e nos buracos poem um osso grande como prego e outros trazem aí uma pedra azul ou verde e comprida, que pendem dos ditos buracos. Mulheres e semelhantes vão sem vergonha e são belas mulheres de corpo; os cabelos longos. Suas casas são de pau cobertas de folhas e ramos de arvores com muitos esteios de pau. No meio das ditas casas e dos ditos esteios, poem á parede uma rede de algodão pendurada, na qual fica um homem e entre uma rede e outra fazem fogo, de modo que em uma só casa estão XL e L leitos armados a moda de teares.

CAPITULO LXVI

PAPAGAIOS NA TERRA RECENTEMENTE DESCOBERTA

Naquela terra não vimos ferro nem tambem outros metais. Cortam a madeira com pedra. Ha muitas aves de varias especies, passaros mui bonitos, especialmente papagaios de muitas cores, entre os quais existem grandes como galinha. Das penas das ditas aves fazem chapeus e barretes que eles usam. A terra é muito abundante de arvores e tem agua da melhor, inhames e algodão. Nestes logares não vimos nenhum animal. A terra é grande e não sabemos se é ilha ou terra firme. Antes, acreditamos que pela sua grandeza seja terra firme. Tem muito bom ar e estes homens têm redes e são grandes pescadores, de modo que entre eles vimos um peixe grande que apanharam que era como um tonel e mais comprido e redondo. Tinha a cabeça como porco e os olhos pequenos. Não tinha dentes e tinha orelhas longas como um braço e larga meio braço. De baixo do corpo tinha dois furos. A cauda era comprida um braço e outro tanto larga. Não tinha pés em nenhum logar. Tinha pele como porco. O couro era grosso um dedo e sua carne era branca como a de porco.

Item. Nestes dias que aí estivemos, determinou o Capitão fazer saber ao nosso Serenissimo Rei *o encontro desta terra* e deixar nela dois homens bandidos e condenados à morte que tinhamos na dita armada para tal efeito. *E logo o dito Capitão despachou um navio que eles tinham com mantimentos, isto além das XII naus sobreditas, o*

qual navio levou cartas ao Rei nas quais se continha quanto haviam visto e descoberto. E despachado o dito navio, o Capitão foi á terra e mandou fazer uma cruz muito grande de madeira e mandou chantar no solo, e como foi dito, deixou dois homens bandidos no dito logar, os quais começaram a chorar e os homens daquela terra os confortavam e mostravam ter deles piedade.

Capitulo LXVII

TEMPESTADE TÃO GRANDE QUE IIII NAUS SE PERDERAM

Item. No outro dia que foi II de Maio do dito ano a armada fez-se de vela pelo caminho para fazer a volta do cabo de Boa Esperança, o qual caminho seria no golfo de mar, mais de MCC leguas, que é IIII milhas por legua." etc. etc. (152)

Depois da carta de Pero Vaz de Caminha, a narração da viagem de Cabral à India que acabamos de transcrever, em parte, é uma das mais importantes fontes para o estudo do descobrimento do Brasil.

Como acabamos de ver, não ha necessidade de analisarmos em seus detalhes essa narração do descobrimento do nosso pais por Cabral, para concluirmos que esse acontecimento foi obra de mero acaso.

---

152) Deste ponto em diante a narração se ocupa da viagem de Cabral à India.

Basta atentarmos para os seguintes fatos: a grande surpresa de que foi tomada a tripulação da frota do Capitão-mor, quando encontrou o litoral brasileiro; o interesse que todos tiveram em querer saber que terra era essa; o capitulo LXVI dessa narração ser intitulado — *"Papagaios na terra recentemente descoberta"*; e finalmente a resolução de Cabral, *mandando um navio a Lisboa com o fim especial de participar a D. Manuel, "o que tinha visto e descoberto"*.

* * *

A tradução integral da "Relação do Piloto Anonimo", feita diretamente por nós do texto original italiano, é encontrada em outra parte deste livro sob o titulo *"Documentos"*.

VII — A CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA

Diz Fernão Lopes de Castanheda que, subordinados a Aires Correa, iam como escrivães da feitoria indiana Gonçalo Gil Barbosa e Pero Vaz de Caminha. (153) Porém as modernas investigações historicas concluem por admitir ter sido Caminha escrivão de bordo da nau de Cabral, pois viajou em sua companhia e tomou parte no conselho dos capitães.

Não comporta este nosso modesto trabalho um estudo minucioso da carta e da personalidade de Caminha, mas apenas uma rapida analise das pas-

---

(153) Obra citada, volume I, pagina 96.

sagens mais importantes da sua epistola e que dizem com a tese que defendemos.

O documento em apreço, como disse Capistrano de Abreu, "é o diploma natalicio lavrado à beira do berço de uma nacionalidade futura". (154) Dizer da sua importancia nesta discussão é desnecessario. Basta repetirmos o que disse o historiador português C. Malheiro Dias: "Pelo extravio ou destruição dos documentos de maior realce historico, esta narrativa (carta de Caminha) assumiu a importancia documental de prova; oficializou-se, tornou-se na frase decisiva de Capistrano de Abreu, "a base de toda a historia do descobrimento". (155)

Pois bem. Em cinco topicos dessa carta encontramos declarações minuciosas e insofismaveis, provando que Cabral não conhecia em absoluto a terra que descobriu e, portanto, não podia ter a ela aportado intencionalmente com o escopo de tomar posse da mesma para a coroa portuguesa, segundo instruções secretas do rei D. Manuel.

A carta começa assim :

"Senhor. Posto que o Capitão-mor desta vossa frota, e assim os outros capitães escreveram a Vossa Alteza *a nova do achamento* (156) *desta vossa terra nova, que nesta navegação agora se achou*, não deixarei tambem de dar minha conta disso a

---

(154) *"O Descobrimento do Brasil"*, Rio de Janeiro, 1929, pagina 238.

(155) *"Historia da Colonização Portuguesa do Brasil"*, II volume, pagina 77.

(156) Na Terceira Parte deste livro, capitulo IV, numero IV, existe um modesto estudo sobre o verdadeiro significado do substantivo verbal *"achamento"*.

Vossa Alteza, o melhor que eu puder, ainda que para o bem contar e falar, o saiba fazer pior que todos".

Como estamos vendo, Caminha declara que tanto Cabral como outros capitães escreveram a D. Manuel sobre o sucedido. Isso significa que um acontecimento inesperado tinha ocorrido e que tal era a sua importancia que obrigava todos os comandantes de navios a escrever ao rei. Seria esse acontecimento o fato em si banal de ter o Capitão-mor aportado a uma terra já então conhecida do governo português? A boa logica responde pela negativa e, de inicio, afasta a hipotese do descobrimento intencional do Brasil. Temos mais um argumento com relação à passagem citada e que é o seguinte: o escrivão de bordo da nau de Cabral não se contenta em dizer que a terra foi achada e acrescenta, "*que nesta navegação agora se achou*", deixando bem claro que, anteriormente à arribada da segunda armada da India ao Brasil, ninguem, em absoluto, o tinha encontrado.

Narra Caminha em sua carta (folha 3) que, no dia 24 de abril, Cabral "*estava sentado em uma cadeira, bem vestido, com um colar de ouro mui grande no pescoço, e aos pés uma alcatifa por estrado*", quando rodeado por quase todos os capitães de sua frota, esperava a vinda de dois habitantes da terra que descobrira e que tinham sido aprisionados por Afonso Lopes. Não é admissivel, em hipotese alguma, que tendo o Brasil sido descoberto anteriormente à viagem de Cabral por qualquer navegante português, este Capitão-mor ignorasse por quem era ele habitado e se paramentasse da maneira que nos conta o Epistológrafo para receber selvagens antropofagos. Não.

Cabral ignorava completamente a existencia da terra que descobrira e bem assim a especie de seus habitantes, supondo naturalmente que ia entrar em contacto com um povo semelhante ao da India, havendo portanto conveniencia de ostentar-lhe a riqueza, o luxo e o poderio dos portugueses.

No trecho referente ao ocorrido no dia 26 de abril (folha 5) a carta diz: "Alí era com o Capitão a bandeira de Cristo, com que sahiu de Belém, a qual estava sempre levantada, da parte do Evangelho. Acábada a missa, desvestiu-se o padre e subiu a uma cadeira alta; e nós todos lançados por essa areia. E pregou uma solene e proveitosa pregação da historia do Evangelho, *ao fim da qual tratou da nossa vinda e do achamento desta terra, conformando-se com o sinal da Cruz, sob cuja obediencia viemos, o que foi muito a proposito e fez muita devoção".* Neste passo, o descobrimento da ilha de Vera Cruz *está ligado a um milagre da bandeira de Cristo,* o que é mui significativo e dispensa qualquer comentario, bastando frizar que nada pode ser mais fortuito, do que aquilo que se realiza pela vontade divina.

No começo da folha 6 da carta, há este topico de uma clareza cristalina: "E tanto que comemos, vieram logo todos os capitães a esta nau, por ordem do Capitão-mor, com os quais ele se apartou, e eu na companhia. *E perguntou a todos se nos parecia bem mandar a nova do achamento desta terra a Vossa Alteza pelo navio dos mantimentos, para melhor a mandar descobrir e saber dela mais do que nós agora podiamos saber, por irmos de nossa viagem".* Este trecho confirma em parte aquele do inicio da carta e que já analisamos: o encontro do Brasil tinha sido uma cousa imprevista e havia

necessidade de por o rei ao par do sucedido, enviando-lhe noticias pela nau dos mantimentos. Cabral não conhecia a terra onde tinha arribado e lembra a D. Manuel a conveniencia de manda-la explorar para melhor a ficar conhecendo, visto que disso não se podia ocupar, por ter necessidade de cumprir a sua missão pre-estabelecida: aquela de seguir para Calicut. Fica evidenciado quanto de verdade tem este passo da carta de Caminha: sabido é que, por ter Vespucci adquirido a bordo dos navios espanhois conhecimento das costas sul-americanas, D. Manoel tratou da sua vinda a Portugal (157) e o enviou em 1501 na qualidade de piloto, com a expedição exploradora que partiu para o Brasil.

No verso da folha 11 da carta em estudo, existe esta passagem na qual o Epistológrafo sugere ao rei que mande catequizar os nossos selvagens: "E pois *Nosso Senhor*, que lhes deu bons corpos e bons rostos, como a bons homens, *por aqui nos trouxe*, creio que não foi sem causa". Ora, o escrivão de bordo da nau de Cabral em hipotese alguma teria usado dessa expressão, não teria de tal modo apelado para o espirito religioso do seu rei, *atribuindo a um milagre de Deus o encontro do Brasil, caso o seu descobrimento tivesse sido intencional.*

À vista da analise que acabamos de fazer dos principais topicos da carta de Pero Vaz de Caminha, o que fica evidenciado é que Cabral e todos os da sua frota ignoravam a existencia de ter-

---

(157) Jaime Cortesão, "*A Expedição de Pedro Alvares Cabral*", Lisboa, 1922, pagina 187.

ras ao ocidente da Africa — do Brasil — e, portanto, aqui não chegaram intencionalmente em 1500.

VIII — NOTAS AVULSAS

Antes de estudarmos o descobrimento do Brasil recorrendo à cartografia americana vetustissima, desejamos consignar aqui algumas notas que certamente reforçam a nossa tese.

Os historiadores lusos que estudaram a carta de Caminha, entre os quais Antonio Baião e Jaime Cortesão, sendo estes ardorosos defensores da tese de que o Brasil foi descoberto intencionalmente por Cabral, são acordes em reconhecer que a pessoa que averbou a carta de Caminha, exercia um cargo de direta confiança de D. Manuel. (158) Essa pessoa, de nome Alcáçova ou Antonio Carneiro, foi quem escreveu o borrão original das instruções ditadas por Vasco da Gama para a viagem de Cabral, e era secretario do referido monarca português na epoca do descobrimento do Brasil.

Acontece que o documento em apreço foi averbado com os seguintes dizeres: *"Carta de Pero Vaz de Caminha do descobrimento da terra nova que fez Pedro Alvares"*. Assim, quem averbou a carta não se contentou em empregar o vocabulo *"descobrimento"*, mas acrescentou *"da terra nova"*, isto é, pôs em evidencia que entre os mais intimos da corte de D. Manuel, não se dava credito à opinião ora defendida por historiadores lusos, tal aquela

---

(158) Jaime Cortesão, *"A carta de Pero Vaz de Caminha"*, Rio de Janeiro, 1943, paginas 120 e 121.

de ter Cabral descoberto o nosso país de caso pensado, intencionalmente, cumprindo ordens secretas de seu rei.

* * *

Todos os descobrimentos maritimos, quer por parte da Espanha quer por parte de Portugal, sempre foram realizados com um numero mui reduzido de navios, geralmente dois ou tres, tais como a descoberta do cabo da Boa Esperança por Bartolomeu Dias, a da America por Colombo, a do caminho da India por Vasco da Gama, a das regiões boreais da America por Caboto, a da Terra Nova por Gaspar Corte Real, etc. Mesmo as viagens de explorações ao Novo Mundo obedeceram a esse criterio, porque eram em mares inexplorados, portanto em zona mui perigosa à navegação.

A frota de Cabral era numerosa, a maior até então saida do Tejo, e tinha o seu comandante uma missão importante a cumprir: comprar especiarias e se necessario fosse mover crua guerra ao Imperio de Malabar, caso o Samorim, seu soberano, criasse embaraço ao comercio e às conquistas que os portugueses pretendiam realizar na India. Desse modo, tudo está a indicar que a preocupação de D. Manuel era a de levar a Calicut e região circunvizinha o atestado vivo do poderio das armas portuguesas e fazer vir ao reino o maior carregamento possivel de especiarias. Mandar, pois, Cabral aventurar-se num mar desconhecido em procura de terras, para delas tomar posse, seria o cumulo da insensatez, porque nessa aventura toda a segunda armada da India corria serio perigo. Hoje sabemos que por pouco não foi a frota de Cabral de encontro aos perigosos e extensos re-

cifes que se estendem cerca de 30 milhas ao longo do litoral Norte do Brasil e a 20 milhas afastados da costa, denominados *"Abrolhos"*.

* * *

Desde o tempo de D. João II estava estabelecido que toda expedição que partisse do reino com o escopo de descobrir terras ou tomar posse das já conhecidas, levasse um certo numero de padrões de pedra, à semelhança do que ocorreu com as expedições de Diogo Cão, Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, etc. No entanto, a frota de Cabral, que era a mais aparelhada de todas sahidas de Portugal, não trazia esses padrões de pedra, prova evidente de que não partira com o objetivo de descobrir ou de tomar posse de terra alguma. Narra Caminha e os cronistas que a 1.° de maio de 1500, que foi uma sexta-feira, cuidaram de chantar uma cruz de madeira como simbolo da posse da terra recentemente achada.

CAPITULO II

A cartografia americana vetustissima.

A cartografia como documentação para o estudo dos descobrimentos maritimos nos seculos XV e XVI, tem grande valor porque os cartografos geralmente colhiam diretamente da maruja dos navios que regressavam das viagens de descobertas ou de explorações, os elementos para o desenho de seus mapas.

Logo após o descobrimento do Brasil por Cabral e da Terra Nova por Gaspar Corte Real, respetivamente em 1500 e em 1500-1501, as noticias desses acontecimentos foram registradas graficamente em cinco mapas confecionados em Lisboa, dentro dos tres anos subsequentes a essas descobertas. Estes mapas são: o encomendado por Alberto Cantino a um cartografo anonimo português, os dois assinados respetivamente por Nicolo de Canerio e Pedro Reinel e os dois anonimos reproduzidos no Atlas de Kunstmann com os numeros II e III. Desses cinco mapas, dois possuem legendas dizendo positivamente ter sido o Brasil descoberto por acaso, quando da viagem de Cabral para Calicut. Esses mapas são os de Cantino e Canerio.

O planisferio conhecido por Cantino foi mandado desenhar por Alberto Cantino para Hercule D'Este, Duque de Ferrara. O professor Duarte Leite assim se manifestou sobre a importancia

desse mapa: "Em outubro de 1502 recebeu Cantino das mãos dum cartografo português, *presumidamente oficial*, o planisferio da Biblioteca Estense, no qual estava representado o mundo *tal como o imaginavam os geografos lusitanos*." (159)

Pois bem. Nesse mapa existe a seguinte legenda em frente ao litoral brasileiro:

"A vera cruz chamada pno me a quall achou pedralvares cabrall fidalgo da casa del Rey de portugall z elle adescobrio indo por capitá moor de quatorze naos que o dito Rey mandaua acaliqua y en el caminho indo topou com esta terra acem aqual terra se cree ser terra firme em aqual a muyta gente de descricam andam nuos omes z mulheres como suas mais os pario sam mais brancos que vacos z teem os cabellos muyto corredios foy descoberta esta dita terra em aera de quinhentos." (160)

O mapa assinado por Nicolo de Canerio e que se intitula genovês, existente no "*Dêpot Hydrographique de la Marine*", em Paris, é muito semelhante ao de Cantino. A opinião geralmente aceita é que ele foi desenhado em Lisboa e quiçá pelo cartografo que confecionou o de Cantino. Apresenta este planisferio prova, por não mencionar a ilha Fernão de Noronha, de ter sido terminado antes da volta em 1504, da segunda expedição portuguesa ao Brasil, que sofreu naufragio perto dessa ilha.

---

(159) *"Historia da Colonização Portuguesa do Brasil"*, Porto, 1923, volume II, pagina 426.

(160) Henry Harrisse — *"Les Corte Real"*, Paris, 1883, pagina 80.

No Atlantico Sul, na altura da costa do Brasil, ha nesse mapa uma inscrição quase identica à da carta de Cantino e que diz:

"A uera crus chamada per nome a quall achom pedaluares cabral fidalgo da casa del rey de portugall e aelle adescobrio indo por capitanio de XIIII nauos que rey mandaua a calicut ie nel caracho induto por com esta terra aqual terra secrem esser terra firme em qual ha muita gente de descricavam nuos omes e mulieres como suas mais os pario sum mais brancos." (161)

Notamos que, tanto no mapa de Cantino como no de Canerio, os cartografos fizeram empenho . deixar bem claro que o descobrimento do Brasil por Cabral foi fortuito e, para isso, não só empregaram os verbos "*descobrir*", "*achar*" e "*topar*", como tambem declararam que foi na ida para Calicut, portanto sem qualquer outro objetivo, que o referido capitão-mor *topou* com o Brasil. (162)

O mapa-mundi conhecido por Contarini-Roselli, de 1506, tem uma legenda em frente ao litoral brasileiro, que assim diz:

---

(161) Armando Cortesão — "*Cartografia* e *Cartógrafos Portugueses dos Séculos XV* e *XVI*", Lisboa, 1935, volume I, pagina 154.

(162) O verbo *topar* sempre foi empregado, na maioria das vezes, com a significação de *encontro casual*. .Garcia de Rezende, que nasceu em Évora em 1470 e que foi amigo pessoal do rei D. João II, no capitulo XXVIII da sua "*Chronica dos Valeorosos* e *Insignes Feitos de El-Rei D. João II*", empregou esse verbo com acepção de *encontro casual*, no seguinte passo:

"E o bacharel por descuido, ou negligencia, oú outras ocupações, ou por misterio de Deus, mandou buscar os ditos papeis por seu filho moço, de que ele muito fiava. O qual filho buscando o dito cofre, chegou por acerto a ele Lopo de Figueiredo escrivão da fazenda do duque, homem de muita confiança, o qual a reque-

"Hic est terra illa Sancta Crvx nomata que noviter ad Nobilissimo Domino Pedro Alvares ex praeclara Serenissimi Lvs (itaniae Regis) prosapia MCCCCLXXXXVIIII (faltam varias palavras) *ta in nume...*) (Esta é aquela terra chamada Santa Cruz *que foi recentemente* (descoberta) pelo nobilissimo senhor Pedro Alvares da famosa corte do Serenissimo rei de Portugal no ano de 1499..." (163)

A data da partida de Cabral de Lisboa, que foi em março de 1500, corresponde a abril de 1499 no calendario florentino. Com toda a certeza, o cartografo que era italiano, ao escrever a legenda no seu mapa, adotou o calendario de Florença e disse que o Brasil foi descoberto por Cabral no ano de 1499.

O mapa de Waldseemüller de 1507, onde pela primeira vez aparece o nome *America* justamente no trecho que compreende o Brasil, tem em frente a uma grande reentrancia no litoral brasileiro e onde entre outros nomes existe aquele de "*Abbatia omnium sanctorum*" (a bahia de todos os santos), uma inscrição em latim a qual, "mutatis mu-

---

rimento do moço o ajudou a buscar todas as escrituras, e papeis, que no cofre estavam, mais com tenção do serviço do duque, que do que adiante se seguiu. E andando assim em busca dos ditos papeis, *topou* com algumas cartas, e instruções de Castela, e para os reis de Castela, delas proprias, e outras emendas, corrigidas, e emendadas da letra do mesmo duque. E como assim viu, escondidamente do moço as tomou todas, e meteu na manga, e se foi a casa, e secretamente as viu todas. E vendo, que eram contra o estado, honra, e serviço de El Rei, determinou logo lhe ir tudo mostrar".

(163) Samuel Eliot Morison — "*Portuguese Voyage to America in the Fifteenth Century*", Cambridge, 1940, pag. 117.

tandis", é igual àquelas já referidas dos planisferios de Cantino e Canerio e que atribuem ao acaso o encontro do Brasil por Cabral quando em viagem para Calicut. (164)

Outros mapas desenhados posteriormente a esses, tambem fazem alusão ao descobrimento do Brasil pela segunda armada da India. Vamos citar apenas um deles por ter sido desenhado em Portugal.

Com o nome *Kunstmann IV* ou *Munich-Português*, existe um planisferio que Armando Cortesão atribue ao cartografo português Jorge Reinel e cuja data é presumivelmente de 1519. Ha nesta carta uma longa legenda em latim que abrange na America do Sul todas as terras mais ou menos desde a foz do Amazonas à do Rio da Prata e que de inicio diz:

"*Hanc terram magis austreliorem brasilli a ligno quod ab ea copiose defertur nuncupatam case diui emanuelis portugalie regis inventam anno salutis* 1500"... (Esta terra mais austral do Brasil assim chamado por causa de certa madeira que dela se tira em abundancia, *foi descoberta casualmente* em tempo do santo Rei D. Manuel, de Portugal, no ano de 1500). (165)

Este cartografo foi mais explicito que os outros. Em vez de limitar-se a dizer que o Brasil tinha sido descoberto por Cabral, acrescentou a pa-

---

(164) *"Historia da Colonização Portuguesa do Brasil"*, volume II, pagina 211, reproduz em tamanho natural um trecho deste mapa.

(165) Armando Cortesão — *"Cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI"*, Lisboa, 1935, volume I, pagina 275; A. Fontoura da Costa — *"A Marinharia dos Descobrimentos"*, Lisboa, 1939, pagina 206.

lavra *casualmente* com o intuito de evitar qualquer sofisma.

Um ligeiro exame das legendas existentes nesses mapas, como acabamos de fazer, é mais que suficiente para convencer quem quer que seja que, entre os cartografos portugueses do começo do seculo XVI, a opinião unanimemente aceita era que o Brasil tinha sido descoberto fortuitamente pela segunda armada da India.

CAPITULO III

A possibilidade do descobrimento casual do Brasil sob o ponto de vista nautico

Todos os historiadores estão de pleno acordo em que Cabral, ao partir da altura das ilhas de Cabo Verde em demanda do cabo da Boa Esperança, se afastou em demasia para Oeste da rota que Vasco da Gama lhe tinha aconselhado, pelo que, a 22 de Abril de 1500, arribou ao litoral brasileiro, cerca de 17 graus de latitude Sul.

Os partidarios do descobrimento intencional do Brasil são de parecer que esse afastamento foi propositado e "que Cabral e os seus pilotos tinham a consciencia unanime desse afastamento". (*) Mas a discussão havida em Porto Seguro entre os pilotos, e entre Mestre João e o piloto Pero Escolar, evidencia que, em absoluto, não havia a apregoada "consciencia unanime do afastamento." (**)

Os adeptos, como nós, do encontro casual opinam que o Capitão-Mor, contra a sua vontade

---

(*) Jaime Cortesão — *"A Carta de Pero Vaz de Caminha"*, Rio de Janeiro, 1943, pagina 76.

(**) Carta de Mestre João ao rei D. Manuel, datada de Porto Seguro em 1 de maio de 1500 (... *"por lo qual sabra vosa alteza que todos los pylotos van adiante de mi en tanto que Pero Escolar va adiante* 150 *leguas e otros mas e otros menos"*...)

e ignorando o afastamento, foi arrastado pela corrente equatorial à costa de uma terra situada ao ocidente do continente negro, cuja existencia ignorava.

O que, pois, importa saber, é se a frota de Cabral, contra a sua vontade, podia ou não ser arrastada pela referida corrente ao litoral brasileiro. No caso afirmativo, a tese da intencionalidade ficará muito abalada, de vez que a sua pretensa defesa está na parte nautica da questão, visto lhe serem contrarias tanto a documentação historica como a cartografica.

O assunto a discutir, sendo nautico, escapa à nossa competencia. Desse modo tivemos necessidade de apelar para uma grande autoridade em navegação à vela tal seja o erudito historiador e comandante da gloriosa marinha de guerra Norte-Americana, senhor Samuel Eliot Morison que, por uma excepcional gentileza, nos autorizou a traduzir e a dar aqui publicidade ao seu estudo nautico provando sobejamente a possibilidade de ter sido Cabral arrastado pela corrente equatorial à costa brasileira. O estudo de Morison é o seguinte, com as anotações do proprio autor: (*)

"Instruções dadas por Vasco da Gama a respeito da rota de Cabral e com relação ao seu modo de agir durante a viagem, existem sob a forma de notas tomadas por um escrivão da corte, à vista do aconselhado pelo grande navegador". (157)

(*) O trabalho de Morison intitula-se: *"Da Gama's Instructions and the Sailing Route to India"* e está publicado no seu erudito livro tantas vezes por nós citado: *"Portuguese Voyages to America in Fifteenth Century"*, paginas 95 a 107.

(157) Este documento foi descoberto por Varnhagen e um fac-simile foi publicado em sua *"Historia Geral do Brazil"* (Rio

"Cabral recebe ordem de velejar diretamente para a ilha de Santiago do arquipelago de Cabo Verde, sem precisar nela tocar, no caso de ter agua suficiente para quatro meses. Dali navegaria com alisios NE à popa, para o Sul e, se tivesse necessidade de guinar, fosse para Sudoeste".

"Quando apanhasse os alisios SE pela proa, devia velejar tão junto quanto possivel ao vento e à corrente, até ficar o cabo da Boa Esperança completamente a Este."

"Desse modo, a navegação seria mais rapida, os mantimentos se conservariam melhor e a gente iria mais sã e os navios ficariam mais defendidos do gusano. Se alguns navios desgarrassem da frota depois de deixar as ilhas de Cabo Verde, deviam se encontrar na Aguada de São Brás, antiga aguada de Dias na atual bahia de Mossel, cerca de 150 milhas a Este do Cabo das Agulhas".

---

de Janeiro, 1854). Fac-simile e texto português foram estampados com comentarios do dr. Antonio Baião na *"Historia da Colonização Portuguesa no Brasil"*. O dr. Baião levantou alguma duvida sobre a sua autenticidade, por julgar que esse documento não podia ser encontrado na Torre do Tombo; mas tornou-se depois diretor deste arquivo português, encontrou o texto original, conforme me contou". Tradução em Greenlee, paginas 167 a 169. Tradução completa, por mim feita, com notas e mapas, pode ser encontrada no *"Mariner's Mirror"*, XXIV (outubro, 1938) paginas 402 a 408.

Nota do tradutor. Na publicação do Ministerio das Colonias da Republica Portuguesa intitulado *"Os Sete Unicos Documentos de 1500 Referentes à Viagem de Pedro Alvares Cabral"*, Lisboa, 1940, paginas 19 e 20, o historiador português A. Fontoura da Costa traduziu para o português moderno esse documento que publicamos no final deste livro.

"Não há menção de nenhum desembarque no Brasil, ou em qualquer outro ponto, antes de dobrarem o Cabo da Boa Esperança". (*)

"A existencia de tais instruções não afasta a possibilidade de "instruções adicionais e secretas" do rei a Cabral para tocar no Brasil. Não posso ver nenhum objetivo ou necessidade de sigilo acerca do Brasil naquele tempo".

"Nessas admiraveis instruções é Cabral aconselhado a seguir aproximadamente a mesma rota recomendada hoje em dia pelo Departamento Hidrografico dos Estados Unidos e pelo Almirantado Britanico aos navios de vela que partem nos meses de abril e maio, da Europa setentrional para além do cabo da Boa Esperança".

"Essas instruções revelam quão cuidadosas eram as observações de Gama, Dias e da geração de navegadores portugueses que os precederam nas viagens da Guiné; pois o melhor caminho de regresso, da Guiné a Portugal, era descer até o Equador ou ir além, a fim de apanhar os alisios SE e a corrente equátorial. E' admissivel supor-se ter sido o Atlantico Sul explorado pelos portugueses até 5 graus de latitude S e 20 graus de longitude O de Greenwich, durante as viagens regulares que realizaram à Guiné." (158)

(*) *Nota do tradutor*. Reputamos de grande importancia esta observação de Morison, porque vem provar que, mesmo *em caso de emergencia*, não era recomendado a Cabral tocar em qualquer ponto do litoral brasileiro, prova evidente da mais completa ignorancia da existencia de terras ao ocidente d'Africa.

(158) J. W. Blake, *"European Beginnings in West Africa"*, paginas 13 e 14. O proprio sucesso da viagem de Vasco da Gama e o acerto de suas instruções, serviram de argumentos para

"Vasco da Gama, partindo das ilhas de Cabo Verde a 2 de agosto de 1497, cometera o erro natural de navegar a Sudeste, diretamente para o cabo da Boa Esperança. Parece que ele pretendia atravessar o golfo da Guiné em rumo direto. Desse modo caiu na faixa da monção SO cheia de tornados, perdeu a verga grande e teve a corrente equatorial pela proa." (159) "Daí por diante, é o que geralmente se supõe, aproveitou os alisios SE da maneira que recomenda a Cabral, a fim de atingir o mais rapidamente possivel a faixa ocidental; mas levou tres meses e um dia para avistar terra, a da bahia de Santa Helena, Africa do Sul (160). A razão, por que Gama aconselhou Cabral a navegar para o Sul das ilhas (de Cabo Verde) e para Oeste do Sul uma vez que ele não pode

---

justificar viagens anteriores e "secretas" ao Cabo e ao Brasil. No entanto, julgo que a experiencia das viagens à Guiné e o genio de Vasco da Gama, são suficientes para explicar o seu sucesso. Caboto, tambem, empreendeu viagem no mês em que os ventos de Este são mais frequentes no Atlantico Norte e fez uma notavel travessia. E, finalmente, Magalhães descobriu o caminho pelo estreito que conserva o seu nome, apesar de hoje em dia serem poucos os navios que se aventuram a atravessa-lo; depois disso, continuou a sua viagem através do Pacifico seguindo uma rota que só com dificuldade pode ser melhorada. Não se pode negar a hipotese de que "viagens secretas portuguesas" tenham antecedido as de Cabral, Colombo e talvez a de Caboto, até os seus respectivos destinos, e assim tenham indicado a estes navegantes as verdadeiras rotas. Suponhamos, de acordo com tal raciocinio, um grupo de escoteiros maritimos portugueses, antecedendo cada grande descoberta maritima, até mesmo a viagem de Magalhães!

(159) Veja o mapa da média das direções dos ventos para agosto no *"Ocean Passages for the World"*, pelo contra-almirante B. T. Somerville (Londres, 1923). Não são as mesmas que as do nosso mapa, indicando a viagem de Cabral em abril e maio.

seguir bem tal rota, é clara. Um navio de vela deve evitar a navegação ao Este das ilhas de Cabo Verde nessa estação, se não quiser cair na zona das calmas equatoriais e ser arrastado pela corrente da Guiné para o golfo do mesmo nome. Por outro lado, o navio não deve ser dirigido muito para o Oeste do Sul, se não desejar que os alisios de SE o apanhem num ponto onde, tendo a corrente equatorial pelo lado da proa que dá para o vento, seja arrastado a sotavento do cabo de S. Roque e obrigado a velejar para traz em torno desse formidavel obstaculo. E' sabido que navios, apanhados a sotavento na saliencia do cabo de S. Roque, se têm debatido semanas a fio na corrente equatorial, ou então se têm voltado para o Norte, a fim de novamente começar a dobra-lo."

"Um navio que dobre com felicidade este cabo, tem a corrente do Brasil a seu favor e navegará tanto ao Sul, quanto lhe permitem os alisios e o feitio de suas velas. E, depois de entrar na zona dos variaveis, ele iniciará a sua rota oriental para o cabo da Boa Esperança. Foi isso que Vasco da Gama aconselhou e foi isso que Pedro Alvares Cabral fez, conforme a sua capacidade". (161)

---

(160) *"Journal of First Voyage of Vasco da Gama"* (E. G. Ravenstein, editor Hakluyt Soc. XCIX, 1898), paginas 3 a 5. 187-90, e mapa. Existem muitas controversias quanto à verdadeira rota de Gama.

(161) Duarte Pacheco Pereira, escrevendo em 1505, indica uma rota Sul partindo das ilhas (de Cabo Verde) até a latitude 19 graus e dai ESE para dobrar o Cabo. Isto não é tão detalhado como as instruções de Vasco da Gama, mas qualquer sensato mestre de navio navegaria ao Oeste do Sul nessa rota, no caso de não poder navegar bem na direção Sul, importando isso na mesma cousa". *"Esmeraldo de Situ Orbis"* (Kimble ed.), p. 170.

"O capitão J. C. Ross, em sua viagem de descobertas em direção à zona Antartica, de 1839-40, cruzou o Equador a 3 de dezembro de 1839, na longitude de 30 graus O, mas aconselhou os vindouros a cruza-lo 3 ou 4 graus mais para Este, visto que "a corrente ocidental é capaz de aproximar em demasia os navios da costa do Brasil". [162]

"Mateus Fontaine Maury, depois de examinar centenas ou mesmo milhares de diarios de navegação de navios de vela, aconselhou os navios que partem de Nova York ou do Canal da Mancha, com destino ao cabo da Boa Esperança, a navegarem a um ponto que fica ao Oeste dos Açores, para então enfrentarem o Sul com os alisios NE, e cruzarem o Equador não mais ao oeste, do que a 30 graus de longitude O de Greenwich". [163] "Em outras palavras: este grande cientista não pode achar rota melhor do que aquela aconselhada por Vasco da Gama a Pedro Alvares Cabral em 1500".

"E, até hoje, não se encontrou caminho melhor. As ultimas prescrições do Almirantado Britanico para velejar nessas aguas em abril, são instrutivas. "Cruzar a 5 graus de latitude Norte, entre 25 a 28 graus de longitude O, e o Equador entre 28 e 31 graus 0". Isto significa uma rota SSO (real), pouco mais ou menos a partir da ilha que Cabral passou sem tocar. "Depois de cortar o Equador como se recomenda", continuam as mo-

---

(162) Trecho em W. H. Rosser, *"Short Notes and Sailing Directions, with Remarks on Making Passages"* (3d ed., London, 1900), pag. 30.

(163) M. F. Maury, *"Explanations and Sailing Directions to Accompany the Wind and Current Charts"* (8th ed., Washington, 1858-59), II, 143-356, 368-455.

dernas instruções do Almirantado Britanico, "o navio deverá atravessar a zona dos alisios SE com o vento a bombordo apezar da possibilidade de se desviar para O pelo S, pois o vento o arrastará mais para o oriente à medida que ele avançar, e finalmente para Este no limite meridional dos alisios. [164] Os navios devem velejar o mais proximo do Sul que o vento permitir, até deixarem a faixa dos alisios SE entre 18 e 22 graus de latitude S, para apanharem aquele dos variaveis".

"A partir da ilha da Trindade, a qual fica na latitude de 20 graus e 30 minutos S e na longitude de 29 graus e 50 minutos O, ilha que não aconselhamos os navios atingir a fim de acertar os seus cronometros, deve-se estabelecer uma rota para SE a fim de cruzar o paralelo de 30 graus S na longitude de 22 graus O, pouco mais ou menos, e a fim de cruzar o meridiano de Greenwich na latitude de 35 ou 37 graus S, aproximadamente. Entre esse ponto e o cabo da Boa Esperança, predominam geralmente ventos de Oeste e do Sul".

"A rota para velejar da Europa "com destino aos portos sul-americanos, Cabo Horn e com destino ao cabo da Boa Esperança e Oriente" (notai sua identidade), indicada na "*Carta do Piloto do Atlantico Norte*" para abril de 1938, publicada pelo Departamento Hidrografico dos Estados Unidos, é quase a mesma do Almirante Somerville. Duas rotas alternadas, uma passando Tenerife e continuando dentro das ilhas de Cabo Verde; a outra fora de todas as ilhas deste arquipelago:

---

(164) Somerville, "*Ocean Passages for the World*" (London, 1923), pag. 443. A edição de 1933 é citada por Greenlee, na introdução da sua obra.

convergem ambas em 1 grau de latitude S e 22 graus de longitude 0, cerca de 180 milhas a SE dos rochedos S. Paulo. Ali é a rota alterada para SSO. Na "*Carta do Piloto do Oceano Atlantico Sul*" para março, abril e maio de 1938, a rota para o cabo da Boa Esperança deixa a do Rio e Cabo Horn a 5 graus de latitude S, e se inclina gradualmente para o Sul, passando a Trindade e voltando-se para Este a 25 graus de latitude Sul."

"E' de notar que essas instruções e rotas não aconselham tocar na costa brasileira; a rota dos Estados Unidos passa a 230 milhas a Este de Pernambuco. Este fato tem servido aos partidarios da intencionalidade para "*provar*" que se Cabral descobriu o Brasil, fe-lo de caso pensado. O que tais navegadores de gabinete parecem ignorar é que todos os portulanos e todas as cartas com rotas estabelecidas, não passam de aproximações. Como diz o Almirante Somerville em seu mapa de "*Rotas Mundiais para Navegação a vela*", "as rotas indicadas têm por base experiencias usuais mas, *devido à variabilidade de ventos em todas as latitudes,* o abandono dos roteiros aqui recomendados pode tornar-se necessario." Grifei parte deste sabio conselho a bem das pessoas que imaginam que os alisios são absolutamente invariaveis, permitindo assim a um navio de vela navegar diretamente ao seu destino, como um navio a vapor. Os alisios são bastante moderados para o navio que navega independentemente, mas não para o navio que navega dependendo do vento, como o de Cabral. Mesmo uma variação diurnal de uns 45 graus não é raro, como pessoalmente observei. Assim um navio de vela a caminho do cabo da Boa

Esperança, com as velas amuradas por bombordo e velejando à bolina, (como Gama aconselhou em 1500 e o Almirante Somerville em 1933) pode desviar-se algumas centenas de milhas da rota normal, conforme for o vento: contrario ou a favor. Bernardino Escalante, autor dum sumario da historia maritima portuguesa, em 1577, refere-se a isto de modo claro. Como diz o seu tradutor Elizabethan ao descrever o caminho maritimo dá India: "Embora o cabo da Boa Esperança ficasse a Sudeste, não podiam eles velejar bem porque nesses mares há muitos levantes que são ventos de Este-Sudeste e Sudeste, que faziam desviar demais para perto da costa do Brasil, e por isso eles navegavam à bolina (165) para o Sul-Sudeste, Sul e Sudoeste, conforme o vento e o tempo lhes permitiam, até alcançarem 36 graus, por vezes à vista das ilhas de Tristão da Cunha... até encontrarem ventos ocidentais, com os quais voltavam a navegar para Este ou Este-Nordeste para atingir o Cabo." (166)

"Milhares de navios navegaram nas mesmas direções para passar dos alisios NE para os de SE com um minimo de calmaria, e passar dos alisios SE para os variaveis com um minimo de desvio para Oeste. Centenas deles foram arrastados para o litoral brasileiro ou para muito proximo dele. Visto haver sido feitas declarações categoricas de

---

(165) Tão junto ao vento quanto possivel.

(166) *"A Discourse of the navigation which the Portugales doe make to the Realmes and Prouinces of the East partes of the Worlde... written by Bernardine Escalanta... translated out of Spanish into English by John Frampton* (Londres, 1579), folha 9. A edição original foi impressa em Sevilha em 1577.

não ter isso jamais acontecido, eu desejo dar alguns exemplos tirados das viagens de tres seculos para provar que isso podia acontecer e sucedeu em viagens normais, sem nenhuma tempestade nem quaisquer outras circunstancias fora do comum".

"João de Castro comandando o "*Gryfo*" numa viagem à India em 1538, passou entre as ilhas de Cabo Verde e a costa africana a 22 de abril e entrou no golfo da Guiné, como muitos marinheiros fizeram antes de ser provado que esta rota não prestava. Apezar de varios dias de calmarias, o "*Gryfo*" manobrou de modo a cortar o Equador cerca de 14 graus de longitude 0 a 12 de maio, navegando SO por S com os ventos alisios de SE. Embora obtivesse esse navio latitude meridional excepcionalmente boa antes de apanhar os alisios de bombordo, esta rota o levou a 27 de maio a 60 leguas da costa brasileira a 17 graus de latitude S que foi aproximadamente a que atingiu Cabral na sua descoberta. No dia seguinte essa nau apanhou os ventos d'Oeste e começou a sua derrota para Este". (167)

---

(167) João de Castro — "*Roteiro de Lisboa a Goa*" (J. de Andrade Corvo, ed., Lisboa, 1882), pags. 79-165.

Nota do tradutor. O ocorrido com o navio "*Gryfo*", a que se refere Morison, foi assim descrito por João de Castro no seu roteiro: "O mestre tomou o sol ao meio dia, e ficou em altura de 17 graos; e assi elle com todos os marinheiros que carteauão, se fazião, avia já tres dias, com terra; somente eu e hum marinheiro estaua 60 legoas della: este dia me disse o Piloto que as agoas corrião muito pera o sul, que avia muitos dias que o tinha experimentado, e querendomo mostrar, ora fosse por mo saber mal declarar, ora por o eu não saber entender, mo não pôde parecer: e querendose

"Jan Huyghen van Linschoten, que embarcou para a India em abril de 1583 no "*São Salvador*", um dos navios da frota portuguesa, escreve em seu "*Itenerario*" (segundo o tradutor inglês de 1598) que os navios portugueses, depois de cruzarem a zona das calmas e o Equador: "encontram um vento que denominam vento geral, e é de Sudeste, porem de costado, e precisam ficar sempre obliquamente ao vento quase até chegarem ao (latitude do) cabo da Boa Esperança; e por existirem na costa do Brasil, cerca de 18 graus, ao S. (da linha equinocial), grandes baixios, a que os portugueses chamam "*Abrashos*", que avançam 70 milhas pelo mar da banda direita, para evita-los os navios se aproximam muito da costa da Guiné, e assim evitam os ditos baixios, de outro modo se eles rumarem para o lado dos bancos, serão obrigados a regressarem a Portugal, e muitas vezes com perigo de se perderem, como aconteceu ao nosso navio "*Almirante Saint Phillip*", que no ano de 1582 atingiu durante a noite os baixios, e correu grande perigo de se perder. Todavia se safou, e velejou de retorno a Portugal e, nesse mesmo ano, para evitar os baixios, ele se aproximou tanto da costa da Guiné onde, por causa da grande calmaria e das chuvas, foi forçado a ir daqui para ali durante dois meses, antes de poder passar a linha (equinocial), chegando à India dois meses depois dos outros navios. Por isso os homens precisam tomar cautela para não se aproximarem em demasia da

---

pôr o sol, vimos hum Rabiforcado só, e avia já dez dia que nos desaparecêrão estas aves". (Agencia Geral das Colonias, "*Roteiros de D. João de Castro*", "*Roteiro de Lisboa a Goa*", (1538), Lisboa, 1940, pagina 57).

costa, a fim de evitar as calmarias e tempestades, e nem se afastarem demais dela para evitar os baixios e bancos em que consiste a viagem indiana inteira"... "A 12 de junho passamos pelos baixios e bancos do Brasil, motivo pelo qual nossos homens ficaram excessivamente alegres, pois agora tinhamos certeza de que desta vez não retrocederiamos para Portugal, como fazem muitos"... (168)

"Esta frota, na qual navegava Linschoten, não vira terra desde que deixara a costa da Guiné. Assim o "*São Felipe*" encalhou em 1582, e o "*São Salvador*" fez sondagens em 1583 muito proximo da terra descoberta por Cabral; e em vez de desejarem atingir a costa neste ponto, fizeram todo o possivel para isso evitar. Os baixios de que fala Linschoten — "*Parcel das Paredes*" e "*Abrolhos*", são extensos bancos cheios de rochedos que começam a menos de 10 milhas ao Sul da terra de Cabral e se extendem cerca de 30 milhas ao longo da costa e vinte milhas dela afastada. (169) Cabral foi muito feliz em atingir o Monte Pascoal e evitar esses perigosos bancos de recifes".

"O navio britanico da India Oriental, o "*Kent*", partiu de Portsmouth a 4 de junho de 1764, levando distintos passageiros, entre os quais Lord Clive. A 24 de julho os alisios NE o deixaram a 5 graus de latitude N e a 22 graus de longitude O. Quando o navio apanhou os alisios SE, estes não lhe permitiram dobrar o cabo de S. Roque e, achando-se em mar raso, perto do banco, com o cabo à vista,

---

(168) *"Voyage of J. H. Van Linschoten to the East Indies"* (Hakluyt Society, LXX, 1885), paginas 15-16, 18.

(169) *British Admiralty South American Pilot,* Part. I (1864), paginas 104-06.

virou a estibordo, velejando para Nordeste. A perda de mastareus permitiu à corrente equatorial arrastá-lo tanto a sotavento que, na tentativa seguinte, ele foi ter, a 20 de agosto, exatamente no mesmo ponto, perto do cabo de S. Roque. Dirigiu-se outra vez para Nordeste, avistou os rochedos S. Paulo, e só se aventurou a virar para aproveitar o vento dum outro lado, a 8 de setembro, quando já atingira 3 graus de latitude N e 18 graus de longitude O. Desta vez os alisios sopraram do oriente, e tudo correu bem até o "*Kent*" alcançar 19 graus de latitude S, cerca de 350 milhas da costa brasileira. Nesse ponto foi ele apanhado por um furacão ocidental que o arrastou para a Trindade, onde chegou a 28 de setembro. O vento virou outra vez para Este e o pobre "*Kent*" foi arrastado para o Rio de Janeiro, onde permaneceu de 7 de outubro a 27 de novembro. Dali fez ele "rapida viagem" de 34 dias ao cabo da Boa Esperança, ancorando na Cidade do Cabo a 1 de janeiro de 1765. Partindo daí a 10 do mesmo mês, o "*Kent*" alcançou a enseada de Madras a 10 de abril." (170)

"Muitos outros exemplos poderiam ser citados (171), mas estes bastam para provar que um navio de vela, partindo da Europa com destino ao

---

(170) Sir George Forrest, "*Life of Lord Clive*" (1918), II, 245-55.

(171) Exemplos: o capitão Will Sproul de South Bristol, Maine, informou-me que numa viagem de Nova York a Buenos Aires, em 1917, na escuna "*Martha T. Small*" foi forçado a deitar ferros em Cabo Frio, em setembro, porque os ventos alisios vinham tão do Sul a ponto de não poder dobrá-lo. Meu amigo Lincoln Colcord, que fez diversas viagens à China com seu pai em 1890 e 1900, escreveu-me lembrando-se de ter avistado por duas vezes a costa do Brasil perto de Pernambuco, sem que

Oriente, pode, sem querer, atingir a costa brasileira mesmo só algumas milhas da terra de Cabral; mesmo até Cabo Frio, ao Sul. De que valem então as categoricas afirmativas de tantos almirantes de gabinete, segundo às quais Cabral *jamais poderia* chegar ao Monte Pascoal por acaso; que a descoberta casual daquela parte do Brasil é cousa absurda, impossivel, é "erro inconcebivel no ano de 1500, quando os portugueses tinham quasi um seculo de experiencia na arte de navegação"? (172) Eu não afirmo que a descoberta de Cabral *tinha de ser ocasional;* mas insisto em afirmar que os

---

tivesse intenção, pois estavam apenas procurando fazer o melhor possivel com o vento a bombordo, na rota pré-estabelecida. A mesma cousa aconteceu ao meu pai em 1903 no barco "*Nuuanu*", capitão Josselyn, viajando para Hawaii. A tendencia do vento e correntes faziam ocasionalmente avistarem o Brasil, o que era inevitavel, às vezes, mesmo nos melhorados "*square-riggers*" do fim do seculo XIX, que podiam navegar cerca de dois pontos mais perto dos ventos que a frota de Cabral.

Nota do tradutor. O historiador português Jaime Cortesão ("*Historia de Portugal*", Edição Monumental, Barcelos, 1932, volume IV, pagina 138) escreve o seguinte: "Já no regimento de Afonso de Albuquerque, em 1503, *se considerava como um acidente natural* que as naus a caminho da India avistassem terras do Brasil... "se vos achasseis pelo caminho que fizerdes tão chegado à ilha da Cruz (Brasil) podeis ir a ela e aí tomar agua e lenha". (Cartas; III, 186) ..... "Das armadas que partiram anualmente, depois de Cabral e até 1507, e de cujas viagens se conhecem relatos mais ou menos minuciosos, *sabe-se que, por via de regra, avistaram terras do Brasil ou algumas das ilhas proximas da costa brasileira.* E o mesmo sucedeu com a expedição francesa de Gonneville que, havendo partido em 1503 para a India, foi ter às costas do Brasil. Daí por diante cronicas e roteiros referem, com frequencia, o mesmo fato".

(172) Fidelino de Figueiredo, na "*The Hispanic American Historical Review*", VI, 60.

factos são perfeitamente compativeis com a luta de Cabral contra ventos e correntes e daí avistar ele o Monte Poscoal sem suspeitar de terra e sem desejo de descobri-la".

"Forçoso é notar que o roteiro de Cabral era o melhor que ele podia seguir para atingir a India em tempo minimo. Isto, e não a descoberta do Brasil, era o objetivo principal de sua viagem. Nada há de mais maravilhoso e digno de ser louvado de que haverem os portugueses, (depois de uma viagem ao Cabo, aquela de Dias, proxima da costa africana, e outra, a de Gama, dela afastada), descoberto os meios de utilizarem do melhor modo possivel os fortes ventos do Atlantico Sul! Vasco da Gama não somente abriu o caminho maritimo para a India, como tambem o melhor, aquele que tem sido seguido pelos navegantes desde aquele tempo até hoje [173], rota que é aconselhada pelo Almirantado Britanico em suas ultimas instruções sobre navegação. Este fato, quando for devidamente apreciado, acrescentará mais uma folha aos louros de um dos maiores navegadores. Pedro Alvares Cabral não é comandante naval da classe de Vasco da Gama, mas revelou bom senso aceitando os seus conselhos. Cabral conduziu sua frota admiravelmente, e a sua viagem foi uma das mais importantes da historia moderna. A opinião de não passar Cabral de simples boneco, levando consigo um esquema de antemão traçado, é uma ofensa à sua memoria".

---

(173) Naturalmente houve muitas experiencias em navegar mais proximo à costa africana (E. G. Ravenstein, *"Journal of Vasco da Gama"*, paginas 190 a 192, e *Roteiro* de João de Castro já citado); porém, afinal, a rota proposta por Vasco da Gama foi considerada a melhor.

"Cousa interessante. Passei, graças a este estudo, a ter de Gama e de Cabral, como navegadores, opinião muito mais elevada do que deles têm seus proprios sucessores na marinha portuguesa. O almirante Gago Coutinho, por exemplo, pensa que o heroi dos "*Lusiadas*" e o descobridor do Brasil não eram bastante inteligentes para realizar as viagens que fizeram, sem "viagens secretas" que lhes descobrissem o caminho. (174) Como outros historiadores portugueses, este Almirante deseja tanto provar o *proposito* que não admite *aventura*. Devido a alguma razão psicologica que eu não posso adivinhar, parece-me cousa bastante irritante aos descendentes dos Gamas e Corte-Reais a sugestão de haverem seus antepassados descoberto algo por acaso. "Na politica dos reis de Portugal nada era deixado ao acaso em materia de descobertas", escreve o Dr. Fidelino de Figueiredo. "A descoberta do Brasil seria consequencia logica do plano de explorar o mundo inteiro, como se vê nas viagens portuguesas de descobertas, as quais eram sempre delineadas com admiravel unidade de proposito". (175) Consideravel parte do primeiro vo-

---

(174) Gago Coutinho, "*Influencia que as primitivas viagens portuguesas à America do Norte tiveram sobre o descobrimento das "Terras de Santa Cruz"*. (Separata do "*Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*". 1937, esp. p. 16). O Almirante acredita que a propria rota de Vasco da Gama foi estabelecida anteriormente por meio de numerosas "viagens secretas". Naturalmente, uma vez admitida a "politica de sigilo" e a possibilidade de serem mantidas em segredo por todo tempo viagens de descobertas, o numero destas pode ser multiplicado indefinidamente. Seguindo este raciocinio, a conclusão logica é que o mundo inteiro foi descoberto pelas "viagens secretas" dos portugueses antes que Colombo realizasse alguma cousa.

(175) "*The Hisparic American Historical Review*", VI, 61, 62.

lume da "*Historia da Colonização Portuguesa do Brasil*", é dedicada a argumentos de não haver Cabral jamais podido encontrar o Brasil por acaso. Parece que os portugueses modernos prefeririam não ter tido nenhum imperio a possuir um pelos aventurosos metodos do inglês".

CAPITULO IV

Questões correlatas

I — A POLITICA DE SIGILO

Ultimamente muito se tem abusado da chamada "*politica de sigilo*" dos monarcas portugueses nos ultimos anos do seculo XV e começo do XVI, para justificar a ausencia absoluta de documentos que possam provar os supostos descobrimentos maritimos dos portugueses pre-colombianos e pre-cabralinos no Novo Mundo.

Felizmente começa a manifestar-se mesmo em Portugal onde nasceu esse processo esdruxulo de ser estudada a historia da epoca dos descobrimentos maritimos, uma salutar reação da parte dos historiadores que costumam por a verdade acima de qualquer preconceito.

Já tivemos oportunidade de negar a existencia dessa "*politica de sigilo*" (166) a que se apega a maioria dos historiadores lusos, razão pela qual trataremos desse assunto mui pela rama, o quanto necessario para orientar o leitor.

Não atinamos com a vantagem que poderia ter D. Manuel em ocultar a verdade sobre o descobrimento do Brasil por Cabral. Acaso o modo como este capitão-mor o achou, podia ter alguma influencia pro ou contra os interesses de Portugal, de vez que já estava firmado o Tratado de Tordesillas?

---

(166) *"O Descobrimento da America e a Suposta Prioridade dos Portugueses"*. S. Paulo, 1944, paginas 153 a 159.

Se o referido monarca declarasse que o Brasil tinha sido encontrado, porque à sua procura mandou Cabral, haveria perigo em não se efetuar a posse do mesmo para a coroa portuguesa? Em absoluto.

Receio da Espanha não podia haver porque, desde setembro de 1497 até 1517, Fernando e Izabel foram sogros de D. Manuel devido ao casamento que este rei realizou com duas de suas filhas: primeiramente em 1497 com a Infanta D. Izabel que morreu de parto em agosto de 1498, e depois, em 1501, com a Infanta D. Maria, que faleceu em 1517 após ter dado à luz dois futuros reis de Portugal. Durante esse não pequeno lapso de tempo (20 anos) as esposas de D. Manuel foram herdeiras presuntivas dos tronos de Castela e Aragão e o tratado de Tordesillas foi sempre respeitado por ambas as partes.

Tratando-se de Veneza, o que a interessava era unicamente o comercio das especiarias e não as terras do Novo Mundo habitadas por selvagens canibais, cobertas de impenetraveis florestas, ou como as regiões boreais, cercadas de um mar de gelo perigoso à navegação, terras essas todas improdutivas.

A cada passo, quando esbarram com uma dificuldade qualquer, costumam os historiadores portugueses procurar uma boa tangente, tal aquela da "*politica de sigilo*" dos monarcas portugueses (D. João II e D. Manuel). Mas só pode haver sigilo, onde ha um bem organizado serviço de contra-espionagem. Os reis portugueses souberam zelar pelo segredo de seus empreendimentos maritimos? Pensamos que não. A colaboração estrangeira não só foi aceita como até solicitada e, com esse criterio, só um parvo poderá dar credito à existencia

de uma *"politica de sigilo"*. Seria enfadonho citarmos aqui todos os nomes de navegantes e cosmografos estrangeiros que prestaram relevantes serviços a Portugal, mas o leitor certamente guarda de memoria os de Alvise de Cà da Mosto, Antonioto Usodimare, Antonio da Noli, Amerigo Vespucci, Martim Behaim [167] e Abrão Zacuto. E que dizer dos mercadores e banqueiros estrangeiros que naquela epoca se associaram ao governo português na exploração da mina de ouro da costa ocidental da Africa e, depois, no transporte e comercio das especiarias, tais como Antonio Salvage, Jeronimo Sernigi, Bartolomeu Marchioni, Fucker, Welszer, Hochstetter, Hyrssfogel, Imhof e outros?

Vem aqui a talhe de foice este topico de um erudito historiador luso, Jaime Cortesão (*"Revista Portuguesa"*, S. Paulo, Brasil, 1930, tomo I, fasciculo I): "Tinhamos nós (os portugueses) uma burguesia capaz de assumir a direção do empreendi-

---

(167) Os que negam a Martim Behaim qualquer contribuição cientifica à navegação portuguesa na epoca dos descobrimentos maritimos, devem explicar por que motivo, então, foi ele armado cavaleiro da mais importante ordem portuguesa, tal aquela de "Christo", numa cerimonia de tamanha transcendencia, como a que passamos a narrar.

"A cerimonia teve logar na igreja de S. Salvador das Alcaçovas, depois da missa matinal pela mão do muito poderoso Senhor Rei D. João II de Portugal, Rei dos Algarves, de Africa e Guiné. E seu padrinho foi o mesmo Rei, que lhe cingiu a espada; o Duque de Beja (D. Manuel, depois Rei) foi o segundo e lhe calçou a espora direita; o terceiro foi o pardo Christovam de Mello, primo d'El-Rei, que lhe calçou a esquerda: o quarto padrinho foi o Conde Fernão Martins de Mascarenhas (ascendente dos Marquezes de Fronteira), que lhe poz o morrão e lh'o armou e El-Rei que lhe acolheu cavaleiro: e isto se passou em presença de todos os principes e cavaleiros e da Rainha". (*"Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa"*, Setembro de 1904, pag. 299).

mento na parte da tecnica comercial e financeira? Não. E assim aconteceu que, expulsos os judeus, se teve de recorrer ao auxilio de comerciantes e banqueiros estrangeiros para tudo o que representasse operações de credito externo e alta organização comercial. *O grande conselheiro e auxiliar financeiro da empresa dos descobrimentos e da organisação do comercio da India, durante os reinados de D. João II e D. Manuel, foi o florentino Bartolomeu Marchioni*".

Se o Brasil tivesse sido descoberto intencionalmente por Cabral, dificilimo seria guardar sigilo sobre esse acontecimento. Da frota deste Capitão-mor faziam parte dois navios: um armado pelo Conde de Portoalegre e outro por D. Alvaro de Bragança e pelos mercadores italianos Bartolomeu Marchioni, Jeronimo Sernige e Antonio Salvage. (168) Desse modo, no caso de ter sido o nosso país encontrado, porque à sua procura foi Cabral, impossivel isso não transpirar entre a maruja de toda a frota, inclusive daquela da nau dos armadores italianos onde iam os seus feitores, gente de cultura, que certamente haviam de contar aos "*espiões*" de Veneza, Florença, Ferrara, etc. a verdade a respeito do descobrimento do Brasil. Uma vez, porém, que a noticia enviada tanto à Senhoria de Veneza, como a Florença, pelos tais "*oratori*" e pelos citados mercadores italianos residentes em Lisboa, foi aquela de ter sido o nosso país descoberto casualmente por Cabral, isso não deixa de ter grande importancia na presente discussão.

---

(168) Carta de Giovanni Francesco Affaitato datada de Lisboa em 26 de junho de 1501 e dirigida a Domenico Pisani, embaixador de Veneza na Espanha, documento este encontrado no "*Diarii di Marino Sanuto*", tomo IV, coll. 66 e seguinte.

II — A CARTA DE MESTRE JOÃO E A ASTRONOMIA NAUTICA PORTUGUESA

Mestre João, Mestre Menelau, Mestre Joan Faras, galego, grego ou alemão (169), fisico e cirurgião de D. Manuel, escreveu a este monarca de Porto Seguro em 1º de maio de 1500 uma carta que foi publicada pela primeira vez pelo sabio historiador brasileiro Francisco Adolfo de Varnhagen em 1843, na revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro.

Ultimamente alguns historiadores, notadamente os portugueses, vêm emprestando a essa carta invulgar importancia, não só para a defesa da tese do descobrimento intencional do Brasil por Cabral, mas tambem em se tratando da astronomia nautica aplicada à navegação nos mares do hemisferio austral. Mestre João é apontado como notavel astronomo e a ele é atribuida a prioridade da observação e nomenclatura do grupo cruciforme de estrelas conhecidas por *"Cruzeiro do Sul"*, que figura como emblema da atual bandeira do Brasil. (170)

Já tivemos oportunidade de provar no nosso trabalho intitulado *"O Descobrimento da America e a Suposta Prioridade dos Portugueses"* (paginas 138 a 140), que foi o navegante veneziano Alvise da Cá da Mosto quem, anteriormente a Mestre João, em 1455, viu e descreveu o *"Cruzeiro do Sul"*.

---

(169) A. Fontoura da Costa, *"A Marinharia dos Descobrimentos"*, Lisboa, 1939, pagina 121.

(170) Luciano Pereira da Silva, *"A Astronomia dos Lusiadas"*, Coimbra, 1915, paginas 164 e 165.

Quanto ao valor de Mestre João como astronomo, o nosso talentoso historiador Eurico de Góes, que foi diretor da Biblioteca Municipal da cidade de São Paulo, em trabalho sobre a bandeira nacional, pôs em evidencia os inumeros erros em que esse cirurgião incorreu, ao se ocupar das estrelas do ceu do hemisferio austral.

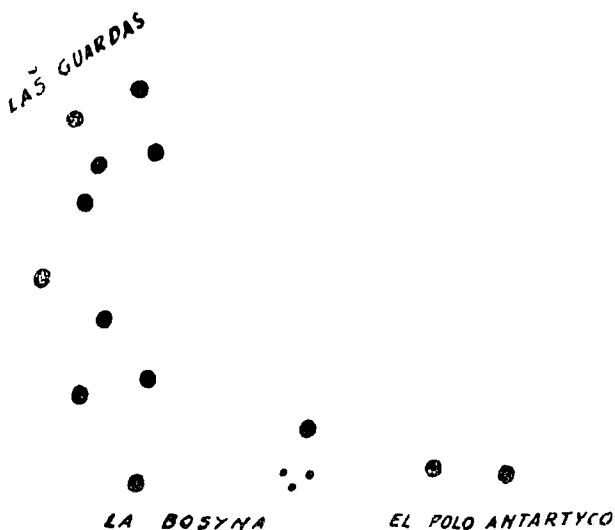
Diz Eurico de Góes: [171]

"Pois esse nosso bisonho homem (Mestre João), que desejam agora sagrar, a todo o transe, como astronomo consumado, é incomparavelmente mais modesto! Tanto assim que, na sua carta ingenuamente confessa ao rei que, por causa duma perna doente e pelas incomodidades da embarcação, ignorava a situação exata das estrelas ("*en que grrado esta cada una, non lo he podido saber*") e, antes, lhe parecia "*ser inposible en la mar, tomarse altura de ninguna estrella; por que yo trabaje mucho en eso; e por poco que el navio enbalance, se yerran quatro, o cinco grrados*"... Apezar dessas circunstancias desfavoraveis, procura fornecer informações de algumas estrelas do nosso ceu e, o que é mais, chega, até, a querer fixar o seu aspecto, num desenho feito à margem da supra dita carta. Nesse desenho, vêm as constelações visivelmente deformadas e a situação das estrelas evidentemente defeituosa".

"Conquanto esse curioso cosmografo (Mestre João), nem uma só vez, se refira à Cruz do Sul, Cruzeiro do Sul ou, simplesmente, Cruzeiro, no texto fala das estrelas "*de la crus*", embora, na

---

(171) "*Os Simbolos Nacionaes*", S. Paulo, 1908, paginas 159 a 160.

gravura (de sua carta), venham elas assinaladas com o nome de "*las guardas*". E' uma prova que, a serem identicas, o Mestre João *lhes não dava uma designação especial, pela qual se tornou conhecida a constelação.* Seriam essas estrelas, verdadeiramente, as do Cruzeiro? E' possivel que sim. Tal presunção, porém, se torna abalada em vista do que escreve o proprio Mestre João: "*estas guardas nunca se escondem, antes syempre andan en deredor, sobre el orizonte*". Ora, é sabido que, na latitude em que se achavam os descobridores (na costa da Bahia, mais ou menos a 17 graus do Equador, conforme achou o mesmo bacharel Mestre

O ceu austral, tal qual viu Mestre João no mês de Abril de 1500

João, o Cruzeiro, ao invez disso, mergulha sempre, no seu giro diario, durante algumas horas, muitos graus abaixo do horizonte. De duas, uma: ou não se trata do Cruzeiro, ou o Mestre João não sabia bem observar o ceu, pois supunha essa constelação circunpolar".

"Acrescenta que ainda está duvidoso sobre "*qual de aquellas dos mas baxas sea el polo antartyco*". E informa que as estrelas "*de las crus, son grandes casy como las del carro*" (Ursa Maior), o que não é exato, visto como, das estrelas do Cruzeiro, uma pelo menos, "*alpha*", de primeira grandeza, é maior que as da Ursa, cujas principais apenas atingem a segunda grandeza".

"Continuando, afirmà que "*la estrella del polo antartyco, o sul, es pequena, como la del norte, e muy clara; e la estrella que esta en rriba de toda la crus es mucho pequena*"... Duas inverdades dificeis de torcer... Em primeiro logar, pelo que diz respeito ao polo sul, sabe-se que a sua estrela mais proxima, "*sigma*" do Oitante, absolutamente não é comparavel a polar do norte, por ser aquela (a austral) de quasi sexta grandeza, ao passo que esta (a boreal) é nada menos de segunda grandeza; e, longe de ser a polar do sul "*muy clara*", é infelizmente, quasi invisivel para as boas vistas, o que fez com que o padre Secchi escrevesse que "*os astronomos dessas regiões (do sul) nos invejam muito a nossa bela Cynossura*" (a polar do norte). Em segundo logar, ainda com relação ao Cruzeiro, não é verdade seja "*mucho pequena*" a estrela que fica no alto da constelação "*gamma*", pois, das quatro mais carateristicas ("*alpha*", "*beta*", "*gamma*" e "*delta*") não é ela a menos brilhante, e, sim, a ultima dessas mencionadas.

No caso de ser "*delta*" a considerada pelo Mestre João, como a situada no apice da sua cruz duvidosa, então é que o Cruzeiro perderia, duma vez, de acordo com essa carta, a sua integridade, o seu aspeto isolado, a sua configuração peculiar".

"Quereria, acaso, o diligente astronomo formar a sua cruz com as estrelas "*alpha*" e "*delta*" do Centauro, que ficariam, assim, constituindo o pé vertical, vendo-se então no vertice, a estrela "*delta*" referida, que no conjunto seria a mais "*pequena*" e estaria "*en rriba de toda la crus*"? Eis o que, perfeitamente, se pode depreender do confronto do texto da celebre carta com o desenho que ela reproduz à margem.

Este estudo, embora resumido, de Eurico de Góes sobre a carta de Mestre João, foi publicado pelo grande astronomo francez Flammarion, em 1910, na revista "*L'Astronomie*" e valeu ao seu autor o titulo de socio da "Société Astronomique de France".

Em realidade, quase nada se pode aproveitar da carta que Mestre João enviou de Porto Seguro, em 1° de maio de 1500, a D. Manuel. Quando esse bacharel trata da questão relacionada com a posição geografica da terra recentemente descoberta por Cabral, é para contar a discussão que teve com os pilotos e o desafio que a eles lançou, e assim narrando diz que "*tomamos el altura del sol al medio dia e fallamos 56 grrados e la sonbra era septentrional*", quando só podia ser *meridional.* Estudando o ceu do hemisferio austral, é para omitir palavras e cometer erros gravissimos, como evidenciou Eurico de Góes. Referindo-se ao mapa-mundi que diz possuir Pero Vaz Bisagudo, é

para ser "*de uma obscuridade desesperadora*", como disse Capistrano de Abreu. (172)

A impressão que temos de Mestre João pela leitura atenta da sua carta, é de um velho já enfermo, secante, de quem D. Manuel se descartou mui habilmente, incorporando-o entre os tripulantes da frota de Cabral, por julga-lo não mais em condições de exercer a sua profissão de medico da corte.

III — O MAPA DE PERO VAZ BISAGUDO

Em outro livro (173) abordamos o assunto que diz respeito ao mapa-mundi que dizem ter possuido Bisagudo. Isso não impede que aqui novamente tratemos desse misterioso mapa *que até hoje não foi encontrado*, verdadeiro cavalo de batalha dos defensores da tese do encontro intencional do Brasil.

Mestre João não foi o unico que disse ter visto mapas extraordinarios que, caso existissem, revolucionariam a historia da geografia e anulariam todos os grandes descobrimentos maritimos realizados pelos portugueses no fim do seculo XV e começo do XVI. Tambem Antonio Galvão narrou "que no ano de 1428 foi o Infante D. Pedro a Inglaterra, França, Alemanha, à Casa Santa, e a outras bandas; tornou por Italia, esteve em Roma e em Veneza, trouxe de lá um mapa-mundi que tinha todo o ambito da terra, *e no qual o Estreito*

(172) "*O Descobrimento do Brasil*", Rio de Janeiro, 1929, pagina 54.

(173) "*O Descobrimento da America e a Suposta Prioridade dos Portugueses*", S. Paulo, 1944, paginas 133 a 140.

de Magalhães se chamava Cola do Dragão, o cabo da Boa Esperança, Fronteira de Africa, e que deste padrão se ajudara o Infante D. Henrique em seu descobrimento. Francisco de Souza Tavares me disse que no ano de 528 o Infante D. Fernando lhe mostrara um mapa que se achava no cartorio de Alcobaça, *que havia mais de cento e vinte anos que era feito, o qual tinha toda a navegação da India com o Cabo de Boa Esperança, como as (navegações) de agora;* se isto é assim, já em tempo passado era descoberto tanto como agora, ou mais." (174)

Sucede que o que diz Antonio Galvão, com relação aos tais mapas, não passa de "uma noticia laconica, sem alusão a qualquer testemunho fidedigno que assinale a existencia dos famosos documentos cartograficos", (175) ao passo que todo o credito é dado ao que escreveu o trapalhão e mediocre astronomo Mestre João, quando se refere ao mapa que tinha Bisagudo.

Não devemos tambem olvidar que Antonio Pigafetta (Ramusio, "*Navigationi et Viaggi*") declarou que Magalhães "sabia que existia este estreito muito oculto, pelo qual se podia navegar, e que o tinha visto assinalado em um mapa existente na tesouraria do rei de Portugal, mapa esse feito por um excelente homem chamado Martim Behaim". Mas o que disse Pigafetta, todos sabem que não passa de pura fantasia, porque o unico documento cartografico do referido cosmografo medieval, é o seu famoso globo feito em 1492 em

(174) Antonio Galvão — "*Tratado dos Descobrimentos*", 3.ª edição, Porto, 1944, paginas 122 e 123.

(175) Antonio Galvão, idem, idem, nota numero 3, pag. 122.

Nuremberg, e nele nada existe quanto ao aludido estreito.

Mas, que mapa era esse que dizem ter possuido Bisagudo? (176)

Se era antigo como diz Mestre João; se era aquele que Toscanelli em 1474 enviou a D. Afonso V, como quer Joaquim Norberto de Souza e Silva (177); ou foi desenhado depois de 1471 como opina Jaime Cortesão; ou era o de André Bianco de 1448, como sugere Henrique Lopes de Mendonça; (178) a conclusão a tirar é que o Brasil teria sido descoberto anteriormente ao feito de Colombo.

Acontece, porém, que os unicos argumentos a favor de uma pretensa descoberta pre-colombiana do Brasil são baseados num trecho do que escreveu Frei Gaspar da Madre Deus atribuindo a João

---

(176) Greenlee, *"The Voyage of Pedro Alvares Cabral to Brazil and India"*, introdução, pagina 51, diz que: "Os cartografos desenharam mapas do Atlantico, nos quais muitas ilhas imaginarias foram assinaladas. Talvez a um desses mapas tenha feito referencia Mestre João. Foi sugerido que um mapa semelhante tenha sido usado durante as discussões, em 1494, do Tratado de Tordesillas. Um mapa desse tipo indicaria naturalmente a feitoria portuguesa da Mina, na costa da Guiné, que era então importante pelo carregamento de ouro, marfim e escravos. Batalha Reis identifica o dono desse mapa com Pero Vaz da Cunha, apelidado o Bisagudo, que em 1488 foi mandado por D. João II a construir uma fortaleza no Senegal. Não há referencia a este mapa de Bisagudo, exceto nesta carta (de Mestre João), e é dificil dar-se credito, por ausencia de outras provas, que o mapa faça referencia a um descobrimento anterior (ao de Cabral) do Brasil".

(177) *"Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro"*, tomo XV, 1852, segunda edição, paginas 152 a 204.

(178) *"Historia da Colonização Portugueza do Brasil"*, 2.º volume, pagina 60.

Ramalho, Alcaide-mor de Santo André da Borda do Campo (da Capitania de S. Vicente), ter chegado ao nosso pais antes de 1492 (179) e bem assim numa ilha assinalada no mapa de André Bianco de 1448, com o nome de "*Ixola Otinticha*" que procuram identificar com uma parte norte do litoral brasileiro.

A discussão quanto à vinda de João Ramalho ao Brasil, antes de 1492, ficou definitivamente encerrada em face da carta que o padre Manuel da Nobrega, provincial da Companhia de Jesus no Brasil, envíou de S. Vicente em 31 de agosto de 1553 ao padre Luiz Gonçalves da Camara, provincial da referida ordem religiosa em Portugal, de acordo com a qual ficou provado que o referido alcaide-mor só aportou ao litoral do atual Estado de São Paulo, a partir de 1512 em diante. (180)

Quanto a tal "*Ixola Otinticha*" do mapa de André Bianco de 1448, tudo não passa de uma fraude, pois a legenda existente nessa ilha foi adulterada com o escopo de levar os incautos a identificá-la com terras do Brasil, quando em realidade, como provou o historiador português A. Fontoura da Costa, essa ilha da carta de Bianco é aquela de Santiago, do arquipelago de Cabo Verde. (181)

Neste livro, Segunda Parte, capitulo II, esta questão da "*Ixola Otinticha*" é estudada com mais amplitude.

---

(179) *"Revisa do Instituto Historico e Geographico Brasileiro"*, volume II, pagina 427.

(180) Vide Segunda Parte, capitulo III deste livro.

(181) A. Fontoura da Costa — *"Cartas das Ilhas de Cabo Verde de Valentim Fernandes"*, Lisboa, 1939, pagina 98.

IV — MAR DE LONGO

Raphael Eduardo de Azevedo Basto, na noticia preliminar da edição de 1892 do *"Esmeraldo de Situ Orbis"* de Duarte Pacheco Pereira, escreveu a seguinte passagem:

"Pero Vaz de Caminha, na sua carta datada de Vera Crus, quando relata o desaparecimento da nau de Vasco de Ataide, em 23 de março, sem haver tempo forte nem contrario, e ter o Capitão mor feito deligencia para encontrar a dita nau, que não tornou a ser vista, diz mais — *"e asy seguimos nosso caminho por este mar de longo"* —, até terça feira de oitavas de pascoa, que foram vinte e um dia de abril, que topamos alguns sinais de terra, sendo da dita ilha (S. Nicolau) obra de 660 ou 670 leguas".

"Respeitando melhor opinião, parece-me que os trechos apontados da carta de Vaz de Caminha e do Roteiro de Duarte Pacheco podem servir de apoio à ideia atualmente debatida, de que o descobrimento da terra de Vera Crus não foi devido a um mero acaso". (182)

Este topico de Azevedo Basto, foi o rastilho para os adeptos da tese da intencionalidade. Houve explosão de jubilo e o trecho da carta de Caminha — *"e asy seguimos nosso caminho por este mar de longo"* —, foi julgado prova irrefutavel do encontro intencional do Brasil por Cabral. Porem, Capistrano de Abreu entendeu de contestar

---

(182) Duarte Pacheco Pereira, *"Esmeraldo de Situ Orbis"*, Lisboa, 1892, pagina VII.

o citado passo do comentador do "*Esmeraldo*" com as seguintes palavras:

"O ilustre editor do "*Esmeraldo*" encontra provas da intencionalidade do ato (descobrimento do Brasil) nas seguintes palavras de Caminha escritas a proposito do desaparecimento da nau de Vasco de Ataide: "*e assim seguimos nosso caminho por este mar de longo*". A estas palavras bem poderiamos opor a ideia de Fr. Henrique de que o descobrimento foi milagre da bandeira de Belém, isto é o que se pode imaginar de mais fortuito, por ser obra, não da humana, mas da divina vontade. Mas voltando às palavras citadas pelo erudito editor: si Cabral não ficou parado, si não tinha terra à vista, si não era ele só a navegar, de que outro modo podia exprimir-se Caminha sinão: "*e assim seguimos nosso caminho por este mar de longo?*" (183)

Diversos historiadores tanto portugueses como nacionais, têm procurado explicar esse topico da carta de Caminha, cada um de acordo com as suas conveniencias. Jaime Cortesão, por exemplo, escreveu 6 paginas em corpo 8 para justificar o seu ponto de vista. Na nossa opinião, quem com poucas palavras e com imparcialidade liqüidou o assunto, foi o erudito historiador de Chicago, professor William B. Greenlee, na monumental monografia sobre o descobrimento do Brasil editada em Londres em 1938 sob o titulo: "*The Voyage of Pedro Alvares Cabral to Brazil and India*".

Diz Greenlee: "*e asy segujmos nosso caminho per este mar de lomgo*". The expression *de lom-*

---

(183) Capistrano de Abreu, "*O Descobrimento do Brasil*", Rio de Janeiro, 1929, pagina 159.

go is also used by Caminha when he tells of sailing *de lomgo da costa,* along the coast, after arriving at Brazil. This, therefore, has no special significance, although some writers have tried to identify it with longitude, indicating a westward course. The expression generally used at this period for longitude was "the height east-west". The word longitude was employed by Ptolemy because the known world of his day was longer in this direction". (*"e asy segujmos nosso caminho per este mar de lomgo"*). A expressão de *lomgo* é tambem usada por Caminha quando ele se refere à navegação *"de lomgo da costa"*, ao longo da costa, depois da chegada ao Brasil. Isto, portanto, não tem significação especial, ainda que alguns escritores tenham tentado *identifica-la com longitude, indicando um rumo ao Oeste.* A expressão geralmente usada naquela epoca para longitude era *direção Este-Oeste.* A longitude do mundo foi empregada por Ptolomeu, porque o mundo conhecido na epoca era mais extenso nesta direção". [184]

Duarte Pachêco Pereira no final do capitulo VIII do *"Esmeraldo de Situ Orbis"*, reforça a opinião de Greenlee quando diz: ...*"os graaos da longura se contam de ouriente em oucidente a que os marinheiros chamom lest e oest & por ser dificil podem se saber por nom terem ponto firme & fixo como som os pollos que unem ha ladeza nom curo de nisto mais fallar"*.

Quando a frota de Cabral já se achava à vista do litoral brasileiro, Caminha na folha 2 de sua carta escreveu: *"Fomos de longo,* e mandou o

---

(184) William B. Greenlee, *"The Voyage of Pedro Alvares Cabral to Brazil and India"*, London, 1938, pagina 6, nota 4.

Capitão aos navios pequenos que seguissem mais chegados à terra e, se achassem pouso seguro para as naus, que amainassem". E na folha 7, verso, usou novamente da expressão *de longo,* do seguinte modo: "E então o Capitão passou o rio com todos nós outros, *e fomos pela praia de longo,* indo os bateis, assim, rente da terra". Nas frases citadas, tanto na primeira como na segunda, a expressão — *de longo* — corresponde ao usual — *ao longo* —. Esses dois topicos da carta de Caminha evidenciam o acerto da opinião de Greenlee.

. . .

Convem por aqui em destaque que, na epoca quinhentista, não era privativo dos escritores portugueses, à semelhança do que fez Caminha em sua carta, o emprego da expressão — *"de longo"* — com o significado de — *"ao longo de"*.

Tambem os italianos assim procediam, tanto que na coletanea de Montalboddo intitulada *"Paesi Novamente Ritrovati"*, etc. "Libro Secundo", capitulo LXVIII, deparamos com este topico: "Quella terra e molto populata e in essa vedeno di molta zeta: *e alora levamo anchora e andavemo di longo di terra* cõ bon tenpo e vedemo grãdi fiumi molti animali in mõ che tuto era habitato". E, mais adiante, no capitulo LXIX, encontramos este passo: ..."e mando che si facesse vela al camino de Melinde e trovão *de longo de la costa* molte isole populate de mori"...

V — O SUBSTANTIVO VERBAL "ACHAMENTO"

Comentando a carta de Pero Vaz de Caminha, a filologa Carolina Michaelis de Vasconcelos assim se manifestou sobre o substantivo verbal "*achamento*" usado por esse escrivão:

"De proposito conservo o termo "*achamento*", um tanto antiquado, de que o Epistológrafo se serviu por quatro vezes: não somente na laconica introdução sobre a viagem realizada de Belém a Cabo Verde e de lá até a terra nova de Vera Cruz mas (a f. 9 e 11) nas referencias ao Conselho dos Capitães, e aos Sermões, habilmente pregados por Frei Henrique Soares. *Descobrimentos* e sobre tudo *achados* podem ser casuais. *Achamento*, pelo contrario, é ação praticada por quem antes *procurou*, fiado ou não no axioma biblico, popularizado como proverbio entre todas as nações". (185)

Quem todavia analisa a serie enorme de documentos existentes sobre o descobrimento do Brasil, inclusive os cartograficos, portanto quem encara esta questão debaixo do ponto de vista não só filologico mas tambem historico, não pode acompanhar, por maior boa vontade que tenha, a opinião de Carolina Michaelis em se tratando do significado do vocabulo "*achamento*" da carta de Caminha.

De fato. Em Portugal onde a tese do descobrimento intencional do Brasil é dogma, mereceu

---

(185) *"Historia da Colonização Portuguesa do Brasil"*, Porto, 1923, volume II, pagina 86.

contestação esse conceito de Michaelis sobre o referido substantivo verbal.

Manuel de Souza Pinto, fazendo em maio de 1934 no Instituto de Altos Estudos, da Academia das Ciencias de Lisboa, uma conferencia sobre *"Pero Vaz de Caminha e a carta do achamento do Brasil"*, trabalho este onde o autor revela invulgar erudição, responde do seguinte modo a Carolina Michaelis:

"Pero Vaz de Caminha começa por dizer ao Rei que lhe vai dar conta da "nova do achamento desta vossa terra nova, que se ora nesta navegação achou". Do emprego da palavra *"achamento"*, que aparece na Carta mais duas vezes, quis D. Carolina Michaelis de Vasconcelos extrair argumentos a favor da intencionalidade do desbobrimento. *"Descobrimentos"* e sobre tudo *"achados" podem* ser casuais. *Achamento,* pelo contrario, é acção praticada por quem antes *procurou* — fiado ou não no axioma biblico, popularizado como proverbio entre todas as nações." E' certo o "procura e acharás", mas tambem *acha* a pessoa a quem se depara alguma coisa *inesperada.* Ao substantivo verbal *"achamento"* que D. Carolina Michaelis "considera um tanto antiquado", corresponde hoje o adjectivo substantivo *"achado"*, que a inovidavel Mestra é a primeira a reconhecer como podendo ser casual. Quando dizemos *"um achado"*, referimo-nos a um acaso. Ao escrever *"achamento"* e *"achou"*, Caminha parece querer traduzir essa ideia. Opõe até *"achamento"* a descobrimento numa outra referencia ainda mais concludente. Narrando no Domingo da Pascoela, o conselho dos Capitães diz "e, tanto que comemos, vieram logo todos os capitães a esta nau por man-

dado do capitão mor, com os quaes se ele apartou, e eu na companhia, e perguntou assim a todos se nos parecia ser bom mandar a nova do "*achamento*" desta terra a Vossa Alteza pelo navio dos mantimentos, para a melhor mandar *descobrir*, e saber dela mais do que agora nos podiamos saber, por irmos de nossa viagem". Reconhecia, portanto, o cronista que ao "*achamento*", imperfeito, devia seguir-se um "*descobrimento*" mais completo".

Depois de outras considerações, Souza Pinto transcreve aquele conhecido passo da carta de D. Manuel aos Reis Catolicos dando noticias da viagem de Cabral a Calicut e fazendo referencia ao descobrimento do Brasil que diz: "*la cual (tierra) parece que nuestro Señor milagrosamente quiso que se hallase*".[186] E comenta: "*Hallar*" equivale a "*achar*". Que o vocabulo não implicava fatalmente intenção, atesta-o a referencia que na mesma carta se faz de Sofala, "*que es mina de oro que nuevamente se halló*". Ao "*achamento*" de Pero Vaz correspondia a antiga forma castelhana "*hallamiento*", depois "*hallazgo*". Na *versão quinhentista* da Carta de D. Manuel, publicada por Eugenio do Canto, encontra-se varias vezes o verbo "*achar*", mas não "*achamento*" "o dito meu capitão com treze naus partiu de Lisboa a 9 dias de março do ano passado e nas oitavas da pascoa seguinte chegou a uma terra que novamente descobriu a que pôs o nome Santa Cruz em que "*achou*" as gentes nuas como na primeira inocencia, mansas e pacificas a qual pareceu que nosso Senhor milagrosamente quiz que se "*achasse*"

(186) Texto em espanhol segundo Navarrete, "*Colecion de los viages*", etc., volume III, paginas 94 a 101.

porque é mui conveniente e necessaria a navegação da India porque ali corrigiu suas naus e tomou agua e pelo caminho grande que tinha para andar não se deteve para se informar das cousas da dita terra somente d'ali me enviou um navio a me notificar como a "*achara*" e fez seu caminho via do cabo de Boa Esperança", etc. [187]

"O que D. Manuel considerava milagre de Deus foi o tema da peroração de Frei Henrique de Coimbra ao pregar aos portugueses, no Brasil, em Domingo de Pascoela: "Acabada a missa, devestiu-se o padre, e pôs-se em uma cadeira alta, e nós todos lançados por essa areia, e pregou uma solene e proveitosa pregação da historia do evangelho e em fim dela tratou de nossa vinda e do "*achamento*" desta terra conformando-se com o sinal da cruz sob cuja obediencia vimos, a qual veio muito a proposito e fez muita devoção". Capistrano (de Abreu) nota que a tese de Frei Henrique convenceu Caminha, e que ele "mais de uma vez em tudo vê a mão divina".

Somos de opinião que Souza Pinto esclareceu convenientemente o significado do vocabulo "*achamento*" da carta de Caminha, dando fim a um sofisma verdadeiramente pueril.

---

(187) Manuel de Souza Pinto — *"Pero Vaz de Caminha e a carta do achamento do Brasil"*, Lisboa, 1934, paginas 40 a 43.

A carta de D. Manuel a Fernando e Izabel, em português quinhentista, a que se refere Souza Pinto, é encontrada por copia no Arquivo do Estado em Veneza e foi publicada na *"Historia da Colonização Portuguesa do Brasil"*, II volume, pags. 165 a 167.

VI — O ADVERBIO "NOVAMENTE"

No jornal *"Folha da Manhã"* da cidade de S. Paulo, em 10 de junho de 1945, o ilustre filologo Professor Otoniel Mota assim se manifestou acerca de um nosso pequeno trabalho sobre o emprego quinhentista do adverbio *"novamente"*.

"Como é sabido, alguns escritores portugueses pretendem que Cabral, quando aqui aportou, já tinha conhecimento da terra. Não foi por acaso que a descobriu".

"Em que se fundam esses escritores? Na significação do verbo *descobrir* no emprego quinhentista."

"Quando um quinhentista nos diz que o rei de Portugal mandou *descobrir* uma ilha, quer isso dizer que ele mandou tomar pleno conhecimento, explorar uma ilha já conhecida".

"E em Castanheda chovem exemplos de *descobrir* com esse sentido".

"Mas concluir que seja esse o unico sentido, é o que negam outros escritores. *Descobrir* é tam bem achar o que não se esperava.

"Em nosso meio o Sr. Oscar Marcondes se encarregou de defender a segunda dessas posições, para provar que Pedro Alvares Cabral não veio devassar terra já conhecida, mas que descobriu de fato casualmente a terra do Brasil".

"O seu livro é exaustivo no assunto, profusa e eruditamente documentado. Aconselhamos de coração a sua leitura a todos os que se interessam pela questão".

"Mas ao lado dessa questão historico-filologica em torno do verbo *descobrir*, surge outra não menos interessante em torno do adverbio *nova-*

mente modificando o participio *descoberto.* Quando se lê que o Brasil fora *novamente descoberto,* afirmam alguns, quer-se dizer que ele fora de *novo descoberto,* porque antes já o fora."

"O falecido Max Fleiuss assumiu essa posição no volume CLXXXVI da *"Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro"*.

"Oscar Marcondes vem de novo a campo para lhe combater a tese, em artigo interessante que me confia e que eu vou passar ao publico para apreciá-lo como merece".

Na *"Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro,* volume 186, correspondente aos mezes de janeiro-março de 1945, vem publicado um interessante trabalho do falecido secretario perpetuo dessa sociedade, Sr. Max Fleiuss, sob o titulo: *"O Brasil e seu descobrimento"*.

Na pagina 46, deparamos com este topico:

"Não obstante, há provas documentais mais esmagadoras de que o Brasil já estava cronologicamente descoberto antes de 1500, e foi oficialmente reconhecido como possessão pela esquadra de Cabral".

"Portugal confirmou então sua posse imemorial sobre a Terra de Santa Cruz".

"Ao anunciar de fato o descobrimento aos reis catolicos de Espanha, D. Manuel de Portugal se expressou nestes termos em sua carta de 29 de julho de 1501 (Arquivo de Saragoça, copia de D. Joaquim Traggia)".

"Na oitava da Pascoa seguinte, o capitão-mor chegou a uma terra que *descobriu novamente,* à qual deu o nome Santa Cruz".

Quer concluir daí Max Fleiuss, que Cabral *redescobriu* o Brasil em 1500.

Antes de mais nada, vamos transcrever na integra o periodo da carta de D. Manuel aos reis de Castela, de onde Max Fleiuss extraiu a frase que cita, porque com essa transcrição o leitor ficará mais habilitado a acompanhar a questão ora em debate.

Diz a passagem da carta em apreço:

"O dito meu capitão com treze naus partiu de Lisboa a nove dias de março do ano passado e nas oitavas da Pascoa seguinte chegou a uma terra que *novamente descobriu* a que pôs nome Santa Cruz, em que achou as gentes nuas como na primeira inocencia, mansas e pacificas, *a qual pareceu que Nosso Senhor milagrosamente quis que se achasse porque é mui conveniente e necessaria à navegação da India,* porque ali carregou suas naus e tomou agua, e pelo caminho grande que tinha para andar não se deteve para se informar das coisas da dita terra, somente dali me enviou um navio a notificar-me *como a achara,* e seguiu seu caminho pela via do Cabo da Boa Esperança". (188)

Quer-nos parecer que da leitura atenta desse trecho que acabamos de transcrever da carta de D. Manuel a Fernando e Izabel, a expressão nela contida e que diz: *"chegou a uma terra que novamente descobriu"*, significa ter Cabral aportado a uma terra *recentemente por ele descoberta.*

Naquela epoca, era comumente empregada a expressão *"novamente descoberta"*, *"novamente achada"*, tanto em italiano, como em espanhol, francês e português, para traduzir a ideia de *"re-*

---

(188) Transcrito do II volume, pagina 165, da *"Historia da Colonização Portuguesa do Brasil"*.

centemente", "ha pouco", "agora" descoberta ou achada.

Passamos a exemplificar.

No planisferio que Alberto Cantino mandou desenhar em Lisboa, em 1502, para Hercule D'Este, duque de Ferrara, mapa este que menciona as descobertas de Colombo, Cabral, Cortes Reais e a dos espanhois no Novo Mundo, há no verso, parte superior, lado direito, os seguintes dizeres "Carta de nauigar per le Isole *nouamente trovate* in le parte de l'India dono Alberto Cantino Al S. Duca Hercole." (189)

Mais ou menos em 1504, Benvenuto di Domenico Benvenuti, florentino, residente em Lisboa, levou ou enviou a René II, duque de Lorena, a descrição das quatro viagens de Amerigo Vespucci com o seguinte titulo: "Lettera di Amerigo Vespucci delle Isole *nouamente trouate*". (190)

Em 1504 foi publicado em Veneza por Albertino Vercellese um livro sobre os descobrimentos realizados no Novo Mundo por Colombo e outros navegantes a serviço da Espanha, com o titulo: "Libretto de Tutta la nauigatione del Re de Spagna de le Isole et terreni *nouamente trouati.*" (191)

Fracanzano de Montalboddo, publicou em Vicencia, em 1507, uma serie de descrições de viagens e descobertas, inclusive a da America por Co-

---

(189) Henry Harrisse, *"Les Corte Real"*, Paris 1883, pagina 72 a 76.

(190) Henry Harrisse, *"Les Cortes Real"*, Paris, 1883, pagina 54.

(191) Pedro Martir de Angleria, *"Décadas del Nuevo Mundo"*, Buenos Aires, 1944, pagina XXIV.

lombo e a do Brasil por Cabral, intitulando esse seu livro: "Paesi *nouamente retrouati* et Novo Mondo da Alberico Vesputio Florentino intitulatò." (192)

Entre o periodo que decorre de 1552 a 1561 Bartolomeu las Casas escreveu a *"Historia de Las Indias"*, editada somente em 1875, em Madrid. No volume II, pagina 2, existe a copia d'uma carta que a 5 de setembro de 1493, a rainha Izabel enviou a Colombo a qual de inicio diz: "Don Cristóbal Colón, mi Almirante del Mar Oceano, Visorey e Gobernador de las islas *"nuevamente halladas"* em las Indias".

Em 1532, foram publicadas em Paris as *"Décadas do Novo Mundo"* de Pedro Martir de Angleria, que trata do descobrimento da America por Colombo e das viagens realizadas a esse continente pelos navegantes espanhois, com os dizeres: "Extraict ov Recveil des isles *nouuellmet trouues* en la gran Mer Oceane au temps du Roy Despaigne Fernand & Elizabeth sa femme, faict premierement en latin par Pierre Martyr de Millan, & despuis translatę en languaige francoys". (193)

Finalmente na *"Décadas da Asia"* de João de Barros, decada I, livro V, capitulo II, deparamos com este topico:

"Pedralvares vendo que por razão de sua viagem outra coisa não podia fazer, dali expediu um navio, capitão Gaspar de Lemos, com a nova pera el Rei Dom Manuel do que tinha descoberto: *o*

---

(192) J. Carlos Rodrigues, *"Catalogo Anotado dos livros sobre o Brasil"*, Rio de Janeiro, 1907, pagina 432.

(193) Pedro Martir de Angleria, *"Décadas del Nueno Mundo"*, Buenos Aires, 1944, pagina XXXIII.

qual navio com sua chegada deu muito prazer a el-Rei, e a todo o Reino assim por saber da boa viagem que a frota levava *como pela terra que descobrira.* Passados alguns dias enquanto o tempo não servia, fizeram sua aguada, quando veio a tres de maio que Pedralvares se quis partir por dar nome aquela terra por ele *novamente achada,* man dou arvorar uma cruz mui grande no mais alto lugar de uma arvore e ao pé dela se disse missa". (194)

À vista do exposto, quer-nos parecer que a frase *"chegou a uma terra que novamente descobriu"*, da carta de D. Manuel aos reis de Castela, a que se refere Max Fleiuss no seu trabalho intitulado: *"O Brasil e seu descobrimento"*, em absoluto não pode servir para provar ter Cabral em 1500 *redescoberto o Brasil.*

"Como se acaba de ver, a argumentação e documentação de Oscar Marcondes mostram claramente a sem razão de Max Fleiuss mesmo com a transposição por este feita do adverbio *novamente,* como ressalta, comparando-se a sua frase: "que descobriu *novamente*", com a do texto da carta regia: "que *novamente descobriu*".

"Aqui a ordem dos fatores não é indiferente. Foi o que levou Max Fleiuss a altera-la, para reforçar a sua tese."

"Mas voltemos ao adverbio "*novamente*" e recuemos ao adjetivo *novo,* de que ele se origina. Este vem do latim "*novus,* e o emprego de *novus* com sentido de *recente* é tão comum que dispensa exemplificação".

---

(194) João de Barros, *"Décadas da Asia"*, excertos das quatro décadas por Mario Gonçalves Viana, Porto, 1944, pag. 155.

"E neste ponto nós temos a palavra soberana de Camões a sustentar a tese de Oscar Marcondes.
"No canto IX, estância 40, diz o épico:

> "E pera isso queria que feridas as filhas de Nereo no ponto fundo de amor dos lusitanos encendidas, *que vem de descobrir o novo mundo*", etc.

"Neste exemplo temos, reunidos, o verbo *descobrir* e o adjetivo *novo*. Não nos deteremos com o verbo que já foi discutido. Trataremos do adjetivo *novo* e cedemos a palavra a Faria e Souza, com o seu comentario sarcastico:

"Entram aqui los grandes cientes, i dizen que no era nuevo aquel mundo de la India: porque muchas edades antes era conocido, i fué dominado de varias manos. Bellissima ciencia. Quien te dixo o ciente, que el Poeta ignoró esso? El en mil lugares deste poema lo dize. I assi el nuevo mundo, está aqui en dos maneras: nuevo por ser *nuevamente descubierto* por el mar, i nuevo por ser nueva conquista para los Portugueses etc."

"Do comentario parece inferir-se que esse *nuevamente descubierto* está empregado com o mesmo sentido de *recentemente descoberto* que se encontra nos outros exemplos coligidos por Oscar Marcondes."

"E se alguma duvida ainda houvesse, pederiamos mais luzes ao mesmó Camões e ele nos responderia na estância 14 do mesmo canto:

> "A noz e o negro cravo que faz clara a *nova* ilha Maluco" etc.

A ilha era *nova* porque fôra descoberta em 1512, era recentemente descoberta".

"Ainda quanto ao adverbio *novamente.* E' reflexo do latim *nove* ou *noviter,* que aparece na carta de Pedro Pasqualigo (1501), falando da viagem de Gaspar Corte Real com o sentido de *recentemente*: ..."la terra dei papagá, *noviter trovata".*

"Creio que não é preciso dizer mais."

"O *novo* e o *novamente* são maus padrinhos para o *redescobrimento."*

VII — O VERBO DESCOBRIR

Na epoca quinhentista, os cronistas e o governo português, em suas correspondencias e em seus atos oficiais, usavam o verbo *descobrir,* quer no sentido de *busca propositada,* quer no de *encontro casual.*

E' verdade que o verbo em apreço foi usado, em maior numero de vezes, com o significado de *busca propositada* porque, nas suas viagens ao longo da costa ocidental da Africa até penetrar no Indico e atingir a India, como na procura das ilhas oceanicas da Madeira, Açores, Cabo Verde, etc. quasi sempre foram os nautas portugueses em busca de terras e regiões, de cuja existencia tinham conhecimento previo, ainda que vago ou erroneo, não só por tradições, por documentos inclusive os cartograficos, mas tambem pelas descrições dos varios viajantes, entre eles Marco Polo, que na Idade Media palmilharam parte do continente negro e da Asia.

Querer concluir daí que todas as vezes que deparamos com o verbo *descobrir* num texto quinhentista, está ele empregado sempre na acepção de *busca propositada,* é eavançar em demasia no terreno sempre deselegante do sofisma.

Para não alongarmos muito estas simples notas, vamos dar aqui alguns exemplos do emprego, por autores quinhentistas, do verbo *descobrir* no sentido de *achar por acaso.*

Bartolomeu Dias sabia que a costa ocidental da Africa prolongava-se para o Sul, mas ignorava a existencia do cabo da Boa Esperança e a necessidade de dobra-lo para poder penetrar no Indico. Encontrou-o casualmente.

Os cronistas narram tal feito maritimo do seguinte modo:

"E coesta determinação mandou nouamente continuar este descobrimento per mar, per hum Bertolameu diaz que foi almoxarife dos almazens de Lisboa, que mãdou por capitão mór a este descobrimento, em que *descobrio* aqle muyto grande e espantoso cabo *dos antigos não conhecido*: que agora se chama Cabo da boa Esperança, e passou auante cento e corenta legoas até ho rio do Infante." (Castanheda, "*Descobrimento e Conquista da India*", Coimbra, 1924, livro I, capitulo I, pagina 6).

No anno de 486, mandou el rey dõ Ioam a este descobrimento Bertholameu diaz caualeiro de sua casa cõ tres vellas, yndo assi ao longo da terra poseram padrões de pedra, e *descobrio* o cabo de boa esperança e alem delle a te ho rio do Infante". (Antonio Galvão, "*Tratado dos Descobrimentos*", terceira edição, Porto 1944, paginas 130 e 131).

Vasco da Gama não conhecia os baixios que denominou de "*Padua*", assinalados nas cartas

modernas com a designação de "*Munyal Par.*" Encontrou-os casualmente na travessia de Melinde à India.

Esse achado casual é assim relatado por Antonio Galvão na sua citada obra, pagina 145: "Foram a Mombaça e a Melinde, el Rey delle lhe deu pilotos, que os poseram na India, na qual trauessa *descobrirão* os baixos de Padua".

Entre os nautas portugueses não havia conhecimento previo da ilha da Ascenção. Acharam-na por acaso. Vejamos como os cronistas quinhentistas narram o seu encontro.

"No anno de 1501 e mes de Março, partio João de noua com quatro velas da cidade de Lixboa, e alem da linha da parte do sul em oyto graos daltura *descobrirã* a ilha a que poserão nome da Concepção, e forão a Moçambique", etc. (Antonio Galvão, obra citada, paginas 149 e 150).

As ilhas de Tristão da Cunha estavam na mesma condição da ilha de Ascenção. Delas não havia conhecimento previo, ainda que vago ou erroneo. Foram achadas casualmente pelo nauta português que lhes deu o nome.

Os cronistas quinhentistas descrevem o encontro dessas ilhas com as seguintes palavras:

"E indo na volta do cabo da boa esperança hu domingo pela manhã ouue vista daquelas ilhas q. se agora chamão de Tristão da Cunha e assi lhe pos nome por ser ho que as *descubrira*, e estas estão na bãda do sul em altura de trinta e oyto graos". (Castanheda, obra citada, livro II, capitulo XXX, pagina 277).

"Esta armada em que haviam mil e trezentos soldados, partio de Lisboa a seis dias Dabril do anno já dito, e na viagem *descobriram* humas ilhas

despovoadas de que atras fiz menção a que poserão nome "Tristão da Cunha". (Damião de Góes, "*Chronica d'El Rei D. Manuel*", Lisboa, 1910, volume IV, pagina 78).

Como remate, damos o seguinte exemplo de João de Barros, referindo-se a empreza do Infante D. Henrique, que ainda é mais decisivo: ..."*e assi nesta empreza tão noua de descobrir o que te o seu tempo estaua encuberto*". ("*Décadas da Asia*", Lisboa, 1628, volume I, decada I, livro I, capitulo XVI, verso de folha 30).

VIII — A NAU DE MANTIMENTOS DA FROTA DE CABRAL

O almirante português Gago Coutinho, criticando à erudita obra de William B. Greenlee intitulada "*The Voyage of Pedro Alvares Cabral to Brazil and India*", escreveu este topico:

"Um ponto interessante no Descobrimento do Brasil é aquele que se refere à *nau dos mantimentos*, mandada regressar a Lisboa, sob o comando de Gaspar de Lemos, levando as cartas de Caminha e dos chefes, para D. Manuel. Greenlee não compreendeu o alcance que teria o estudo deste incidente. Era costume (sic), como fez Gama em Sam Braz, queimar o *navio de transporte* (de mantimentos), o que Cabral de certo teria feito se, por não ter encontrado antes recursos, tivesse sido obrigado a escalar tambem em Sam Braz. Porem, no caso de Porto Seguro, atendendo à facilidade da volta, o mais natural era mandar o navio para

Lisboa com noticias sobre a situação e boa natureza da terra encontrada". [195]

Na conferencia que fez em 1943 no Liceu Literario Português, do Rio de Janeiro, sob o titulo: "*Descobrimento do Brasil, coordenação em mapa das rotas de descobrimento no Atlantico Sul, especialmente a de Cabral*", repetiu Gago Coutinho que, "da terra de Santa Cruz, Cabral em vez de queimar a nau dos mantimentos — como fizera Gama em Sam Braz, — *a mandou recolher à Lisboa, com a noticia do bom resultado das suas pesquizas acerca de um porto, preferivel aos da Africa do Sul, para escala da carreira da India.*" [196]

Merece reparo não fazer Gago Coutinho a menor referencia ao trecho da carta de Pero Vaz de Caminha endereçada de Porto Seguro a D. Manuel, no qual diz claramente que Cabral após reunir todos os capitães dos navios, resolveu enviar *a nau dos mantimentos* a Portugal, a fim de anunciar *o descobrimento de uma nova terra* e aconselhar o rei a mandá-la explorar para dela ter melhores informações, visto ter que partir para a India, dando assim desempenho à sua incumbencia. [197]

Será que o almirante Gago Coutinho tem a pretensão de querer alterar, à sua vontade, o texto referido da carta de Caminha, substituindo-o por um topico de significação banal, tal aquele: — "*mandou a nau dos mantimentos recolher a Lisboa, com a noticia do bom resultado das suas pesquizas acerca de um porto, preferivel aos da Africa do Sul, para escala da carreira da India?!*"

---

(195) "*Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*" — Julho-agosto de 1940, pagina 273.

(196) Obra citada, pagina 51.

(197) Carta de Pero Vaz de Caminha, folha 6 do original.

Gago Coutinho é nauta e historiador de valor, mas quer nos parecer que abusa em demasia do alto conceito em que é tido para emitir, às vezes, opiniões completamente opostas aos dizeres de documentos de invulgar valor, à semelhança do que ora faz com a carta de Caminha.

Antes de prosseguirmos no estudo que diz respeito ao verdadeiro destino reservado à nau dos mantimentos da frota de Cabral, queremos fazer aqui um reparo. Se Gaspar de Lemos, como diz o almirante Gago Coutinho, partiu de Porto Seguro a fim de notificar D. Manuel do "*bom resultado das pesquizas de Cabral acerca de um porto, preferivel aos da Africa do Sul, para a escala da carreira da India*", como explicar o fato de quasi todas as armadas portuguesas que velejaram em demanda do paiz das especiarias, logo após o descobrimento do Brasil pelo referido capitão-mor, terem evitado tocar não só em Porto Seguro como em qualquer outro porto do litoral brasileiro?

Existem no arquivo da Torre do Tombo, em Lisboa (cartas missivas, maço 4, numero 91), as instruções adicionais que o rei D. Manuel deu por escrito a Cabral, recomendando como devia proceder quando chegasse à India, quer sob o ponto de vista politico, quer sob o ponto de vista comercial. (198)

Dessas instruções aqui transcrevemos uma passagem em português moderno:

"Item: porque poderá ser que com ajuda de Nosso Senhor achareis em Calicut ou em Calemir,

(198) Ministerio das Colonias, *"Os Sete Unicos Documentos"*, etc. 1940, paginas 50 a 53.

em qualquer dos lugares (onde) vossa carga houverdes tão abastada a carregar, que por ventura se mais navios levasseis se poderia carregar, neste caso, se assim fosse e vos parecesse que por nosso serviço o devieis fazer, *havemos por bem que compreis algum navio ou navios dos da terra, para os carregardes e trazerdes comvosco, até onde pudesseis tornar a encontrar, baldear em nossas naus o que nelas carregasseis, porque pelo lugar que para isso darão os mantimentos que cada dia se gastam, nos parece que poderá bem fazer. E si eles de bom modo e com segurança pudessem vir com a frota, assim seria bom*, sinão remediar-se-ia na maneira que foi dito, e que nisso nos parece que com o nosso serviço deveis e podeis fazer seguros e fareis ainda que muito nos agradaria por se assim, em os achando, tanta abastança e carga como atraz voz dizemos, e mandamos a Aires Correa, nosso feitor, que acerca disso cumpra o que por nosso serviço lhe requererdes e mandardes, *assim na compra dos ditos navios*, como na carga deles."

"E se algumas das partes que vão na frota, *os taes navios de lá da terra quizerem comprar, para os carregarem de qualquer mercadoria*, além das quinteladas que lhes vão ordenadas por nós, para neles as trazerem a estes reinos, *havemos por bem que o possam fazer*, e serão obrigados a nos pagar todos os nossos direitos das mercadorias que assim nos taes navios carregarem e trouxerem. E mandamo-vos que lhes não ponhais a isso nenhum embargo, e estes capitulos ajuntareis com todos os outros, de vosso regimento e escrito".

Pela leitura atenta dessas instruções dadas a Cabral pelo seu rei, verifica-se que lhe é ordenado,

no caso de encontrar na India grande quantidade de especiarias para comprar, que adquira navios dos aí existentes, que os carregue de mercadoria e à medida que as naus se foram esvaziando pelo consumo dos mantimentos, fossem essas mercadorias a elas baldeadas.

Lembra tambem a Cabral que seria de toda a vantagem que esses navios comprados na India, uma vez carregados de especiarias, acompanhassem as naus quando regressassem ao reino. As instruções acrescentam que os armadores dos navios incorporados à frota de Cabral, por intermedio de seus feitores, tambem podiam, se quizessem, comprar navios dos existentes no Oriente, carregando-os de mercadorias e trazendo-os a Portugal, uma vez que se sujeitassem ao pagamento dos direitos.

Por esse documento fica provado que o rei D. Manuel fazia grande empenho em que Cabral regressasse a Lisboa com o maior numero possivel de navios carregados de pimenta, cravo, canela, etc. mercadorias essas que, como sabemos, eram vendidas naquela epoca a peso de ouro na Europa.

Ora, o documento que transcrevemos e analisamos ligeiramente põe por terra a opinião de Gago Coutinho, segundo a qual a nau dos mantimentos da frota de Cabral *estava destinada a ser queimada e que disso escapou,* porque foi enviada a Lisboa com uma noticia banal, tal aquela de informar o rei *"do bom resultado das pesquizas de Cabral em encontrar um porto, preferivel aos da Africa do Sul, para escala dos navios da carreira da India".*

Nós imaginamos como devia ter sido acalorada a discussão entre os capitães da armada de

Cabral, quando foi apresentada a proposta da nau dos mantimentos interromper a sua viagem e voltar ao reino, em vez de seguir para Calicut a fim de ser carregada de especiarias, como foram as demais.

Vencendo o alvitre desse navio retornar a Lisboa, o que fica evidenciado é que um acontecimento inesperado tinha ocorrido, e que tal era a sua importancia, que obrigava Cabral a mandar dele noticia urgente a D. Manuel.

Qual teria sido esse acontecimento, si não o descobrimento casual do Brasil?!

Sine ira et studio.

DOCUMENTOS

Carta Patente dos Reis da Espanha, de 7 de Maio de 1495 (Complemento do Tratado de Tordesillas)

"Don Fernando, e Dona Izabel por la Gracia de Dios Rey, e Reyna de Castilla, de Leon, de Aragon, de Secillia, de Granada, de Toledo, de Valencia, de Galisia, de Mallorca, de Cevilla, de Sardeña, de Cordova, de Corsega, de Murcia, de Iahen, del Algarbe, de Algesira, de Gibraltar, de las Islas de Canarias, Conde e Condesa de Barcelona, e Señores de Viscaya, e de Molina, Duque de Athenas e de Neopatria, Marques de Oristan, e de Gociano. Porquanto en la Capitulacion, e Asiento, que se hiso entre nos y el Serenissimo Rey de Portugal, e de los Algarbes de Aquende, e de Alende el Mar en Africa, e Señor de Guinea nuestro muy caro, e muy amado Hermano, sobre la particion del Mar Oceano fue asentado, e Capitulado entre outras cousas que desde el dia de la fecha de la dicha Capitulacion fasta dies meses peimeiros Seguintes yan de ser en la isla de la gran Canaria Astrologos, Pilotos, e Marineros, e Personas que nós, y el, acordaremos tantos de la una parte como de la outra para yr a haser a senalar le liña de la particion del dicho Mar ha de ser a trecientas esetenta leguas de las Islas del Cabo Verde a la parte del Poniente por lina dereicha del Polo Artico al Polo Antartico que es de Norte ha Sul en que somos concordados en la particion del dicho Mar por la dicha Capitulacion segundo mas largamente en ella es convenido... considerando como la liña de la dicha particion se puede mejor haser, e sertificar por las dichas trezientas, e setenta leguas, e tiendo primeiramente acordado, e asentado por los dichos Astrologos, Pilotos, e Marineros, e Personas antes de la yda de las dichas Caravelas la forma, e ordem que en el demarcar, e señalar de la dicha liña se aya de tener, e asi por se escusar debates, e diferencias que sobre ellas, e entre las Personas que asi fuerem poderan acontecer, si despues de serem partidos lo quisesen alla de ordenar, e viendo asy mismo que yendo las dichas

Caravelas, e Personas antes de se saber ser allada Isla o Terra en cada una de las dichas partes del dicho mar a que luego ordenadamente ayan de yr nada porem se haria. Portanto para que todo se mejor pueda haser, con declaracion e sertificacion de ambas las partes avemos por bien, e por esta presente Carta nos plaze que los dichos Astrologos, Pilotos, e Marineros e Personas en que nós acordaremos con el dicho Rey nuestro Hermano tantas de la huna parte como de la otra, e que razonablemente para esto puedan bastar se ayan de juntar, e junten en alguna parte de la Frontera destos nuestros Reynos e del dicho Reyno de Portugal los quales ayan de Consultar, acordar, e tomar asiento dentro de todo el mez de Setiembro primero que verná deste año de la feicha desta Carta la manera en que la liña de la particion del dicho Mar se ay de haser por dichas trezientas e setenta leguas en rota direicha al Poniente de las dichas Islas del Cabo Verde del Polo Artico al Polo Antartico que es de Norte a Sul como en la dicha Capitulacion es contenido, y aquello en que se concordaren siendo todos conformes, e fuere asentado, e Senalado por ellos se aprovará, e confermará por nós, y por el dicho Rey nuestro Hermano por nuestras Cartas Patentes, y si antes o despues que fuere tomado el dicho asiento por los dichos Astrologos, Pilotos, e Marineros que asi fueren nonbrados, yendo a cada huna de las partes por la parte del dicho mar que pueden yr segundo lo contenydo en la dicha Capitulacion, esguardandose e nello lo que en ella se contiene, fuere hallado, e se hallare Isla o Terra que paresca a qualquier de las partes ser en parte donde se pueda haser la dicha liña segundo la forma de la dicha Capitulacion, e mandando requerer la huna parte a la otra, que manden senalar la liña susodicha seremos nós, y el dicho Rey nuestro Hermano obligados de mandar haser, e senalar la dicha liña segundo la orden del asiento que fuere tomado por los Astrologos, Pilotos, e Marineros e Personas susodichas que asi fueren nombradas dentro de diez mezes primeros contados del dia que qualquier de las partes rrequieran a la otra, y en caso que no sea en el medio de la dicha liña lo que assi se hallare, se hará declaracion quantas leguas ay dello a la dicha liña asy de nuestra parte como dela parte del dicho Serenissimo Rey nuestro Hermano, no dexando poren de en qualquer Isla o Terra que más acerca de la dicha liña despues por el tiempo se hallare haser de la dicha declaracion e por se haser lo que dicho es no se dexara de tener la manera susodicha hallando-se Isla o Terra debaxo de la

dicha liña como dicho es e hasta el dicho tiempo de los dichos diez meses despues que la huna parte requerierem a la otra como dicho es, nos plaze por esta nuestra Carta prorrogar, e alargar la yda de las dichas Caravelas, e personas syn enbargo del termino que cerca dello en la dicha Capitulacion fue asentado, e capitulado, e bien asi nos plase, e avremos por bien, para mas notificacion, e declaracion de la particion del dicho Mar que entre nós, y el dicho Rey nuestro Hermano por la dicha Capitulacion es feicha, e para que nuestros subditos, e Naturales tenyan mas Informaão por donde de aqui adelante ayan de navegàr, e descobrir, e asi los subditos, e naturales del dicho Rey nuestro Hermano, de mandar como de fecho mandaremos so graves penas que en todas las Cartas de marear que en nuestros Reynos, e Senorios se hisieren de aqui adelante los que obieren de yr por el dicho Mar Oceano se ponga la liña de la dicha particion figurando-se del dicho Polo Artico al dicho Polo Antartico que es de Norte a Sul en el conpas de las dichas trezientas e setenta leguas de las dichas Islas del Cabo Verde por rota derecha a la parte del Poniente como dicho es de la forma que acordaren la medida della los dichos Astrologos, e Pilotos, e Marineros que asi se juntaren siendo todos conformes, e queremos, e otorgamos que esta presente Carta, y lo en ella contenido no perjudique en cosa alguna de las que son contenidas, e asentadas en la dicha Capitulacion, mas que todas, e cada huna dellas se cumplan, e guarde para todo siempre en todo, e por todo sin falta alguna asy, e tan enteiramente como en la dicha Capitulacion son asentados porquanto esta Carta mandamos asi faser solamente para que los dichos Astrologos, e personas se junten e dentro del dicho tiempo tomen asiento de la orden e manera en que la dicha demarcacion se aya de haser, e para prorrogar e alargar el tiempo de la yda de las dichas Caravellas, e personas fasta tanto que sea sabido ser hallada en cada huna de las dichas partes de la dicha Isla o Tierra a que ayan de yr, e para mandar poner en las dichas Cartas de marear la liña de la dicha particion como todo mas complidamente de suso es contenido lo qual tòdo que dicho es prometemos, e seguramos, por nuestra fé e palabra Real de Conplir, e guardar, e mantener syn arte ni cautela ni fingimento alguno, asy e atan enteramente como en ella es contenido, e por firmeza de todo lo que dicho es mandamos dar esta nuestra Carta firmada de nuestros nombres, e sellada con nuestro sello de plomo pen-

diente e fios de seda a colores dada en la nuestra Villa de Madrid a sete dias del mes de Mayo año del Nascimiento de Nuestro Señor Jesuchristo de mil e quatrocientos e noventa e cinco anos. Io El Rey. Io la Reyna.

Io Fernão Alvares de Toledo secretario de El Rey, e de la Reyna nuestros Senores la fez escrevier por seu mandado".

Documento do Arquivo da Torre do Tombo, gaveta 10, maço 4, copiada da *"História da Colonização Portuguesa do Brasil"*, vol. I, páginas 260-261.

Descrição da viagem de Vicente Yañez Pinzón ao Brasil em Janeiro de 1500, enviada em Dezembro de 1501 por Angelo Trevisan, secretario da Embaixada de Veneza na Espanha, ao almirante Domenico Malipiero. Tal descrição foi publicada em Veneza em 1504 por Albertino Vercellese, sob o titulo: "Libretto de tutta la Navegatione de Re de Spagna".

Capitulo CXII-Nauigatione de Pinzone compagno de lo Admirante cõ suo inuento.

Vincentianes chiamato Pinzone: & Arias sua fratello chi forono al primo uiazo cõ el Colombo pel MCCCCXCIX armorono a sue spese IIII carauelle: & adi XVIIII di Nouembrio se partiro da Palos per andare adiscoprire noue isole: & terreni. e inbreue tempo forono alisole de Canaria: & poi successiue alisole de capo Verde, dale quale partendose: & pigliando la uia per garbino.-nauigarono per quel uento CCC leghe. Nel qual uiazo persono la tramontana (laquale immediate persa) furono asaltati da una terribilissima fortuna de mare com pioza: & uento crudelissimo:-nientedimeno sequendo el loro camino continuamente per garbino:non senza manifesto pericolo andarono auanti CCXL leghe & adi XX di zenaro da lontano uitteno terra:alaquale aproximan-

dose:ogni fiada trouaueno mācho fondo:gittarono lo scandaglio & trouerono XVI braza de acqua:& tandemzonti a terra desmontorono & li II zorni stettero che mai apparse alcuno in quellidoi di: & scorrendo piu auanti uiddeno la nocte molte luce che pareuano uno campo de gente adarme: uerso lequal luce mandorono XXV homini bene armati: & comando che non facissino strepido alchuno: liquali andati & compresi esser gran multitudine de gente non uolsero per acun modo disturbarle: Ma deliberorono aspectare la mattina & poi intendere chi fossero: facto la matina nel leuare del sole mandorono poi in terra XXX homini armati: liquali subito che forono da quelle gente uissi: quelli mandaro a lincontro de li nostri XXXII homini amodo loro armati de archi & frize: homini grandi & hano la faza torua & de crudele aspecto: & non cessauano de minazare a li spagnoli liquali quanto piu careze li faceuano tanto piu se desmõtrauano sdegnosi & mai volsero ne pace ne acordo: ne àmicitia con loro: Vnde per alhora se ne tornorono a naue con animo la mattina sequente de combatere con essi. Ma quelli quamprimum aparse la nocte se leuorno nudi & andorono uia. Quelli de la naue existimauano che quelle fossero gente che uagando come zingiari o uero tartari che non hãno propria casa:ma uanno ozi in qua doman in la con sue mogliere & fioli ma li matti spagnoli andorono alquanto sequendo loro traze. Et trouarono nel sabbione loro pedate essere molto mazore de le nostre: immo do uolte mazore. Nauigando piu auanti trouorono un fiume: ma non de tanto fondo che le carauelle ui potesse sorgere: per laqual cosa mandarono a terra quatro barche de le naue armate: le quale armate a terra se fece incontro innumerabile numero de gente ignuda: liquali con cenni & acti demonstrauano molto desiderare el comertio de li nostri. Ma li spagnoli uedendo tãta turba nõ se asegurarono de acostare. Ma al meglio che potero gli gittaro uno sonaglio & alincõtro quelli gittarno ali nostri um pezo doro. Adeo che uno de li spagnoli facendose a terra p tore quello oro, subito una turba de quella canaglia glie forono adosso per uolerlo prendere: ma quello defendendose con la spada non potteua al gran numero reparare perche quelli non existimauano morire ita che saltorono in terra tuti li homini de la quatro barche & forono morti VIII spagnoli: & li altri hebbeno gran fuga ascampare & aretrarse ale barche: ne li ualse esser armati de lanza & de spada che questa gente per molti che fussero morti de loro non curauano: ma sempre piu arditi li sequitauano fino ne lacqua per modo che alla fine presero una de le quatre barche & amazorno el patrone. El resto hebbe de gratia de

scampare com laltre III. Et andarsene a naue & far uela & partirse de li: cosi per alhora se trouorono mal contenti: & presero el loro camin per tramontana che cosi se incolfa quella costa.

Capitulo CXIII-Pinzone gionto al mare de lacqua dolce trouo uarie isole.

Andati quaranta leghe trouarono el mare de acqua dolce:& inuestigãdo doue acqua dolce uegnia trouorono una bocha che p. XV miglia sboccaua in mare cõ grandissimo impeto: Dauãti da laquale bocha erão molte insule habitate da humana & placeuole gente: & li nõ trouorono cosa da cõtractare. Tolsero XXXVI schiaui. Dapoi che altro nõ trouorono da cõtractare con guadagno. El nome de questa prouincia se chiama Marinatambal:- diceua quella gente de lisole che dentro a la terra ferma se trouaua grãde quãtita de oro. Dapoi partiti da questo fiume in pochi zorni scopersero la tramontana che era quasi alorizonte fcõ quelle I leghe secundo la loro regula. Dicono che sempre sonno scorsi p la terra payra: perque dapoi uenero alla bocha chiamata dl Dragone: che e una bocha che e in questa terra payra. Doue scorse lo Admirante per alcune insule de li che stãno auanti questa payra in grande numero. Doue trouarono gran copia de verzi: del quale caricorono le lor naue: intra lequale insule erano molte de quelle deshabitate per paura de li canibali. Et uidero infinite case ruinate: Et molti homini che fugiuano al monte: trouarono etiam molti arbori de cassia fistula:de laqual ne portarono in Spagna: & li medici che la uidero diceuano che la sarebe stata optima: se la fusse stata recolta al suo debito tempo: & etiam sonno arbori grandissimi & grossi tali che VI homini non li poterebbeno cingere. Doue etiam uidero un nouo animale quasi monstruoso che hauea el corpo & muso de uolpe: & la groppa & li piedi drietto de simia: & quelli dauãti quasi come de homo le orechie come la notola: Et a sotto el uentre uno altro uentre di fora come una tascha doue asconde soi figlioli dapo nasciuti: ne mai li lassa insire fino a tanto che da loro medemi siano bastanti a nutrise: & excepto quando uogliono lactare: Vno de questi tali animali insieme con soi figlioli fo portato de Sibilia a Granada ali Serenissimo Re tamen in naue morite ifiglioli: & el grande in Spagna: iquali si morti forono uisti da molte & diuerse persone. Questo vincentines aferma hauer nauigaro per costa de payra piu de DC leghe: & non dubitano che la sia terra ferma: ma sonno quasi certi: de li

da payra ptiti uenero alisola Spagnola a di XXIII di Iunio MCCCCC. Et de li dicono esser andati continuo per ponente piu de CCCC leghe in certa prouincia: doue a le quatro carauelle che haueano li salto una fortuna del mese de Lulo: che doi se somersero: e una si rupe: & piu per esser homini presi & smariti che per altro la quarta stette ferma e forte: ma nõ senza pocho trauaglio: che haueano perso za ogni sperãza de salute: & cosi stãdo uitte una loro naue andare a seconda:perche era con pochi homini: liquali dubitãdosi sumergersi si buttareno a terra: & li strauano grandissimo dubio & paura de esser mal tractati da quella gente. Fecero deliberatione prima intra loro amazarse: & cosi stauanno in uarii & mali concepti circha a zorni VIII. Doppo facendo bonaza uittero la loro naue che resto solum con XVIII homini: & li montarono: insieme con quella altra che era saluata: & fecero uela uolta de Spagna doue a di ultimo de Septembrio ariuorono: dapo costoro molti altri hanno nauigato a questo uiazo per mezo di: & continuo andati per la costa de la terra payra piu de v. M. miglia: & mai hanno teouato termine alchuno che sia isola: & per questo cadaun manifestamente tiene esser terra ferma. Da la quale ultimamente e stato portato cassia in tuta perfectione: e oro: e perle: e uerzini de la sorte dicta di sopra: piper & canella: saluatici herbe e piante e arbori e animali de stranee & diuerse sorte che non habiamo. Finis.

(Copiado da obra de Montalboddo: *"Paesi nouamente retrovati & Novo Mondo da Alberico Vesputio Florentino intitulato"*; segunda edição feita em Milão em 1508 e reproduzida em facsimile em 1916 pela Princeton University Press, pags. 129 a 132).

Capitulação feita pelo Rei e a Rainha de Espanha com Vicente Yañez Pinzón no ano de 1501

Don Aniceto de la Higuera, del ilustre Colegio de Abagados, y de la Sociedad economica de amigos del Paiz dé Sevilha, Secretario de S. M. y auditor honorario de Guerra y Marina, y Archivero del General de Indias en esta Ciudad.

Certifico: que en consecuencia de la Real ordem fecha veinte y dos de Enero de mil ochocientos cuarenta y seis, por la que

se me manda facilitar noticias históricas, relativas á America, a Mr Francisco Adolfo de Varnhagen, agregado entónces á la legacion del Brasil en Lisboa; por su señalamiento hé reconocido los libros de Registro en la Secretaria del Perú, correspondentes á el año de mil quinientos uno y a su folia treinta y seis, he encontrado la Capitulacion hecha por el Rey y la Reyna con Vicente Yañez Pinzón la cual literalmente dice asi.

Capitulacion de Vicente Yañez. — El Rey e la Reyna. — El asiento que por nuestro mandado se tomó con vós Vicente Yañez Pinzón sobre las islas é tierra firme que vos habeis descubierto es lo seguinte.

Primeramente que por cuanto vos el dicho Vicente Yañez Pinzón vicino de la Villa de Palos, por nuestro mandado, é con nuestra licença, é facultad fuistes á vuestra costa é mision con algunas personas, é parientes, é amigos vuestros á descubrir en el mar Occeano, á las partes de las Indias con cuatro navios, á donde con el ayuda de Dios nuestro Señor, é con vuestra industria é trabajó, é diligencia *descobristes ciertas islas é tierra firme, que posistes los nombres siguientes: Santa Maria de la Consolacion, é Rostro hermoso, é dende alli seguistes la costa que se corrê al Norueste fasta el Rio grande que llamastes Santa Maria de la Mardulce, é por el mismo Norueste, toda la tierra de luengo fasta el Cabo de San Vicente* ques la misma tierra donde por las descubrir é allar posistes vuestras personas á mucho riesgo é peligro, por nuestro servicio, é sufristes muchos trabajós, é se vos recreció muchas perdidas, é costas, é acatando el dicho servicio que nos fecistes, é esperamos que nos haréis de aqui adelante, tenemos por bien é queremos que enquanto nuestra merced, é voluntad fuere, ayades é gozedes de las cosas que adelante en esta Capitulacion seran declaradas, é contenidas; conviene a saber, en remuneracion de los servicios é gastos; é los daños que se vos recrecieron en el dicho viajé, vos el dicho Vicente Yañez quanto nuestra merced é voluntad fuere seades nuestro Capitan é Gobernador de las dichas tierras de suso nombradas *desde la dicha punta de Santa Maria de la Consolacion seguiendo la costa fasta Rostro hermoso, é dealli toda la costa que se corre al Norueste hasta el dicho rio que vos posistes nombre Santa Maria de la Mar-dulce con las islas questán á la boca del dicho rio que se nombra marina tubalo* al qual dicho oficio é cargo de Capitan é Gobernador podades usar é egercer, é usedes é egercedes por vos é por quien, vuestro poder oviere con todas las cosas anexas é concernientes al dicho cargo segund que lo usan, é lo pueden, é

deben usar los otros nuestros Capitanes é Gobernadores de las semejantes islas é tierra nuevamente descubierta.

Iten que es nuestra merced é voluntad de que las cosas, é interesses é provecho que en las dichas tierras de suso nombradas, é rios, é islas, é se oviere é allare é adquiriere de aqui adelante, asi oro, como plata, cobre ó otro qualquiera metal é perlas, é piedras preciosas, ó drogueria é especeria é otras qualesquier cosas de animales é pescados, é aves, é arboles, é yerbas, é otras cosas de qualquier natura ó calidad que sean, en quanto nuestra merced é voluntad fuere ayades é gozedes la sesma parte de lo que nos ouvieremos en esta manera: que se nos embiaremos á nuestra costa á las dichas islas é tierra, é rios por vos descubiertas algunos navios é gente que sacando primeramente toda la costa de armazan e fletes que del interese que remaneciere, ayamos é élevemos para nos las cinco sesmas partes, é vos el dicho Vicente Yañez la otra sesma parte, é si alguna, ó algunas personas con nuestra licencia é mandado, fueren a las dichas islas, é tierras, é rios, de lo que las tales personas nos ovieren á dar por razon de las dichas licencias é viajés ayamos é llevemos para nos, las cinco sesmas partes, é vos el dicho Vicente Yañez la otra tales sesma parte.

Iten que si vos el dicho Vicente Yañez Pinzón, quisierdes ir dentro de um año que se cuenten del dia de la fecha desta Capitulacion é asiento con algun navio ó navios, á las dichas islas, é tierras, é rios, á rescatar e traer qualquier cosa de interesse é provecho que por el mismo viajé que fuerdes, sacando primeramente para vos las costas que ovierdes fecho en los fletes é armazon del dicho primero viaje que del interese que remaneciere ayamos é llevemos nos la quinta parte, é vos el dicho Vicente Yañez las quatro quintas partes con tanto que no podais traer esclavos ni esclavas algunas, ni vayais á las islas é tierra firme que hasta hoy son descubiertas, ó se han de descubrir por nuestro mandado, é con nuestra licencia, ni a las islas é tierra firme del Serenisimo Rey de Portugal principe nuestro muy caro, é muy amado hijo, nin podades dellas traer interese ni provecho alguno, salvo mantenimento para la gente que llevardes por vuestros dineros, é pasando el dicho año no podades gozar ni gozedes de lo contenido en esta dicha capitulacion.

Iten para que se sepa lo que asi ovierdes en el dicho viajé, é en ello no se pueda hacer fraude ni engaño alguno nos pongamos en cada uno de los dichos navios una ó dos personas que en nuestro nombre, é por nuestro mandado, esté presente á todo lo

que se oviere é rescatare en los dichos navios de las cosas susodichas é lo pongan por escrito, é fagan dello libro é tengan dello cuenta é razon, é lo que se rescatare é ouviere en cada un navio se ponga é guarde en arcas cerradas, é en cada una aya dos llaves, é por la tal persona, ó personas que por nuestro mandado fueren en el tal navio tenga una llave é vos el dicho Vicente Yañez ó quien vos nombraredes otra, por manera que no se pueda facer fraude ni engaño alguno.

Iten que vos el dicho Vicente Yañez ni otra persona alguna, ni personas algunas de los dichos navios, é campañia dellas non puedan rescatar ni contratar ni haber cosa alguna de las susodichas sin ser presente á ello la dicha persona ó personas que por nuestro mandado fueren en cada uno de los dichos navios.

Iten que las tales persona ó personas que en cada uno de los dichos navios fueren por nuestro mandado, ganen parte como las otras personas que en el dicho navio fueren.

Iten que todo lo susodicho que asi se oviere é rescatare en qualquier manera, sin disminuicion ni falta se traya á la Cibdad e puerto de Sevilla ó Cadis é se presentem ante el nuestro oficiai que alli residiere para de alli se tome laparte que de alii ovieremos de aver, é que por la dicha parte que asi dello overdes de aver non pagueis ni seays obligado á pagar de la primera venta alcavala ni aduana ni almoxarifadgo ni otros derechos algunos.

Iten que antes que comenzeis el dicho viajé, vos vades á presentar á la Cibdad de Sevilha ó Cadis, ante Gonzalo Gomez de Servantes nuestro Corregidor de Xerez, é Ximeno de Briviesca nuestro Official, con los navios é gentes con que ovierdes de facer el dicho viajé para quellos lo vean é asieten la relacion dello en los nuestros libros é hajan las otras diligencias necesarias.

Para lo qual facemos nuestro Capitan de los dichos navios e gente que con ellos fueren, â vos el dicho Vicente Yañez Pinzón, é vos damos nuestro poder cumplido é juredicion cevil é criminal, con todas sus incidencias, é dependencias, é anexidades, e conexidades, é mandamos á las personas que en los dichos navios fueren, que por tal nuestro Capitan vos ovedescan, en todo, e por todo, é vos consientan usar de la dicha juredicion, con tanto que non podais matar persona alguna, ni cortar miembro.

Iten que para seguridad que vos el dicho Vicente Yañez Pinzón, é las otras personas que en los dichos navios irán, fareis, é complireis, é será complido é guardado, todo lo en esta Capitulacion contenido, é cada cosa é parte dello. Antes que comenzeis

el dicho viaje, deis fianzas llanas é abonadas á contentamiento del dicho Gonzalo Gomez de Servantes ó de su lugar teniente.

Iten, que vos el dicho Vicente Yañez, é las otras personas que en los navios fueren, fagades, é cumplades todo lo contenido en esta capitulation, é cada cosa é parte dello, sopena que qualquier persona que lo contrario ficiere, por el mismo fecho, aya perdido é pierda todo lo que se rescatare, é oviere, é todo el interese é provecho que del dicho viajé podria venir sentuplicado, é desde agora lo aplicamos á nuestra camara é fisco é el culpado este á la nuestra merced.

Lo qual todo que dicho es, é cada cosa é parte della fechas por vos las dichas diligencias, prometemos de vos mandar guardar é cumplir á vos el dicho Vicente Yañez Pinzón que en ello ni en cosa alguna, ni parte dello, non vos será puesto impedimento alguno, delo qual vos mandamos dar la presente firmada de nuestros nombres. — Fecha en Granada á cinco de Setiembre de mil é quinhetos é un años. — Io el Rey. — Io la Reyna. — poi mandado del Rey é de la Reyna — Gaspar de Gricio.

Lo copiado corresponde á la letra con su original á que me refiero. I para que conste doy lo presente en seis hojas de papel del sello cuarto, rubricadas en el margen por mi. Sevilha quince de Diciebre de mil ochocientos cincuenta y siete. — Aniceto de la Higuera.

(Copiado do volume 22 da *"Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro"*, paginas 445 a 450).

Carta Regia da Nomeação de Pedro Alvares de Gouvea para Capitão-mor da Armada.

Dom Manuel etc. fazemos saber a vos quapitaes fidalgos caualeiros escudeiros meestres e pylotos marinheiros e companha e ofiçiaes e todas outras pessoas que hys e jnviamos na frota e armada que vay pera a Jmdia que nos pela muyta confiamça que temos de *pedraluarjz de guouuea* fidalguo de nosa Casa e por conheçermos delle que nysto e em toda outra coussa que lhe emcarregamos nos saberaa muy bem seruir e nos daraa de sy muy boa comta e Recado lhe damos e emcarregamos a Capitanya moõr de toda a dita frota e armada Porem vollo notefica-

mos asy e vos mandamos a todos em geerall e a cada hum em especiall que em todo o que per elle vos ffor requerjdo e da nossa parte mamdado cumpraes e facaes jmteiramente seus Requyrjmentos e mamdados asy ç tam jmteiramente e com aquela diligemcia e bom cuydado que de vos confiamos e o faryes se per nos em'pessoa vos fosse dito e mamdado por que hasy o avemos por bem e nosso serviço e aqueles que asy o fezerdes e comprirdes nos fares nysso muyto serviço e os que o comtrario que nam esperamos nos deseruiram muyto e lhe daremos por elo aqueles castigos que por taes cassos merecem Outrosy por que as coussas de nosso serviço sejam guardadas e ffeitas como deuem em semelhante rota e armada e por tall que sejam castigados aqueles que alguns malleficios e delitos cometerem contra nosso serviço, e em quaes quer outros cassos que acomtecer possam per esta presemte lhe damos todo noso imteiro poder de alçada da quel em todollos cassos ataa morte naturall ussaraa jmteiramente e se daram ha emxucaçam seus juizos e memdados ssem delle haver apelaçam nem agravo Porem este poder e allcada se nam emtemderaa nas pessoas dos capitaes das naaos e nauyos que com elle vaao e fidalguos e outros que na dita frota e armada emviamos quamdo alguns casos crimes cometerem per que deuam ser castigados por que sobre estes ssoomemte, se faram os proçessos de seus cassos e nos seram trazidos pera os vermos e segundo as calidades delles seram ponydos e castyguados como for justiça e em testemunho de todo mamdamos fazer esta carta per nos asinada e asselada do nosso sello a qual em todo mamdamos que se cumpra e guarde como nela se comtem sem mimquoamento algum. Dada em a nossa cidade de lixboa a xb (15) dias de feuereiro amtonio carneiro a fez anno de Nosso Señor Jhuu x.º de myll e quinhentos.

Documento do Arquivo da Torre do Tombo (Chanc. de D. Manuel, Liv. 13, fol. 10). Copiado do *"Os Sete Unicos Documentos de 1500 referentes a viagem de Pedro Alvares Cabral"*, Lisboa, 1940, pagina 12.

Primeira folha das instruções de Vasco da Gama para a viagem de Cabral

VERSÃO EM LINGUAGEM ATUAL (a), POR A. FONTOURA DA COSTA

Esta é a maneira que pareceu a Vasco da Gama dever ter Pedro Alvares (Cabral) na sua ida, aprazendo a Nosso Senhor.

Primeiramente, antes que daqui parta, deve fazer muito boa ordenança (b), para se não perderem uns navios dos outros, desta maneira:

A saber: cada vez que houverem de virar fará o capitão-mor dois fogos (c), e todos lhe responderão, cada um com outros dois fogos. E depois de assim lhe responderem todos virarão; *salvo se alguma das naus não aguentar tão bem todas as velas como a do capitão, e a força do tempo lhe indicar que arrie algumas* (d). E assim lhes será dado este sinal: um fogo será para seguirem, tres para tirarem a moneta (e) e quatro para amainarem (f); e nenhum virará, nem amainará, nem tirará a moneta sem que primeiro o capitão-mor faça os ditos fogos e todos tenham respondido. E, depois que assim todos forem amainados, não guindará (g) nenhum senão em seguida ao capitão fazer tres fogos e todos terem respondido. E faltando algum não guindarão, mas somente andarão amainados até que venha o dia, porque as naus não poderão rolar (h) tanto que ao amanhecer se não vejam. E para se aparelhar qualquer que for desaparelhado fará muitos fogos, de maneira que os outros navios vão a ele.

(a) A parte correspondente às notas marginais vai em italico.

(b) Ordenança — regimento.

(c) Fogos — pode ser que o Gama queira indicar tiros de peça; mas é mais natural querer referir-se a barricas de pes, a que lançariam fogo, cuja luz seria bem visivel de noite e o fumo de dia.

(d) Primeira nota marginal da esquerda da 1.ª pagina, a começar de cima.

(e) As monetas eram acrescentes que, com ventos moderados, se aplicavam às velas dos papafigos para se lhes aumentar a superficie.

(f) Amainar — arriar as velas.

(g) Guindar — içar as velas.

(h) Rolar — Descair, abater para sotavento.

Se os navios, partindo desta cidade (i), antes de atravessarem as Canarias encontrarem tempo, com que hajam de voltar para trás, farão todo o possivel para todos regressarem a esta cidade. E se algum a não puder alcançar trabalhará, quanto puder, para entrar em Setubal. E, onde quer que se achar, logo fará aqui saber onde está, para lhe ser ordenado o que deve fazer (j).

Os navios, depois que em boa hora partirem, farão seu caminho directo à Ilha de Santiago — *ou irão à Ilha de São Nicolau, em caso de necessidade por motivo de doença* (k) *na Ilha de Santiago* (l) — e se, ao tempo em que aí chegarem, tiverem agua bastante para quatro meses não devem pousar (m) na dita ilha, nem demorar-se a não ser somente o tempo necessario.

Se estes navios, partindo desta costa, se perderem uns dos outros com o tempo, de forma que uns corram a um porto e outros a outro, procederão de maneira a juntarem-se. E não lhe fazendo de noite algum dos navios os ditos sinais, nem o vendo pela manhã, vos fareis com todos os outros ao vosso caminho, direito à Aguada de São Braz (n).

E ali (o), *enquanto tomardes agua, poderá alcançar-vos o dito navio. E não vos alcançando partireis quando fordes prestes, e deixar-lhes-eis aí tais sinais para que saiba, quando ali chegar, que já haveis passado e vos siga* (p).

Devem fazer o seu caminho para o sul (com vento à popa).

(i) Lisboa.

(j) Primeira nota marginal da direita da 1.ª pagina, a começar de cima.

(k) Talvez que o Gama quisesse referir-se a uma possivel epidemia, semelhante às que, de tempos a tempos, assolavam o reino.

(l) Ultima nota marginal da esquerda, a começar de cima.

(m) Pousar — ancorar.

(n) Hoje Mossel bay.
Nota marginal da esquerda da 1.ª pag., ao meio; a ultima linha atravessa todo o texto.

(o) Em Santiago ou S. Nicolau.

(p) Segunda nota marginal da direita da 1.ª pag., a cameçar de cima.

E se tiverem de guinar que seja para a banda do sudoeste (q); e, tanto que neles der o vento escasso (r), devem ir na volta do mar (s) até meterem o Cabo da Boa Esperança em Leste franco. E daí em diante navegarem segundo lhes servir o tempo e mais ganharem (t); porque, quando forem na dita paragem, com a ajuda de Nosso Senhor, não lhes faltará o tempo com que cobrem (u) o dito Cabo. E por esta maneira lhe parece que a navegação será mais breve (v) e os navios mais seguros do busano (w), e tambem os mantimentos se conservam melhor e a gente irá mais sã.

E se for o caso — Nosso Senhor o não queira, — que algum destes navios se perca do capitão, deve-se manter de ló quanto puder (x) para haver (y) o Cabo de ir-se à Aguada de São Braz. E se for aí primeiro do que o capitão deve amarrar-se bem e espera-lo. Porque é necessario que o capitão-mor aí vá para tomar a sua agua para que, daí em diante, não tenha que fazer com a terra, mas arredar-se-á dela até Moçambique, por saude da gente e não ter nela que fazer (z).

E se for caso que o capitão-mor venha primeiro a esta aguada que o tal navio ou navios que se dele perderem... *Lembro que se deve dar marcas onde se façam os caminhos para os navios que assim se perderem; e que isto se faça com muito boa pratica de todos os pilotos* (aa).

(q) Interessante conselho do Gama: ao sudoeste para, aproveitando os ventos à popa, irem cortar a Linha muito a Oeste.

(r) Escasso — da proa. Mas aqui deve referir-se aos ventos gerais do sueste (Atlantico Sul), que já não eram da popa.

(s) Volta do mar — neste caso: afastar-se da talvez ainda ignorada costa do Brasil, em demanda do paralelo do Cabo da Boa Esperança.

(t) Ganharem — avançarem.

(u) Cobrem — quebrem (dobrem, passem safos).

(v) Do que seguindo ao rumo Sul, desde a Ilha de Santiago ou da de S. Nicolau.

(w) Busano — bicho.

(x) Meter de ló quando puder — orçar (aproximar a proa da linha do vento) quanto puder.

(y) Haver — neste caso: dobrar.

(z) O Gama mostra nestes conselhos não se ter esquecido da sua trabalhosa navegação, desde a Angra de São Braz até Moçambique, e do escorbuto que no Rio dos Bons Sinais (Quelimane) atacara as tripulações de sua frota.

(aa) Nota marginal da 2.ª pagina.

Copiado do livro *"Os Sete Unicos Documentos de 1500, referentes à viagem de Pedro Alvares Cabral"*, Lisboa, 1940, paginas 19 e 20.

Fragmentos de instruções a Pedro Alvares Cabral quando foi por capitão mor de uma arma à India.

Jesus. Item tanto que, a Deus prazeendo, partirdes da Angadyva, hirees vosa via ancorar davante de Callecut, com vosas nauos juntas e metidas em grande hordem, asy de bem armadas, como de vossas bandeiras e estendartes, e as mais louças que poderdes; e pousarês n aquele lugar, que souberdes que he melhor ancoraçam, e de mais segurança das naaos, e a nenhumas naaos que hy achees, posto que saibaes que sejam das de Meca, nem da dita Angadyva até Callecut, nam fares nenhum nojo, ante as sallvarês, e lhe mostrarês todo boom rostro e synall de paz e booa vontade, damdo de comer e beber, e fazendo todo outro boom trauto, a todos aqueles que as ditas nosas naaos vierem; teendo, porem, resgardo que nam emtrem tantos juntos, que gastem mujto mantymento, nem das naaos sse posam apoderar. E, depois de ancorados e amarrados, e tudo conçertado, lancarês ffora em huum batel, Balltasar e estes outros indyos que levaaes, e, com elles, hum par d homens, dos que vos parecer que tem pera ello desposisam e descripçam, e manda los es que vaão com os ditos yndios ao Çamorym, rey de Calecut, e lhe digam como sempre, nos tempos pasados, dessejamdo muyto de saber das cousas d aquella teerra da India e jemtes della, principalmente por serviço de nosso Senhor, por termos enformaço que elle e seus suditos e moradores de seu reyno sam christaãos e de nosa fee, e com que devemos folgar de ter todo trauto amizade e prestança, nos desposemos a emvyar allguuas vezes nossos navyos a buscar a via da Yndya, por sabermos que os yndyanos sam asy christãos, e omeens de tal fe, e verdade, e trauto, que devem ser buscados, pera mais jmteiramente averem pratica de nosa fee, e serem nas cousas della doutrynados e ensinados, como compre a serviço de Deus e sallvaçam de suas allmas; e despois, pera nos prestarmos a tratarmos com elles, e elles comnosco, levamdo das mercadaryas de nosos regnos a elles necesarias, e asy trazemdo das suas; e que prouve a Deus, visto noso bom preposito, que, agora pouço tempo he, Vasço da Gama,

noso capitam, ffoy em tres navios pequenos, entrado no mar da Yndya, teer a sua terra, aa cidade de Callecut, domde os ditos jndios trouve, pera delles se aver falla e pratica, os quaaes lhe mandamos tornar, e per elles pode saber o que em nosas terras ha; e que, assy como lh os manda tornar, assy elle lhe deve mandar pagar a mercadarya que ao dito Vasco da Gama per seu mandado deceo em terra e lhe foy tomada, e que nos deu nova, principalmente d elle e de sua christindade e booa tençam acerqua do serviço de Deus, e, despois, de sua verdade e boom trauto de sua teerra, do que ouvemos muyto prazer. E detrymynamos emviar a vos, com estas poucas naaos, carregadas das mercadaryas que ouvemos enformaçam que ha sua terra eram necessaryas e proveytosas, pera com elle asemtardes, em nosso nome, paz e amizade, se elle asy follgar de ha ter comnosquo, como confyamos pollo que o dito Vasco da Gama nos dise; e nos pareçe que elle deve follgar, pois he Rey christaão e verdareiro; porque, de nosa paz e trauto em sua teerra, se lhe seguira grande proveyto, principallmente pera ser ensynado e alumyado da fee, que hee cousa que mais que todas se deue jstymar; e, despois, pellos grandes proveytos que avera, das mercadaryas que de nossos reynos e senhorios a sua terra lhe mandaremos, e nossos naturaaes lhe levaram; porque o que agora vay he ssomente pera amostra; porque nam sabeemos se estas, ou outras, ssam as que se la mais querem. E, porque vos folgaryees de vos veer com elle, pera mais largamente lhe dizerdes as cousas que de nosa parte vos mandamos que lhe fallasseijs, e lhe dardes nossas cartas, e algumas cousas que, de pressente, por começo e synal d amizade, lhe emvyamos; e que vos pareçe que como quer que d elle e sua verdade todo se deva confyar, que nam devês sajr em terra ssem vos dar arrefeens pello que se fez ao dicto Vasco da Gama, que foy rethyudo em Pandarane; e assy por certa mercadarya nossa, que levava pera mostras, que em terra mandou poher e lhe ffoy tomada; o que creemos que nam foy por sua causa nem culpa, mas por requerymento e modos d algumas jentes fora da fe, que ssem serviço e gardada (*sic*) de sua verdade nam dessejam; e, por tamto, lhe pedijs que vos queira dar as dictas arrefes, pera ficarem em vosas naaos atee vos a elas tornardes; e que folgaryes, pella enformaçam que d elles temdes, que fossem ff. e ff.; os quaes vos terees toda maneira, que vôs la beem pareçer, pera, per allguum dos nossos que com os ditos indios logo emviardes, sserem vistos e conheçudos, de maneira que, emviando os o dito rey de Calecut, possa

conhecellos, e vos nom posam em lugar deles meter outros, que nam sejam de sua valia e condiçam, no que terês muy grande resgardo; e que, damd os elle, yrês em teerra e lhe darês o que o dito he, e ffallarês cousas que elle muyto folgara d ouvyr, e que lhe trazera muyto proveyto e homrra, e que lhe pedijs que lhe nam pareça estranho pedirdes as ditas arrefens, porque asy he costume d estes reynos, que nenhum capitam principall nom sse saya de sseus navyos, em lugar em que ha paz nom estee asentada, ssem arrefeens e segurança, e que nesta viagem asy o fezeste sempre; porque, posto que em allguuns lugares tocasseis, em que fostes muy bem recebido, e comvidado pera sayr em terra, o nom quisestes ffazer neem fezereys em casso que arrefeens vos deerem; mas que ho fazês a elle, por ser christão e vertuosso, e porque vos a elle emvyamos, e que, ante de vos emviar estas arrefens, ode emviar seguramente aas ditas naaos seus feytores e carranes da terra, aos quaees todas as naaos seram mostradas, e as arcas e ffardos abertos; e veeram como sam cheas de mercadarya, e que mandamos a elle mercadores para lhe dar proveyto, e que nam sam ladroes, como nos foy dito que lhe queryam fazer a emtemder, quando o dito Vasco da Gama laa ffoy.

E, se vollas deer, emtam, leixando as dictas arrefeens em vossas naaos e poder, homrradamente e muyto beem tratadas, e poreem, com tanto resgardo, que se nam posam hijr, — hijrês em terra com dez ou xb (15) homeens, quaaes vos milhor pareçer levardes comvosco, os outros capitaães em suas naaos, e na vosa naao, hum capitam, todo asy a recado, que, do mar nem da terra, as ditas naaos nam sse possa fazer nenhuum dano; e leixando recado que, ate vos nam tornardes as naaos, nenhuma jente nam vaa mays em teerra, neem lançem nenhuma cousa fora; sallvo sse vos mandardes recado, per cada huum dos homens que comvosco foram, que ho faça; e emtam, yrees fallar ao dito rey, e lhe darees nossas encomendas, e asy lhe ofereçerês aquillo, que por vos lh emviamos; e lhe direes de nossa parte como desejamos sua amizade e comcordya, prestança, e trato em sua terra, e que pera ello vos emviamos la, com aquelas naaos de mercadarya; e que lhe rogamos que elle dee hordem como seguramente nosas mercadaryas se posam vender, e nos faça dar carrega pera as ditas naos, d espeçiarya e das outras mercadaryas da terra, que pera ca som proveytossas; e dee hordem como as ajaees per aqueles preços que na teerra estam e sse

costumam vemder, de guissa que, se allguuns mercadores hy estantes, d esprouver de noso trato sse fazer hy, nom posam teer formas de as mercadarias da terra as fazerem mais levantar, daquillo por que elles as ham; e, se a vosa chegada, as dictas mercadarias pellos estantes forem atravesadas, vos faça dar pelo preço as que sejom necesarias pera carregar estas naaos; ou, sse amtes quisser obrigarsse sseu feytor a per ssy ssomente vos dar toda a carrega que ouverdes mester pera as naaos, repartida per aquelas partes e ssorte de mercadarya que lhe apontarês, apontados os preços das suas, e de como tomaram as nossas, a vos vos prazera de assy sse fazer por mais breve despacho vosso, e mais brevemente se fazerem as mercadaryas...........

....

em qualquer d estas que asentardes vos ele prometer e, ffeita, começarês de mandar vender as mercadaryas que levaaes, e asy comprar das que querês trazer, e que no começo de vossas vendas e trato, elle sentira quem sooes e o proveyto que, agora e ao diante, de nossas naaos ha de reçeber.

Item Amtes d yrdes a el rey, se vos for possyvel, temde maneira de saber sse os direitos que se aly pagam das mercadaryas que entram, e asy das que saem, sam estes, que nos disse Gaspar, de que levaaes huua folha; e, achamdo que he assy, dirês ao dito rey, que vos fostes sabedor como em sua terra ha grandes dereytos, e que vos pareçe, que a nos nom se devem de levar tam gramdes; porque teemos novamente emviado a sua terra, e no começo dos trautos sempre em todas partes se costuma fazerem quyta e favor aos que vaão com mercadaryas; e que nos asy o costumamos em em nossos regnos; e, portanto, vos pareçe que elle asy ho deve fazer a nos e nosa mercadarya, e apontay com elle em alguma cousa rezoada, que se haja de dar de compra e de venda, dizemdo lhe que, peroo seja menos do que os outros lhe pagam, ha de sser, prazemdo a Deus, a cantidade das naaos e mercadaryas tamta, que lhe rendam os seus direitos muyto mais, que agora remdem. E, parecemdo vos que o dito rey de Calecut neste casso sse peja em alguma maneira, e vos pareçer que nam sày aysso assy bem, que esperês que nisso se aproveitara, em tall casso, nam curarês de insistijr, e nom lhe fallarês mais nisso, porque abastara o que lhe temdes fallado, por lhe nam parecer que pera ysto levaaes cousa detrymynada, e que perde alguma cousa dos direitos que os mouros lhe dam. E, se porventura rrescusar de vos dar estas arrefens aquy nomeadas, ou outros

taaes, de que tenhaaes enformaçam çerta, que sam de toda segurança e pera receberdes, pera, sobr ellas, vos em pessoa sayrdes em terra, nam sayrêes; e emtam, lhe mandarês apomtar que, pois vollas nam quer dar, que vos parece que nom folga tanto de lhe fallardes, e ver e ouvjr nosas cousas, como nos pareçia, e que, por ysso, semellas, vos parece que nam devês sayr em terra; mas que, para se fazer o trauto da mercadarya, e lhe sser fallado nas cousas d ele e lhe levar o que lhe envyamos per vos, lhe pedijs que vos queira enviar as naaos tres ou quatro mercadores e pessoas pera ysso, ssobre as quaees enviares outras tamtas, pera as ditas cousas por ellas lhe emviardes, e lhe fallarem de vossa parte. E, emtam, emviarês Ayres Correa, e, com elle dous dos sseus sprivaáes huum da receita, e outro da despesa, e lhe mandarês o que lhe emviamos, e lhe fallaram no trato e asento da mercadarya e dar da carega, pella maneira que em cima apontamos que lhe vos avyes de dizer, vendo vos com ele; e lhe diram que lhe parece gramde erro e pouco seu serviço, nam dar as arrefees que, pera sayr em terra, lhe vos mandastes pedir, porque, se vos com ele vyrees, lhe disereys cousas muyto de seu serviço, e asentareys aly huma nosa cassa, em a qual ficaram os clerigos e frades que envyamos pera lhe ensynarem a fee, e como nela ahm de crer e se salvar. E assy ficaram mercadaryas e..... de que elle recebera muyto proveyto...... omra...... hirem a sua terra....... e abastarem sseu (*sic*) naturaes das cousas necessaryas, que as terras muyto nobreçem. E, se, todavya, elle se lançar de vos dar as ditas arrefeens pera, sobre ellas, vos poderdes seguramente hyr em terra, emtam lhe pediram que aquelas que as naaos mandou, pera eles sobre ellas, hirem a elle, aja por bem estarem comvosco nas naaos, ate que elles carreguem.

Emtam asemtado ysto com o dito rey, em que nam cremos que aja duvjda, começara o dito Ayres Correa de tirar suas mercadorias em teerra, e vemder e comprar as que lhe pareçerem proveytossas pera nosso srviço; nam pohera em terra toda a mercadaria junta, senam aquela que parecer necesarya pera se poder vemder, e empregar o dinheiro que d ella proceder em outra que logo sse venha as naaos; d maneira que sempre em terra sse corra o menos risquo que poderdes.

Em casso que o dito rey diga que nom ha de dar arrefeens, porquamto elle o nam costuma fazer a nenhuuns, porque sua terra, pera todos aquelles que a ella quisserem hijr trautar, he certa e segura, e que asy será a elles, sse nella quisserem decer, trautar,

comprar e vender, e quaaes quer outras pallavras a este rrespeyto, de modo que todavya se escusse de dar as ditas arrefes asy pera sobre ellaș vos sayrdes, como atras he dyto, como outras pera sobre ellas fazer o dyto Ayres Correa ha mercadarya da carrega, em tall casso, vos lhe poderês mandar tornar a dizer que, o que elle asy diz, será muy gramde verdade, e que vos nam credes que all se faça, nem elle o conssemta; mas que, posto que tall seja o costume seu e de sua terra, e ysto que lhe requerês das ditas arrefens, lhe pareeca cousa nova, a vos se deve fazer o que lhe apontaaes, porque vos, nam ssomente ssoes nem hjs mercador como os outros que a sua terra vaão de tam perto, como sabees; mas que sooes nosso capitam, e principalmente por nos emviado, com fundamento de muyto amor, paz e amizade, por ser rey cristaão e tal, com que muyto o dessejamos, e que tantos annos e tempos ha que proseguymos, pello fruyto principall de serviço de nosso Senhor, que d isso se segue, e sua sallvaçam d elle dito rey, e dos de sua terra, pera que levaaes todos os aparelhos e cousas que myudamente neste recado lhe poderes apontar, asy de clerigos e frades, como d todallas outras cousas d esta necesydade; e, despois, pera que, ssobre as cousas do trauto sse ffaz tall assemto e acordo, com que pera ós tempos vimdoyros fique seguro e çerto, e se possa fazer com todo descamsso d aqueles que ao diante emviarmos, e poder asy pasar que sem nenhuum receo posam os nossoș hyr a sua terra, e os seus vijr anossa, sse compryr.

E, semdo casso que o dito rey de Calecut per nenhuum modo nam queira vijr a dar, asy as ditas arrefeens, nem pera vossa sayda em pessoa em terra, nem pera o dito Ayres Correa fazer ssobre ellas o negocio da carrega da mercadaria, como acima he apomtado, emtam, vos lhes tornarês ha emviar dizer, que, a vos vos vos *(sic)* despraz muyto d elle assy o fazer; porque nam esperavejs que nisso ouve (*sic*) pejo allguum; e que vos despraz ainda muyto mais, pello desprazer que nos averemos d aver, por hy nom asentardes nem fazerdes com elle as cousas e negocios de nossa paz, amor e asento, como esperavamos que se fizesse, pera o que, nam ssoomente vinheys nem ereys por nos emviado, mas ajnda pera despois de vosa carrega tomada, leixardes hy em sua cidade nosso feytor, e com elle ficar casa de nossas mercadaryas e outras pessoas que, pera com elle ficarem na casa, levavees hordenadas; de que a elle se seguyrya tanto proveyto, que recebesse, allem d elle, muyto contentamento, por sua terra ser mais abastada e aproveytada em

suas necesidades; e que, poys elle tanto pejo tem em cousa tam pouca, e por que segura tanto noso amor, prestança e amizade, posto que d isso se vos syga muyto desprazer, pellas rezões ja dytas, que vos hirees loguo a Callemur, e hy farees vosso asemto, paz, e assentarês vosso feytor e casa, que pera sua cidade levaveys, e com elle comsertarês todas cousas pera que se sygua e faça todo nosso serviço, o qual vos sabees que see fara asy inteiramente, com'em sua cidade, e pella ventura, mays abastado e certo, e que elle sabe que ysto he assy verdadeiramente.

E, despois de assy myudamente com o mais que sobre ysto vos parecer, segundo o que la mais souberdes, veemdo que elle nam se muda pera o fim que ally queremos, emtam, pasado alguum dia ou dias, como vos milhor parecer, ainda que nisto deve aver poucas dilacoes, pellos pejos que sabees que d isso se sseguem, — emtam lhe tornarês a mandar dizer que, posto que tenhaes certeza que nosas cousas e nosso serviço sse farya muy jmteiramente em Calemur, e aly posamos teer muy segura nosa causa e feytor, vos pello desprazer que sabees que d isso recebermos, por a lle primcipalmente vos enviarmos, e antes querermos com elle paz, amizade e asento, que com outro nenhuum rey da Yndya, detrymynaes, pospoemdo todo prasmo que dos vossos, neste casso, possaes receber, ffazerdes com elle vossa mercadarya, e tomardes em sua cidade sua carrega; e com esta detryminançam derradeira, enviarês em terra Ayres Correa e seus sprivaães, os quaes, em cada huma das maneiras atras apontadas, trabalharam d aver e comprar as mercadaryas de vosa carrega, com ha mais brevidade e boom despacho que poderem, fazendo com a mayor segurança que vos la bem parecer, e virdes que compra por mais certo recado das cousas de nosso serviço.

E, emquanto nestas negociacoes e fallas andardes com o dito rey de Callecut, trabalhar vos es, per qualquer modo que milhor posaes, de ssaber sse podês aver carrega em Callnur pera vossas naaos, e assy, se, queremdo vos lla pasar e asentar vossa cassa, sse podera fazer com nosso serviço, e serês la bem recebido, e asy, sse pera o diante, asentado hy, poderam sser seguras todas as cousas, asy pera a carrega dos tempos vyndoyros, como da estada do nosso feytor, e toda outra enformaram, semelhante, pera que, nom soomente posaes ser enformado no que la ajaes de fazer, mas ajnda pera d isso poderdes trazer jnteira e certa enformaçam, quando em booa *(sic)* vierdes.

Iteem, porquanto nesta maneira, nom saymdo a jemte fazer suas mercadaryas, se sseguyria, jnconveniente, ter sse ha esta ma-

neira, saber: o dicto Ayres Correa comprara toda a espeçiarya que as ditas partes quisserem comprar, as quaaes lhe entregaram suas mercadaryas, pera per ellas as aver, e dar lha a pellos precos por que a possa comprar,, ssem nisso aver nenhuma outra mudança, segundo mais compridamente em seu regymento se decrara; e, se pella ventura pareçer que esto sera gramde trabalho ao dito Ayres Correa, e que ho nam podera ssofrer, pello que ha de fazer no nosso, emtam vos vom elle e seus sprivaães embjerês huum feytor, que pera ello vos pareça mais auto e pertecente e ser lhe a hordenado huum sprivam, o quall a compra da especiarya das ditas partes fara das mercadarias que d ellas receber, passamdo em tall hordem, que se faça toda verdade, e se nom syga as partes nenhuum engano, semdo o tal feytor, porem, sempre acordado com o dito Ayres Correa, no preço das mercadaria *(sic)* asy das nossas que vender, como das que na terra comprar. E quanto aas outras mercadaryas myudas de pedrarya outras, pera estas ssera hordenado huum outro feytor, em cada naao, que venha em terra, saber: cada dia, huum feytor de cada naao huum dia, e faca a compra das taaes mercadaryas, e vyra cada dia dormyr a naao; e, nesta maneira, sera provydo a huma cousa e outra, com segurança de nosso serviço. E sse for casso que el rey de Callecut vos dee as arrefens atras apomtadas, ssobre que avees de ssayr em terra, para lhe fallardes e dardes nosso presente, e fazerdes o mais que atras vos he apomtado, emtam, vendo que as cousas passam em tall hordem, que sejam fectas com toda segurança, e que elle estara nellas certo, e se nam poderya seguyr jncomveniemte o que todo bem poderês sentyr pellos modos e meyos dos negocios, e todas outras cousas que bem o poderam mostrar, — dir lhe ês que nos vos nom emviamos a elle pera ssoomente esta primeira viajem com elle fazerdes nosa paz e amizade, e assy nella carregardes nosas naaos que levaaes da especiarya e cousas da Yndya e de sua terra; mas pera que loguo em sua çidade leixees e fique nosso feytor e casa de nossas mercadaryas e pessoas outras que nella ajam de ficar, e assy clerigos e frades, e as cousas da Igreja, pera que nosa fee lhe seja asy jnteiramente mostrado e ensynada que possa nella ser dotrijnado, como fyel christaão, no que elle sentyra quanto amor lhe teemos, e dessejamos todos sua amizade e prestança; e que lhe lhe pedijs que, pera sua ficada, elle vos ordene e mande dar casas em que seja apousentado, e tenha com toda segurança suas mercadorias e as pessoas que com elle ham de ficar; e que pera elle, e todos

os que com elle ficar, e asy as mercadaryas que lhe leixardes, fiquem e sejam seguros em todos tempos; de que vos mande dar sua carta, e toda outra segurydade, tall como ssouberdes que he usso e costume da terra. E, dando vos assy o dito rey de Calecut estas segurancas, e quesquer outras que la sentardes que devaes requerer, para maior segurança da ficada do dito feytor, segumdo o que la milhor poderdes saber, pelo costume da terra, ficara o dito feytor em a dita cidade com as mercadaryas... ssobejarem da carrega e assy do toda a mais especiaria... ordenado pera sua..., e dir lhe ês que, pois asy leixaaes o dito feytor e pessoas outras, e asy nosas mercadarias, a que muy principalmente fomos movydo por elle conhecer com quanto dessejo de sua amizade e prestança estamos, e quanto com ella sempre nos he de prazer, que lhe pedijs que queira emviar comvosco allgumas pessoas homrradas que nos venham ver, pera que nom ssoomente vejam a nos e a nossos reynos, mas, ajnda pellas obras, honrras e merçes; que de nos receberam posam milhor sentjr a vomtade que teemos pera elle e suas cousas; e trabalhar vos ês de as trazer, e, trazemdo, as receberam de vos toda honrra e boom trauto, que seja posyvel.

E se for casso que vos nam sejam dadas nenhumas das arrefeens, por nenhuum dos modos atras apomtados, e de necessidade ajaaes de trabalhar por aver a carrega das naaos, na forma atras scripta, por homde craramente ssemtirês e verês que nosso feytor e mercdaria, e asy as outras pessoas que com ele vaão hordenadas pera ficarem, nam devem ficar seguras na dita cidade de Callecut, em tal casso, depois de nossas naaos carregadas, lhe emviarês dizer que vos levavejs preposito, e, ajnda, nosso mandado, de aly leixar nosso feytor e casa de nossas mercadaryas, como no capitulo atras se declara, com o mais que emtam vijrdes; e, assemtando vos asy a ficada do dicto feytor, e as cousas com o dito rey de Callecut fiquem acordadas, com todo sseu prazer e nosso serviço, e vos, tomada vossa carregua, por derradeiro lhe direes, que elle deve ter já conheçido quanta segurança de nossa paz e amizade seempre ha de teer, a qual per nos, e pellos nossos, em todos tempos lhe ssera jnteiramente gardada, e com todo sseu proveyto e beem de seus reyno e jentes d elles; mas que, porquamto nos teemos sabido que em sua cidade tratam mouros, jmigas de nosa santa fee, e a ella veb suas naaos e mercadaryas, com os quaaes, assy pella obrigaçam que a ysso deve ter todo rey catholico, como porque a nos veem quassy por direita sobcessam, pello que myudamente lhe poderes apontar das

cusas da guerra d aalleem, nos teemos contjnuadamente guerra, porem, que, por tal, que as cousas grandes he pequenas fiquem craras e certas, como antre nos e elle comveem, lhe fazees saber que, sse com as naaos dos ditos mouros de Meca topardes no mar, avees de trabalhar, quanto poderdes,[1] por as tomar, e de suas mercadaryas e cousas, e asy mouros que nellas vierem, vos aproveytar, como milhor poderdes, e lhe fazerde toda guerra e dapnno que posaes, como a pessoas com quem tamta jmizade, e tam antyga, temos; e tambem porque comprimos com aquelo que a Deus nosso Senhor somos obrigado; porem, que seja certo que, em seu porto, e davante sua cidade, posto que vos as topees, e asy quaaesquer outros nossos capitaaes, que ao diante emviarmos, por lhe gardarmos o que em toda cousa de sseu prazer e contentamento sempre aveemos de folgar, lhe nom farês dano nem mall allguum, e ssoomente lhe ssera asy feito topamdo as no mar, como he dyto, homde elles a vos, e assy aos nossos que ao diante acharem, asy facam o que poderem; e que sseja ajuda certo, por saber como a elle e a suas cousas ha de ser gardado o que se deve como a rey com que tanto amor, paz e amizade sempre avemos de folgar de teer; e que, tomando vos, ou quaesquer outros nossos capitaães, as ditas naaos, que todos os jndyanos que nellas se acharem, e suas mercadaryas e cousas, nom se fara nojo nem dapnno, antes toda homrra e boom trauto, e seram seguros d isto pera livremente com todo o sseu serem leixados; porque ssoomente aos ditos mouros sera feita a guerra, como a jmygos que sam nossos; e ajnda nos praz que, pois elle pode escusar estes mouros em suas terras e trato d ellas, pois prouve a nosso Senhor que de nos e de nosso recebesse todo o proveyto que d elles ate ora ouve, e ajnda muyto mais, que seria beem, e serviço de Deus, e porque nisto comprya o que deve como rey christaão, os lançar de sua terra e nom consentyr a elo mais vimjr nem trautar, poys d elles e de sua detemça, vinda e estada nella, lhe nom segue mais bem, que o proveyto que d elles ha, o qual em nos nossos *(sic)* recebera, com ajuda de nosso Senhor, comtanto mais acrecentamento, que elle seja contente; e que, semdo asy os taaes mouros e naaos de Mequa pellos nossos tomadas, que, neste casso, elle dê segurança, per sua carta, que, posto que, por causa d ello, os ditos mouros de Meca, que aos taes tempos, em sua cidade e terras esteverem, e quaesquer outros que ho depois requeiram requeiram *(sic)* que lhe seja feita represarya em nosso feytor e casa e nosas mercadarias e pessoas que com ellas esteverem, pera ello serem satisfeytas do dapnno que lhe pellos nos-

sos for feito, elle ho nam faça; nem aos nossos, nem nosas mercadaryas seja por ysso feito costrangymento, nem dano alguum, antes os defenda sempre, como he obrigado pella paz e amizade que comnosco tem.

Item, lhe direes que, porquanto nos temos sabido que em sua cidade e terra, ha costume que, ffalleçemdo nella allguum mercador, toda sua fazemda, mercadaryas e cousas suas fiqua a elle dito rey, e se recada pera elle, o que nom serya rezam se entender em nosso feytor, porque o semelhante se deve gardar naquellas pessoas que suas propyas mercadaryas e cousas fazem e trautam, o que nosso feytor nom faz, por tudo ser nosso, que, nisto, elle dê segurança que, posto que Deus nosso Senhor desponha do dito nosso feytor, e lla falleça, que emtam, todas nossas mercadaryas e cousas, e asy toda nosa casa, seja fora do tall costume e d isso lyvre, e nosso feytor, que por seu falleçemento ficar faça lyvremente e sem nenhuum jmpedimento, todo, como o feytor fallecido fazia, sem a elle dito rey vimjr cousa alguma, nem com ho nosso sse bollyr, porque, como dizemos nom serya rezam se gardar, nem fazer no nosso, o que aos outros mercadores e pessoas se faz.

Item, a esta falla pode se vjir, segundo os passos dos negocios que passardes, e que preseemtirdes nelle tantos pejos em cousa em que elle o nam devera teer, sobre vos dar as ditas arrefens, que vos o hijs leixar e poher em Callemur; e emtam vos partirês asy carregado, e vos hijres dereytamente a Callemur, e lhe darees as cartas nosas que llevaaes e lhe direes como nos vos emviamos a essas partes da Indya pera com os reys d ella asemtardes paz e amizade, como muytos tempos ha que ho dessejamos, e ssee deve d huuns reys christaãos aos outros; e que, por vos ser dyto que em sua terra nom poderyes, logo esta primeira viajem achar carrega pera nossas naaos, fostes primeiro a Callecut; homde vossa carrega tomastes; e que, por nos termos sabido que elle he rey verdadeiro, e por tall ante todos conheçido, e assy que nas cousas de nossa fee estaa mais çerto e ffora da comversaçam e prestança dos mouros, jmigos d ella, e por muyto desejarmos, por todos estes respeytos, e todos outros que temos sabidos de sua vertude, vos mandamos que fosseijs a elle, e com elle em nosso nome asentasseijs paz e amizade, pera, ao diante, como... amigos, nos e os nossos nos prestarmos de suas terras, e elle e os seus das nossas, como he rezam e aveemos de follgar; e nam ssoomente por esto,... mais ajnda, recebemdo elle nossa paz e amizade,

como esperamos, logo leixardes em sua cidade nosso feytor e pessoas nossas, e casa de nossas mercadaryas, pera que, nos tenpos vijmdoiros podessem a sua cidade himjr nossas naaos e navyos tomar sua carrega, e se venderem nossas mercadaryas, e comprarem as que de la ouvermos mester, de que a elle, a toda sua terra, se sseguyra gramde homrra e proveyto; e, tanto que, pella ventura, fique em sua cidade a principall porta de todollos reys da India, que lhe pedijs que sse elle comvosco quiser assentar, receba d isso prozer e aja por bem ficar asy o dito feytor e vos dê d ello toda segurança do costume da terra, saber: suas cartas, e qualquer outra semelhante; e, sse quiser mandar alguma pessoa ou pessoas suas, que venham comvosco a nosos reynos, pera verem o que neles ha, e lhe poder levar de tudo certeza, que credes que nos o averemos em prazer, e lh as mandaremos tornar nas nossas naaos, e que receberam de nos homrra e merçe, e assy de vos no caminho sseram tratados como vos mesmo. E, damdo e, emtam ficara o dito nosso feytor, com todos os que vaão hordenados de com elle fiçar, mercadaryas e cousas que leva pera sua ficada; e, tudo concertado, vos vos vimjres em booa ora. E nesta falla primeira, que com ho dito rey ouverdes, trabalharês loguo de saber se em sua cidade se achara carrega das especiaryas, e viram a ella as outras mercadaryas da Indya, e sse elle sse trabalhara d isso; e assy sse as mercadaryas que agora levastes, as querem aquy, ou outras; e, sse outras, de que ssortes, pera nos saberdes dar de tudo rezam, e allem d isso ficara cujdado prinçipal do feytor... saber e sse dar hordem como o dito rey lhe emvie... por ellas e dê forma como aly se tragam a vender, pera as elle poder comprar e ter prestes, pera quando nosas naaos forem, prazendo o nosso Senhor, acharem certa sua carrega, com todallas outras cousas de que se ha de ter cuidado, segundo que em seu regymento se decrara.

E, tanto que, em booa ora, aquy em Canelur, teverdes comcertado e a ficada do dito feytor asemtada, e elle decido em terra com todo o que vay ordenado de sua ficada, na forma que no capitulo atras sse decrara, partir vos ês em booa ora, vya d estes reynos; e sse no caminho topardes algumas das naaos de Meca, e parecemdo vos que tendes desposisam pera as poderdes tomar, trabalhar vos ês de as tomardes, nam jmvestymdo com ellas, podendo escussar, e soomente com vossa artelharya as fazerdes amaynar e lançar seus botes fora e nelles enviarem e virem seus

pillotps, mestres e mercaaores, por que nesta maneira se faça mais seguramente esta guerra, e se possa seguyr menos dano a jnte de vosas naaos; e, se com a ajuda de nosso Senhor, per vos forem tomadas, de todas as mercadaryas que nellas achardes vos aproveytarês o milhor que poderdes, e as recolherês a nossas naaos; e todos os pillotos e mestres e allguuns mercadores principaaes que hy posam vimjr nas nossaas naaos, nos trarês; e os outros, e jente das ditas naaos, que assy tomardes, resgatarês, avemdo pera ysso disposisam e lugar, e o tempo o consentijr; e, nam o podemdo asy bem fazer, entam, meterês todos em huma das naaos, ha mais desaparelhąda que hy ouver, e os leixarês hijr nella; e todas as outros meterês no fundo e queymarês, teemdo muy grande recado que, se, prazemdo a nosso Senhor, as ditas naaos tomardes, sse aproveytem as mercadaryas grossas e myudas que nellas...... com todo o nosso serviço.

E, tanto que, prazemdo a nosso Senhor, teverdes atravesado, e fordes em Melynde, porque ja emtam terês sabido quaaes dos navyos de toda a armada sam mjlhores velleiros e quaes menos, e zorreiros, como fordes nô dito Melymde, terês esta maneira, saber: todos os navyos que forem milhores veleiros, apartarês a huma parte, e estes mandarês que façam seu caminho via d estes reynos, sem por os outros esperarem, mandando, porem, que estes, que asy forem mais velleiros, esperem huuns por outros, e gardem todo outro mais regimento que levaaes hordenado, na espera e synaes d huuns a outros, por se nom perderem; e os que forem menos velleiros e zorreiros apartarês a outra parte e estes faram seu caminho apartados per ssy, na forma que mandamos e he decrarado que no façam os velleiros; e, se for casso que ha vosa naao cayba no conto dos velleiros, vimjrês vos na sua companhia e conserva, e hordenarês pera a parte dos que forem zorreiros, e piores da veella, huum capitam moor, taall pessoa, qual pera ysso escolherdes e vos pareçer que pera ysso sera mais auta e pertencente, ao qual ficara e darês todo vosso jnteiro poder; e mandamos per este que todos os outros capitaães e companha lhe obedeçam, e cumpram seus mandados, como a vos mesmo ho faryam; e, se vos cayrdes e vos... com os zorreiros, ficarês com elles, e pera os outros hordenarês outro capitaão moor, na forma sobredita... dos mais velleiros, ou na parte dos zorreiros cayr Sancho de Toar nam cayndo elle comvosco jumtamente, neste casso, na parte em que elle cayr, ficaram *(sic)* elle capitam moor.

E, posto que asy myudamente, neste regymento, vos apomtemos as coussas que facaes e gardês, porque segumdo os tempos e modo dos negocios, especialmente neste, de que ate ora tam pouco he sabido, e pella diversidade que, pela ventura, poderês achar nos costumes da terra, parecemdo vos que em outra maneira devês mudar e fazer as coussas, pera que as tragaes e venham ao fim que conveem, e dessejamos por nosso serviço, neste caso, pella muita comfiança que de vos teemos, aveemos por beem e vos mandamos, que facaes e syguaaes todo o que milhor vos pareçer, tomando ssempre em tudo comselho dos capitaães e feytor e de quaesquer outras pessoas que vos pareça que nisso devaes meter; e, emfym, o que escolherdes e acordardes, seguyrês e farees.

Item, o capitam segundo ....
....

(Documento da Torre do Tombo).

Copiado da "*Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro*, volume 8, ano 1867, pags. 99 e 115.

Instruções Régias Adicionais, sob forma de carta, dadas a Cabral para a sua viagem

P. aluares alle dos outros cap.ão
de vosso Regimento avemos por bem
e noso seruiço que cumpraes e gardes
eses abaixo conthiudos.

Item seres avisado q. ha vossa tornada
em booa ora depois de
pasado o cabo da boa esperança nõ tomes
outro porto nem façaes demoras
em alguma parte somente vos vires
dereytamete a esta cidade salluo se
por allguma necessidade porq. conviese por
noso seruiço o fazerdes ho nõ podereis escusar
nem leixar de fazer porque em tal
caso fares aquello que virdes que cumpre +
porem em qualquer
dos lugares em que o fazerdes seres
muy avisado que tenhaes grande
recado em toda a frota que se nõ
tirem nenhumas mercadaryas
nem faça acerqua disso algum
nosso deseruiço.
E na ylha de sam tome ou cabo
verde ou dos açores em q. temos
oficiaes tocaseys nestes sempre Requreis
noso almoxarife e ofeciaes que olhem
pelas cousas de noso seruiço asy
como se garda e faz por noso
Regymeto nas carauellas da myna
por que asy o avemos por beem
nõ lansando vos barcas fora se po
der escusar e tendo niso todo
aviso e bõo Recado E asy vos encomen

(margem esquerda:) este entrou no de bertolameu diaz

(margem direita:) + por mais segurança das cousas de noso seruiço

damos e mandamos que ho cumpres
E tanto q. a esta cidade em booa ora
cheguardes seres avisado E assy
vollo mandamos q. vos nem nenhumas
das naaos e nauytos da frota
ora sejam nossos ora dos outros
q. vaão de partes nam lances nenhum
batel fora nem consintaes que avos
chegue nem vaa barca nem batel
ate nam hirem a vos e as naaos da toda dita
frota nossos feytores e ofeciaes e fazerem
e procurem o que por nosso seruiço lhe
mandarmos e lhes parecer q. devem
fazer. E asy o comprires e gardares
por que asy o avemos por bem
E nesta forma mãdamos a cada hum
dos capitaes da frota que o cumpram
E alle dello vos lho day em vossos
Regimentos q. lhe aves de dar.

este entrou no de bertolameu diaz

Item porque podera ser que com ajuda de
noso senhor achares em callecut ou
em calemir em qual dos lugares vossa
carrega ouuerdes de tam
abastada a carregay q. pella ventura se mais
nauyos leuasseis se poderya
carregar neste caso se asy fosse
e vos parecese que por nosso seruyço
o deuyeis fazer avemos por bem q. cum
pres allgum nauyo
ou nauyos dos de la da terra pera os
carregardes
e trazerdes comvosco
ate homde podeseys tornar a ãcorar
cojar em nossas naaos o que nellas
carregaseys
por que pello lugar q. pera a ella daram
os mantymetos q. cada dia se gastam
nos parece que se podera bem fazer.
E se elles booamente e cõ segurança
podessem vyr
cõ afrota asy serya bem se nam

Remedyar seya na man.ra q. dito he
e que niso nos parecer que cõ nosso seruiço
deues e podes fazer seguyros e
fares ainda que muyto nos prazerya
poherse asy em os achando tamta
abastança e caRega como atras
vos dizemos e mandamos a ayres
correa nosso feytor q.[l] acerqua desso
cumpra o que por noso seruiço lhe
Requererdes e mandardes asy na compra
dos ditos nauyos como na caRega delles.

E se algumas das partes q. vaoo na frota
os taaes nauyos de las da terra
quiserem comprar para os caRegarem
de qualquer mercadarya
allem das quintelladas q. lhe
vaso hordenadas por nos pera nelles
as trazerem a estes Reynos auemos
por bem que ho posam fazer e serã
obrigados de nos pagar todos nosos
direitos das mercadaryas q. asy
nos taes nauyos carregarem
e trouxerem. E mandamosvo q. lhe
nõ ponhaes a ysso embargo allgum
e estes capitollos ajuntares cõ todos
os outros de voso Regimento scripto

q. entrou mais no Regimento
do capitã mor e de
bertolameu diaz.

Item Ho aluara da Licença
Item capitulo pera bertolameu diaz

Documento existente no Arquivo da Torre de Tombo (cartas missivas, maço 4, nº 91). Copiado do livro *Os sete Unicos Documentos de 1500, referentes à viagem de Pedro Alvares Cabral"*, Lisboa, 1940, pgs. 50 a 53.

Carta de D. Manuel ao Rei de Calicut

Grande e de muito poder principe çamorim por merc de Deus rey de Calecut, nos Dom Manuel por sua divina graça rey de portugall e dos algarves, daquem e dalem maar em afriqua, Senhor da Guinee etc.* a vos enviamos muito saudar como aquelle que muito amamos e presamos, Deus todo poderoso começo, e meio, e fim de todalas cousas, e por cuja ordenança cursão os dias, e feitos humanos e tempos, asi como per sua infinda bondade criou o mundo, e o reino por christo seu filho noso salvador, asy em seu grande e infindo poder e saber ordenou pera os tempos adiante muitas cousas por bem e proveito da geração humanall, inspirando pelo espirito santo nos corações dos homens aviam de ser obradas, fossem manifestadas, e postas em obra nos tempos pera iso mais convenientes per elle limitados, e não antes nem despois, e por asy esto ser verdade mui conhecida per espereencia, se com são e verdadeiro juizo quizerdes consirar a grandesa da novidade e misterio da ida de nossa gente e navios a vos, e a essa vosas terras, aveis de fazer nesas partes do oriente e que todos e a fasemos nestas do poente onde damos muitos louvores ao senhor Deus por em nosos dias e vossos fazer do mundo tantas merces que nos podessemos saber, nem tam somente por ouvida mas por vista ver e conhecer, e por conversação ajuntar e quasi visinhar, e estando des o começo do mundo até agora as gentes desas terras e destas tão arredadas, e fora sempre de toda a esperança nem pensamento disto, que o senhor Deus ora quis que fose espritando, averá sesenta annos, em huum noso tio, vassalo nosso chamado Iffante dom amrique, principe de mui vertuosa vida e santos costumes, o qual por serviço de Deus tomou proposito per Deus inspirado fazer esta navegação, e por os reis nossos antecessores foy proseguida ate agora, que prasendo a nosso senhor lhe quis dar o fim per nos desejado, quis que, aquelles que agora lá foram de huma soo viagem, fezessem outro tanto caminho até chegar a vos, quanto em todalas viagees passadas estava feito em sesenta annos, sendo estes os primeiros que mandamos loguo, tanto que per graça de Deus tomamos o regimento de nosos reinos e senhorios, assique ainda que esta cousa se veja feita por homens, não se deve julgar por obra de homees, que não he

possivel a elle, que des na criação do mundo houve nesas partes de laa, e nestas de qua grandes poderes e senhorios de principes e reis, e de remoões, e outras gentes que posuirão a maior parte da terra, dos quaes se lee terem grande vontade e desejos para faser esta navegação, e trabalharão niso, e não aprouve a Deus dar-lhe tal possibilidade naquelles tempos em suas mãos, como nos mesmos agora poderamos se de sua mão e vontade o não ouveramos; e pois em quanto não quiz que isto fose todolos homens passados não teveram poder pera o fazer, não deve ninguem cuidar que agora que elle quis sejão homens poderosos pera o contrariar e desfazer, sendo já agora muito maior mal e injuria contra Deus querer resistir sua vontade tão manifesta e conhecida, de que era a profiar contra ella então antes de sabida, e ante as cousas porque principalmente damos muitos louvores ao senhor Deus neste feito, he por nos ser dito aver nesas partes gentes christaãs, que será o principal noso desejo, para convosquo avermos conversar, e nos aproveitar, e prestar com grande conformidade damor e irmandade como os reis christãos devem faser ante si, por que bem he de crer que não ordenou deos noso senhor tam maravilhoso feito desta nosa naveguação pera somente ser servido nos tratos e proveitos temporaes dantre vos e nos, mas tambem nos espirituaes das almas e salvação dellas que mais devemos, e se elle ha por mais servido por tal que a sua santa fee christaã fose ante vos e nos communicada, e ajuntada como foi por todo o universo meudo bem seiscentos annos despois da vinda de Jesus Christo, até que por pecados dos homens vierão algumas seitas e cressas contrarias ditas primeiro de Christo, que aviam de vir depois delle pera prova e manifestação dos boõs, e para todo enguauno da maldade aquelles que merecião condemnação e perdimento, porque não quiseram receber a verdade pera serem salvos e por tanto lhes avesou Deus o saber e entender, e pera obrarem erros, e crerem a mentira, e serem condemnados, pois não quiserão crer a verdade, e consentirão na falsidade, as quaes seitas ocuparam, ante essas vossas terras e estas nossas, muita parte da terra, e onde nossa comunicação com vosquo sendo empedida por terra, e esta agora com nosa navegação novamente aberta, e despejada per Deos a que nada he impossivel, pelo qual conhecendo nos todo esto e desejando de proseguir e comprir como devemos o que nos o mui alto Deus tanto mostra ser de sua vontade e serviço mandamos agora la o noso Capitão, e naos, e mercadorias, e feitor noso por vosso prazer aja la de faser e estar; e asi mes-

officios devinos e sacramentos, pera que possaes ver a doutrina da fee christaã que temos dada e instituida per Christo Jesus noso senhor, noso salvador, a dose apostolos discipulos seus, a qual despois de sua santa resureição foy por eles geralmente preguada e recebida por todo o mundo, dos quas alguums, a saber, Santhome, e San bertholameu, pregarão nesas vossas partes da India fazendo muitos e grandes milagres, terando esas gentes da gentilidade e idolatria em que dantes todo o mundo estava, e convertendo-os a verdade da santa crença, e fee christaã, alguns dos ditos apostolos, ordenando noso Senhor Jesus Christo por vigairo seu principal, antre todos seus apostolos e descipulos, são pedro, o qual pregando na grande cidade de Roma, que naquele tempo foi cabeça das gentes e idolatria, padeceo por elle martirio, e hi jaz sepultado, onde des estão até gora por os santos padres seus subcessores foy e he instituida pela mesma ordenança de christo a principal cabeça e seda da fee e religião christã, querendo, segundo se mostra, o senhor Deus que Roma, asi como dantes era a madre do erro e falsidade, fose e permanecesse madre da verdade dos cuja obediencia e verdadeira doutrina estamos nos, e todolos reis e principes e senhorios christãos, e por tanto consideradas estas couzas e resões de tanta vontade, e serviço de meu alto Deus por elle mesmo, que foy e he causa da nòsa navegação e ida a vos, meu afetuosamente e como irmão vos rogamos que vos queiraes conformar com seu querer e vontade e por fazerdes nosso proveitò, e de vossas terras, asy temporal como espiritual, vos aprasa receber e adjuntar com vosquo nossa amizade, trato e conversação que vos tam pacifiquamente apresentamos por seu santo serviço, o receberdes e tratardes noso capitam e gentes com aquelle são amor e verdadeiro com que os a vós mandamos, porque além daqui entrarem tam claras resões e mesteiro da vontade de deus, quantas elle nos ha feito e mostrou, que todos podesem ver e conhecer por sua obra, certo em toda a resão dantre homens cabe deverdes muito de folgar com gentes que d tam longe com tão grão coração vão buscar vosa amizade e conversação, e traservos tanto proveito como de vosas terras mais que de nenhumas outras podeis de nos receber, e caso que pera algum as erradas vontades, e spritos trovadores do bem, que nunqua fallecem, achemos em vos o contrario desto, o que por toda a resão mal poderiamos crer, nem esperar de vosa vertude, noso determinado propósito he seguir, a vontade de deus antes que a dos homens, e não leixarmos por nenhumas contrariedades proseguir nesto caso, e continuar nosa navegação, trato, e con-

mo mandamos pesoes religiosas e doutrinadas na fee e religião christaã, tambem ornamentos ecclesiasticos para celebrarem os versação nestas terras de que o senhor deus se quis aver novamente por servido por nosas mãos, não querendo que noso trabalho por o servir fose debalde, segundo não menos esperamos de sua piedade que seja ao diante, porque firmemente cremos e esperamos que pois elle fez esas terras, e as deu a pesuir a vos, e a esas gentes dela, elle ordenara como no seu se faça sua vontade, como não falleça quem nellas acolha e receba nosa amizade, e nossas gentes que laa vao tanto por seu querer e vontade, e a que elle tam maravilhosamente abrio o caminho e deu poder pra irm a ellas a qual cousa elle mesmo he sabedor quanto desejamos que seja antes por boa paz e amizade a elle, a elle prasa darvos sua graça pera conhecerdes as cousas de sua vontade e santo serviço, e acerqua disto vos praza crer e dar comprida fee a *pero alvares cabral* fidalgo de nosa casa, e noso capitão moor, em tudo e que de nosa parte vos fallar e requerer, e comvosco tratar; de Lisboa ao primeiro de março de mil e quinhentos annos.

Documento existente na Biblioteca Nacional de Lisboa (Ms. 7638, Coleção Vimieiro, doc. 35, fols. 61 v. — 64 r.) Copiado do livro "*Os Sete Unicos Documentos de 1500, referentes à viagem de Pedro Alvares Cabral*", Lisboa, 1940, paginas 58 e 59.

Carta de Pero Vaz de Caminha a D. Manuel, datada de Porto Seguro em 1 de Maio de 1500

"Senhor

"Posto que o Capitão-mor desta vossa frota, e assim os outros capitães escreveram a Vossa Alteza a nova do achamento desta vossa terra nova, que se ora nesta navegação achou, não deixarei também de dar disto minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que, para o bem contar e falar, o saiba pior que todos fazer; porém tome Vossa Alteza minha ignorância por boa vontade a qual bem certo creio, que, por afor-mosear nem afeiar haja de por mais que aquilo que vi e me pareceu".

"Da marinhagem e singraduras do caminho, não darei aqui conta a Vossa Alteza, porque o não saberei fazer, e os pilotos devem ter esse cuidado; e, portanto, Senhor, do que hei de falar começo e digo:

"Que a partida de Belém, como Vossa Alteza sabe, foi segunda-feira 9 de março, e sabado 14 do dito mes, entre as 8 e 9 horas, nos achamos entre as Canarias, mais perto da Grã-Canaria; e aí andamos todo aquele dia em calma, à vista delas, obra de 3 ou 4 leguas."

"E domingo, 22 do dito mes, às 10 horas pouco mais ou menos, houvemos vista das ilhas de Cabo Verde, a saber: da ilha de S. Nicolau, segundo dito de Pero Escolar, piloto, e à noite seguinte ao amanhecer de segunda-feira, se perdeu da frota Vasco de Ataide com a sua nau sem aí haver tempo forte nem contrario para poder ser; fez o Capitão suas deligencias para o achar numas e noutras partes e não apareceu mais; e assim seguimos nosso caminho, por este mar de longo até terça-feira, oitava da Páscoa, que foram 21 de abril, que topamos alguns sinais de terra, sendo da dita ilha, segundo os pilotos diziam, obra de seiscentas e sessenta ou setenta leguas, os quais eram muita quantidade de ervas compridas a que os mareantes chamam botelho, e assim outras, a que também chamam rabo de asno; e a quarta-feira seguinte, pela manhã, topamos aves, a que chamam fura-buchos; e neste dia, à horas de vespera, houvemos vista de terra,

a saber: primeiramente de um grande monte mui alto e redondo e de outras serras mais baixas ao sul dele, e de terra chã com grandes arvoredos; ao qual monte o Capitão pos nome o Monte Pascoal, e à terra o de Vera Cruz. Mandou lançar o prumo: acharam vinte e cinco braças, e ao sol posto, obra de seis leguas de terra, surgimos ancoras em dezenove braças ancoragem limpa."

"Ali ficamos toda aquela noite."

"E quinta-feira, pela manhã, fizemos vela e seguimos direito à terra, e os navios pequenos indo diante por dezessete, dezesseis, quinze, catorze, treze, doze, dez e nove braças até meia legua de terra, onde todos lançamos ancoras, em direito da boca de um rio."

"E chegariamos a esta ancoragem às 10 horas, pouco mais ou menos. E dali houvemos vista de homens que andavam pela praia, obra de sete ou oito, segundo os navios pequenos disseram, por chegarem primeiro ali. Lançamos os bateis e esquifes fora, e vieram logo todos os capitães das naus a esta nau do Capitão-mor; e ali falaram; e o Capitão mandou no batel em terra Nicolau Coelho para ver aquele rio; e tanto que ele começou para lá a ir, acudiram pela praia homens, quando dois, quando tres, de maneira que, quando o batel chegou à boca do rio, eram ali dezoito ou vinte homens pardos, todos nus, sem nenhuma cousa que lhes cobrisse suas vergonhas; traziam arcos nas mãos e suas setas. Vinham todos rijos para o batel e Nicolau Coelho lhes fez sinal que pusessem os arcos, e eles o puseram. Ali não pode deles haver fala, nem entendimento, que aproveitasse, pelo mar quebrar na costa. Somente deu-lhes um barrete vermelho e uma carapuça de linho que levava na cabeça e um chapeu preto; e um deles lhe deu um sombreiro de penas de aves compridas, com uma capazinha pequena de penas vermelhas e pardas como as de papagaios, e outro lhe deu um ramal grande de continhas brancas miudas, que querem parecer de aljaveira, as quais peças, creio que o Capitão manda a Vossa Alteza. E com isso se volveu às naus por ser tarde e não poder deles haver mais fala por causa do mar."

"A noite seguinte ventou tanto sueste com chuvaceiros que fez cassar as naus, e especialmente a capitanea; e à sexta, pela manhã, às 8 horas pouco mais ou menos, por conselho dos pilotos, mandou o Capitão levantar ancoras e fazer vela, e fomos de longo da costa com os bateis e esquifes amarrados por popa contra o norte, para ver se achavam alguma abrigada e bom pouso onde ficassemos para tomar agua e lenha, não por nos já minguar, mas por nos acertarmos aqui. E quando fizemos vela, seriam já na

praia assentados, junto com o rio, obra de sessenta ou setenta homens, que se juntaram ali poucos e poucos. Fomos de longo e mandou o Capitão aos navios pequenos que fossem mais chegados à terra e que, se achassem pouso seguro para as naus, amainassem; e sendo nós pela costa, obra de dez leguas donde nos levantamos, acharam os ditos navios pequenos um recife com um porto dentro muito bom e seguro, com uma muito larga entrada; e meteram-se dentro e amainaram, e as naus arribaram sobre ele, e um pouco antes do sol posto amainaram obra de uma legua do recife, e ancoraram-se em 11 braças. E sendo Afonso Lopes, nosso piloto, em um daqueles navios pequenos, por mandado do Capitão por ser homem vivo e destro para isso, meteu-se logo no esquife a sondar o porto dentro e tomou em uma almadia dois daqueles homens da terra, mancebos e de bons corpos; e um deles trazia um arco e seis ou sete setas; e na praia andavam muitos com arcos e setas e não lhes aproveitaram. Trouxe-os logo já de noite, ao Capitão, onde foram recebidos com muito prazer e festa. A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos, andam nus, sem nenhuma cobertura, nem estimam nenhuma cousa cobrir, nem mostrar suas vergonhas, e estão acerca disso com tanta inocencia como têm em mostrar o rosto; traziam ambos o beiço de baixo furado, e metidos por êles senhos onos de ossos, brancos, de compridão de uma mão travessa, e da grossura de um fuso de algodão, e agudos na ponta como furador; metem-nos pela parte de dentro do beiço e o que lhes fica entre os beiços e os dentes é feito como roque de xadrez; e em tal maneira o trazem ali encaixado que lhes não dá paixão, nem lhes torva a fala, nem comer, nem beber."

"Os cabelos seus são corredios, e andavam tosquiados de tosquia alta, mais que de sobre pente, de boa grandura, e rapados até por cima das orelhas. E um deles trazia por baixo da solapa, de fonte à fonte, para detrás, uma maneira de cabeleira de penas de aves amarelas, que seriam do compridão de um couto, mui basta e mui cerrada, que lhe cobria o toutiço e as orelhas, a qual andava pegada nos cabelos pena e pena com uma confeição branda como a cera, e não o era; de maneira que andava a cabeleira mui redonda e mui basta e mui igual, que não fazia mingua mais lavagem para levantar. O Capitão, quando eles vieram, estava assentado em uma cadeira com uma alcatifa aos pés por estrado, bem vestido com um colar de ouro mui grande ao pescoço; e Sancho de Toar, e Simão Miranda, e

Nicolau Coelho, e Aires Correia, e nós outros que aqui na nau com eles iamos, e assentados no chão por essa alcatifa; acenderam tochas e entraram, e não fizeram nenhuma menção de cortesia nem de falar ao Capitão nem a ninguem; porém um deles pôs o olho no colar do Capitão, e começou de acenar com a mão para terra, e depois para o colar, como que nos dizia que havia em terra ouro; e também viu um castiçal de prata, e assim mesmo acenara para a terra e então para o castiçal, como que havia também prata; mostraram-lhes um papagaio pardo, que aqui o Capitão traz; tomaram-no logo na mão e acenaram para terra, como os havia ali; mostraram-lhes um carneiro, não fizeram menção; mostraram-lhes uma galinha, quase haviam medo dela, e não queriam pôr a mão, e depois a tomaram como espantados; deram-lhes ali de comer pão e pescado cozido, confeitos, fartéis, mel e figos passados; não quiseram comer daquilo quase nada, e alguma cousa se provavam, lançavam-na logo fora; trouxeram-lhes vinho por uma taça; puseram assim à boca tão de uma vez e não gostaram dele nada; nem o quiseram mais; trouxeram-lhes agua por uma albarrada, tomaram dela senhos bocados, e não beberam; somente lavaram a boca e lançaram fora; viu um deles umas contas de rosario brancas; acenou, que lhas dessem, e folgou muito com elas e lançou-as ao pescoço, e depois tirou-as e embrulhou-as no braço, e acenava para a terra e então para as contas e para o colar do Capitão, como que dariam ouro por aquilo; isto tomavamos nós assim pelo desejarmos, mas se ele queria dizer, que levariam as contas e mais o colar, isto não queriamos nós entender, porque lho não haviamos de dar; e depois tornou as contas a quem lhas deu, e então estiraram-se assim de costas na alcatifa a dormir, sem terem nenhuma maneira de cobrir suas vergonhas, as quais não eram fanadas, e as cabeleiras delas bem rapadas e feitas; o Capitão lhes mandou por às cabeças senhos coxins; e o da cabeleira procurava assaz pola não quebrar, e lançaram-lhe um manto por cima, e eles consentiram e ficaram e dormiram."

"Sabado pela manhã mandou o Capitão fazer vela, e fomos demandar a entrada, a qual era mui larga e alta de seis a sete braças; entraram todas as naus dentro, ancoraram-se em cinco, seis braças, a qual ancoragem dentro é tão grande e tão formosa, e tão segura, que podem jazer dentro dela mais de duzentos navios e naus."

"E tanto que as naus foram pousadas e ancoradas, vieram os capitães todos a esta nau do Capitão-mor."

"E daqui mandou o Capitão Nicolau Coelho e Bartolomeu Dias, que fossem em terra, e levassem aqueles dois homens, e os deixassem ir com seu arco e setas, aos quais mandou dar senhas camisas novas e senhas carapuças vermelhas e dois rosarios de contas brancas de osso, que eles levaram nos braços, e senhos cascaveis e senhas campanhias. E mandou com eles, para ficar lá, um mancebo degradado, criado de D. João Telo, a quem chamam Afonso Ribeiro, para andar lá com eles, e saber de seu viver e maneira, e a mim mandou que fosse com Nicolau Coelho. Fomos assim de frecha direitos à praia; ali acudiram logo obra de duzentos homens, todos nus, com arcos e setas nas mãos. Aqueles que nós levavamos acenavam-lhes, que se afastassem e pusessem os arcos e eles o puseram e não se afastaram muito; abasta que puseram os seus arcos; e então sairam os que nós levavamos, e o mancebo degradado com eles, os quais assim que sairam, não pararam mais, nem esperava um por outro, senão a quem mais correria; e passaram um rio, que por ai corre de agua doce, de muita agua, que lhes dava pela braga, e outros muitos com eles; e foram assim correndo, além do rio, entre umas moitas de palmas, onde estão outros; e ali pararam. E naquilo foi o degradado com um homem que, logo ao sair do batel, o agasalhou e levou até lá. E logo o tornaram a nós, e com ele vieram os outros, que nós levavamos; os quais vinham já nus e sem carapuças; e então começaram a chegar muitos, e entravam pela beira do mar para os bateis até que mais não podiam, e traziam cabaços d'agua e tomavam alguns barris, que nós levavamos, enchiam-os de agua e os traziam aos bateis, não que eles de todo chegassem a bordo do batel, mas junto com ele, lançavam-o da mão e nós tomavamo-los; e pediam, que lhes dessem alguma cousa."

"Levava Nicolau Coelho cascaveis e manilhas; e a uns dava um cascavel, e a outros uma manilha; de maneira que, com aquela encarva, quase nos queriam dar a mão; davam-nos daqueles arcos e setas por sombreiros e carapuças de linho, e por qualquer cousa que os homens queriam dar. Dali se partiram os outros dois mancebos, que não os vimos mais."

"Andavam ali muitos deles, ou quase a maior parte, que todos traziam aqueles bicos de osso nos beiços; alguns, que andavam sem eles, traziam os beiços furados e nos buracos espelhos de pau que pareciam espelhos de borracha, e alguns deles traziam tres daqueles bicos, a saber: um na metade e os dois nos cabos; e andavam ai outros quartejados de cores, a saber: deles a me-

tade da sua propria cor e a metade de tintura negra, maneira de azulada, e outros quartejados de escaques."

"Ali andavam entre eles tres ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabelos mui pretos, compridos pelas espaduas, e suas vergonhas tão altas e tão saradinhas, e tão limpas metade da sua propria de cabeleiras, que de as nós muito bem olharmos não tinhamos nenhuma vergonha."

"Ali, por então, não houve mais fala nem entendimento com eles, por a barbaria deles ser tamanha, que se não entendia nem ouvia ninguem; acenamos-lhes, que se fossem; e assim o fizeram e passaram-se além do rio, e sairam tres ou quatro homens nossos dos bateis, encheram não sei quantos barris d'agua, que nós levavamos, e tornamo-nos às naus; e em nós assim vindo, acenaram-nos, que tornassemos; tornamos, e eles mandaram o degradado, e não quiseram que ficasse lá com eles, o qual levava uma bacia pequena e duas ou tres carapuças vermelhas, para dar lá ao senhor, se o ai houvesse; não curaram de lhe tomar nada e assim o mandaram com tudo, e então Bartolomeu Dias o fez outra vez' tornar, que lhes desse aquilo em vista de nós, àquele que da primeira vez o agasalhou, e então veio-se e trouxemo-lo."

"Este que o agasalhou era já de dias, e andava todo por loçainha cheio de penas pegadas pelo corpo, que pareciam assetadas, como S. Sebastião. Outros traziam carapuças de penas amarelas e outros de vermelhas e outros de verdes, e uma daquelas moças era toda tinta de fundo acima, daquela tintura, a qual certo era tão bem feita e tão redonda, e sua vergonha, que ela não tinha, tão graciosa, que a muitas mulheres da nossa terra vendo-lhe tais feições fizera vergonha, por não terem a sua como ela. Nenhum deles não era fanado, mas todos assim como nós; e com isto nos tornamos, e eles foram-se. À tarde saiu o Capitão-mor em seu batel, com todos nós, e com os outros capitães das naus, em seus bateis, a folgar pela bahia, a carão da praia; mais ninguem saiu em terra pelo Capitão não querer, sem embargo de ninguem nela estar."

"Somente saiu ele, com todos em um ilheu grande, que na bahia está, que de baixa-mar fica mui vazio; porém é de todas as partes cercado d'agua, que não pode ninguem ir a ele sem barco ou a nado."

"Ali folgou ele e todos nós outros bem uma hora e meia; e pescaram aí andando marinheiros com um chichorro e mataram pescado miudo, não muito, e então volvemo-nos às naus

já bem noite. Ao domingo de Pascoela, pela manhã, determinou o Capitão de ir ouvir missa e pregação naquele ilheu, e mandou a todos os capitães, que se corrigissem nos bateis e fossem com ele, e assim foi feito. Mandou naquele ilheu armar um esparavel, e dentro nele alevantar altar mui bem corrigido, e ali, com todos nós outros, fez dizer missa, a qual disse o padre Frei Henrique, em voz entoada e oficiada com aquela mesma voz pelos outros padres e sacerdotes, que ali todos eram, a qual missa, segundo meu parecer, foi ouvida por todos com muito prazer e devoção."

"Ali era com o Capitão a bandeira de Cristo com que saiu de Belém, a qual esteve sempre alta da parte do Evangelho. Acabada a missa, desvestiu-se o padre, pôs-se em uma cadeira alta e nós todos lançados por essa areia, e pregou uma solene e proveitosa pregação da historia do Evangelho; e em fim dela tratou da nossa vinda e do achamento desta terra, conformando-se com o sinal da cruz, sob cuja obediencia vimos, a qual veiu muito a proposito e fez muita devoção."

"Enquanto estivemos à missa e à pregação, seriam na praia outra tanta gente, pouco mais ou menos como os de ontem, com seus arcos e setas, os quais andavam folgando e olhando-nos, e assentaram-se."

"E depois de acabada a missa, assentados nós à pregação, alevantaram-se muitos deles, tangeram corno ou buzina, e começaram a saltar e dançar um pedaço; e alguns deles se meteram em almadias, duas ou tres que aí tinham, as quais não são feitas como as que eu já vi; somente são tres traves atadas juntas; e ali se metiam quatro ou cinco ou esses que queriam, não se afastando quase nada da terra, senão quanto podiam tomar pé."

"Acabada a pregação, moveu o Capitão com todos para os bateis, com nossa bandeira alta, e embarcamos, e fomos assim todos contra terra, para passarmos ao longo, por onde eles estavam; indo Bartolomeu Dias em seu esquife, por mandado do Capitão, com um pau de uma almadia, que lhes o mar levara, para lhos dar, e nós todos, obra tiro de besta, atrás dele. Como eles viram o esquife de Bartolomeu Dias, chegaram-se logo todos à agua, metendo-se nela até onde mais podiam; acenaram-lhes que pusessem os arcos, e muitos deles os iam logo por em terra, e outros os não punham; andava aí um, que falava muito aos outros que se afastassem, mas não já que me assim parecesse que lhe tinham acatamento, nem medo. Este que os assim andava afastando, trazia o seu arco e setas e andava tinto de tintura vermelha pe-

los peitos e espaduas, e pelos quadris, coxas e pernas até abaixo; e os vazios, com a barriga e estomago eram de sua propria cor, e a tintura era assim vermelha que a agua lha não comia, nem desfazia; antes, quando saia da agua era mais vermelhada."

"Saiu um homem do esquife de Bartolomeu Dias, e andava entre eles, sem eles entenderem nada nele, quanto para lhe fazerem mal, senão quanto lhe davam cabaços de agua e acenavam aos do esquife, que saissem em terra; com isso isto se volveu Bartolomeu Dias ao Capitão, e viemos às naus a comer, tangendo trombetas e gaitas, sem lhes dar mais atenção, e eles tornaram-se a sentar na praia, e assim por então ficaram."

"Neste ilheu, onde fomos ouvir missa e pregação, espraia muito a agua, e descobre muita areia e muito cascalho."

"Foram alguns, em nós aí estando, buscar marisco, e não o acharam; e sim alguns camarões grossos e curtos, entre os quais vinha um muito grande camarão e muito grosso, que em nenhum tempo vi tamanho; tambem acharam cascas de brigões e de ameijoas, mas não toparam com nenhuma peça inteira. E tanto que comemos, vieram logo todos os capitães a esta nau, por mandado do Capitão-mor, com os quais se ele apartou, e eu na companhia; e perguntou a todos, se nos parecia ser bem mandar a nova do achamento desta terra a Vossa Alteza, pelo navio dos mantimentos, para a melhor mandar descobrir, e saber dela mais do que agora nós podiamos saber por irmos de nossa viagem."

"E entre muitas falas, que no caso se fizeram foi por todos, ou a maior parte, dito que seria muito bem; e nisto concluiram, e tanto que a conclusão foi tomada, perguntou mais se seria bom tomar aqui por força um par destes homens para os mandar a Vossa Alteza, e deixar aqui por eles dois destes degradados."

"A isto acordaram que não era necessario tomar por força homens, porque geral costume era dos que assim levavam por força, por alguma parte, dizerem, que há aí tudo o que lhe perguntam, e que melhor e muito melhor informação da terra dariam dois homens destes degradados, que aqui deixassemos, da que eles dariam, se os levassem, por ser gente que ninguem entende, nem eles tão cedo aprenderiam a falar para o saberem tambem dizem muito melhor do que estes outros não digam, quando cá Vossa Alteza mandar; e que portanto não curassem aqui de, por força, tomar ninguem, nem fazer escandalo, para os de todo mais amansar e a pacificar; senão somente deixar aqui os dois degradados, quando daqui partissemos. E assim por melhor parecer a todos ficou determinado."

"Acabado isto, disse o Capitão, que fossemos nos bateis em terra, e ver-se-ia bem o rio quejando era e também para folgarmos. Fomos todos nos bateis em terra, armados, e a bandeira conosco; eles andavam ali na praia, à boca do rio, onde nós iamos, e antes que chegassemos, do ensino que dantes tinham, puseram todos os arcos, e acenavam que saissemos; e tanto que os bateis puseram as proas em terra, passaram-se logo todos além do rio, o qual não é mais ancho que um jogo de mancal; e tanto que desembarcamos, alguns dos nossos passaram logo o rio e foram entre eles, e alguns aguardavam e outros se afastavam; porém era a cousa de maneira que todos andavam misturados; eles davam desses arcos, com suas setas, por sombreiros e carapuças de linho, e por qualquer cousa que lhes davam; passaram além tantos dos nossos, e andavam assim misturados com eles, que eles se esquivavam e afastavam-se, e iam-se deles para cima, onde outros estavam. E então o Capitão fez-se tomar ao colo de dois homens, e passou o rio e fez tornar todos. A gente, que ali era, não seria mais que aquela que soia, e tanto que o Capitão fez tornar todos, vieram alguns deles a ele, não pelo conhecerem por senhor; cá me parece, que não entendem, nem tomavam disso conhecimento, mas porque a gente nossa passava já para aquem do rio; ali falavam e traziam muitos arcos, continhas daquelas já ditas, e resgatavam por qualquer cousa, em tal maneira que trouxeram dali para as naus muitos arcos, setas e contas; e então tornou-se o Capitão aquem do rio, e logo acudiram muitos à beira dele. Ali verieis galantes pintados de preto e vermelho, e quartejados assim pelos corpos, como pelas pernas, que certo pareciam assim bem; também andavam entre eles quatro ou cinco mulheres moças, assim nuas que não pareciam mal, entre as quais andava uma com uma coxa, de joelho até o quadril e nadega, toda tinta daquela tintura preta, e o resto todo da sua propria cor; outra trazia ambos os joelhos com as curvas assim tintas, e também os colos dos pês, e suas vergonhas tão nuas, e com tanta inocencia descobertas, que não havia ai nenhuma vergonha."

"Também andava aí outra mulher moça com um menino ou menina no colo, atado com um pano, não sei de que, aos peitos, que lhe parecia senão as perninhas; mas as pernas da mãe e o rosto não traziam nenhum pano."

"E depois moveu o Capitão para cima, ao longo do rio, que anda sempre a carão da praia, e ali esperou um velho que trazia na mão uma pá d'almadia; falou, estando o Capitão com ele,

perante nós todos, sem o nunca ninguem entender, nem ele a nós, quantas cousas que lhe o homem perguntava do ouro, que nós desejavamos saber se o havia na terra. Trazia este velho o beiço tão furado, que lhe caberia pelo furado um grande dedo polegar; e trazia metido no furado uma pedra verde ruim, que cerrava por fora aquele buraco; e o Capitão lha fez tirar; e ele não sei que diabo falava, e ia com ela para a boca do Capitão, para lha meter. Estivemos sobre isso um pouco rindo e então enfadou-se o Capitão e deixou-o. E um dos nossos deu-lhe pela pedra um sombreiro velho; não por ela valer alguma cousa, mas por mostra, e depois a houve o Capitão, creio, para com as outras cousas a mandar Vossa Alteza. Andamos por aí vendo a ribeira, a qual é de muita agua e muito boa; ao longo dela há muitas palmas, não muito altas, em que há muito bons palmitos; colhemos e comemos deles muitos."

"Então tornou-se o Capitão para baixo, para a boca do rio, onde desembarcamos; e além do rio andavam muitos deles, dançando e folgando, uns diante dos outros, sem se tomarem pelas mãos, e faziam-no bem."

"Passou-se então além do rio Diogo Dias, almoxarife que foi de Sacavém, que é homem gracioso e de prazer; e levou consigo um gaiteiro nosso, com sua gaita e meteu-se com eles a dançar, tomando-os pelas mãos; e eles folgavam e riam, e andavam com ele mui bem, ao som da gaita; depois de dançarem, fez-lhe ali, andando no chão, muitas voltas ligeiras e salto real, de que se eles espantavam e riam, e folgavam muito; e conquanto os com aquilo muito segurou e afagou, tomavam logo uma esquiveza, como monteses, e foram-se para cima; e então o Capitão passou o rio, com todos nós outros, e fomos pela praia de longo, indo os bateis assim a carão de terra; e fomos até uma lagoa grande de agua doce, que está junto com a praia, porque toda aquela ribeira do mar é apaulada por cima, e sai a agua por muitos lugares. E depois de passarmos o rio, foram uns sete ou oito deles andar entre os marinheiros, que se recolhiam aos bateis, e levaram dali um tubarão, que Bartolomeu Dias matou; elevavam-lho; e lançaram-no na praia; abasta que até aqui com quer que se eles em alguma parte amansassem, logo de uma mão para a outra se esquivavam, como pardais de cevadouro, e ninguem não lhes ousa falar rijo por se mais não esquivarem, e tudo se passa como eles querem pelos bem amansar."

"Ao velho, com quem o Capitão falou, deu uma carapuça vermelha, e com toda a fala, que com ele passou e com a cara-

puça, que lhe deu, tanto que se expediu, começou de passar o rio, foi-se logo recatando, e não quis mais tornar do rio para aquem. Os outros dois que o Capitão teve nas naus, a quem deu o que já dito é, nunca mais àqui apareceram; de que tiro ser gente bestial e de pouco saber e por isso são assim esquivos; eles, porém, contudo andam muito bem curados e muito limpos, e naquilo me parece ainda mais que são como aves ou alimarias monteses, que lhes faz o ar melhor pena e melhor cabelo que às mansas; porque os corpos seus são tão limpos, tão gordos e tão formosos, que não podem mais ser, e isto me faz presumir, que não têm casas nem moradas em que se recolham, e o ar a que se criam, os faz tais. Nem nós ainda até agora vimos nenhumas casas nem maneiras delas. Mandou o Capitão aquele degradado Afonso Ribeiro que se fosse outra vez, com eles, o qual se foi e andou lá um bom pedaço, e à tarde tornou-se, que os fizeram eles vir e não o quiseram lá consentir, e deram-lhe arcos e setas, e não lhe tomaram nenhuma cousa do seu, antes disse ele lhe tomara um deles umas continhas amarelas, que ele levava, e fugia com elas; e ele se queixou e os outros foram logo após ele, e lhas tomaram, e tornaram-lhas a dar, e então mandaram-no vir; disse ele, que não vira lá entre eles senão umas choupaninhas de rama verde, e de fetos muito grandes, como dentre Douro e Minho; e assim nos tornamos às naus, já quase noite, a dormir."

"À segunda-feira, depois de comer, saimos todos em terra, a tomar agua; ali vieram então muitos, mas não tanto como as outras vezes, e traziam já muito poucos arcos, e estiveram assim um pouco afastados de nós, e depois, poucos e poucos, misturaram-se conosco e abraçavam-nos e folgavam, e alguns deles se esquivavam logo."

"Ali davam alguns arcos por folhas de papel e por alguma carapucinha velha e por qualquer cousa, e em tal maneira se passou a cousa, que bem vinte ou trinta pessoas das nossas se foram com eles onde muitos deles estavam, com moças e mulheres, e trouxeram de lá muitos arcos e barretes de penas de aves, deles verdes e deles amarelos, do que creio, que o Capitão há de mandar a V. Alteza; e segundo diziam esses que lá foram, folgaram com eles. Neste dia os vimos de mais perto e mais à nossa vontade, por andarmos todos quase misturados e ali deles andavam daquelas tinturas quartejados, outros de metades, outros de tanta feição como em panos de armar, todos com beiços furados, e muitos com os ossos neles, e alguns sem ossos. Traziam alguns

deles uns ouriços verdes de arvores, que na cor queriam parecer de castanheiros, senão quanto eram mais e mais pequenos; e aqueles eram cheios de uns grãos vermelhos pequenos, que esmagando-os entre os dedos, faziam tintura muito vermelha, do que eles andavam tintos; e quanto se mais molhavam, tanto mais vermelhos ficavam; todos andam rapados até acima das orelhas, e assim as sobrancelhas e pestanas; trazem todos as testas, de fonte à fonte, tintas de tintura preta, que parece uma fita preta da largura de dois dedos; e o Capitão mandou àquele degradado Afonso Ribeiro, e a outros dois degradados, que fôssem andar lá entre eles, e assim a Diogo Dias, por ser homem ledo, com que eles folgavam; e aos degradados mandou, que ficassem lá esta noite."

"Foram-se lá todos e andaram entre eles: e segundo eles diziam, foram bem uma legua e meia a uma povoação de casas, em que haveria nove ou dez casas, as quais diziam, que eram tão compridas, cada uma, como esta nau capitanea, e eram de madeiras e as ilhargas de taboas, e cobertas de palha de razoada altura; e todos em uma só casa, sem nenhum repartimento; tinham de dentro muitos esteios, e, de esteio a esteio, uma rede atada pelos cabos em cada esteio, altas, em que dormiam; e debaixo, para se aquentarem, faziam seus fogos; e tinha cada casa duas portas pequenas, uma em um cabo e outro em outro; e diziam que, em cada casa, se colhiam trinta ou quarenta pessoas, e que assim os acharam e que lhes deram de comer daquela vianda, que eles tinham, a saber; muito inhame e outras sementes que na terra há, e eles diziam queriam vir com eles."

"Resgataram lá, por cascaveis e por outras cousinhas de pouco valor, que levavam, papagaios vermelhos, muito grandes e formosos e dois verdes pequeninos, e carapuças de penas verdes e um pano de penas de muitas cores, maneira de tecido, assaz formoso, segundo Vossa Alteza todas estas cousas verá, porque o Capitão vô-los-á de mandar, segundo ele disse; e com isto vieram, e nós tornamo-nos às naus. A terça-feira, depois de comer, fomos em terra dar guarda de lenha e lavar roupa. Estavam na praia, quando chegamos, obra de sessenta ou setenta, sem arcos e sem nada. Tanto que chegamos, vieram-se logo para nós, sem se esquivarem e depois acudiram muitos que seriam bem duzentos, todos sem arcos, e misturaram-se todos tanto conosco, que nos ajudavam deles a acarretar lenha e meter nos bateis, e tratavam com os nossos e tomavam muito prazer; e, enquanto nós faziamos a lenha, faziam dois carpinteiros uma grande cruz, de um pau, que se ontem para isso cortou; muitos deles vinham

ali estar com os carpinteiros, e creio que o faziam mais por verem a ferramenta de ferro, com que a faziam, que por verem a cruz; porque eles não têm cousa alguma, que de ferro seja e cortam sua madeira e paus com pedras feitas como cunhas, metidas em um pau, entre duas talas mui bem atadas, e por tal maneira que andam fortes, segundo os homens, que ontem às suas casas foram, diziam, porque lhas viram lá. Era já a conversação deles conosco tanta, que quase nos estorvavam ao que haviamos de fazer; e o Capitão mandou a dois degradados e a Diogo Dias que fossem lá a aldeia e a outras, se houvessem delas novas, e que em toda maneira não se viessem a dormir às naus, ainda que eles os mandassem e assim se foram."

Enquanto andavamos nesta mata, a cortar lenha, atravessavam alguns papagaios por essas arvores, deles verdes e outros pardos, grandes e pequenos, de maneira que me parece que haverá nesta terra muitos; porém eu não veria mais até nove ou dez; outras aves então não vimos; somente algumas pombas seixas, e pareceram-me maiores, em boa quantidade, que as de Portugal."

"Alguns diziam, que viram rolas, mas eu não as vi; mas, segundo os arvoredos são mui muitos e grandes e de infindás maneiras, não duvido que por esse sertão haja muitas aves; e acerca da noite nos volvemos para as naus com nossa lenha. Eu creio, senhor, que não dei ainda aqui conta a Vossa Alteza da feição dos seus arcos e setas. Os arcos são pretos e compridos, e as setas compridas e os ferros delas de canas aparadas, segundo Vossa Alteza verá por alguns que creio, o Capitão a ela há de enviar. À quarta-feira não fomos em terra, porque o Capitão-mor andou todo o dia no navio dos mantimentos a despejá-lo e fazer levar às naus isso que cada um podia levar. Eles acudiram à praia muitos, segundo das naus vimos, que seriam obra de trezentos, e segundo Sancho de Toar, que lá foi, disse. Diogo Dias e Afonso Ribeiro, o degradado, a que o Capitão ontem mandou, e que de toda maneira lá dormissem, volveram-se já de noite por eles não quererem que lá dormissem e trouxeram papagaios verdes e outras aves pretas, quase como pegas, senão quanto tinham o bico branco e os rabos curtos. E quando Sancho de Toar recolheu-se às naus, queriam se vir com ele alguns; mas ele não quis senão dois mancebos dipostos e homens de prol. Mandou-os esta noite mui bem pensar e curar, e comeram toda a vianda, que lhes deram e mandou-lhes fazer cama de lençois, segundo ele disse, e dormiram e folgaram aquela noite e assim não foi mais este dia que para escrever seja."

À quinta-feira, derradeiro de abril, comemos logo quase pela manhã e fomos à terra por mais lenha e agua; e querendo o Capitão sair, chegou Sancho de Toar, com seus dois hospedes, e por ele não ter ainda comido puseram-lhe toalhas e veio-lhe vianda e comeu; os hospedes assentaram-nos em senhas cadeiras, e de tudo o que lhes deram comeram mui bem, e especialmente cação cozido frio e arroz; não lhes deram vinho por Sancho de Toar dizer que não bebiam bem. Acabado de comer metemo-nos todos no batel e eles conosco. Deu um grumete a um deles uma armadura grande de porco montês, bem revolta, e tanto que a tomou, meteu-a logo no beiço; e porque se lhe não queria ter, deram-lhe uma pequena, de cera vermelha, e ele corregiu-lhe detrás seu adereço para se ter, e meteu-o no beiço, e assim revolta para cima, e vinha tão contente com ela, como se tivera uma grande joia."

"E tanto que saimos em terra, foi-se logo como ela que não apareceu aí mais. Andariam na praia, quando saimos, oito ou dez deles, e daí a pouco começaram de vir, pareceu-me que viriam quatrocentos e cinquenta."

"Traziam alguns deles arcos e setas, e todos os deram por carapuças e por qualquer cousa, que lhes davam. Comiam conosco do que lhes davamos, e bebiam alguns deles vinho, e outros o não podiam beber; mas parece-me que se lho avesassem, que o beberiam de boa vontade. Andavam todos tão dispostos e tão bem feito e galantes com suas tinturas, que pareciam bem."

"Acarretavam dessa lenha quanta podiam, com mui boa vontade, e levavam-na aos bateis, e andavam já mais mansos e seguros entre nós do que nós andavamos entre eles. Foi o Capitão, com alguns de nós, um pedaço por este arvoredo até uma ribeira grande e de muita agua, que a nosso parecer era esta mesma que vem ter à praia, em que nós tomamos agua. Ali ficamos um pedaço, bebendo e folgando ao longo dela, entre esse arvoredo, que é tanto e tamanho e tão basto e de tantas plumagens, que lhe não pode homem dar conta."

"Há entre eles muitas palmas, de que colhemos muitos e bons palmitos. Quando saimos do batel, disse o Capitão que seria bom irmos direitos à cruz, que estava encostada a uma arvore, junto com rio, para se por de manhã, que é sexta-feira, e que nos pusessemos todos em joelhos e a beijassemos, para eles verem o acatamento que lhe tinhamos; e assim o fizemos, e a estes dez ou doze, que aí estavam, acenaram-lhes que fizessem assim, e foram logo todos beijá-la. Parece-me gente de tal inocencia, que se os homens os entendessem e eles a nós, que seriam logo cristãos;

porque eles não têm nem entendem em nenhuma crença, segundo parece, e, portanto, se os degradados, que aqui hão de ficar, aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido, segundo a santa tenção de Vossa Alteza, fazerem-se cristãos e crerem na nossa santa fé, à qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque certo esta gente é boa e de boa simplicidade, e imprimir-se-á ligeiramente neles qualquer cunho, que lhes quiserem dar; e logo que Nosso Senhor lhes deu bons corpos e bons rostos, como a bons homens, e Ele, que nos por aqui trouxe, creio, que não foi sem causa. E, portanto, Vossa Alteza, pois tanto deseja acrescentar na santa fé catolica, deve entender em sua salvação, e prazera a Deus, que com pouco trabalho será assim. Eles não lavram, nem criam, nem há aqui boi, nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem galinha, nem outra nenhuma alimaria, que costumada seja ao viver dos homens; nem comem senão desse inhame que aqui há muito, e dessa semente de frutos, que a terra e as arvores de si lançam; e com isto andam tais, e tão rijos e tão nedios, que o não somos nós tanto com quanto trigo e legumes comemos. Enquanto ali este dia andaram, sempre ao som de um tamborim nosso, dançaram e bailaram com os nossos, em maneira que são muito mais nossos amigos que nós seus; se lhes homem acena se queriam vir às naus faziam-se logo prestes para isso, em tal maneira que, se os homens a todos quiseram convidar, todos viriam. porém, não trouxemos esta noite às naus senão quatro ou cinco, a saber: o Capitão-mor dois, e Simão de Miranda um, que trazia já por pagem, e Aires Gomes outro, assim pagem."

"Os que o Capitão trouxe era um deles um dos seus hospedes, que a primeira, quando aqui chegamos, lhe trouxeram, o qual veio hoje aqui vestido da sua camisa, e com ele um seu irmão, os quais foram esta noite mui bem agasalhados, assim de vianda, como de cama de colchões e lènçois, pelos mais amansar. Hoje, que é sexta-feira, primeiro de maio, saimos pela manhã em terra, com nossa bandeira, e fomos desembarcar acima do rio, contra o sul, onde nos pareceu, que seria melhor chantar a cruz para ser melhor vista; e ali assinou o Capitão onde fizessem a cova para a chantar."

"E enquanto a ficaram fazendo, ele, com todos nós outros, fomos pela cruz, abaixo do rio, onde estava. Trouxemo-la dali, com esses religiosos e sacerdotes, diante, cantando maneira de procissão. Eram já aí alguns deles, obra de setenta ou oitenta; e quando nos assim viram vir, alguns deles se foram meter debaixo dela e ajudar-nos. Passamos o rio, ao longo da praia, e

fomo-la por onde havia de ser, que será do rio obra de dois tiros de besta. Ali, andando nisto, viriam bem cento e cinquenta ou mais. Chantada a cruz, com as armas e divisa de Vossa Alteza, que lhe primeiro pregaram, armaram altar ao pé dela e ali disse missa o padre Frei Henrique, a qual foi cantada e oficiada por esses já ditos. Ali estiveram conosco a ela obra de cinquenta ou sessenta deles, assentados todos em joelhos, assim como nós: e quando veio ao Evangelho, que nos erguemos todos em pé, com as mãos levantadas, eles se levantaram conosco e alçaram as mãos, estando assim até ser acabada; e então tornaram-se a assentar como nós; e quando levantaram a Deus, que nos pusemos de joelhos, eles se puseram todos, assim como nós estavamos, com mãos levantadas, e em tal maneira assossegados, que certifico a Vossa Alteza, que nos fez muita devoção. E estiveram assim conosco até acabada a comunhão, e depois da comunhão comungaram esses religiosos e sacerdotes, e o Capitão com alguns de nós outros. Alguns, por o sol ser grande, em nós estando comungando, alevantaram-se; os outros estiveram e ficaram. Um deles, homem de cinquenta ou cinquenta e cinco anos, ficou ali com aqueles que ficaram; o qual, em nós assim estando, ajuntava aqueles que ali ficaram e ainda chamara outros. Este andando assim entre eles, falando-lhes, acenou com o dedo para o altar, e depois mostrou o dedo para o ceu, como quem lhes dizia alguma cousa de bem, e nós assim o tomamos. Acabada a missa, tirou o padre a vestimenta de cima e ficando na alva, assim subiu junto ao altar em uma cadeira, e ali nos pregou do Evangelho e dos apostolos, cujo dia hoje é, tratando no fim da pregação deste vosso prosseguimento tão santo e virtuoso que nos causou mais devoção. Esses, que à pregação sempre estiveram, estavam, assim como nós, olhando para ele; e aquele que digo chamava alguns que viessem para ali. Alguns vinham e outros iam-se. Acabada a pregação, trazia Nicolau Coelho muitas cruzes de estanho, que lhe ficaram ainda da outra vinda e houveram por bem, que lançassem a cada um sua ao pescoço, pela qual cousa se assentou o padre Fr. Henrique ao pé da cruz, e aí a um e um lançava a sua, atada em um fio ao pescoço, fazendo-lha primeiro beijar e levantar as mãos. Vinham a isso muitos e lançaram-as todas, que seriam obra de quarenta ou cinquenta, e isto acabado, era já bem uma hora depois do meio-dia. Viemos às naus comer, onde o Capitão trouxe consigo aquele mesmo que fez aos outros aquela mostrança para o altar e para o ceu, e um seu irmão com ele.

ao qual fez muita honra e deu-lhe uma camisa mourisca, e ao outro uma camisa destoutras."

"E, segundo o que a mim e a todos pareceu, esta gente não lhe falece outra cousa para ser toda cristã que entenderem-nos, porque assim tomavam aquilo que nos viam fazer como nós mesmos, por onde pareceu a todos, que nenhuma idolatria nem adoração têm; e bem creio que se Vossa Alteza aqui mandar quem mais entre eles devagar ande, que todos serão tornados ao desejo de Vossa Alteza. E, para isso, se alguem vier, não deixe logo de vir clerigo para os batizar; porque já então terão mais conhecimento da nossa fé pelos dois degradados, que aqui entre eles ficam, os quais ambos hoje tambem comungaram. Entre todos estes, que hoje vieram, não veio mais que uma mulher moça, a qual esteve sempre à missa; à qual deram um pano, com que se cobrisse, e puseram-lho ao redor de si; porém ao sentar não fazia memoria de o muito estender para se cobrir; assim, Senhor, que a inocencia desta gente é tal, que a de Adão não seria mais quanto em vergonha."

"Ora, veja Vossa Alteza, quem em tal inocencia vive, ensinando-lhe o que para a sua salvação pertence, se se converterão ou não. Acabado isto, fomos assim perante eles beijar a cruz, e despedimo-nos e viemos comer."

"Creio, Senhor, que com estes dois degradados, que aqui ficam, ficam mais dois grumetes, que esta noite se sairam desta nau, no esquife, fugidos, os quais não vieram mais; e cremos, que ficarão aqui, porque, de manhã, prazendo a Deus, faremos daqui nossa partida. Esta terra, Senhor, me parece, que da ponta que mais está contra o sul, vimos até outra ponta, que contra o norte vem, de que deste porto houvemos vista, será tamanha, que haverá nela vinte ou vinte e cinco léguas por costa; traz ao longo do mar, em algumas partes, grandes barreiras, delas vermelhas e delas brancas, e a terra por cima toda chã, e muito cheia de grandes arvoredos de ponta em ponta; é toda praia parma, muito chã, e muito formosa; pelo sertão nos pareceu do mar muito grande, porque a estender olhos não podiam ver senão terra e arvoredos, que nos parecia mui longa terra. Nela até agora não podemos saber se haja ouro nem prata, nem nenhuma cousa de metal, nem de ferro, nem lho vimos; porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados, como os dentre Douro e Minho, porque neste tempo de agora assim os achavamos como os de lá: as aguas são muitas, infindas; em tal maneira, é graciosa, que, querendo-a aproveitar, dar-se-á

nela tudo por bem das aguas, que tem; porém, o melhor fruto, que nela se pode fazer, me parece, que será salvar esta gente, e esta deve ser a principal semente, que Vossa Alteza em ela deve lançar; e que aí não houvesse mais que ter aqui esta pousada, para esta navegação de Calecut, bastaria, quanto mais disposição para nela cumprir e fazêr o que Vossa Alteza tanto deseja, a saber: acrescentamento da nossa santa fé. E nesta maneira, Senhor, dou aqui a Vossa Alteza do que nesta vossa terra vi, e se algum pouco alonguei, ela me perdoe, que o desejo que tinha de vos tudo dizer, mo fez assim pôr pelo miudo."

"E pois que, Senhor, é certo, que assim neste carrego, que levo, como em outra qualquer, cousa, que de vosso serviço for, Vossa Alteza há de ser de mim muito bem servido, a ela peço que, por me fazer singular mercê, mande vir da ilha de S. Tomé, Jorge de Soiro, meu genro, o que dela receberei em muita mercê. Beijo as mãos de Vossa Alteza. Deste Porto-Seguro da vossa ilha de Vera Cruz, hoje sexta-feira, 1.º de maio de 1500."

"PERO VAZ DE CAMINHA."

(Documento da Torre do Tombo).

Copiado da Publicação do *"Instituto Histórico e Geografico da Bahia"*.

Carta do bacharel Mestre João a D. Manuel, datada de Porto Seguro em 1 de Maio de 1500

"Señor — O bacherel mestre Johan fisjco e cirurgyano de Vosa Alteza beso vosas rreales manos. Señor porque de todo lo aca pasado largamente escriuieron a vosa alteza asy arias correa como todos los otros solamente escreuira dos puntos Señor ayer segunda feria que fueron 27 de abril desçendimos em terra yo e el, pyloto do capitan moor e el pyloto de Sancho de touar e tomamos el altura del sol al medio dia e fallemos 56 grrados e la sonbrra era septentrional por lo qual segund las reglas del estrolabio jusgamos ser afastados de la equinoçial por 17 grrados, e por consyguiente tener el altura del polo antartico en 17 grados, segund que es magnifiesto en el espera e esto es quanto alo uno, por lo qual sabra vosa alteza que todos los pylotos van adiante de mi en tanto que pero escolar va adiante 150 leguas e otros mas e otros menos: pero quien dise la verdad non se puede çertyficar fasta que en boa ora allegemos al cabo de boa esperança e ally sabremos quien va mas çierto ellos con la carta, o yo con la carta e con el estrolabio: quanto Señor al sytyo desta terra mande vosa alteza traer um napamundi que tyene pero vaaz bisagudo e por ay podrra ver vosa alteza el sytyo desta terra, en pero aquel napamundi non certyfica esta terra ser habytada, o no: es napamundi antiguo e ally fallara vosa alteza escrita tan byen la mina: ayer casy entendimos per aseños que esta era ysla e que eran quatro e que de otra ysla vyenen aqui almadias a pelear con ellos e los lleuan catiuos: quanto Señor al otro puncto sabrra vosa alteza, que çerca de las estrellas yo he trabajado algo de lo que he podido pero non mucha a cabsa de una pyerna que tengo mui mala que de una cosadura se me ha fecho uma chaga mayor que la palma de la mano, e tan byen a cabsa de este navio ser mucho pequeno e mui cargado que non ay lugar pera cosa ninguna solamente mando a vosa alteza como estan situadas las estrellas del, pero en que grrado esta cada una non lo he podido saber, antes me paresçe ser inposible en la mar tomarse altura de ninguna estrella porque yo trabaje mucho en eso e por poco que el nauio enbalançe se yerran quatro, o çinco grrados, de guisa que se non puede fazer synon en terra, e otro tanto casy digo de las tablas de la India que se non

pueden tomar con ellas sy non con mui mucho trabajo, que si vosa alteza supyese como desconçertauan todos en las pulgadas reyrya dello mas que del estrolabio porque desde lisboa ate as canarias unos de otros desconçertauan en muchas pulgadas que unos desian mas que otros tres e quatro pulgadas, e otro tanto desde las canarias ate as yslas de cabo verde, e esto rresguardando todos que el tomar fuese a una misma ora, de guisa que mas jusgauan quantas pulgadas eran por la quantydad del camino que les paresçia que avyan andado que non el camino por las pulgadas: tornando Señor al proposito estas guardas nunca se esconden antes syenpre andan en derredor sobre el orizonte, e aun esto dudoso que non se qual de aquellas dos mas baxas sea el polo antartyco, e estas estrellas principalmente las de la crus son grrandes casy como las del carro, e la estrella del polo antartyco, o sul es pequena como la del norte e muy clara, e la estrella que esta en rriba de toda la crus es mucho pequena: non quiero mas alargar por non ynportunar a vosa alteza, saluo que quedo rrogando a noso Señor ihesu christo la vyda e estado de vosa alteza acresçiente como vosa alteza desea. Fecha en uera crus a primeiro de maio de 500. pera la mar mejor es regyrse por el altura del sol que non por ninguna estrella e mejor con estrolabio que non con quadrante nin con otro ningud estrumento. do criado de vosa alteza e voso leal servidor."

JOHANNES.
artium et medicine bachalarius.

Copiado da *"Revista do Instituto Histórico e Geografico Brasileiro"*, volume 5, ano 1885, pags. 364 a 366.

(Documento da Torre do Tombo).

RELAÇÃO DO PILOTO ANONIMO.

Em 1812, a Academia das Ciencias de Lisboa publicou na *"Coleção de Noticias para a Historia e Geographia das Nações Ultramarinas"*, a descrição da viagem de Pedro Alvares Cabral ao Brasil e á India, segundo tradução feita da obra de Giovanni B. Ramusio intitulada *"Navigationi e Viaggi"*, estampada em Veneza em 1550.

Louvando-se em Ramusio, afirmou a Academia das Ciencias de Lisboa que a narração de tal viagem era obra de um piloto anonimo português, de modo que resultou ser ela denominada *"Relação do Piloto Anonimo"*. Hoje em dia está provado, como já demonstramos na Quarte Parte, Capitulo I, numero VI deste livro, que a descrição dessa viagem de Cabral é da autoria do nuncio de Veneza em Lisboa, Giovanni Matteo Cretico, mas a linguagem dessa narração faz supor que teve como base, pelo menos, um documento português. O trabalho de Cretico foi publicado pela primeira vez em Vicencia, Italia, em 1507, na coletanea de Fracanzano de Montalboddo — *"Paesi Novamente Retrovati e Novo Mondo de Alberico Vesputio florentino intitulato"*.

A referida tradução feita pela Academia das Ciencias de Lisboa, contem varios erros, porque, como já dissemos, foi ela feita da obra de Ramusio, quando devia ter sido da de Montalboddo. Ramusio, além de ter por sua propria conta inserto notas no texto, não recorreu ao trabalho de Montalboddo, mas, ao que parece, á tradução latina feita em Milão em 1508 e publicada sob o titulo *"Itinerarium Portugalense"*, ou o *"Novus Orbis"* de Grineo, também em latim, estampado em Paris em 1532. Desse modo ficam justificados os erros que se notam na tradução feita em 1812, pela Academia das Ciencias de Lisboa.

A titulo de exemplo, citamos um erro da tradução feita pela Academia, que altera completamente o sentido da frase. No capitulo LXV da coletanea de Montalboddo descrevendo a viagem de Cabral ao Brasil, existe esta frase: — "alcuno di nostri andorno ala terra donde questi homini sonno che era tre miglia discosto dal mare e baratorno papagalli e una radice chiamata

igname che e el pane loro che manzano li arabi." A tradução feita pela Academia recorrendo ao que escreveu Ramusio, é a seguinte: "Alguns dos nossos caminharam até uma povoação onde eles habitam, cousa de tres milhas distante do mar, e trouxeram de lá papagaios, e uma raiz chamada inhame, que é o pão, de que ali uzam, e *algum arroz*". Como se vê do texto original não existe nenhuma referencia ao *arroz*, como aliás já foi isso observado em nosso meio, pelo professor dr. Otoniel Mota no seu interessante livro: "*Do Rancho ao Palacio*".

Tendo-nos oferecido o erudito historiador de Chicago, professor Dr. William B. Greenlee, como já declaramos noutra parte deste livro, um exemplar fac-simile da segunda edição feita em Milão em 1508 da coletanea de Montalboddo — "*Paesi Novamente Retrovati*" etc., resolvemos traduzir desse livro para o português a descrição da viagem de Cabral ao Brasil e á India, que, como já foi dito, é conhecida por "*Relação do Piloto Anonimo*".

E', portanto, a primeira vez que a narração de tal viagem é traduzida para a lingua portuguesa, recorrendo-se ao texto original italiano. A nossa tradução que foi feita quanto possivel ao pé da letra, sacrificando-se mesmo a forma literaria pelo amor á fidelidade ao texto original, é a seguinte:

LIVRO SEGUNDO

CAPITULO LXIII — ONDE EM PESSOA O REI MANUEL CONSIGNOU O ESTANDARTE REAL AO CAPITÃO

No ano de MCCCCC mandou o serenissimo Rei de Portugal por nome chamado Dom Manuel, uma armada sua composta de naus e navios a qual tinha por capitão geral Pedro Aliares Cabrile (Pedro Alvares Cabral), fidalgo. Estas naus e navios partiram bem aprestados e providos de tudo o de que precisassem por ano e meio. Dessas XII naus ordenou que X descarregassem em Calicut e que as outras duas fossem à Arabia, ficando estabelecido que fossem a um logar chamado Zaffalle (Sofala) porque queriam contratar mercadorias no dito logar; e aquele logar de Sofala acha-se estar no caminho de Calicut. E assim as outras X naus levassem mercadorias que para a dita viagem lhes fosse necessario.

E aos VIII do mês de Março do dito milesimo ficaram prontas e naquele dia de domingo sairam fora desta cidade duas milhas distante para um logar chamado Rastello, onde ha uma igreja chamada Santa Maria de Baller (Belém), no qual logar o Serenissimo Rei foi ele mesmo em pessoa consignar ao Capitão o estandarte real para a dita armada.

Item. Na segunda-feira que foi IX dias de Março partiu a dita armada para a sua viagem, com bom tempo.

Item. Aos XIV do dito mês passou a dita armada pela ilha das Canarias.

Item. Aos XXII passou pela ilha de Cabo Verde.

Item. Aos XXIII desgarrou uma nau da dita armada de modo que d'esta nunca se soube noticia até o presente, nem se pode saber.

CAPITULO LXIIII — COMO DISCORRIAM AS NAUS COM A TEMPESTADE

Aos XXIIII de Abril que foi a quarta-feira da oitava da Pascoa, teve a dita armada vista de uma terra, com o que houve grande prazer. E chegaram a terra para ver que terra era, a qual terra acharam muito abundante de arvores e gente que por ali andava pela praia do mar. E lançaram ancora na foz de um pequeno rio. E depois de lançadas ditas ancoras o Capitão mandou arriar um batel ao mar no qual mandou ver que gente era aquela. E acharam que era gente de cor parda, entre o branco e o preto, bem disposta, com os cabelos corredios. Andam nus, como nasceram, sem vergonha alguma. E cada um deles trazia seu arco com flechas, como homens que estavam em defesa do dito rio. Na dita armada não havia ninguem que entendesse sua lingua e, visto isso, os do batel voltaram ao Capitão. E nesse instante se fez noite, na qual noite houve grande tempestade. Item. O dia seguinte pela manhã levantamos ancora com grande tempestade e andamos discorrendo a costa para o Norte, para vermos si encontravamos algum porto onde ficasse dita armada. O vento era sueste. Finalmente acharam um porto onde lançaram ancora no qual encontraram daqueles nativos que andavam nos seus barquinhos pescando. E um dos nossos bateis foi onde estes tais homens estavam e aprisionaram dois deles e trouxeram ao Capitão para saber que gente eram. E, como foi dito, não se entendiam por fala e menos

por acenos. E naquela noite o Capitão os reteve consigo. No dia seguinte os mandou vestir com uma camisa, uma roupa e um barrete vermelho. E por aquele vestir, ficaram muito contentes e maravilhados das cousas que lhes foram mostradas. Depois daquilo mandou deital-os à terra.

CAPITULO LXV — RAIZ DE QUE FAZEM PÃO, SEUS OUTROS COSTUMES

Item. Naquele mesmo dia que era a oitava da pascoa, a XXVI de Abril, determinou o Capitão-mor ouvir missa e mandou armar uma tenda naquele espaço, onde mandou armar um altar e todos aqueles da dita armada foram ouvir missa e pregação, onde se ajuntaram muitos homens daqueles bailando e cantando com seus cornos. E logo que foi dita a missa, todos partiram para as suas naus, e aqueles homens da terra entravam no mar até debaixo dos braços cantando e fazendo-lhes prazer e festa. E depois de ter o Capitão jantado, tornou a terra a gente da dita armada, tomando recreio e prazer com aqueles homens da terra. E começaram a negociar com os da armada e davam de seus arcos e flechas por guizos e folhas de papel e pedaços de pano. Estiveram todo aquele dia tendo prazer com eles. Achamos neste logar um rio de agua doce e de tarde voltamos às naus.

Item. No outro dia determinou o Capitão-mor tomar agua e lenha e todos aqueles da dita armada foram à terra e aqueles homens daquele logar vinham ajudar a tomar agua e lenha. Alguns dos nossos foram à terra donde estes homens são, que era três milhas afastada do mar e trocaram papagaios e uma raiz chamada inhame (a) que é o pão deles que comem os arabes. Aqueles da armada lhes davam guizos e folhas de papel em pagamento das ditas cousas, no qual logar estivemos V ou antes VI dias. O costume desta gente: eles são homens pardos e vão nus sem vergonha e os cabelos deles são longos e tra-

---

(a) Os selvagens (da tribu dos Tupinambás) que habitavam o litoral do Brasil onde Cabral aportou em 1500, não faziam uso do inhame. Trata-se da raiz da mandioca mansa ou doce (Manihot palmata, Muell. Arg.), tambem chamada aipim, que uma vez bem cosida, é bom e saboroso alimento. A mandioca brava ou amarga (Manihot utilissima, Pohl.), por ser venenosa, só é empregada no fabrico da farinha. O veneno (acido cianidrico) que está no suco, é em parte retirado da mandioca ralada por meio de prensa e o resto é destruido pelo calor ao ser a farinha torrada.

zem a barba pelada. As palpebras dos olhos e os sôbre-cilios eram pintados com figuras de cores branca, preta, azul e vermelha. Trazem os labios da boca, isto é, o de baixo furado e nos buracos põem um osso grande como prego e outros trazem ai uma pedra azul ou verde e comprida, que pendem dos ditos buracos. Mulheres e semelhantes vão sem vergonha e são belas mulheres de corpo; os cabelos longos. Suas casas são de pau cobertas de folhas e ramos de arvores com muitos esteios de pau. No meio das ditas casas e dos ditos esteios, põem à parede uma rede de algodão pendurada, na qual fica um homem e entre uma rede e outra fazem fogo, de modo que em uma só casa estão XL e L leitos armados a moda de teares.

CAPITULO LXVI — PAPAGAIOS NA TERRA RECENTEMENTE DESCOBERTA

Naquela terra não vimos ferro nem também outros metais. Cortam a madeira com pedra. Ha muitas aves de varias especies, passaros mui bonitos, especialmente papagaios de muitas cores, entre os quais existem grandes como galinha. Das penas das ditas aves fazem chapeus e barretes que eles usam. A terra é muito abundante de arvores e tem agua da melhor, inhames e algodão (b). Nestes logares não vimos nenhum animal. A terra é grande e não sabemos se é ilha ou terra firme. Antes, acreditamos que pela sua grandeza seja terra firme. Tem muito bom ar e estes homens têm redes e são grandes pescadores, de modo que entre eles vimos um peixe grande que apanharam que era como um tonel e mais comprido e redondo. Tinha a cabeça como porco e os olhos pequenos. Não tinha dentes e tinha orelhas longas como um braço e larga meio braço. De baixo do corpo tinha dois furos. A cauda era comprida um braço e outro tanto larga. Não tinha pés em nenhum logar. Tinha pele como porco. O couro era grosso um dedo e sua carne era branca e gorda como a de porco.

Item. Nestes dias que ai estivemos, determinou o Capitão fazer saber ao nosso Serenissimo Rei o encontro desta terra e deixar nela dois homens bandidos e condenados à morte que

---

(b) O algodoeiro encontrado no Brasil quando do seu descobrimento era o **arboreo (Gossypium arboreum, Linn.)**, ainda hoje em dia cultivado nos Estados do Norte onde atinge de 5 a 7 metros de altura e dura de 8 a 10 anos.

tinhamos na dita armada para tal efeito. E logo o dito Capitão despachou um navio que eles tinham com mantimentos, isto além das XII naus sobreditas, o qual navio levou cartas ao Rei nas quais se continha quanto haviam visto e descoberto. E despachado o dito navio, o Capitão foi à terra e mandou fazer uma cruz muito grande de madeira e mandou chantar no solo e como foi dito, deixou dois homens bandidos no dito logar, os quais começaram a chorar e os homens daquela terra os confortavam e mostravam ter deles piedade.

CAPITULO LXVII — TEMPESTADE TÃO GRANDE QUE IIII NAUS SE PERDERAM

Item. No outro dia que foi II de Maio do dito ano a armada fez-se de vela pelo caminho para fazer a volta do cabo da Boa Esperança, o qual caminho seria no golfo de mar, mais de MCC leguas, que é IIII milhas por legua. E aos XII dias do dito mês andando por nosso caminho nos apareceu um cometa em direção à Arabia com uma cauda muito comprida o qual apareceu de continuo VIII ou melhor X noites.

Item. Um domingo que era XXIV dias do dito mês de Maio, indo toda a armada junta com bom vento e com as velas em meia arvore sem moneta, por causa de uma chuva que tivemos o dia anterior, e assim andando veio um vento tão forte pela frente e tão depressa que não vimos a não ser quando as velas ficaram atravessadas nos mastros. E naquele instante perdemos quatro naus com toda a gente sem poder dar a ela socorro algum. As outras VII que escaparam estiveram também quasi por perder-se. E assim tomamos o vento em popa com os mastros e velas rotas, implorando a Deus misericordioso e desse modo andamos todo aquele dia. O mar cresceu de tal modo que parecia que fossemos ao ceu. O vento de repente mudou, mas ainda era tanta a tempestade que não tinhamos vontade de dar vela ao vento. E, andando assim com esta tempestade sem vela, perdemos de vista uma das outras, de modo que a nau do Capitão com duas outras, tomaram outro caminho, e uma outra nau chamada "*O Rei*" com duas outras tomaram um outro (caminho), e outra também só, por outro caminho, e assim passamos esta tempestade, XX dias sem dar ao vento uma vela.

CAPITULO LXVIII — SOFALA MINA DE OURO.

Item. A XVI de Junho tivemos vista de terra da Arabia e deitamos ancora junto dessa terra e apanhamos bastantes peixes e ninguem desceu a terra. Esta terra é muito povoada e nela vimos muita seda. Então levantamos ancora e andamos de longo da terra com bom tempo e vimos grandes rios, muitos animais, de modo que tudo era-habitado. Item. Avançamos tanto que chegamos a Sofala, que é uma mina de ouro. Encontramos gente em duas ilhas e vimos duas naus de mouros que vinham desta mina de ouro e iam para Melinde. Quando os das duas naus avistaram as nossas, começaram a fugir, indo dar em terra. Jogaram-se todos ao mar para atingir a terra e jogaram o que tinham no mar para que nós não lhes tomassemos. O nosso Capitão mandou ver primeiro e sendo já capturadas por nós as ditas duas naus, começou a lhe perguntar de que logar era. Ele respondeu que era mouro, primo do rei de Melinde, e que as naus eram suas e que vinham de Sofala com aquele ouro, e que levava consigo sua mulher, e que querendo fugir para terra se tinha afogado e seguramente um seu filho. O Capitão da nossa armada quando soube que era primo do rei de Melinde, o qual rei temos por muito nosso grande amigo, lhe pediu muitas desculpas, prestou-lhe muita honra, e mandou-lhe entregar suas naus com todo ouro que lhe havia tomado. O capitão mouro perguntou ao nosso Capitão se tinha consigo algum encantador que tirasse aquele ouro que tinha jogado ao mar. O nosso Capitão lhe respondeu que nós eramos cristãos, que entre nós não se costumava tal cousa. Então perguntou o nosso Capitão das cousas de Sofala que ainda não eram conhecidas senão por fama. O qual mouro lhe noticiou que Sofala era uma mina de muito ouro, e que um rei mouro a possuia, o qual rei mouro está em uma ilha que se chama Chilloa (Quilôa), a qual estava no caminho por onde haviamos de passar, e que Sofala ficava atrás. O Capitão fêl-o partir e seguimos o nosso caminho.

Item. A XX do mês de Julho chegamos a uma ilha pequena que é do mesmo rei de Sofala, Mozonbige (Moçambique). Ela tem uma pequena população com mercadores ricos. Nesta ilha tomamos refrescos e um piloto para que nos levasse a Quilôa. Esta ilha é muito bom porto e está perto de terra firme. Daqui partimos para Quilôa ao longo da costa onde encontramos muitas ilhas povoadas, que são deste proprio rei.

Item. Chegamos a Quolôa a XXVI dias do dito mês no qual logar reunimos seis velas. A outra jamais se encontrou. Esta ilha é pequena, perto de terra firme, é uma bela terra. As casas são altas como as de Espanha. Nesta terra existem ricos mercadores e eles têm muito ouro, prata, ambar, almiscar e perolas. Os da terra vão vestidos de tecido de algodão fino e de seda, e de cousas muito finas. São homens negros.

CAPITULO LXIX — COMO O CAPITÃO RECEBEU O SALVO-CONDUTO, E CONVERSOU COM O REI

Logo que aqui chegamos, mandou o Capitão pedir um salvo conduto ao rei, o qual sem demora lh'o mandou dar. O Capitão depois de ter o salvo conduto, mandou á terra Afonso Furtado com VII ou VIII homens bem vestidos, como embaixada, com a qual lhe mandou dizer que estas naus eram do rei de Portugal, e que iam ali para negociar com ele, e que tinham muitas mercadorias de varias qualidades. E mais, lhe mandou dizer que tinha prazer de encontrar-se com ele. O dito rei lhe respondeu que estava muito contente, e que no dia seguinte se avistaria com o Capitão, querendo este descer a terra. Afonso Furtado lhe respondeu que o Capitão tinha recomendação do seu rei de não descer a terra, e concordando ele que falariam nos bateis. E assim ficaram de acordo para outro dia. E no outro dia o Capitão se pôs em ordem com toda a sua gente, naus, bateis com todas as bandeiras fora e seus arautos: a artilharia em ordem. O rei da dita terra mandou também por em ordem suas almadias, isto é, bateis com muita festa e sons à moda deles. O Capitão com as suas trombetas e pifaros. Avistaram um ao outro e aproximando-se um do outro, as bombardas das naus foram prestes com seus fogos e dispararam, pelo qual disparar foi o barulho tão grande que o dito rei ficou com toda a sua gente estupefato e assustado. E depois estiveram falando bastante e logo terminada a conversa, pediram licença um ao outro. O Capitão se retirou à nau. No outro dia tornou a mandar Afonso Furtado a terra para começar a negociar, o qual encontrou o Rei muito fora do proposito em que antes tinha estado com o Capitão, escusando-se que não tinham necessidade das nossas mercadorias e parecia ao dito rei que nós seriamos corsarios. E assim com isto voltou Afonso Furtado ao Capitão e assim ficamos II ou III dias, sem que por bem pudessemos fazer nada. Du-

rante o tempo que nós estivemos ali, não fizeram outra cousa que mandar gente da terra firme á ilha, desconfiandos que nós lhes tomassemos por força a dita ilha. E quando o Capitão viu isso, determinou partir e mandou que se fizesse vela pelo caminho de Melinde e encontraram de longo da costa muitas ilhas povoadas de mouros, onde está uma outra cidade que se chama Mõbaza (Mombaça), rei mouro.

Item. Todas estas costas da Arabia são povoadas de mouros e a ilha está entre a terra e dizem eles que são cristãos e que a eles fazem muita guerra. Isto nós não vimos.

CAPITULO LXX — COMO FORAM APRESENTADOS O PRESENTE E A CARTA DO REI DE PORTUGAL, AO REI DE MELINDE.

Item. Chegamos a Melinde a dois dias do mês de Agosto do dito milesimo, no qual logar estavam surtas III naus de Cõbaja (Combaia) e estas naus cada uma faria de capacidade duzentos toneis (c). Os cascos são bem feitos e de boa madeira, amarrados com cordas, pois não têm pregos, e untados com uma mistura que tem muito incenso. Não tem castelos, senão na popa. Estas naus vinham negociar da parte da India. E como ali chegamos, o rei mandou-nos visitar com muitos carneiros, galinhas, gansos, limões, laranjas, as melhores que existem no mundo. Nas nossas naus tinhamos alguns homens doentes da boca (d) e aquelas laranjas os puseram sãos. Logo que tivemos deitado ancora em frente à terra, o Capitão mandou dar fogo a todos as bombardas e embandeirou as naus e mandou à terra dois feitores ao rei, um dos quais sabia falar mouro, isto é, arabico, a indagar como estava o rei e faze-lhe saber para que vinham, e que no outro dia mandaria sua embaixada com a carta que o rei de Portugal lhe mandava. O rei teve grande prazer da nossa chegada. A pedido do rei, aquele feitor que sabia falar arabico ficou em terra. O dia seguinte mandou o rei à nau dois mou-

---

(c) A capacidade de carga de um navio era considerada de acordo com o numero de toneis que ele podia carregar. O espaço ocupado a bordo por um tonel era denominado tonelada. O tonel português correspondia a um e meio metro cubico.

(d) Trata-se do escorbuto, molestia muito comum na epoca dos descobrimentos maritimos, porque os alimentos da maruja eram pobres em vitamina C.

ros muito honrados, os quais sabiam falar arabico, a visitar o Capitão. Mandou-lhe dizer que tinha grande prazer da sua chegada, e solicitou que ordenasse tudo aquilo de que tivesse necessidade, como faria no seu país, em Portugal, pois ele e todo o seu reino estavam às ordens do rei de Portugal. E logo o Capitão ordenou mandar à terra a carta e o presente que o rei de Portugal lhe mandava. O presente era este, isto é: uma rica sela; um par de cabeçadas de esmalte para um cavalo; um par de estribos e suas esporas, tudo de prata esmaltada e dourada; um peitoral da mesma qualidade para a dita sela com as correias e guarnições carmesim, muito rico; um cabresto trabalhado de fio de ouro para o dito cavalo; duas almofadas de brocado e outras duas de veludo carmesim; um tapete fino; um pano de Arrás e duas peças de pano escarlate (o qual presente valia em Portugal mais de M ducados) e também uma peça de setim carmesim e uma peça de tafetá vermelho. Tiveram por conselho que Aires Correa, que era feitor-mor, levasse este presente, o qual Aires Correa foi à terra com a carta e dito presente e iam com ele muitos homens dos principais e trombetas. E, finalmente, o dito rei mandou todos os seus principais receber o dito feitor. A casa do dito rei estava na praia do porto. Antes que chegassem à casa do rei, vieram ao encontro muitas mulheres com vasos cheios de fogo e neles punham tantos perfumes que espalhavam os odores por toda a terra. E assim entraram na casa do dito rei que estava sentado em um trono e muitos mouros dos principais com ele. O rei teve grande prazer e lhe deram o presente e a carta escrita, de um lado em arabico e do outro lado em português. O rei leu a dita carta, falou com os ditos mouros e tiveram grande prazer entre eles e todos juntamente deram um grito no meio da sala rendendo graças a Deus por terem por amigo tão grande rei e senhor, como o rei de Portugal. Imediatamente mandou trazer armas e peças de seda e mandou dar àqueles que tinham levado o presente e disse a Aires Correa que pedia que ficasse em terra enquanto as naus não partiam, porque tinha muito prazer em conversar com ele. Aires Correa respondeu que não podia fazer (o que pedia) sem licença do Capitão mor. O rei mandou um seu cunhado com um anel seu, pedir ao Capitão que deixasse ficar Aires Correa e que mandasse buscar na terra todas as cousas que tivesse necessidade e agua. O Capitão ficou com isso contente. Logo o rei mandou dar a Aires Correa alojamento muito honroso, mandando dar-lhe tudo aquilo que lhe fosse necessario, isto é, carneiro, galinha,

arroz, leite, manteiga, tamaras, mel e frutas de todas as qualidades, salvo pão que eles não comem. E assim esteve o dito Aires Correa III dias em terra falando o rei a todo o momento com ele das cousas do rei nosso senhor e das cousas de Portugal, dizendo-lhe que muito prazer teria em avistar-se com o Capitão. Aires Correa lhe disse que o Capitão não tinha permissão de desembarcar em terra, mas que podiam avistar-se nos bateis, como fez o rei de Quilôa. O dito rei isso recusava e Aires Correa tanto fez, que lhe pôs na cabeça. Logo mandou (o rei) dizer ao Capitão, o qual se pôs em perfeita ordem com seus bateis, deixando as naus em bom recado. O batel em que ia com seu toldo, tinha gente armada por de baixo e por cima uma roupa escarlate de fino tecido. O rei mandou preparar dois bateis semelhantes com seus toldos e assim mandou arrear um cavalo à moda de Portugal. Os seus não sabiam fazer isso, tanto que os nossos tiveram que o arrear, o qual rei desceu por uma escada e ao pé da escada o estava esperando toda a gente mais rica e honrada. Tinham eles um carneiro, e montando o rei a cavalo, mataram o dito carneiro e passou o rei a cavalo por cima do dito carneiro e toda a gente gritou muito forte com voz muito alta. E isto faziam por cerimonia e encantamento, e assim se fez em Zambochob (Zanzibar). Então teve uma conversa com o Capitão e no fim lhe disse (o Capitão) que queria partir, porém tinha necessidade de um piloto que o conduzisse a Chalichut (Calicut). O rei lhe disse que lho mandaria dar e assim se despediram. E uma vez em terra, o dito rei mandou logo Aires Correa às naus, com muita carne e frutas para o Capitão e ainda lhe mandou um piloto Gusarate daquelas naus de Chombaia (Cambaia) que estavam no porto. O Capitão deixou assim dois homens bandidos de Portugal para que ficassem em Melinde, isto é, um deles, e outro para ir com a nau a Cambaia. Outro dia que foram VII dias de Agostô, partiram e começaram a atravessar o golfo para Calicut.

LIVRO TERCEIRO

CAPITULO LXXI — DO MAR VERMELHO E PERSICO E A ILHA DE AGRADIDA (ANCHEDIVA)

Item. Deixamos nesta travessia por toda a costa de Melinde, uma cidade de mouros que se chama Magadasio (Maga-

daxo), muito rica e bela. Mais adiante desta, ha uma grande ilha com uma outra cidade muito bonita e cercada de muro. E' ilha com uma ponte em terra, e se chama Zognotorre (Socotora). Andando mais além pela costa, existe a boca do estreito de Meca que tem de largura uma legua e meia, isto é, o dito estreito. E lá dentro estava o Mar Vermelho e assim a casa de Meca e de Santa Catarina do Monte Sinay. Dai levam especiarias e pedras preciosas ao Cairo e Alexandria por um deserto em dromedarios que são camelos capadi (e). Deste mar ha cousas muito grandes para contar. Passando a boca do estreito, do outro lado está o mar da Persia, no qual existem grandes provincias e muitos reinos, pelos quais vão ao Grão Sultão e Babilonia. No meio deste mar Persico, está uma ilha pequena que se chama Gulfai, na qual existem muitas perolas. Na boca deste mar Persico ha uma grande ilha que se chama Agremus (Ormuz), na qual mora o rei, que é senhor de Gulfal. Nesta Ormuz existem muitos cavalos com os quais vão por toda a India a vende-los: valem grandes preços. Em toda esta terra ha grande trafego de naus e passando este mar da Persia, existe uma provincia que se chama Combaia (Cambaia), na qual ha um rei que é grande e poderoso. Esta terra é a mais frutifera e fertil do mundo. Ha nela trigo, biava (f), arroz, cera, açucar e aqui nasce o incenso e existem muitos tecidos de seda e algodão. Existem muitos cavalos e elefantes. O rei foi idolatra e ha pouco foi coroado um mouro, por causa dos poderosos mouros que neste reino existem. Assim entre eles ainda ha muitos idolatras. Entre esta gente ha grandes mercadores, os quais de um lado negoceiam com a Arabia e e de outro com a India, e isso começa onde eles estão. Desse modo vão para esta costa até o reino de Calicut, na qual costa existem grandes provincias e reinos de mouros e de idolatras. Tudo isto que está neste capitulo, não foi visto por nós.

Item. Chegamos à vista da India a XXII de Agosto, a qual era uma terra no reino de Goga e quando chegamos, fomos de longo até que atingimos uma pequena ilha que se chama Anchediva, a qual é de um mouro. Tem no meio um grande lago de agua doce, é desabitada, dista da terra firme duas milhas e foi habitada por gentios. Por isso os mouros de Meca fazem por ela o seu caminho para irem a Calicut, e assim procedem

---

(e) **Capadi.** Não nos foi possivel traduzir para o portugues esta palavra que não foi encontrada nos melhores dicionarios italianos.

(f) Biava. Idem, idem.

por necessidade de agua e lenha. E, tanto que ai chegamos, lançamos ancora ao mar, descemos a terra e estivemos tomando agua e lenha, bem XV dias, olhando se vinham as naus de Meca as quais queriamos aprisionar, se nos fosse possivel. A gente dessa terra vinha também conversar conosco e nos dizia muitas cousas. O nosso Capitão lhe mandou prestar muita honra. Nesta ilha está uma *armata* (g) pequena, na qual naqueles dias que ali estivemos, foi dita muita missa pelos padres, os quais estavam com o feitor de Calicut, e assim nós todos confessamos e comungamos. Tomada a dita agua e lenha, e visto que as naus dos ditos mouros de Meca não vinham, partimos para Calicut que dista LXX leguas desta ilha.

CAPITULO LXXII — COMO O CAPITÃO FOI AO REI DE CALICUT

Item. Chegamos a Calicut aos XIII dias de Setembro do dito ano. A uma legua da cidade saiu uma frota de bateis a receber-nos, na qual vinha o governador da dita cidade e um mercador de Gusarate muito rico e os principais residentes nesta cidade de Calicut, os quais entraram na nau do Capitão dizendo que o rei tinha grande prazer de nossa chegada. E assim, em frente à cidade deitamos nossas ancoras ao mar e a nossa artilharia começou a disparar fortemente, de modo que os hindus se maravilharam grandemente, dizendo que contra nós ninguem tinha poder senão Deus. E assim estivemos aquela noite. No dia seguinte, pela manhã, determinou o Capitão mandar a terra os hindus que de Portugal traziamos nas nossas naus, os quais eram cinco, isto é, um mouro cristão que entre nós se encontrava e quatro gentios pescadores, os quais falavam todos muito bem o português. O dito capitão os mandou a terra muito bem vestidos para que falassem com o rei e que lhe dissessem a que vinham, e que lhe mandasse dar um salvo-conduto para poder descer a terra, o que fizeram. O mouro falou com o rei, porque os outros que são pescadores não se atreviam a se aproximar do rei, não o podem ver porque o rei tem isso por costume pela sua posição e magnanimidade, como mais adiante se dirá. O rei mandou expedir o dito salvo-conduto, e cada um de nós, que quisesse,

---

(g) Armata. Deve ser erro tipografico, porque em italiano tal palavra não é empregada no sentido de templo, igreja ou cousa semelhante. Parece-nos que a melhor tradução é ermida.

descesse a terra. Visto isto, o Capitão mandou logo Afonso Furtado com um interprete que sabia falar arabico, o qual tinha que dizer ao rei, que estas naus eram do rei de Portugal, o qual as mandava àquela cidade para assentar o tratado de comercio e de boa paz com eles. Para isso era necessario que o Capitão descesse a terra, o qual tinha recomendação do nosso rei de Portugal para não descer em nenhum país sem ter outras pessoas por penhor da sua, e que Sua Alteza do dito reino de Calicut lhe mandasse à dita nau, aqueles homens da cidade que o dito Afonso Furtado tinha na memoria. O dito rei, ouvida a dita embaixada, recusou bastante, dizendo que aqueles homens que ele pedia, eram muito velhos e antigos, os quais não podiam entrar no mar: que lhe daria outros. Afonso Furtado lhe disse que não tinha licença de aceitar senão aqueles que lhe pedia, porquanto eram postos em lembrança ao Capitão pelo seu rei de Portugal. O rei se maravilhou bastante disto e esteve nesta duvida II ou III dias. Finalmente o rei teve por bem manda-los e logo foi dito ao Capitão, o qual se pôs em ponto para descer a terra e ficar II ou III dias. Levava consigo XX ou XXX homens dos mais honrados e bem em ordem com seus oficiais, como a serviço de um principe convinha. Levava toda a prataria que existia nas naus e deixou por capitão-mor o seu imediato, Sancho de Tovar, ao qual deu o encargo de prestar honras àqueles homens da terra que dados eram em penhor do Capitão. No dia seguinte o rei foi a uma casa que tinha junto à marinha para receber o Capitão e lhe mandou os ditos homens da terra às naus, os quais eram V homens muito honrados que levavam consigo o numero de cem homens de espada e adarga, com os quais iam XV a XX tambores. O Capitão partiu da nau com os seus bateis, o qual tinha já mandado à terra tudo que lhe era necessario. Embarcando o Capitão, chegaram os ditos cinco homens da cidade, os quais não queriam entrar na nau, enquanto o Capitão não descesse a terra. Com isso estiveram a questionar um grande pedaço. Daí Aires Correa se pôs em um seu sambuco (d), isto é, batel e fez tanto que eles entraram na nau, estando já o Capitão em terra. E quando o Capitão desceu a terra, vieram recebe-lo muitos gentis homens, os quais o carregaram nos braços e todos aqueles que vieram com ele, e deste modo não puseram os pés em terra enquanto não chegaram onde o rei estava.

(d) Sambuco, palavra portuguesa que significa pequena embarcação costeira da India.

CAPITULO LXXIII — HABITO DO REI DE CALICUT EM SUA RESIDENCIA.

Item. O rei estava em ùma casa alta, sentado sob um dossel com XX almofadas e no soalho tapete de Arrás. A coberta do dossel era de tecido de seda que parecia com a purpura. Estava nu da cintura para cima e para baixo, e assim tinha envolvendo-o um pano de algodão muito branco e fino, lavrado de ouro, que dava muitas voltas em torno dele. Tinha na cabeça um barrete de brocado feito como um capacete comprido e muito alto. Tinha as orelhas furadas, nas quais trazia grandes peças de ouro com rubís de grande preço e assim diamantes, duas perolas muito grandes, uma redonda e outra como pera, maior que uma grande avelã. Tinha nos braços braceletes de ouro dos cotovelos para cima, cheios de ricas pedras preciosas, como joias e perolas de grande valor. Tinha nas pernas grande riqueza e num dedo do pé tinha um anel em que estava um rubí carbunculo de grande brilho e preço. Também nos dedos das mãos muitos aneis cheios de joias como rubís, esmeraldas e diamantes, entre os quais existia um do tamanho de uma fava grande. Tinha dois cintos de ouro cheios de rubís sobre o pano, de modo que não ha preço para as riquezas que trazia sobre si. Tinha junto de si uma cadeira grande de prata, a qual tinha os braços e o encosto de ouro cheios de pedrarias, isto é, joias. Tinha em casa um andor que dois homens carregam e no qual veio da sua grande casa onde costumava estar continuamente. O andor era rico em extremo. E tinha enfim XV ou XX trombetas de prata e III de ouro. Uma destas era do tamanho e peso que precisavam dois homens para carrega-la. Os bocais destas III eram cheios de rubís. Tinham consigo quatro vasos de prata, muitos jarros dourados, grandes candelabros de latão e outros cheios de oleo e de pavios, os quais estavam acesos pela casa, o que não era necessario; eles tinham por luxo. Estava seu pai a V ou VI passos em pé e assim dois irmãos seus, do mesmo modo com grande riqueza sobre si. E assim estavam outros gentis-homens honrados, os quais estavam mais afastados e tinham sobre si grande riqueza do mesmo modo que o rei. E quando o Capitão entrou, quis ir ao rei para beijar-lhe a mão. Acenaram-lhe que se detivesse, porque não era costume entre eles que alguem se aproximasse do rei. Ele ficou onde estava. O rei o fez sentar para prestar-lhe honra. E começou ele a dar a sua em-

baixada e leram a carta do rei de Portugal que estava escrita em lingua arabica. Em seguida o Capitão mandou à sua casa o presente das cousas que aqui abaixo diremos.

CAPITULO LXXIIII — O PRESENTE QUE FOI DADO AO REI E A DESORDEM QUE SE SEGUIU.

Para começar, uma bacia de prata muito grande para lavar as mãos, com figuras em relevo, tudo dourado; um gomil de prata dourada e sua tampa, trabalhado com figuras em relevo; duas maças de prata com as suas cadeias de prata para os maçeiros; quatro almofadas grandes, isto é, duas de brocado e duas de veludo carmesim; um baldaquim de brocado carmesim com a sua franja de ouro; um tapete grande e dois panos de Arrás muito ricos, um com figuras e outro com arvoredos; um jarro para dar agua às mãos, da mesma qualidade que a bacia. E quando o rei teve recebido este presente, a carta e a embaixada, mostrou-se muito alegre e disse ao Capitão que fosse à casa que tinha mandado por à sua ordem, e que mandasse para ali os homens que tinha entregue como penhor às suas mãos, porque eram gentis-homens e não podiam comer, beber e dormir no mar. Todavia, se ele queria ir à nau, no dia seguinte tornaria a mandalos e ele viria a terra a cuidar de tudo aquilo que lhe fosse necessario. O Capitão foi à nau e deixou Afonso Furtado com VII ou VIII homens para atender a sua casa. Partindo o Capitão da praia, um sambuco daqueles de Calicut foi na sua frente dizer àqueles que estavam na nau como penhor, que o Capitão voltava. Estes lançaram-se ao mar. Aires Correa, feitor principal, imediatamente embarcou num batel e apanhou II dos principais e II ou III domesticos e assim os outros fugiram nadando para terra. Neste instante o Capitão chegou â nau e mandou pôr aqueles dois principais debaixo da coberta e depois mandou dizer ao rei que chegando (à nau) havia encontrado esta desordem que um seu escrivão havia praticado, e que em seguida havia mandado reter aqueles dois, porquanto em terra estavam muitos homens dos seus e ainda muita mercadoria. Caso Sua Serenidade lh'os mandasse, ele mandaria os seus, os quais tratava muito bem. Com esta embaixada foram ao rei dois daqueles que tinham tomado e foram por embaixadores. Toda aquela noite o Capitão esteve esperando resposta. No outro dia o rei veio à praia com mais de X ou XII mil homens e a nossa gente que estava em terra foi presa

afim de manda-la com suas almadias para poder deste modo trocar com aqueles que o Capitão tinha retido. E assim vieram XX ou XXX almadias e os nossos bateis sairam com os ditos homens que estavam em penhor. As almadias não tinham animo de aproximar-se dos nossos bateis, do mesmo modo que os nossos bateis das suas almadias. E assim estiveram todo aquele dia sem fazer cousa alguma. Voltaram a terra com os nossos e começaram a fazer-lhes grande descortesia, pondo-lhes medo, dizendo que queriam mata-los e os nossos passaram aquela noite com grande tribulação. No dia seguinte o rei tornou a mandar dizer ao Capitão que lhe mandava seus homens e suas mercadorias nas almadias sem levar arma alguma, e que assim mandasse os seus bateis e logo lhe mandou. Com eles Sancho de Tovar chegou onde estavam as almadias e começaram a receber toda a prataria e todas as outras mercadorias que tinham em terra, de modo que nada ficou, salvo um almofreixe, isto é, uma mala na qual estava a cama e seus preparos; e quasi todos os homens. Estando assim um daqueles gentis-homens que estavam nos nossos bateis que Sancho de Tovar tinha preso pelo braço, se lançou ao mar. Os nossos que estavam na almadia vendo isso, começaram a ensoberbecer-se e indignar-se, de modo que jogaram todos os homens da almadia ao mar e ficaram só na almadia. Nos nossos bateis ficou um velho que era gentil-homem, penhor dos nossos. Dois rapazes dos nossos que não puderam fugir ficaram nas almadias. No outro dia tendo o Capitão piedade daquele velho que estava por penhor e que ha três dias não comia, o mandou à terra e lhe deu todas as armas que tinham ficado nas naus e que eram daqueles que se lançaram no mar, e mandou dizer ao rei que mandasse aqueles dois rapazes e o rei lho mandou. Depois disso, como III ou IIII dias que ninguem ia à terra e nem da terra nenhuma pessoa vinha a nós, o Capitão conferenciou com outros (capitães) e o feitor-mor propôs que se mandasse dizer ao rei de Calicut que, se mandasse dois homens por segurança, ele iria a terra. Ao Capitão e aos outros, pareceu bem o que dizia o feitor, porém não sabiam se havia alguém que se oferecesse a ir a terra. Imediatamente um cavaleiro chamado Francisco Correa disse que iria a terra falar ao rei e assim partiu e lhe disse como Aires Correa ordenava de ir a terra firmar o contracto com Sua Serenidade e que lhe mandasse por penhor dois mercadores, entre eles Guzarate, mercador mui rico. Respondeu o dito mouro chamado Guzarate, ao rei, que mandaria dois sobrinhos, pelo que o rei ficou muito contente. No outro dia Francisco Correa man-

dou a resposta ao Capitão e logo Aires Correa se pôs em ordem e o rei mandou à nau os homens de penhor. Aires Correa foi a terra e em sua companhia VIII ou X homens e naquela tarde Aires Correa. voltou à nau para dormir e no outro dia voltou a terra para realizar o que era ordenado. Os homens de penhor todavia ficaram na nau. O rei mandou dar (a Aires Correa) a melhor casa que era do mercador Guzarate e deu a este o encargo de ensinar ao feitor os usos e costumes do país. E assim Aires Correa começou a negociar e vendeu mercadorias. A lingua que falavam conosco era a arabica, de modo que não se podia falar ao rei sem pôr os mouros no meio, os quais são gente má e muito contra nós, assim que a toda hora usavam de embustes e nos impediam que enviassemos alguem às naus. Quando o Capitão assim ouviu que cada dia mandavam homens a terra e nenhum voltava com resposta, resolveu partir e mandou fazer vela. Estando nós assim presos em terra n'uma casa bastante guardada por muita gente, vimos que às naus se iam, e o Guserate por respeito dos seus sobrinhos, que estavam nas naus, deu motivo a Aires Correa para que mandasse um rapaz em uma almadia às naus, o qual rapaz foi levar ó protesto ao Capitão e vendo o Capitão o protesto de Aires Correa, voltou ao porto e assim começou Aires Corréa a tratar com o dito rei e acertou o contrato pouco a pouco como ele queria, visto que Gusarate diligenciava por causa dos seus homens das naus, dados como penhor. O rei encarregou um grande mercador turco a que fizesse os nossos negocios e nos fez logo sair daquela casa para uma outra mais perto da do mouro; e logo começamos a ver algumas mercadorias das quais compramos parte; e assim estivemos dois meses e meio antes que o dito contrato se acabasse de assentar; o qual terminou com muito trabalho de Aires Correa e daqueles que com ele estavam. Terminado o contrato, o qual foi com muito regateamento, lhe deu o dito rei uma casa junto do mar, que tinha um jardim, na qual pôs Aires Correa uma bandeira com as armas do rei (de Portugal). Deste contrato o dito rei deu duas cartas assinadas por sua mão, das quais era uma de cobre com o seu sinal esculpido em latão, a qual devia ficar na casa da feitoria; e outra de prata com o seu sinal esculpido em ouro, a qual deviamos levar conosco e entregar ao nosso rei de Portugal. A carta de prata, Aires Correa levou imediatamente à nau e entregou ao Capitão e trouxe para terra os dois homens que estavam por penhor. D'ai em diante começaram a confiar neles, de modo que parecia que estivessemos em nosso país. Estando assim, um dia

veio uma nau a qual ia de um reino ao outro, na qual nau havia V elefantes, entre os quais um muito grande e de elevado preço porque era pratico na guerra. A nau que os transportava era muito grande e tinha muita gente bem armada. Quando o rei soube da chegada da dita nau, mandou dizer ao Capitão que solicitava que fosse aprisionar aquela nau, a qual levava um elefante pelo qual ele queria dar muito dinheiro e não o queriam dar. O Capitão lhe mandou dizer que o faria, mas que os mataria se não se rendessem. O rei ficou contente com isso e mandou um mouro que fosse ver de que modo tomariam a nau e para falar com eles para que se rendessem. Em seguida o Capitão mandou uma caravela de grossa bombarda e bem armada com LX ou LXX homens, a qual foi duas noites direita à essa nau, sem a poder capturar. No dia seguinte, investiu contra ela, dizendo-lhe que se rendessem e os mouros puseram-se a rir porque eram muitos e a nau muito grande, começando a atirar flexas. Quando o capitão da caravela viu, mandou disparar a artilharia de. modo que desbaratou a dita nau e imediatamente eles renderam-se e assim a levaram a Calicut com toda a gente. O rei foi até a marinha para ve-los e assim foi o capitão da caravela entregar o capitão da nau e finalmente a nau ao rei, o qual ficou muito maravilhado de como uma caravela tão pequena e com tão pouca gente, pudesse aprisionar uma nau assim grande, na qual havia CCC homens de batalha, o qual rei recebeu a nau e os elefantes com grande prazer e alivio, e a caravela voltou para as naus.

CAPITULO LXXV — COUSAS E COSTUMES DE CALICUT

A cidade é grande e não tem muro a cerca-la; em alguns logares ha muito espaço e as casas são afastadas uma da outra. São de pedra e cal com subterraneo. A parte de cima é coberta de palmas e as portas são grandes e bem trabalhadas. Ao redor das casas tem um muro dentro do qual ha muitas arvores e tanques de agua em que se lavam, bem como poços de agua da qual bebem. Pela cidade existem outros grandes tanques de agua onde o povo vai amiudadamente lavar-se, porque cada um lava-se II, III e IIII vezes todo o corpo. O rei é idolatra, ainda que outros tenham acreditado que seja cristão, os quais não tinham compreendido bastante os seus costumes quanto nós que bastante

temos negociado mercadorias em Calicut. Aquele rei chamam-no Gnaffer e todos os seus gentis-homens e gente que o servem são homens pardos como os mouros. São homens bem dispostos e andam da cintura para cima e por de baixo, nus. Trazem em torno de si panos de algodão fino, branco e de outras cores. Andam descalços, sem barrete, salvo os grandes senhores que levam barrete aveludado e de brocado, alguns dos quais são muito altos. Trazem as orelhas furadas com muitas joias naqueles buracos e nos braços levam braceletes de ouro. Estes gentis-homens trazem espada e adarga nas mãos, e as espadas nuas, são na ponta mais largas que no resto. As adargas são redondas como a rodela da Italia e muito leves, das quais existem pretas e vermelhas. Assim são os melhores manejadores do mundo de espada e rodelas e não cuidam de outro oficio. Destes tais, na corte existem inúmeros. Casam-se com uma esposa ou com V ou VI mulheres, e recompensam aqueles que são os seus melhores amigos para que durmam com suas mulheres, de modo que entre eles não ha castidade nem vergonha. As raparigas quando são de VIII anos começam a ganhar no oficio. Estas mulheres andam nuas assim como os homens e trazem sobre si grandes riquesas. Tem os cabelos compostos de modo maravilhoso e são muito belas. Pedem aos homens que lhes tirem a virgindade, porque estando virgens não encontram marido. Esta gente come II vezes ao dia. Não comem pão nem bebem vinho, nem comem carne nem peixe, senão arroz, manteiga, leite, açucar ou frutas. Antes que comam lavam-se, e depois de lavados, se alguém que não se lavou os tocasse, não comeriam até que se tornassem a lavar. De modo que nisto fazem grande cerimonia. Todo o dia, assim homens como mulheres, comem uma folha que se chama betel, a qual deixa a boca vermelha e os dentes negros, e aqueles que isto não fazem são homens de baixa qualidade. Quando alguém morre, em vez de levar luto, escurecem os dentes e não comem desta (folha) por alguns meses. O rei tem duas mulheres e cada uma delas é acompanhada de X padres e cada um deles dorme com ela carnalmente para honrar o rei. Por esta razão, os seus filhos não herdam o reino, salvo os sobrinhos filhos de irmã do rei. Habitam na casa (palacio) mil ou MCCCCC mulheres para mais magnificencia do estado, as quais não têm outra ocupação senão a de varrer e aguar a casa adiante do rei, por onde quer que vá, e aguam com agua misturada com fezes de vaca. As casas do dito rei são muito grandes e ha nas ditas casas muitas fontes de agua onde o rei se lava. Quando o rei sai fora, vai num andor muito rico e o levam dois

homens e assim vão com esses muitos tocadores de instrumentos, muitos gentis-homens com espada e rodela, muitos arqueiros, adiante sua guarda e porteiros, e um dossel em cima dele. Prestam-lhe tanta honra como a nenhum rei do mundo, porque ninguem se aproxima dele a III ou IIII passos. Quando lhe dão alguma cousa lh'a dão em um ramo, porque não ousam toca-lo. Assim quando falam com ele, falam com a cabeça baixa e as mãos em frente a boca. Nenhum gentil-homem se apresenta diante sem espada e rodela. Quando fazem reverencia põem as mãos acima da cabeça como quem dá graças a Nosso Senhor e nenhum oficial nem homem de baixa qualidade deve ver o rei nem com ele falar, especialmente os pescadores. Se um gentil-homem fosse por uma rua e os pescadores lhe viessem ao encontro pela dita rua, os ditos pescadores ou fugiriam ou receberiam muitas bastonadas. Estes gentis-homens quando morre o rei e suas mulheres, queimam o rei com lenha de sandalo por honra. A gente de baixa classe enterram e polvilham a cabeça e os ombros com cinza. Trazem a barba comprida, são grandes contadores (de historias) e escritores. Escrevem em uma folha de palmeira com uma pena de ferro e sem tinta, e assim outra classe de homens que são grandes mercadores e que se chamam Gusarates, que são de uma provincia que se chama Cambaia. Estes naturalmente são idolatras e adoram o sol, a lua e a vaca. Caso alguém matasse uma vaca, o matariam por isso. Estes mercadores Gusarates não comem nenhuma cousa que seja morta: nem pão, não bebem vinho. Se algum rapaz come carne por engano, o mandam fora, pelo mundo, a pedir pelo amor de Deus, mesmo que descendesse e fosse filho de grande senhor e de mercador. Estes tais acreditam em encantos e adivinhadores, são homens mais brancos que os naturais de Calicut, trazem os cabelos muito compridos e assim a barba. Andam vestidos de roupa de algodão fino, trazem veu, os cabelos enrolados como mulher e usam sandalias. Casam com uma só mulher como nós, são muito ciumentos e resguardam as suas mulheres que são muito bonitas e castas. São mercadores de tecidos, adornos e joias.

CAPITULO LXXVI — DOS MERCADORES E O TRANSPORTE DAS ESPECIARIAS PARA O CAIRO E ALEXANDRIA

Existem outros mercadores que se chamam Zetiestes de uma outra provincia. São muito idolatras e grandes mercadores de

joias, perolas, ouro e prata. São homens mais negros, andam nus e usam toucados pequenos e de baixo dos toucados trazem cabelos como cauda de boi e de cavalo. Estes individuos são os maiores encantadores que existem no mundo, pois cada um fala invisivelmente com o diabo, e as suas mulheres são muito corruptas e luxuriosas, como os naturais da terra. Nesta cidade existem mouros de Meca, da Turquia, da Babilonia, da Persia e de muitas outras provincias. São grandes mercadores e homens ricos, os quais têm de todas as mercadorias que chegam a esta cidade de Calicut, isto é, joias de muitas qualidades e cousas muito ricas: almiscar, ambar, beijoim, incenso, pau de aloes, ruibarbo, porcelana, cravo, canela, pau-brasil, sandalo, laca, nós-moscada e maça. Tudo isto vem de fora a não ser gengibre, pimenta, tamarindos, mirabolanos, cassia-fistula e alguma canela selvagem, que nascem na terra de Calicut. Estes mouros são tão poderosos e ricos que quasi governam todo o pais de Calicut. Nas montanhas deste reino existe um rei muito poderoso que se chama Naremega. São idolatras e o rei tem CC ou CCC mulheres; no dia em que este morre o queimam, e, com ele, todas as mulheres. Do mesmo modo, todos os que são casados quando morrem, fazem-lhe uma fossa na qual os queimam. Então sua mulher se veste o mais ricamente que pode e todos os seus parentes com muitos instrumentos e festa, jogam-na à fossa e ela vai bailando pela fossa como fazem os caranguejos. Na fossa está aceso o fogo e assim a deixam cair; os parentes estão aparelhados e atentos com panelas de oleo e manteiga; e logo que ela cai dentro, eles lançam as ditas panelas sobre ela para que se queime mais depressa. Neste reino existem muitos cavalos e elefantes, porque fazem guerra. Eles os têm tão ensinados e amestrados, que não lhes falta senão falar e todos entendem como ser humano. Isto vimos nós outros em Calicut. Os elefantes que o rei possue e cavalga, são os mais fortes e ferozes animais do mundo, pois dois deles arrastam uma nau à terra. As naus deste país não navegam senão em Outubro, Novembro até todo Março. Nestes meses é o seu verão e os outros meses é o inverno durante o qual não navegam as suas naus e a têm em terra. No mês de Novembro partem de Calicut as naus de Meca com especiarias que levam a Vida (Jidda) que é porto de Meca. Daí partem para o Cairo e por terra para Alexandria.

CAPITULO LXXVII — GRANDE MORTANDADE DE MOUROS E CRISTÃOS EM CALICUT.

Havendo cerca de III meses que estavamos em terra e o contrato já assinado e duas das nossas naus carregadas de especiarias, mandou o Capitão um dia a terra dizer ao rei que ha três meses estavam em seu país e que não haviam carregado senão duas naus; que os mouros lhe escondiam as mercadorias; que as naus de Meca carregavam ocultamente e assim partiam; que o dito Capitão lhe ficaria muito obrigado se mandasse dar bom despacho, porque o tempo de sua partida já se aproximava. O rei lhe respondeu que faria dar todas as mercadorias que quisesse e que nenhuma nau dos mouros carregaria em quanto as nossas naus não estivessem carregadas, e se alguma nau dos mouros partisse, que o Capitão a aprisionasse para ver se a nau tinha alguma mercadoria, e que a faria dar pelo preço por que os ditos mouros tivessem comprado. Aos XVI dias de Dezembro do dito ano, estando Aires Correa a fazer contas com dois feitores e escrivães de duas das nossas naus, as quais já estavam carregadas para partir, saiu uma nau dos mouros com muitas mercadorias e o Capitão a aprisionou. O capitão daquela nau dos mouros e os mais importantes deles, desceram a terra e fizeram grandes lamentos e rumores, de modo que todos os mouros começaram a falar ao rei, dizendo que nós tinhamos em terra mais riqueza do que haviamos trazido ao seu reino, que eramos homens ladrões e roubadores do mundo, que tinhamos aprisionado aquela sua nau em seu porto, que dai em diante eles se obrigavam a matar todos e que Sua Alteza roubasse a casa do feitor. O rei, como homem sedicioso, disse logo que (assim) se fizesse. Nós não sabiamos disso cousa alguma. Andavam alguns dos nossos em terra a tratar de seus negocios pela cidade e vendo vir todo o povo contra nós matando-os e ferindo-os, fomos nós outros para dar-lhes socorro, de modo que nessa praia matamos sete ou oito deles e de nós (mataram) três. Nós eramos cerca de setenta homens com espada e capa e eles eram inumeros com lanças, espadas, rodelas, arcos e flechas, e nos apertaram tanto que foi necessario abrigarmo-nos à casa (da Feitoria) e, ao nos recolhermos, 5 ou 6 homens foram feridos. Assim que fechamos a porta com muito trabalho, eles atacaram a casa apesar de ser cercada de um muro da altura de um homem a cavalo. Nós tinhamos sete ou oito bestas com que matamos um monte de gente, de modo que se juntaram deles mais

de três mil homens de guerra. Levantamos uma bandeira para que das naus nos enviassem socorro. Os bateis vieram junto à praia. Daí atiravam com suas bombardas e não faziam nada. Então os mouros começaram a romper o muro da casa, de modo que no espaço de meia hora o puseram todo em terra. Soam trombetas e tambores com gritaria e muito prazer, parecendo por um seu criado que vimos, que o rei estivesse com eles. Aires Correa vendo que não tinhamos nenhum remedio e que havia duas horas que combatiam tão fortemente de modo que não podiamos mais aguentar, determinou que fossemos fora, para a praia, rompendo por (meio) deles para ver se os bateis nos podiam salvar. Assim fizemos e assim chegamos a maior parte de nós a entrar na agua. Os bateis não ousavam aproximar-se para nos receber e assim por pouco socorro mataram Aires Correa e com ele cincoenta e tantos homens. Nós escapamos a nadar em numero de XX pessoas, todos muito feridos, entre os quais escapou um filho do dito Aires Correa que tinha XI anos, e assim entramos nos bateis quasi afogados. O capitão dos ditos bateis era Sancho, porque o Capitão-mor estava doente e assim nos conduziram às naus. Quando o Capitão-mor viu esta dissensão e mau tratamento, mandou aprisionar X naus dos mouros que estavam no porto e ordenou que matassem toda a gente que encontrasse nas ditas naus, e assim mataram até a soma de CCCCC ou DC homens e prenderam XX ou XXX que estavam escondidos no porão da nau e toda a mercadoria, e assim roubamos as naus e tomamos aquilo que tinham dentro. Uma tinha dentro III elefantes os quais matamos e comemos, e queimamos todas as X naus descarregadas. No dia seguinte as nossas naus se aproximaram mais de terra e bombardearam a cidade, de modo que matamos infinita gente e lhes fizemos muito dano. Eles atiravam de terra com bombarda muito fraca. Estando assim, passavam II naus ao mar e iam então até Pandarada que dista d'aqui V leguas. As naus foram ter em terra onde estavam outras VII naus grandes em seco e carregavam muita gente e não as podiamos aprisionar porque estavam muito em seco. Imediatamente o Capitão determinou que fossemos a Chochino (Cochim) onde carregariamos as naus.

CAPITULO LXXVIII — COMO AS NAUS FORAM CARREGADAS EM COCHIM

Partimos para Cuchino (Cochim) que dista de Calicut XXX leguas e é reino independente. São idolatras da mesma lingua de Calicut. E seguindo assim o nosso caminho encontramos III naus de Calicut carregadas de arroz e fomos direitos a elas e a gente fugiu nos bateis para terra e nós tomamos as naus. Vendo o Capitão que não traziam mercadorias, mandou queima-las e chegamos a Cochim aos XXIIII dias de Dezembro e deitamos ancora na boca de um rio. O Capitão mandou a terra um pobre homem de nação Gusarate que de vontade partiu de Calicut para vir a Portugal, e foi dizer ao rei quanto nos tinha acontecido em Calicut e que o Capitão lhe mandava dizer que queria carregar as naus no seu reino e para pagamento disso trazia dinheiro e mercadorias. O rei respondeu que muito lhe doia terem-lhe feito tanta injuria e que tinha grande prazer de terem eles chegado ao seu país, porque sabia quanto boa gente eramos e que faria tudo aquilo que nós quisessemos. O Gusarate que foi a terra disse ao dito rei que era preciso alguma garantia, a qual se fazia homem por homem e que mandasse por penhor qualquer dos seus homens e que logo os nossos das naus iriam a terra. O rei mandou imediatamente dois homens dos seus principais com outros mercadores, amostras de mercadorias e refens para que fossem às naus e que disssem ao Capitão que fizesse tudo aquilo que desejasse. O Capitão mandou depressa o feitor a terra com IIII ou V homens, com ordem que comprassem mercadorias, todavia retendo consigo os homens por penhor, tratando-os mui honradamente. E cada dia se trocavam porque os gentis-homens daquela parte não comem no mar. E, se por ventura comem no mar, não podem mais ver o rei. E assim estivemos XII ou XV dias carregando as naus, longe de Cochim em um lugar chamado Carangallo (Carangólor), no qual logar existem cristãos, judeus, mouros e cafres. Neste logar encontramos uma judia de Sevilha a qual veio pelo Cairo e Meca e aqui vieram a nós dois cristãos os quais diziam que queriam ir a Roma e Jerusalem. O Capitão teve grande prazer destes dois homens. Estando já todas as naus quasi carregadas, veio uma armada de Calicut, a qual era de LXXX ou LXXXV velas entre as quais XXV muito grandes. O rei como teve noticia desta armada que vinha, mandou dizer ao Capitão que se queria combater com eles, lhe mandaria naus e gente.

O Capitão lhe respondeu que não era necessario. E a dita armada por ser já de noite, surgiu longe de nós uma legua e meia. O Capitão, como fosse noite, mandou dar outra vela, levando consigo os homens que tinha em penhor pelos que ficaram em terra, que eram VII homens. Ao Capitão pareceu que a desbarataria sem outra ajuda. A noite não fez vento para ir sobre a armada de Calicut. No dia seguinte que foi X de Janeiro de MCCCCCI, andavam ao encontro deles e eles vinham ao nosso, de modo que chegamos muito perto uma da outra, tendo o Capitão determinado combater com essa. E estando já tão perto, isto é, a tiro duma bombarda, Sancho de Tovar, capitão com a sua nau e um navio ficaram atras, de modo que o Capitão vendo não existir ordem entre os seus, determinou fazer seu caminho para Portugal para onde tinha vento em popa. Não obstante a armada de Calicut perseguiu-nos todo aquele dia até uma hora da noite e assim aquela noite a perdemos de vista. Desse modo o Capitão determinou virmos para Portugal, deixando ali seus homens com o feitor em terra e levando os dois de Cochim conosco, os quais começou a acariciar pedindo-lhes que comessem, porque eram já III dias que não tinham comido. E assim comeram com grande prazer e paixão e nós seguimos o nosso caminho.

CAPITULO LXXIX — REINO DE CANANOR AMIGO DE NOSSAS NAUS

Aos XV de Janeiro chegamos a um reino aquem de Calicut que se chama Chanonõ (Cananor) que é de cafres, de lingua à moda de Calicut. E passando pelo dito reino, o rei mandou dizer ao Capitão que tinha grande desprazer de que ele não fosse ao seu reino e lhe pedia que lançasse ancora e que, se não estivessemos carregados, que ele nos daria carga. O Capitão visto isso, ancorou e mandou Guzarate a terra a dizer como as naus eram já carregadas e que não tinham necessidade, salvo de C *bacar* de canela que são CCCC quintais. Imediatamente o rei lhe mandou às naus com muita diligencia a dita canela, fiando-se muito de nós. O Capitão lhe mandou pagar em cruzados e depois veio muita canela às naus e não havia logar onde po-la. O rei mandou dizer ao Capitão que se era por não ter dinheiro: por isso não deixassemos de carregar à nossa vontade e que na volta da viagem lhe pagassemos, porque bem havia sabido como o rei de Calicut nos havia roubado e quão boa gente e honesta eramos.

O Capitão lhe agradeceu muito e mostrou ao mensageiro, isto é, ao embaixador, III ou IIII mil cruzados que restava. Assim o rei mandou dizer se queria mais alguma cousa e o Capitão lhe respondeu que não, salvo que Sua Alteza mandasse um homem para ver as cousas de Portugal. O rei mandou logo que um gentil-homem viesse conosco a Portugal. Os homens de Cochim que tinham ficado nas naus escreveram ao rei que vinham para Portugal e assim do mesmo modo escreveu o Capitão ao feitor que lá ficou. Neste logar não estivemos mais que um dia e assim partimos a atravessar o golfo de Melinde. No ultimo dia de Janeiro chegamos ao meio do golfo e encontramos uma nau de Cambaia que vinha para Melinde, e sem indagar, parecendo que era nau de Meca, aprisionamo-la: vinha muito carregada com riquezas e com mais de CC homens e mulheres. Quando o Capitão soube que era de Cambaia, deixou prosseguir a sua viagem, salvo um piloto que tirou, e assim partiram e nós outros pelo nosso caminho.

CAPITULO LXXX — NAUFRAGIO NO GOLFO DE MELINDE.

Aos XII dias de Fevereiro quasi fazendo noite, todos os pilotos e bem assim todos os outros que tinham cartas, acreditavam estar proximo de terra. Disse Sancho de Tovar, que era capitão de uma nau grande, que queria ir adiante com sua nau e mandou pôr todas as velas e assim se pôs adiante das outras. Quando foi meia noite bateu em seco e começou a fazer fogo. Quando o Capitão viu, mandou ferrar. À noite cresceu tanto o vento que não o podiam aguentar, por tudo lhes ser contrario. O Capitão mandou logo os bateis à nau para ver se podia salval-a: senão que a queimassem e que viesse a gente. A nau era já aberta e posta em logar donde não se podia safar. O vento crescia tanto que as outras naus estavam em grande perigo, de modo que foi necessario governar-se a mão, não se salvando nada, salvo a gente em camisa. A nau era de CC toneladas e carregada de especiarias. D'ai partimos com as naus e passamos por Melinde onde não pudemos entrar, e assim viemos a Monsabichi (Moçambique) onde tomamos agua e lenha e pusemos as naus em seco. Dali mandou o Capitão-mor Sancho de Tovar em uma caravelinha com um piloto que tomamos, à ilha de Sofala, para saber que cousa era, e nós ficamos ali a consertar as naus. Dali partimos IIII e andamos a uma angra onde fizemos uma grande pescaria de *parni*.

Saindo dali, veio sobre nós uma tempestade que nos fez voltar bastante para traz e desaparecer uma nau, de modo que ficaram III naus.

CAPITULO LXXXI — AS NAUS QUE VOLTARAM A LISBOA.

Chegamos ao cabo da Boa Esperança no dia de pascoa florida e daí fez bom tempo com o qual atravessamos e viemos à primeira terra junto ao Cabo Verde, Imbessenicha (Besenegue) e aí encontramos com III navios os quais nosso rei de Portugal mandava a descobrir a nova terra. Uma nau que perdemos de vista, quando fomos para lá, foi ter à boca do estreito de Meca e esteve numa cidade donde perderam o batel com toda a gente que tinha. E assim, chegou a nau somente com seis homens, a maior parte doente e não beberam senão agua que colhiam na nau quando chovia. E assim, viemos e chegamos nesta cidade de Lisboa, no fim de Julho. Um dia depois veio a nau que perdemos de vista quando voltavamos e Sancho de Tovar com a caravela que foi a Sofala, o qual disse que Sofala é uma pequena ilha na boca de um rio, povoada de mouros. O ouro daí vem da montanha, trazido por outra gente que não é moura. Trocam nesta ilha o dito ouro por outras mercadorias. Sancho de Tovar quando lá chegou, encontrou muitas naus mouras e aprisionou um mouro para sua segurança, por um cristão arabe que mandou a terra. Assim esteve II ou III dias, e não voltando o cristão, não devolveu o deles. Assim veio com o mouro para Portugal, deixando lá o cristão. De modo que as que vieram da armada que foi a Calicut, foram VI naus, e todas as outras se perderam.

CAPITULO LXXXII — OS PESOS E MOEDAS QUE USAM.

Este é o preço que valem as especiarias e drogas em Calicut e bem assim o sistema de pesos e moedas.

Item. Vale o *bacar* de noz-moscada, o qual pesa 4 quintais, 450 *favos*, valendo I ducado 20 *favos*.

Item. Vale a *faracola* de gengibre seca seis *favos*: vinte *faracolas* fazem um *bacar*.

Item. Gengibre em conserva de açucar vale a *faracola* 28 *favos.*

Item. Um *bacar* de tamarindo vale 30 *favos.*
Item. Um *bacar* de zerumbeta vale 40 *favos.*
Item. Um *bacar* de zedoaria vale 30 *favos.*
Item. Um *bacar* de laca vale 260 *favos.*
Item. Um *bacar* de maças vale 430 *favos.*
Item. Um *bacar* de pimenta vale 360 *favos.*
Item. Um *bacar* de pimenta comprida vale 400 *favos.*
Item. Um *bacar* de mirabolamo *dal sebuli* em conserva, vale 560 *favos.*
Item. Um *bacar* de sandalo vermelho vale 80 *favos.*
Item. Um *bacar* de pau-brasil vale 160 *favos.*
Item. Uma *faracola* de camfora vale 160 *favos.*
Item. Uma *faracola* de incenso vale 5 *favos.*
Item. Uma *faracola* de benjoim vale 6 *favos.*
Item. Uma *faracola* de cassia-fistula vale 2 *favos.*
Item. Um *bacar* de cravo vale 600 *favos.*
Item. Um *bacar* de sandalo branco, vale 700 *favos.*
Item. Uma *faracola* de madeira de aloés vale 400 *favos.*
Item. Uma *faracola* de ruibarbo vale 400 *favos.*
Item. Uma *faracola* de opio vale 400 *favos.*
Item. Uma *faracola* de espicanardo vale 800 *favos.*
Item. Um peso de almiscar vale 400 *favos.*
Item. Um *mitricale* de ambar vale 2 *favos* (uma onça é 6 *mitricale* e um quarto). Um *bacar* pesa vinte *faracolas* e uma *faracola* 24 e 3 quartos do *arratel* de Portugal, sendo que 24 *arrateis* são em Veneza 32 ou 33 libras, conforme o costume. O ducado vale 20 *favos.*

Estes são os preços das mercadorias que se levam daqui para Calicut, Nominalmente:

Item. Uma *faracola* de cobre vale 45 *favos.*
Item. Uma *faracola* de chumbo vale 18 *favos.*
Item. Uma *faracola* de prata vale 54 *favos.*
Item. Uma *faracola* de pedra ume vale 20 *favos.*
Item. Uma *faracola* de coral branco vale 1000 *favos.*
Item. Uma *faracola* de coral ramado vale 700 *favos.*
Item. Uma *faracola* de coral bastardo vale 300 *favos.*

Um *almeno* que é outro peso que, em Portugal, corresponde a 2 e meios *arrateis* seria 3 libras e um oitavo pouco mais ou menos, de acordo com o uso de Veneza. Com este peso, pesam o açafrão que vale 80 *favos.*

CAPITULO LXXXIII — MENÇÃO DOS LOGARES DONDE VÊM AS ESPECIARIAS.

Aqui junto se fará menção dos logares donde vêm as especiarias e drogas para Calicut.

A pimenta vem de uma terra que se chama Chorunchel (Caranganore?). Esta fica além de Calicut 50 leguas, na costa do mar.

Canela vem de Zallon (Ceilão) e não se encontra canela, salvo em este logar, além de Calicut 260 leguas.

Cravos vêm de Meluza (Moluca), mais além de Calicut 740 leguas.

Gengibre cresce em Calicut e algum vêm de Cananor que dista de Calicut 12 leguas portuguesas.

Noz-moscada e maças vêm de Melucha (Moluca), distante mais além de Calicut 740 leguas.

Almiscar vem de uma terra chamada *Pego* (Pegu) mais adiante de Calicut 500 leguas.

Perolas grandes vem de *Armuzo* (Ormuz) mais para cá de Calicut 700 leguas.

Espicanardo e mirabolano vêm de Combaia aquem de Calicut 600 leguas.

Cassia-fistula nasce em Calicut.

Incenso acha-se aquem de Calicut 800 leguas.

Mirra nasce em *Fartico* (Fartak) aquem de Calicut 700 leguas.

Madeira de aloés, ruibarbo, canfora e *galinga* vêm de Chini (China) além de Calicut 2000 leguas.

Zerumbete nasce em Calicut.

Canela-mór vem de Cananor aquem 12 leguas de Calicut.

Pimenta grande nasce em *Samoter* (Sumatra).

Benjoim vem de *Zana* (Sião), além de Calicut 700 leguas.

Tamarindo em Calicut.

Zedoaria em Calicut.

Laca vêm de uma terra chamada Samatorre além de Calicu 400 leguas.

Pau-brasil vêm de Tanazar além de Calicut 500 leguas.

Opio vem de *Ade* (Aden) aquem de Calicut 700 leguas.

Estes são os pesos e dinheiro que usam em Calicut como no locais das especiarias.

Leitura em ortografia atual da carta de D. Manuel aos Reis Catolicos, segundo a copia do Arquivo de Veneza (alterada apenas na pontuação).

TRASLADO DA CARTA QUE EL-REI NOSSO SENHOR ESCREVEU A EL-REI E À RAINHA DE CASTELA SEUS PADRES DA NOVA INDIA.

(a) Estes dias passados depois que a primeira nova da India chegou, não escrevi logo a Vossas Senhorias as cousas dela porque não era ainda vindo Pedro Alvares Cabral meu capitão-mór da frota que lá tinha enviado. E depois da sua chegada sobrestive nisso porque também não eram ainda vindas duas naus de sua companhia das quais uma delas tinha enviado a Sofala, que é mina de ouro que novamente se achou, não para resgatar, somente para haver verdadeira informação das cousas dela, porque duas naus que para isso iam, uma delas se perdeu no mar (b) e a outra se apartou da frota com tempo feito e não foi a dita Mina (c). E depois de chegadas as ditas naus (d), estando para notificar tudo a Vossas Senhorias, Pero Lopes de Padilha me disse que folgarieis de saber as novas de como as cousas dela sucederam, as quais, de como tudo sumariamente se passou, são estas. O dito meu capitão com treze naus partiu de Lisboa a nove dias de março do ano passado e nas oitavas de pascoa seguinte chegou a uma terra que novamente descobriu a que pos nome Santa Cruz, em que achou as gentes nuas como na primeira inocencia, mansas e pacificas, a qual pareceu que nosso Senhor milagrosamente quis que se acha-se porque é mui conveniente e necessaria à navegação da India, porque ali corregiu suas naus e tomou agua, e pelo caminho grande que tinha para andar não se deteve para se informar das cousas da dita terra, somente dali me enviou um

---

(a) No texto espanhol a narrativa começa: "Muy altos y muy excelentes y muy poderosos Principes Señores padre y madre." Por esta omissão voluntaria e pela do fecho da carta se depreende que à copia enviada para Veneza presidiu um criterio tão somente informativo.

(b) Na tormenta do Cabo da Boa Esperança.

(c) A nau de Diogo Dias.

(d) As de Pedro Alvares Cabral, Nicolau Coêlho e Pedro de Ataide.

navio (e) a notificar-me como a achara, e seguiu seu caminho pela via do Cabo da Boa Esperança. Naquele golfão, antes de chegar ao Cabo, passou grandes tormentas em que num só dia juntamente sossobraram à sua vista quatro naus (f) de que não escapou pessoa alguma, sendo já a este tempo desaparecida dele outra nau (g) de que até agora não tem havido noticia, e aquela em ele ia com as outras que ficaram passaram grande perigo e assim foi sua via aportar ao Reino de Quiloa, que é de mouros, debaixo de cujo senhorio está a dita mina de Sofala, porque para o Rei dele levava minhas cartas e recados para com ele assentar a paz e trato acerca do resgate e negocio da dita mina. E antes de chegar ao dito Reino achou duas naus com grande soma de ouro, as quais teve em seu poder e por serem do dito Rei de Quiloa fazendo-lhes muita honra as deixou ir, do qual Rei foi muito bem recebido, vindo em pessoa avistar-se com o dito meu capitão ao mar, e entrou com ele em seu batel e lhe enviou presentes, e aí depois de ver minhas cartas e recados, assentou o trato. E por as naus que para a dita mina iam dirigidas serem das que se perderam, não se começou por então aí nenhum resgate porque a mercadoria que as outras levavam não era conforme à que para aquela terra convinha, e dali se partiu e se foi a outro Reino de Melinde, para onde levava também minhas cartas e recados, por o Rei dele, que assim mesmo é mouro, ter feito boas obras a D. Vasco, que lá primeiro foi a descobrir; o qual Rei assim mesmo se avistou com ele no mar e lhe enviou também presentes e com ele afirmou e assentou paz e amizade e lhe deu os pilotos que lhe convinha para a sua viagem; os quais reinos são do mar Roxo para cá e da parte do sertão confinam com gentios, os quais gentios confinam com o preste João, que eles chamam o abechy. Em sua linguagem quer dizer cerrados (h) porque de feito o são e se cerram por sinal que são baptizados em agua. Dali se partiu para Calicut que é além setecentas leguas, a qual cidade creio que já tereis sabido é de gentios que adoram muitas cousas e creem que ha um só Deus, e de muito grande povo; e ha nela muitos mouros que até agora sempre nela trataram de especiaria, porque é as-

---

(e) A naveta dos mantimentos, do comando de Gaspar de Lemos,

(f) Os navios de Bartolomeu Dias, Aires Gomes da Silva, Luis Pires e Simão de Pina.

(g) O navio de Vasco de Ataide, perdido nas alturas de Cabo Verde.

(h) Não circumcisos.

sim como Bruges em Flandres, escapo (i) principal das cousas da India que de fora vêm a ela, e nela não ha senão canafistula e gengibre; à qual cidade chegou havendo cinco meses que era partido de Lisboa, e foi do Rei mui honradamente recebido, vindo-lhe falar a uma casa junto com o mar com todos os seus grandes e muita outra companhia, e ali lhe deu meus recados e assentou com ele minha paz e concerto, do qual assento o dito Rei mandou passar uma carta escrita em pasta de prata com seu sinal de tauxia dourada, por assim ser costume de sua terra nas cousas de grande sustancia, e outras cartas escritas em folhas de umas arvores que parecem palmas, em que ordenadamente escrevem, e destas arvores e do seu fruto se fazem estas cousas que se seguem: açucar, mel, azeite, vinho, agua, vinagre, carvão e cordoalha para navios e para toda outra cousa, esteiras de que fazem algumas velas de naus, e para outras muitas cousas (j). E o dito fruto além daquilo que dele se assim faz é grande mantimento seu, principalmente no mar; e depois do assento assim feito com o dito Rei pôs meu feitor com toda a casa ordenada que para a dita feitoria enviava à terra (k) e começou logo de tratar suas mercadorias e de carregar as naus de especiaria. Neste meio tempo enviou o Rei de Calecut dizer ao meu capitão que uma nau muito grande e mui armada de outro Rei seu inimigo lhe tinha mandado dizer que passava perante seu porto sem nenhum medo seu, a qual já outra vez o tinha enojado, e que lhe rogava muito que lha mandasse tomar, encarecendo-lha como cousa que tocava a seu estado e honra.

O dito meu capitão vendo o bom trato que ele e assim o meu feitor começavam de receber, por mais confirmar minha paz e amizade, acordou de o fazer, e por lhe mostrar a força de nossa

---

(i) "escapolla" lemos no documento, significando escoadouro. Na versão espanhola, publicada por Navarrete, a palavra foi lida "Está la", o que não faz sentido.

(j) No texto espanhol, que com rarissimas e pouco importantes alterações acompanha literalmente o texto português da copia do arquivo de Veneza, a frase "e pera outros muitas cousas" aparece assim traduzida: "é se sirven de ellas eu todo lo al que les cumple".

(k) A leitura do documento feita expressamente para Eugenio do Canto em 1906 no Arquivo da Torre do Tombo e publicada nesse mesmo ano revela um lapsus calami do copista, pois esta passagem ali aparece assim redigida literalmente, como se pode verificar no fac-simile: "que pera dita dita feitorja enuljaua Em terra pera dita feitorija..." A versão espanhola diz: "que para la dicha fatoria enviaba en terra..."

gente, navios e artelharia, mandou somente a ela o mais pequeno navio que tinha, com uma bombarda grossa, e encalçou-os dentro do porto de outro Rei seu vizinho e à vista dele e de toda sua gente a tomou e a trouxe a Calecut com 400 homens archeiros e alguma artelharia e com sete elefantes ensinados de guerra dentro nela, que lá valeriam trinta mil cruzados porque um só deles dava 5.000 cruzados, e com outra mercadoria de especiaria; a qual nau lhe mandou apresentar e lha deu com tudo o que nela vinha e ele a veio ver à ribeira por ser a eles mui grande espanto tam pequeno navio com tam poucos homens tomarem uma tamanha nau e com tanta gente, e a receber o recado que o dito capitão sobre ela lhe enviava vindo com todo o seu estado e festa. E estando nesta concordia e amizade, sendo já duas naus carregadas de especiaria, os mouros, principalmente os de Meca, que ali são estantes (1), por verem o grande dano que se lhe seguia, buscavam todos os modos que podiam para porem discordia entre o meu feitor e el Rei e poseram a terra em alvoroço para torvarem e porque todas as mercadorias estavam nas mãos dos mouros, escondiam-nas e mandavam-nas secretamente para outras partes, e sabendo isto o dito capitão enviou dizer a el Rei de Calecut, queixando-se e pedindo-lhe que cumprisse o que com ele tinha assentado, que era que dentro em 20 dias se lhe daria mercadoria de que carregasse as ditas naus e que até elas serem carregadas não daria lugar a nenhumas outras se carregassem. E el Rei lhe respondeu que toda a mercadoria que houvesse na terra lhe mandaria logo dar e que se alguma carregasse em seu porto sem seus oficiais o saberem que ele lhe dava lugar e poder para que a retivesse até ele mandar os ditos seus oficiais que nisso houvesse de prover para lha entregar. E tanto que os mouros souberam acordaram com grande diligencia de carregar uma nau publicamente dando ainda maior diligencia em esconderem a mercadoria do que dantes faziam e isto para darem causa a que o escandalo se começasse, porque são poderosos. E a cidade é de muitas nações e de espalhada povoação e em que o Rei mal pode prover aos alvoroços do povo, e vendo meu feitor como a nau se carregava requereu ao dito capitão que a retivesse como com el-rei tinha assentado, e o dito capitão arreceando o escandalo duvidou de o fazer e o dito feitor tornou a lhe requerer que todavia a retivesse, dizendo-lhe

(1) Residentes.

que os principais dos mouros e assim alguns gentios lhe diziam que se a dita nau se não retinha em nenhuma maneira poderiam carregar suas naus, e segundo o que seguiu parece que o faziam a fim de darem causa ao dito escandalo. E o meu capitão depois de o duvidar muitas vezes, receando o que se seguiu, mandou dizer à gente daquela nau, pelo poder do Rei que para isso tinha, que se não partisse, e eles não quizeram fazer, e então foi necessario de a mandar reter e mandou aos seus bateis que a metessem dentro do porto onde estivesse seguro de não poder partir sem seu prazer, e tanto que os mouros isto viram, como era o fim que eles desejavam naquele proprio instante vieram logo com todo o outro povo, que já dantes tinham alvoroçado, sobre o dito feitor e casa e combaterem-no, e ele com esses poucos que consigo tinha se defendeu por algum espaço e se saiu de casa vindo-se recolhendo ao mar, e o meu capitão, que ao presente estava doente, tanto que lhe foi dito do alvoroço que era em terra, mandou todos os seus bateis a socorrer-lhe, e posto que o mar fosse mui bravo todavia ainda recolheu alguma parte da gente. Mataram o feitor e com ele se perderam 50 pessoas entre mortos e cativos, e nisto assim feito vendo o meu capitão como o Rei a isto não acudira e via que lhe não mandava nenhum recado e se provia de alguns aparelhos receando guerra, e assim se tinha apoderado da fazenda minha que em terra ficara, sobrestando um dia para ver se lhe fazia emenda do dito caso, quando viu que nenhum recado lhe enviava, temendo-se de ele armar grossamente, como depois fez, para que lhe pudesse impedir a vingança que naquele tempo podia tomar, acordou de por logo em obra e tomou-lhe dez naus grossas que no porto estavam e mandando passar (m) a espada todo a gente que nelas era, tirando alguma que escapou escondida e que depois não quis matar e ma trouxe cativa. E depois de tomadas as mandou todas queimar davante o porto, que foi a ele grande espanto, nas quais estavam tres elefantes que ali morreram, e nisto despendeu todo aquele dia, e tanto que foi noite se foi com todas as naus e se pôs o mais em terra que pode ao longo da cidade e tanto que amanheceu lhe começou atirar com artelharia e lhe tirou até noite principalmente às casas do rei, com a qual lhe fez muito dano e lhe matou muita gente como depois soube, e

(m) Na leitura do documento feita na Torre do Tombo para a edição Eugenio do Canto encontra-se: "mandando trazer a espada". Na versão espanhola: "mandó poner à espada".

lhe matou um homem principal que estava junto com ele, pelo qual ele se saiu logo fora da cidade por lhe parecer que em toda ela não estava seguro. E dali fez vela e se foi a outro porto seu que se chamava Fandaran em que tambem lhe fez nojo com artelheria e lhe matou gente e dali fez vela a via do Reino de Cochim que é aquela parte donde vem a especiaria 30 leguas alem de Calecut, e no caminho achou outras duas naus de Calecut que tambem tomou e mandou queimar, e chegando a Cochim depois de ter feito saber ao Rei o que tinha passado em Calecut foi dele muito bem recebido e assentou com ele seu trato pela maneira que o tinha assentado em Calecut, e pos logo meu feitor e certos homens com ele em terra, para qual lhe deram refens dos mais honrados que me trouxesse, e lhe carregaram as naus em 16 dias, e a mercadoria lhe traziam em seus bateis e a elas com tanto maior amor e segurança que parece que nosso Senhor permitiu o escandalo de Calecut por se acertar este outro assento, que e muito mais proveito e segurança porque é muito melhor porto e de muito mais mercadoria porque quasi toda a mercadoria que vai a Calecut muita dela ha naquela terra e as outras primeiro vêm ali que vão a Calecut, na qual cidade de Cochim ha muitas naus e soube que dois mercadores somente tinham 50 naus. Naquele Reino ha muitos cristãos verdadeiros da conversão de S. Tomé e os sacerdotes deles seguem a vida dos apostolos com muita estreiteza, não tendo de proprio senão o que lhe dão de esmolas, e guardam inteira castidade e têm igrejas em que dizem missas e consagram pão azimo e vinho que fazem de passas secas com agua por não poderem (ter) outro, e nas igrejas não tem imagens, senão a cruz, e todos os cristãos trazem os vestidos apostolicos, com suas barbas e cabelos sem os nunca fazerem, e ali achou certa noticia de onde jaz o corpo de S. Tomé, que é 150 leguas de ali na costa do mar, em uma cidade que se chama Maliapor, de pouca população, e me trouxe terra de sua sepultura, e todos os cristãos e assim os mouros e gentios pelos grandes milagres que faz vão a sua casa em romaria; e assim me trouxe dois cristãos, os quais vieram por seu prazer e por licença de seu prelado para os haver de mandar a Roma e a Jerusalem e verem as cousas da Igreja de ca, porque têm que são melhor regidas por serem ordenadas por S. Pedro, e eles creem que foi a cabeça dos apostolos, e eles serem informados delas; e tambem soube novas certas de grandes gentes de cris-

tãos que são além daquele Reino (n), os quais vêm em romaria à dita casa de S. Tomé, e têm Reis mui grandes os quais obedecem a um só e são homens brancos e de cabelos louros e havidos por fortes, e chama-se a terra de Malchina, de onde vêm as porcelanas e almiscar e ambar e lenho alois, que trazem do rio Granges, que é aquem deles; e das porcelanas ha vasos tão finos que um só vale lá cem cruzados. E estando neste Reino de Cochim com o trato já assentado e as naus carregadas lhe veio recado do Rei de Cananor e do Rei de Colum, que são ali comarcãos, requerendo-lhe que se passasse a eles porque lhe fariam o trato mais a seu proveito, e por ter já o assento feito se escusou de ir; e neste tempo, estando para partir de Cochim, lhe mandou o mesmo Rei dizer como uma armada grossa de Calecut vinha sobre ele, em que viriam até 15.000 homens, com a qual ao meu capitão não pareceu bem pelejar por ter suas naus carregadas e ter pouca gente e não lhe parecia tempo nem necessidade de aventurar por ter receio de lhe matarem ou ferirem alguma delas pela longura do caminho que tinha de andar, que eram 4.000 leguas daqui. Porem, fez-se à vela com elas não deixando seu caminho, e eles não ousando de se alargar ao mar se tornaram arreceando de se ir sobre eles, e dali fez seu caminho que era pelo Reino de Cananor, um daqueles Reis que o mandaram requerer e em passando, tanto que da terra houveram vista dele, lhe mandou outro recado, rogando-lhe que pousasse ali porque queria mandar por ele a mim seu mansageiro, o qual me trouxe e em um só dia que ali esteve lhe mandou trazer tanta especiaria às naus que as carregara de todo se viessem vazias e lha davam que a trouxesse de graça em presente por cobrarem minha amizade, e assim vieram todos os seus grandes ao meu capitão, dizendo-lhe da parte do Rei que por ali veriam que seria ali de outra maneira tratado do que foi em Calecut, afirmando-lhe que se quisesse fazer guerra a Calecut (o) o ajudariam a ele em pessoa por terra e toda sua armada por mar, e

---

(n) "de Cochim", na versão espanhola.

(o) Na versão espanhola ha omissão da frase intercalada entre as duas palavras Calecut, o que denuncia lapso do tradutor. O texto de Navarrete diz: "que seria alli de otra manera tratado que fué em Calecut (afirmando-lhe que se quisesse fazer guerra a Calecut), que le ayudaria é iria él en persona por tierra, é toda sua armada por mar..."

depois de lho muito agradecer da minha parte se despediu dele dizendo-lhe que nesta outra armada que logo havia de enviar lhe mandaria a minha resposta, e se veio por seu caminho e no meio daquela travessia tomou uma grande nau carregada de mercadoria, parecendo-lhe que seria das de Meca e então havia de vir a Calecut, e achando que a dita nau era do Rei de Cambaia a deixou mandando por ela dizer ao dito Rei que a deixava porque não ia a fazer guerra com ninguem, somente a tinha feito àqueles que lhe faleceram da verdade que com ele em meu nome tinham assentado, e seguindo mais adiante se lhe perdeu uma das naus que traziam carregada (p) por de noite vir dar em terra. Salvou-se a gente e ele a mandou queimar por se não poder tirar san (q) e desta paragem mandou o navio haver novas da mina de Sofala, como já atrás digo. o qual é vindo e me trouxe certa informação dela e assim do trato e maneira da terra e da grande quantidade de ouro que aí ha e ali achou novas que entre os homens que trazem ouro alí às costas vêm muitos que têm quatro olhos, a saber: dois adiante e dois detrás. São homens pequenos de corpo e rijos, e diz que são homens que comem os homens com quem têm guerra, e que as vacas do Rei trazem colares de ouro grosso ao colo, e acerca desta mina e duas ilhas em que colhem muito aljofar e ambar; e dali se veio o dito meu capitão e chegou a Lisboa a tempo que fazia 16 (r) meses do dia que dela partiu e bento seja nosso Senhor com toda esta viagem não lhe morreu de doença mais que tres homens, e todos os outros vêm sãos e em boa disposição, e agora me veio certo recado como um dos navios que ia para Sofala (s), que tinha por perdido, vem e será um dia destes por aqui, o qual dizem que entrou no mar Roxo e que traz de lá alguma prata e assim alguma informação das cousas de lá, posto que já do dito mar Roxo

---

(p) A nau de Sancho de Tovar.

(q) Salva.

(r) Na leitura do documento publicada por Eugenio do Canto são 17. Lemos 16, como na versão espanhola, e assim deve ser, pois Cabral chegou no mês de julho.

(s) O navio de Diogo Dias.

estou largamente informado, pelo dito meu capitão disso fui informado (t). As mais particularidades neste negocio a Pero Lopes as remeto que a tudo foi presente (u). Escrita em Lisboa a 28 de Agosto (v) de 1501.

(t) Na versão espanhola lê-se: "y por muchas vias fui de ello sabedor". E', visivelmente, tradução livre do texto original.

(u) No traslado português foram omitidas as palavras de saudação, conservadas na versão espanhola: "Muy altos y muy excelentes é muy poderosos principes señores Padre é Madre. Nuestro Señor haya vuestra vida y Real Estado en su santa guardia".

(v) Na versão espanhola lê-se: "Escrita en Santaren á veinte é nueve de Julio". E' a unica e importante divergencia entre os dois textos, que, de resto, se reconhece serem versões de um mesmo documento original.

Copiado da "*História da Colonisação Portuguesa do Brasil*", vol. II, paginas 165 a 167.

Trecho da carta que Giovanni Matteo Cretico, nuncio de Veneza em Lisboa, enviou ao doge Agostinho Barbarigo, em 27 de Junho de 1501, dando noticias da viagem de Cabral a Calicut e fazendo referencia ao descobrimento do Brasil

Serenissimo Princeps & c. Credo la V. S. per littere del Manifico Ambasiator habia iteso questo. S. Re haver mandato nave ala volta Dindia: le qual al presente sonno tornate: ma de XIII ch furono: sonno perse VII al viazo. Et prima S. Princeps per la costa di la mauritania & getulia per astro fino a capo Verde: el quale antiquitus se chiamava experias: dove sonno le insule experide: qui principia la Ethiopia e de qui avanti fu ignoto ali antiqui: de qui scorre la costa de Ethiopia verso levante tantum che rispõde per lineam ala Cicilia: da sta dicta costa. IX. gradi tra la linea equinoctiale. V. o ver VI gradi: & da mezo dicta costa e la mina di questo S. Re: & da poi distendi uno capo verso ostro che excede el tropico del capricorno IX gradi: Questo capo se chiama di bona speranza: che vene etiam larga la Barbaria: in questo loco piu de V M. miglia del litto intrinsicho verso nui: a questo capo de li interum se incolfa verso uno capo chiamato da li antiqui Prasim promontorio: fino al qual fu noto ali antiqui da laltra banda: de qui iterum scorre quasi apreso levante per lo trogloditia: dove trovano una altra vena doro: la quale chiamano zaffala: dove li antiqui affermano esser mazor copia doro che in altra parte: de qui intrano in el mar Barbarico: & poi in quello dindia: & arivano a Calichut: questo e lor viazo el qualle e piu de XV M. miglia: ma traversando lo scortano assai: *di sopra dal capo de Bonasperãza verso garbi hanno scoperto una terra nova, la chiamano de li Papaga: per esser gene di longeza de brazo. i. & mezo de varii colori: de li quali ne havemo visto doi:* judicando questa terra esser terra ferma pche scorseno per costa piu de do. M. miglia ne mai trovono fine: habitano homini nudi & for-

mosi: ala lor andata perseno. IIII. nave. II. mandarono ala mina nova de la qual se judica siano perse: le VII. andorno a Calichut: dove prima furono ben visti & fu li dato la casa p. quel signore: dove remaseno alcune d le nave: le altre erão i altri lochi vicini e da poi zose del Soldã li mercadanti li qli se sdegnorno ch costoro fuseno iti a torli il viamento: e voleão prima carigare: el factore di questo Serenissimo Re si lamento con el signore el qual judicasseno se intendesse cõ mori & disse se costoro charigaveno li togliesseno le specie: e cosi fu fato d ch veneno a le mane e tutta la terra favorezava mori & corseno ala casa dsignata aportogalesi & tagliorõ a pezi tuti ch erão i la terra quali furno da XL tra li quali fu el factore che se era butato in acqua per fugire; intendendo questo le altre nave veneno e brusorno le nave del Soldano ch erano X & con le artelaria feceno grando danno ala terra: & abrusorno asai case: el forzo era coperto de paglia: & per questo rumore se partirono da Calichut & furno cõducti da lor guida: el qualle era uno judeo batezato ad una altra terra circha a XL miglia piu oltra chiamata Cuzin duno altro Re inimico de quello de Calichut el qualle li ha facto optima compagnia: & ha mazor copia de specie che non e a Calichut: hanno cargo estivato per precio che temo dirlo el perche lor affirmano: hanno havuto uno cantar di canella per ducato uno e meno: questo signore de Cuzin mãdo soi ambasiatori con queste nave: a questo Serenissimo Re: & etiã do ostagi acio che tornassimo securamente: e nel ritorno mori & quelli di Calichut si misseno in ordine per prenderle & armarono piu de CL navilii con piu de XV M. homini: Tamen costoro siando cargi non volsero combatere ne quelli li poteano offendere perche questi se miseno di la borina che loro non sanno andar: venendo arivorno a una isola dove le corpo di sancto Thomaso apostolo: el signor di epsa li fece asai careze & ali dati de le reliquie del dicto sancto il pregavano tolesseno specie da lui in credenza final retorno del viazo: questi erano cargi & non poteano piu torne: sonno stati mesi XIIII in el viazo: Ma nel ritorno solo quatro & dicono di qui avanti fare in mesi VIII o ver X al piu: nel ritorno de VII nave le seye son venute a salvamento laltra deti i una secha: de la quale sonno salve le zente questa era di botte DC vel circa: ancora nõ e rivato qui salvo ch una di botte CCC le altre sonno propinque per quatro dicono: questa introno la sera di san ioãne: io mi atrovava dal Serenissimo Re: el qualle me chiamo & disseme me cõgratulasse che le sue nave de India erano zonte carghe de

specie: & cosi me alegrai com li debiti modi: fece fare festa quella sera in palazo & leticia di campane per tuta la terra: el sequente giorno fece processiõe solemne per tuta la terra: dapoi iterum atrovãdomi cõ sua Maiesta ritorno ale sue nave & disseme dovesse scrivere a vostra Serenita che mãda da mo avãti le sue Galie a levar specie di qui che li faria boña ciera & potrião judicar esser i casa sua & le prohiberia al soldão nõ ãdaria li per specie: & vol meter a questo viazo nave XL d le qual alchune va ditro & altre ritornano demum tiene haver lindia a suo comando: Questa nave la qual e intrata sie di Bartholomio Fiorentino insieme con el cargo che sonno Pipper cantera CCC vel circa Canella Cantara. CXX. Laccha Cãtera L in LX. Benzui Cantara XV. Garoffoli non hãno perche Mori li havevano levati ne anche zenzari: pero che dove hãno cargo non ne era: ma ne nasse a Calichut: specie minute non e di niuna sorte: dicono haver perso assai zoglie in quel rumor di Calichut. Non pretermetero etiam questo: esser venuto di qui li Ambasiatori de uno Re de Ethiopia chiamato Re de Ubenam el quale ha mãdato presente a questo Serenissimo Re: de schiavi & denti da volio ben che simel cose sonno de questi za assai tempo alparsi: preterea questa nave in el suo ritorno scontrono dui grosissimi navilii partiti de la Mina nova & andavano verso lindia li qual haveano gran summa doro: & temendo costoro non li volessero prendere: li offerse XV M. dobbe che chada un valea piu de ducati CCCCC. M. ma costoro nõ volsero tore cosa alcuna: immo li fece presenti & bona compagnia per poter navigare in quelli mari.

(Copiado do "*PAESI NOUAMENTE RETROVATI & NOVO MONDO DA ALBERICO VSSPUTIO FLORENTINO INTITULATO*", reprodução em fac-simile da segunda edição feita em Milão em 1508, pela Princeton University Press, 1916, paginas 143 a 145).

Carta de Pisani à Senhoria de Veneza, dando noticias da viagem de Cabral a Calicut e fazendo referencia ao descobrimento do Brasil

Credo, vostra serenitá, per letere del magnifico ambasador, domino Piero Pasqualigo, doctor, habia inteso quello ho per capitolo di una letera di missier Cretico, doctor, ch'è *apud regem Lusitaniae,* de 27 luio, in Lisbona. Come questro serenisimo re havia mandato nave a la volta de India, le quale al presente son tornate; ma di 13 che furono son perse le 7. El lor viazo, serenisimo principe, é: prima per la costa de Mauritania et Getulia, per ostro, fin al Capo Verde, che *antiquitus* si chiamava *Hespeviceras* dove sono le insule de le Hesperide. Qui principia la Ethiopia, verso levante tanto, che coresponde per *lineam rectam* a la Sicilia. Dista dita costa de la linea equinoctiale 5 in 6 gradi; et a mezo dicta côsta è la mina de questo serenissimo re. Da poi extende uno capo verso ostro in tanto, che excede el tropico de Capricorno 9 gradi. Questo capo chiamano Capo de Bona Esperanza, che vien esser larga la Barbaria in questo loco più di 5000 mia, dal lito intrinseco verso nui ad questo cao de li. *Iterum* se incolfa verso uno cao, chiamato da gli antiqui *Prason Promontorium,* fino al qual fu noto a li antiqui. Da l'altra banda, de qui *iterum* scorre, quasi greco e levante, per la Tragloditica, dove trovano una mina d'oro, la qual chiamano Cephala, (Sofala) dove li antiqui affermano esser mazor copia d'oro che in alguna altra parte. De qui entramo nel mar barbarico, et poi nel mar de India et arivano al Coliqut. Questo è il lor camino, ch'è più di XV milia miglia; ma transversando lo scurterano assai.

De sopra el Capo de Bona Speranza, verso garbin, hanno discoperto una terra nuova, chiamano la terra de li papaga, per esser li papaga longi uno brazo et più, de varij colori, de li quali hanno visto doy. Judicano questa terra esser terra ferma, perchè corseno per costa 2000 mia e (sic) più, nè mai trovorono fin. Habitano homeni nudi et formosi. A la lor andata perseno, per fortuna, 4 nave, dove mandorono a la mina nova dicta, le qual si judicha, siano perse. Le sete andorono al Coliqut, dove forono prima ben visti et foli dato una caxa per

quel signor; dove rimaseno alcune de le nave, le altre erano in lochi vicini. Da poi soprazonse zerme X del soldan, li quali se sdegnavano che portogalesi fosseno andati ad torleli lo inviamento, et volevano cargar prima. El fator del re de Portogal se lamentó con el signor de Coloqut, (sic) et qual, judicano, se intendesse con mori, et disse che se gli cargavano, li tolesse le specie. De che venero a le mane, che tutta la terra favori a'mori, et corseno a la caxa designata a'portogalesi, et tagliorono a pezi tutti che erano in terra, per numero 40, tra li quali el fàtor del re, qual se à butato in aqua pãr fuzir. Inteso questo, le altre nave venero et abrusorono le zerme del soldan, che erano X, et le bombarde fecero gran danno a la terra et brusorono assai caxe, che el forzo.è coperte de paglia. Per questo rumor si parti da Coloqut, et forono conduti de la lor guida, ch'e uno judeo batizato, ad una altra terra più oltra, chiamata Chucin, (Cochim) de uno altro re, inimico dil re di Coloqut, el qual li ha fato optima compagnia et ha mazor copia de specie che al Coloqut. Hano cargà ad stiva per precio che me temo dirlo; et dicono comprano uno canter de canela per un ducato et meno. Questo signor de Chucin manda soi ambasadori com queste nave a questo signor re, et *etiam* obstasi, a ciò che torniano securamente. Nel retorno mori et quelli de Calicut (sic) se misseno in ordene per prenderli, et armarono 150 navilij con 15 milia homeni; *tamen* costoro, siando chargi, non volseno combater, né quelli li poteva offender, chè lusitani se messeno a la vela de la borina, che lore non sano andare. Venendo, arivono in una insula, dove è el corpo di San Thomà. El signor de quella li ha fatto gran chareze et datoli de la reliquie de San Thomà; li pregava volessero tuor specie da lui et che le tolesseno in credenza a l'altro viazo; questi erano za cargi et non poteva tuor più. Sono stati mesi 14 sul viazo, ma nel ritorno solo 4; et dicono voler da mo avanti far questo viazo in 9 o ver 10 mesi al più. Nel ritorno, de 7 nave, le 6 son venute salve, una dete in una secha, li homeni de le qual son salvi; et questa era de 600 bote et carga. Ma ancora non è arivate qui, salvo una di bote 300; le altre son propinque, per quanto dicono; e queste introno la sera di San Zuane. Io me ritrovava dal re, el qual me chiamò et diseme, me congratulasse, che le sue nave de India erano zonte cariche de specie; et cussi mi congratulai con li debiti modi. Feze far festa in palazo et litizia de campane per tutta la terra; el di sequente feze una

procession solenne. Da poi, *iterum* atrovandomi con sua magestà, me retornò a la nave et diseme dovesse scriver a vostra serenità, che mandi da mo avanti le galie a levar specie de qui, a le qual faria bona ciera, et poriano judicar esser in caxa sua; et che *omnino* vuol prohibir che al soldan non vadi specie; et voler meter a questo viazo 40 nave, de le qual algune vadi et algune torni; et *demum* tiene haver la India al sua commando. Questa nave intrata, in porto, è la nave et el cargo de Bartolo Fiorentino, el cargo de la qual è piper, cantera 300; canella, cantera 120; lacha, cantera 60; benzui, cantera 15; garofalli non hanno, perchè mori gli haveano levati; neanche zenzeri, perchè a Chuchin, (sic) dove hanno cargà non ne hè, ma nasce a Caliqut (sic); specie minute non hanno di alguna sorte.

Dicono haver perso assai zoglie in quel rumor de Chaliqut (sic). Non preterirò *etiam* questo, esser venuti de qui ambasadori de uno re de Ethiopia, chiamato re Ubeam, qual à mandato presente a questo re, schiavi et denti de avuolio et altre cosse, et son de qui za assai. Li a presso *etiam* de quelli nasse piper, ma non é cussi compito come l'altro. *Praeterea* queste nave nel suo ritorno scontrarono do grosse nave, erano partite de la mina nova et andavano verso la India, li qual haveano gran suma di oro; et, temendo che costoro non i volesse pigliar, li offerse 15 milia doble *pro primo*, che chadauna val più del ducato; ma questi non hanno voluto tuor cossa alguna; *imo* li hanno fato presenti a loro et bona compagnia per poter navegar quelli mari, *nec alia.*

Data Ulysiponi, die 27 julii 1501.

Copiado do "*Diario de Marino Sanuto*", tomo IV.

Despacho de Pedro Pasqualigo ao Governo de Veneza, datado de 18 de Outubro de 1501, com referencia à viagem de Gaspar Côrte Real à região Norte da America, onde ha referencia ao descobrimento do Brasil.

"A di 9 dil presente arivó qui una di doe caravelle, quale l'anno passato la majesta del dito re mandó a discoprir terra verso la parte de tramontana, et ha conduto 7 tra homeni et femene et puti de terra per quella discoperta, era maistro et ponente, lontan di qui miglia 1800. Questi homeni de aspeto, figura et statura somigliano cingani; hanno signada la faza in diversi logi, chi de più chi de mancho segni, vestiti di pelle de diversi animali, ma precipue di lodre; el parlar suo è penitus alieno da ogni altro che fin hora se sia sentito in questo regno, né vien inteso da persona alguna. Sono benissimo disposti ne li membri loro, et hanno faze mansuetissime, ma modi et gesti bestialissimi et como de homeni silvestri. Credeno questi di la caravella, la soprascrita terra esser terra ferma, et conjungers con altra terra, la qual l'anno passato soto la tramontana fu discoperta da l'àltre caravelle de questa majestá, licet non potesseno arivar a quella, per esser el mar li agiazato con grandissima quantita di neve, in modo ch'é monti qual terra. *Etiam credeno conjungersi con le Andilie, che furono discoperte per li reali di Spagna, et con la terra dei papagá, noviter trovata per le nave di questo re che andorono in Calicut.* El creder questo se moveno, prima, perché, havendo corsa la costa de ditta terra per spazio de 600 et piú milia non hanno trovato fin alguno; poi perchè diceno haver trovate molte fiumare grosissime, che li meteno in mare. Expetasse di zorno in zorno l'altra caravella capetania, da la qual distinctamente se intenderá la qualitá et condition ch'é la sopradita terra, per esser andata piú avanti scorendo per quela costa, per discoprir quanto piú potrá de quella. De questa nova questa regia majestá ha auto gran piacer, perchè li par che questa terra sará molto a preposito di le cose sue, per piú respeti, ma praecipue, perché, essendo molti vicina a questo regno, facilmente et in

pocho tempo potrá haver grandissima copia di lignami per fabrication di arbori et antene di nave, et homeni schiavi assai da ogni faticha, in perhó che dicono, quella terra esser populatissima et piena de pini et altri legni optimi. Et tanto ha piaciuto dita nova a sua majestá, che li ha fato venir volontá de mandar navilij iterum a ditto locho, et acrescer la flota sua per India, per conquistar piú presto hormai cha per discoprir; perché li par che Dio sij co sua majestá ne le opere sue et mandi ad effetto ogni suo desegno."

Copiado do trabalho de Henry Harrisse "*Les Corte-Real*", Paris, 1883, paginas 209 a 210.

Carta de Amérigo Vespucci, escrita de Cabo Verde, 4 de Junho de 1501, a Lourenço de Pier Francisco de Medici.

Magnifico padron mio, agli otto di Maggio fu l'ultima vi scriss stando a Lisbona presto per partirmi. In questo presente viaggio, che ora coll'aiuto dello-Spirito Santo ho cominciato, e pensato fino al mio ritorno non vi avere a scrivere più; e pare che la sorte m'abbia dato tempo sopra uno di potervi scrivere non solamente di lunga terra, ma dell'alto mare.

Voi avete inteso, Lorenzo, si per la mia, come per lettera de' nostri Fiorentini di Lisbona, come fui chiamato, stando io a Sibilia, dal Re di Portogallo; e mi pregò che mi disponesi a servillo per questo viaggioi nel quale m'imbarcai a Lisbona a' tredici del' passato, e pigliammo nostro cammino per mezzodi; e tanto navigammo, che passammo a vista dell' Isole Fortunate, che oggi si chiamano di Canaria, e passammole di largo, tenendo nostra navigazione lungo la costa d'Africa, e tanto navigammo, che giugnemmo qui a uno cavo, che si chiama el Cavo Verde, ch' è principio della provincia d'Etiopia, e sta al meridiano dell' Isole Fortunate, e tiene di larghezza quattordici gradi della linea equinoziale, dove a caso trovammo surto due navi del Re di Portogallo, ch'erano di rotorno d' alle parte d'India orientale, che sono di quelli medesimi che andarono a Calichut, ora quattordici mesi fa, cha furono tredici navigli, co quali i' ho auto grandissimi ragionamenti non tanto del loro viaggio, come della costa della terra che corsono e delle richezze che trovorono, e di quelle che tengono, tutto sotto bre vità si farà in questa menzione a Vostra Magnificenza, non per via de cosmografia, perchè non fu in essa frotta Cosmografo, nè Mattematico nessuno, che fu grande errore. Mas vi si diranno cosi discontortamente, come me la contarono, salvo quello io ho alcun tanto corretto colla cosmografia di Tolomeo.

Questa frotta del Re di Portogallo, partti di Lisbona l'anno 1499, del mese d'Aprile, e navicorono al mezzodi fino all' Isole del Cavo Verde, che distanno dalla linea equinoziale quattordici gradi circa, e fuora d'ogni meridiano verso l'occidente, che potete dire che le stanno più all' occidente che l'Isole di Canaria

sei gradi poco più o meno, che ben sapete come Tolomeo, e la maggior parte delle scuole de' cosmografi, pongono el fine dell' occidente abitato l'Isole Fortunate, le quali tengono di latitudine coll'Astrolabio, e con el quadrante, e l'ho trovato esser cosi. La longitudine è cosa più difficile, che per pochi si può conoscere, salvo per chi molto vegghia, e guarda la cogiunzione della Luna co' Pianeti. Per causa della detta longitudine io ho perduti molti sonni, e ho abreviato la vita mia dieci anni, e tutto tengo per bene speso, perchè, spero venire in fama lungo secolo, se io torno con salute di questo viaggio. Iddio non me lo reputi a superbia, che ogni mio travaglio raddirizzarò al suo santo servizio.

Ora torno al mio proposito: come dico questi tredici navigli sopradetti navigorono verso el mezzodi dell' Isole del Cavo Verde, per il vento che i dice fra mezzodi, e libeccio. E dipoi d'aver navigato venti giornate, circa a settecento leghe (che ogni lega è quattro miglia e mezzo) *posono in una terra, dove trovorono gente bianca e ignuda della medesima terra, che io discopersi per Re di Castella,* salvo cheè più a levante, la quale per altra mia vi scrissi, dove dicono che pigliorono ogni rinfrescamento, e di quivi partirono, e presono loro navigazione verso levante, e navigorono pel vento dello scilocco, pigliando la quarta di levante. E quando furono larghi dalla detta terra, ebbono tanto tormento di mare col vento a libeccio, e tanto fortunoso, che mandó sotto sopra cinque delle loro navi, e le somerse nel mare con tutta la gente. Iddii abbia auto misericordia dell'anime loro. E le otto altre nave, dicono che corsono ad albero secco, cioè sanza vela quarantotto di, e quarantotto notte con grandissimo tormento. E tanto corsono, che si trovorono colla loro navigazione sopra a vento dal Cavo di Buona Speranza, che sta figurato nella costa d'Etiopia, e sta fuora del Tropico di Capricornio dieci gradi alla parte del meridiano, dico che ista dall'altezza della linea equinoziale verso el mezzodi trentatre gradi. Diche fatta la proporzione del parallelo truovono che'l detto Cavo, tiene di longitudine dall' Occidente abitato sessentadue gradi, poco più, o meno, che possiamo dire che stia nel meridiano d'Alessandria. E di qui navigorono di poi verso el settentrione, alla quarta del greco, navigando di continuo a lungo della costa, la quale secondo me è'l prencipio d'Asia, e provincia d'Arabia Felice, e di terre del Presto Giovanni, perchè quivi ebbono nuove del Nilo, che restava loro verso l'Occidente, che sapete ch' elli parte l'Affrica,

dall'Asia. E in questa costa vi sono infinita popolazione, e cità, e in alcuni ferono scala, e la prima fu Zafale, la quale dicono essere città di tanta grandeza come è 'l Cairo, e tiene mina d'oro; e dicono che pagano di tributo allo re loro dugento migliaia di miccicalli d'oro l'anno, che ogni miccicalle vale una castellana d'ora, o circa. E di qui partirono e venono a Mezibinco, dove dice è molto alue, e infinita lacca, e molta drapperia di seta. Ed è di tanta popolazione come el Cairo, e di Mezibinco furono a Chiloa, e a Mabaza, (Monbaza) e da Mabaza a Dimodaza, e a Melinde. Dipoi a Mogodasco (Magadasso), e a Camperuia, e a Zendach dipoi a Amaab, dipoi Adabul (forse Rasbel) e Albarcon. Tutte queste città sono nella costa del mare Occeano, e vanno fino allo stretto del Mare Rosso. El quale mare avete da costa del mare Indico. Credo che sia la provincia che Tolomeo la chiama Gedrosica. Questo Mare Persico, dicono che è molto ricco, ma tutto non s'ha credere, perciò le lascio nella penna a chi meglio ne porgerà la verità.

Ora mi resta a dire della costa, che va dallo stretto del Mare Persico verso el mare Indico, secondo che mi racontonno, molti che funno nella detta armata; e massime il detto Guasparre, el quale sapeva dimolte lingue, e il nome di molte provincie e citta. Come dico è uomo molto altenico, perchè ha fàtto due fiate el viaggio di Portogàllo al Mare Indico.

Dalla bôcca del mare Persico si navica a una città, che si dice Zabule (forse Dabule); di Zabule a Goosa (Goa), e da Goosa a Zedeuba, e dipoi a Nui, dipoi a Bacanut, (forse Barcelor), dipoi a Salut; dipoi a Mangalut, (Mangalur), dipoi a Batecala, dipoi a Calnut, poi a Dremepetam, dipoi a Fandorana, dipoi a Catar, dipoi a Caligut. Questa città é molto grande; e fu l'armata de' Portogallesi a riposare in essa. Dipoi di Caligut a Belfur, dipoi a Stailat, dipoi a Remond, dipoi a Paravrangrari, dipoi a Tanui (Tanor), dipoi a Propornat, dipoi a Cuninam, dipoi a Lonam, dipoi a Belingut, dipoi a Palur, dipoi a Gloncoloi, dipoi a Cochin, dipoi a Caincolon (forse Culan), dipoi a Cain, dipoi a Coroncaram, dipoi a Sto mondel, dipoi a Nagaitan, depoi a Delmatan, dipoi a Carepatan, dipoi a Conimat. Infino a qui hanno navigato le frotte di Portogallo, che benchè non si conti della longitudine, e latitudine della detta navigazione, ch'è fare cosa impossibile a chi non tiene molta pratica delle marinerie che la possa dare ad intendere. E io tengo speranza in questa mia navigazione rivedere, e correre gran parte del sopradetto, e discoprire molto più, e alla mia tor-

nata darò di tutto buona e vera relazione. Lo Spirito Santo vada con meco. Questo Guasparre, che mi contò le sopradette cose, e molti Cristiani le consentirono, perchè furono in alcuna d'esse, mi dise di poi el seguente, disse ch'era stato dentro in terra dell' India in uno regno che si chiama e' regno de' Perlicat, el quale è uno grandissimo regno, e rico d'oro, e di perle, e di gioie, e di pietre prezione, e contô essere stato dentro in terra a Mailepur, e a Gapatan, e a Melata, e a Tanaser, (Tarescrim), e a Pego e a Starnai, e a Bencola, e a Otezen, e a Marchin. E questo Marchin dice sta presso di rio grande, detto Enparlicat. E questo Enparlicat è città dove è il corpo di Santo Marco Apostolo, e vi sono molti Cristiani. Et mi disse essere stato in molte Isole, e massime in una che si dice Ziban (forse Seilan), che dice • che volge 300 legha, e che'l mare aveva consumato d'essa, el rio, altre 400 leghe. Dissemi ch' era ricchissima isola di pietre prezione, e di perle, e di spezierie, d' ogni generere, e di drogherie, e altre richezze, come sono alifanti, e gran cavalleria; di modo che istimo che questa sia l'Isola Taprobana, secondo che lui me la affigura. E più mi disse, che mai sentì mentovare Taprobana in tale parte, che come sasapere che non é rosso, ed è come questo nostro, ma tiene solo il nome di rosso. E tutte queste città sono richissime d'oro, e di gicie, e drapperie e spezzerie, e drogherie, e di suo proprio nascimento, ch' elle sono tratte colle carette dalla parte d'India, come intenderete, che sarebbe cosa lunga a ripricalla.

Da Albarcone, traverso lo Stretto del Mare Rosso é vanno alla Moca, la dove fu una nave della detta frotta, che in questo punto è arrivata quì a questo cavo, e infino a qui è scritto la costa d'Arabia Felice. Ora vi dirò la costa del Mare Rosso verso l'India, cioé dentro allo Stretto d'esso mare.

Alla boca dello stretto sta un porto nel Mare Rosso, che si chiama Haden, con una gran città. Più innanzi verso el settentrione sta, uno altro porto, che si chiama Camarcan, e Ansuva; dipoi è uno altro porto che si dice Odeinda (Odeida), e da Odeinda a Lamoia (Lahoia) e da Lamoia a Guda (Gudda). Questo porto di Guda è giunto con il Monte Sinai, che come saprete è in Arabia Diserta, dove dicono ch' e iscala di tutti é navili che vengono de 'inadia, e da Mecca. E in questo porto dicono che discaricano tutte le spezzerie, e drogherie; e gioie; e tutto quello che pongono qui, di poi vengono le carovane de' cammelli dal Cairo, e d'Alessandria, e le conducono li, che dicono che vanno ottanta leghe pel deserto d'Arabia. E dicono

che in questo Mare Rosso, non navigano se non di dì per causa di molti scoglj, e secche che vi sono. E molte altre cose mi furono conte di questo mare, che per non essere prolisso si lasciano.

Ora dirò la costa del Mare Rosso dalla parte dell' Africa. Alla bocca dello stretto d'esso mare sta Zoiche (Zeile), ch' e signore d'essa uno Moro, che si chiama Agidarcabi, e dice che sta tre giornate apresso al porto di Guda, tiene moltro oro, molti alefanti e infinito mantenimento.

Da Zoiche ad Arbazui (forse Asab). Di questi duo porti d'Arboiam e Zala n'è signore el Presto Giovanni, e ivi dirimpetto è un porto che si nomina Tui è quale e del gran Soldano di Babilonia. Dipoi da Tui a Ardem, e da Ardem a Zeon. Questo e quanto io ho potuto avere del Mare Rosso; riferiscomi a chi meglio lo sa. Restami ora a dire quello io intesi della Mecca, ch' e dentro del Mare Persico che si è el seguente.

Partonsi dalla Mecca, e vanno per costa del mare fino a una città che si domanda Ormuz, el quale è un porto nella bocca del Mare Persico. E dipoi da Ormusa a Tus (forse Kis) e di Tus a Tunas, dipoi a Capan, dipoi a Lechor, dipoi a Dua, dipoi a Tersis, dipoi a Pares, dipoi a Stucara, dipoi a Ratar. Tutti questi porti che sono molto populati stanno dentro dalla costa del Mare Persico. Credo che saranno molto più alla mente mia, che alla verità mi referisco, che questi mi contò uno uomo degno di fede, che si chiamava Guaspare, che avea corso dal Cairo fino a una provincia che si domanda Molecca, (forse Malacca) la quale sta situata alla pete e sta tutta in fronte di rio suddetto.

Item me disse, ch' era stato in una altra Isola che si dice Stamatara (forse Sumatra), la quale è di tanta grandezza, come Ziban, e Bencomarcano, insieme è tanto ricca como lei; sicchè non essendo Ziban l'Isola Taprobana sarà Scamatarra. Di questi due isole vengono in Persia e in Arabia infinitissime navi cariche d'ogni genere spezierie, e drogherie, e gioie preziose. E dicono, che anno visto gran copia de navilj di quelle parte, che sono grandissimi, e di 40 mila, e 50 mila cantari di porto, é quali chiamano giunchi, e hanno li alberi delle navi grandissimi, e in ogni albero tre, o quatro cabin. Le vele sono di giunchi, non sono fabbricate con ferro, salvo che sono intrecciate con corde. Pare che quello mare non sia tempstuoso. Tengono bombarde, ma non sono e' navilj velieri, ne si mettono molto in mare, perchè di continovo navicano a vista di terra. Accadde che questa

frotta di Portogallo, per fare piacere a petizone del Re di Caligut, prese una nave ch' era carice d'alifanti, e di riso, e di più di 300 uomini; ella prese una carovella di 70 tonelli. E un altra volta misono in fondo dodice nai. Di poi vennono a una Isola detta Arenbuche, e Maluche, e molte altre Isole del mare Indico, di che sono di quelle che conta Tolomeu, che stanno intorno all' Isola Taprobana, e tutte sono ricche.

La detta armata se ne tornô in Portugallo, e alla volta ch' erano restaté otto navi se ne perdè una carica de molte ricchezze, che dicono che valeva centomila ducati, e le cinque per temporali si perdenno. Della capitana, del quale oggi n'è capitata una qui (*sic*), come di sopra dico; credo che l' altro verrano a salvamento. Così a Dio piaccia.

Quello che le dette nave portano è 'l seguente.

Vengono carice d'infinita cannella, gengiavo verde e secco. e molto pepe, e garofani, noci moscadi, mace, muschio, agalia, istorac, bongiui, porcellane, casia, mastica, incenso, mirra, sandale rosi e bianchi, legno alos, canfora, ambra, canna, molta lacca, mumia, *anib* e *tuzia*, oppio, aloe patico, folio indico, e molte altre drogherie, che sarebbe cosa lunga al contalle. Di gioie non sol el resto, salvo che vidi dimolti diamanti, e rubini, e perle, fra' quali viddi uno rubino d'un pezzo, rotolo di bellissimo colore, che pesava sette carati, e mezzo. Non mi vo più rallargare perchè el navilio... non mi lascia scrivere. Di Portogallo intenderete le nuove. In concrusione el Re di Portogallo, tiene nelle mani uno grandissimo traffico, e gran ricchezza. Iddio la prosperi. Credo che le spezierie verrano di queste parti in Alessandria, e in Italia, secondo la qualità e pregj. Cosi va el mando.

Credete, Lorenzo, che quello che io ho scritto infino a qui è la verità. E se non si risconteranno le provincie, e regni, e nomi di città, e d'isole colli scrittori antichi, è segno ben che sono rimutati, come veggiamo nella nostra Europa, che per maraviglia si sente uno nome antico. E per maggiore chiarezza della verità si trovo presente Gherardo Verdi, frattello di Simon Verdi di Cadisi, el quale viene in mia compagnia, e a voi si raccomanda.

Questo viaggio, che ora fo, veggo ch' è pericoloso quanto alla franchezza di questo vivere nostro umano. Nondimeno lo fo con franco animo per servire a Dio, el al mondo. E se

Dio s'è servito di me, mi darà virtù, quanto che io sia apparechiato a ogni sua volontà, purchè mi dia eterno riposo all' anima mia.

Copialo da obra *"Il Milione di M. Polo"*, publicada em Florença em 1827 pelo conde Baldeli Boni.

Questa é copia de una letera di Zuan Francesco de la Faitada, scrita in Lisbona, a dì 26 Zugno 1501; drizata in Spagna, a sier Domeneco Pixani, el çavalier, orator nostro; la qual per sue di X Luio, là mandò in questa terra.

Magnifice orator etc.

A questi zorni passati scrissi per Zuan Vesiga; poi in questo zorno havemo vostra, per la qual ne cometé, li dagamo notitia de la expedition de l'armata di questo serenisimo re. Ben che per missier Cretico sarà scrito a compimento, io voglio dar notitia a quela de la partita de questa armata, la qual partite de qui a li 17 zugno, et a li 18 fu in Lacus, terra de lo Algarius, che de qui a questa terra fanno 40 lige. Del qual loco de Lacus siamo avisati, luni passato la predita armata era ingrossata de molte nave et molta gente; e, secondo m'avisano per letere de domenica passata, del regno de Algarius montarano più di 2000 homeni, oltra quelli che de qui andorono con le nave che partino. Lo effecto che questo re manda questa armada a questo loco de' mori, é per pigliarlo; et eri, che fo lo dì de Sancto Joanne, havevano lo arsalto in terra. Questo é quanto, fin questo dì, se intende de la prefata armata. Da pô se extima andarà a suo camino, dove era deputada; che Dio li concieda vitoria! La magnificentia vostra saperà, che eri, al tardi, vene uno de li navilij, che fu in zener fino a Coloqut, el qual loco si é quello donde si aspetava le spiziarie. Et perché so, quella haverá piazer intendere le nove portano, farò notitia, como questo serenisimo re mandò a lo dito loco de Coloqut 12 nave e navilij, de li quali g'é X soi, uno del signor don Alvaro (1), in compagnia de Bortolo fiorentino (2) et Hironi-

(1) D. Alvaro era o quarto filho de D. Fernando, duque de Bragança, e irmão do terceiro duque, degolado em Evora.

(2) Bartolomeu Marchione, rico mercader florentino, estabelecido em Lisboa.

mo [3] et uno genoese [4], l'altro del conte de Porta Alegra [5] e de certi altri merchandanti assai. In tutto sono 12 tra nave e navilij, de li quali, a l'andata, de qui lontano 80 lige, una de queste nave del re se perdete, che de lei non s'é saputo mai novela; le altre 11, andorono a suo viagio, arivarono ad un loco, che se dimanda el Cavo de Bona Speranza. Un zorno de luio, da poi de disnar, li sopre vene grande vento, in modo, che, per quella fortuna, se perdete altre tre nave di quele del re, e lo navilio del conte di Porta Alegra; sì che non restorono se non 7, le qualle andorono più avanti, tanto che arivono al Coloqut; tamen dicono, che avanti giongeseno al Coloqut, discosto da lo ditto loco lontano 100 lige, arivono in uno loco; che lo re di quel loco li feze grande honor, e il mandò refreschamenti di carne, agneli et altri presenti. Zonti poi a Coloqut, el capetanio vene a parlamento con quel re e li feze, per nome di questo serenissimo re, presente de molte cosse, in modo che restorono grandi amici; e il capetanio se ne ritornò a la nave, e mandò el fator general, con li altri deputati officiali, che avesseno a star lì in terra, e comenzorono a contratar e far partiti de sue mercantie. In quelo tempo se atrovava, in lo dito locho de Coloqut, la frota de le nave de' mori de la Mecha, che stavano per cargar specie. A uno giorno, li mori con lo factor del re vegnirono a diferentia; dicendo l'uno, che volea cargar prima che l'altro; et li mori comenzorono a mazar di portogalesi da 25 in 30 deli principali, infra li qual fu lo factor general e scrivani, et certi frati de observantia, che lo re in la dita armata mandò. Alcuni de queli che erano in terra, butati in mar, natorono a le nave, e deteno noticia al capetanio di la nova. El qual mandò a parecchiar tute le nave a vela, e comenzò a bombardar la nave de mori, in modo che nè mandò in fondo circa XII nave, et occise più de 300 mori. Facto questo, comenzò a tirar le bambarde in terra, et amazò molta gente, ruinando molte casa; e l'altro zorno pigliarono molti homeni de Coloqut, e li menorono a la sua nave. El capetanio stete in deliberation de ritornarse qui. Uno Judeo, che l'altro

---

(3) Jeronimo Sernige, florentino, estabelecido em Lisboa, a quem D. Manuel concedeu o titulo e previlegio de cidadão de Lisboa.

(4) Antonio Salvago, segundo presume Peragallo (Cenni intorno alla colonia italiana in Portugallo nei secoli XIV, XV e XVI).

(5) O Conde de Portalegre, D. Diogo da Silva de Menezes, aio que foi de D. Manuel, casado com D. Maria de Ayala, filha de Diego de Herrera e D. Inês Peraza, herdeira de Fernan Pereza, o rei das Canarias,

capetanio menò qui la prima volta che'l fu in Coloqut per questo re, fu mandato in questa armata, tuta via non lo lassorono mai andar a terra, comenzò a dir al capitanio che non si retornasse, ma che se andasseno più avanti 70 in 80 lige, que lui li meneria al loco proprio, donde nasceno le spiciarie, che é loco de altro re. El capitanio, visto le proposition del judeo, determinò de far quello che lui diceva, e mandò a far vela verso questo loco che costui li diceva, tanto che arivorono a questa terra, che se domanda Chuchi, dove el capetanio mandò homeni in terra a parlar a lo re de questa terra, et a quello narono quello li é stà fato in Coloqut. Questo re de questa terra é grande inimico del re di Coloqut, et inteso questo, li mandò 4 homeni, de li sui più principali, a le nave, che stesseno lì, per contro de altri 4, que lo capetanio mandò in terra; e comenzorono a far partiti, per modo che in nove zorni carichono tutte 7 le nave de spiziarie; zoè garofali, canella, nose muschate, pevere et altre sorte specie. E da poi che le nave fonno del tutto cargate, queste re li mandò altre 14 barchaze de spiziarie, e loro le retornorono a remandar, perchè non le podevano alevar; e questo re ge le mandò a dar senza denari, né altra cossa per contro. El re de Chaliqut, inteso che questa armada era andata a cargar a questo loco, perché era inimico de quel'altro re, e dubitandose che lo trafico de Caliqut non se vastasse, ordenò una grande armada, per mandar a pigliar le nave de Portogallo; in la qual armata andavano più de 15 milia homeni. El re de Chuchi, che sepe questa nova de questa sua armata, lo feze asaper al capitanio de Portogallo, fazendoli grande offerto, per salvarli quanto lui potesse; et oltra questo feceno partito, che li 4 homini de le nave, stavano in terra, restaseno là, et li 4 altri de la terra, che stavano in le nave, vegnisseno qui con le dite nave, e cussì feceno, con grande amicitia. Uno giorno, stavano per partir le dite nave, per vegnir a suo camino, l'armata di Chaliqut aparse; et quelli de le nave deteno la vella, ché heveano bon vento, e lessorono per pope l'armata de Chaliqut, perché quele nave non vano a vela, se non con vento in pupa. In Chaliqut remase grande valuta de zoie, che za haveano comprado; tuta via se existima ne vegna qui, in questo nave del re, grande súmma. La fama de la richeza di questo re é tanto grande, che, hessendo la terza parte, é una grande cossa. Da poi, come é dito, che fossemo partiti da Chuchi, luntanadi dal dito loco 200 lige, trovorono un'altra terra, chiamata Lichinocho, e li stava uno re molto richo, el qualle mandò presenti al capetanio, et mandoli

doi embasadori, i qualli vegnano a lo re de Portogallo. Expediti da questo re, partirono al suo viazo, e se ne veneno a Zafale, che in questo loco dicono eseere grande rescato de oro e, de 12 nave, el re ordenò che do de esse se ne andaseno a questa terra; ma quando se perdereno le 4 nave, haveano ad andar a questa terra de Zafala. Da poi se ne veneno più avanti, e uno giorno se feze grande vento, in modo che una de le sette nave fu a dar in terra, e le persone se salvorono. El capitanio mandò a brusar la dita nave con la mercantia. Gionto al Capo de Bona Speranza, el capitanio mandò a tute le altre nave, se zonzeseno insieme, et andono in compagnia 3 in 4 zorni. Da poi comandò, che questa, ch'é venuta, per esser meglior de le vele, se partisse da le altre, e venisse a dar nova de esse nave qui, a questo re de Portogallo; e cussì feze. Questo navilio, che é venuto, é lo più picolo de tuti, et é del signor Alvaro e tre altri merchadanti nominati di sopra. Lui é lo più povero de tutti li altri, lo quale porta 300 cantera de pevere e 200 de canella, nose muscade, lacha, benzui; et porta la novella de esse cosse; de modo che de tuto vien cargate. Questo discorso vi ho facto, per dar notitia a vostra magnificentia del successo de questa cossa de Coliqut. Le sopradite nove se sono havute da uno marinaro de lo navilio che é venuto, el quale navilio ancora sta in restello, et ozi s'aspeta qui. Intendendose altro, ne sareti avisato del tutto particularmente, etc.

"Diario de Marino Sanuto", volume IV, coll. 66-69. Copiado da *"Historia da Colonização Portuguesa do Brasil"*, volume II, paginas 168 a 169.

Carta de Estevam Frois

Sñor

eu espreuj a uosa alteza destas ym
dyas omde estou preso como uosa al
teza sabe / e asy sñor tyuj qua maney
Ra que fyz treladar ho proceso que con
tra nos fezeram e ho mandey a uosa
alteza pera que fose emformado do
que se dysya contra nos / e depoys de la
sñor ser ho proceso ho que se mays ao
dyamte fez nelle / Asy he que sayo ho al
quayde mayor marcos dagylar
com huum desembargo que amte de
todas as cousas mandaua que
mjce francisco corco e pero corco / ho que qua a
uja estado fosem metydos a tor
memto nam predyjucamdo
ao prouado contra nos per ho
prometor de justica / do quall
mandado e desembargo nos
Apelamos pera Rolacam de sua al
teza os quaes sñor confyrmaram a sentença
do alquayde mayor / ho quall os meteo
a tormento dagua e cordes e lhe pergun
tauam no dyto tormemto se ujnhamos
de purtugatl com emtemcam de
emtrarmos em teras del Rey de
castela / os quaes sempre dyxe
Ram que nam e que ujnham a des
cobryr teras nouas de uosa al
teza / como ho tynham dyto em
seus dytos e mays nam dyzeram
e sobre tudo ysto sñor nos nam que
Rem despachar / nem nos qujse
Ram Receber a proua do que alega
uamos como uosa alteza pusu

hya estas teras a ujmte anos e
mays e que ja joam coelho ho da
porta da cruz ujzynho da cydade de
lyxboa ujera ter por omde nos
outros ujnhamos a descobryr
e que uosa alteza estava em pose
destas teras por muitos tempos e que
ho que se usaua e pratycaua amtre
os lymjtes asy hera que da lynha
canumcyall pera o sull hera
de uosa alteza e que da mesma
lynha pera ho norte hera del
Rey padre de uosa alteza e que
nos que nam pasaramos a lynha
canumcyall nem chegaramos
A ella com cemto e cymcoemta legoas
e quamto mays que os testygos que comtra
nos heram dados nos heram todos sos
peytos e a quausa da sospeycam / asy he
Ra que que todos heram castelhanos e que
segumdo a Regra e ley de direito asy hera
que sobre / caso de propryadade damtre
huum Reyno a outro nam se aujam de
Receber aos autores testygos / dos
naturaes do Reyno / quamto mays
sñor que todos estes testygos que contra
nos deram heram todos os que
nos predujucauam dos naturaes
de palos de moger que heram ho
mes que nos queRyam mall / por
quausa de huum dyogo de lepe
que uosa alteza mandou em
forcar por que foy tomado nas par
tes de gyne com certos negros que le
uaua furtados / aos quaes
testygos amdauam dyzemdo por
toda esta cydade que nos emfor
casem a todos sobre suas almas
que nam lhe falltaua nada de os
apropyar aos judeus quamdo
dyzyam ho seu samge uenha sobre
nos e sobre nosos filhos e etc / dysto sñor

e doutras cousas mays por ymteyro
fezemos artygos / sem a nenhuum
nos queReRem receber a proua
Agora nam sey sñor ho que quereram
fazer / ho feyto esta concruso sobre
ho tormento nam sey ho que seRa
nos sñor nam temos quem por
nos faca senam ho bacharell pero mo
Reno / ho quall temos por noso letera
do e alem de auogar por nos nos a
juda em todas das outras necy
cydades por sermos naturaes do Rey
no de uosa alteza / e nos dyz que por
sermos uasalos de uosa alteza
fara todo ho que nelle for como de
feyto sñor ho faz / sopryco a uosa al
teza que nam nos desempare e que
nos proueja de maneyra que nam
perecamos como cullpados
em fycar omde fycamos se he
tera delRey de castela / nos nam
fycamos na dyta tera como em
tera delRey de castela / se nam co
mo em tera de uosa alteza / e por
que nella nos qujseram matar os
ymdyos e huum pero galego como
uosa alteza sabe nos acolhemos
a estas partes por nam termos ou
tra mays perto omde nos a ca
Rauela podese trazer por que estaua
todo comesta do busano / e
e fazya muita agua e mays trazia
mos ho leme comesto e quebra
do e ets como uosa alteza mays
largamente sabe e uo lo eu sñor
tenho esprito // portanto sñor so
pricamos a uosa alteza que nos
lyure deste catyueyro em que es
tamos / e nam consymta nosa al
teza que poys dyogo de lepe pago
como culpado / que nos pagemos / a justyca
que se nelle fez semdo ymnocemtes do
pecado que nos poem por que asaz abasta ter

nos uay em huum anno presos como nos
tem / sem quasa e tomada toda nosa
fazemda / ao por nos vyrmòs acolher
em sua tera / poer nos ho que nos nam
fezemos nem pemsamos / que he bem craro
sñor que a hobra que elles Recebem nas
ylhas dos acores de uosa alteza / nam
he esta com que nos elles Receberam
que quamtos naujos de qua uam todos
uam toquar em quada huuma
destas ylhas omde os uasalos
de uosa alteza lhe fazem muita om
Ra / e nam nos premdem nem ator
mentam como elles nos fezeram /
nam me cullpe uosa alteza de ho eu
asy dyzer e espreuer porqùe sñor se fora
em cullpa ou' sospeyta ouuira em
mjm do que nos poem eu sñor sofrera tu
do com muita pacyemcya / porem sñor esta
Reixe que elles sñor tem comnosco
nam he noua senam muito uelha
que lhe fycou dos nosos anteceso
Res dalfeRobeyra / e com ella
am dyr a coua // sopryco a uosa al
teza que me queyra Remedyar com jus
tyca espreuemdo a elRey uoso padre
sñor que oulhe nosa ynocemcya
e quamta ymjustyca nos fazem
em nos terem presos uay em huum
anno sem causa / em no que que alem
de uosa alteza amjnystrar justyca / nos
fara muita merce / e Rogamos a deus por
uoso Reall estado com acrecemtamento
de muita vyda / e posto que uosa alteza me
nam conhece como a cryado / eu sñor na
vonta(de) e de coracam ho sam de uosa
alteza por que sñor se fycaua no Ryo om
de fyquey nam foy y com emtemcam
senam de saber ho que auja na tera pe
Ra de tudo dar conta a uosa alteza / co
mo espero em deus de dar / segumdo
achey em huum aluara que uosa alte

za / tynha dado a dyogo Rybeyro arau
to de uosa alteza em que uosa alteza
lhe em caregaua que oulhase bem
pelas cousas da terra / ho quall care
go eu sñor tomey polo elle ma
tarem os ymdyos como uosa alte
za sabe / / byjo as maos de uosa al
teza / Desta cydade de samto domjgo
aos xxx dias do mes de Julho de bc e xiiij
anos / Das ymdias delRey de castela / /

do homem
preso
nas antilhas
(Nota do secretario
d'estado Antonio
Carneiro)
A El Rey .
de portugall
noso sñor .
e etc

do criado e serujdor | | esteuam
de uosa alteza | | froez

Documento do Arquivo da Torre de Tombo — Corpo *chronologico* — P. e I. M. 15, documento 99. Copiado da *"Historia da Colonização Portuguesa do Brasil"*, volume I, Introdução, páginas XXXV a XLV.

Carta do padre Manuel da Nobrega, provincial dos jesuitas no Brasil, ao padre Luiz Gonçalves da Camara, provincial da mesma ordem religiosa em Portugal, datada do sertão de S. Vicente em 31 de Agosto de 1553 e que faz referências à época em que João Ramalho veio ao Brasil.

"Do sertão de S. Vicente, 31 de agôsto de 1.553 — I. H. S. Pax Christi. — Esta escrevo a VaRa estando no sertão desta capitania de S. Vicente, onde fiquei êste ano, vindo na armada."

"O fruto que nesta terra se faz pelas cartas dos Irmãos, que estão em S. Vicente, o saberão porque escreverão de mais perto."

"Ontem, que foi dia da Degolação de São João, vindo, a uma aldeia, onde se ajuntam novamente e apartam os que se convertem e onde pus dois irmãos para os doutrinar, fiz solenemente uns 50 catecumenos, dos quais tenho boa esperança de que serão bons cristãos e merecerão o batismo e será mostrada por obras a fé que tomam agora."

Eu vou adiante buscar alguns escolhidos que Nosso Senhor terá entre estes gentios; lá andarei até ter novas da Bahia dos Padres que creio que serão vindos."

"Pedro Correia foi já adiante a denunciar penitencia em remissão dos seus pecados. Levou todos os modos com que mais nos parece que ganharemos as vontades dos gentios. Os moços principalmente vêm-se para nós de todas as partes."

"Neste campo está um João Ramalho, o mais antigo homem que está nesta terra. Tem muitos filhos e mui aparentados em todo este sertão. E o mais velho deles levo agora comigo ao sertão por mais autorizar o nosso ministerio. João Ramalho é muito conhecido e venerado entre os gentios e tem filhas casadas com os principais homens desta Capitania e todos estes filhos e filhas são de uma india, filha dos maiores e mais principais desta terra. De maneira que nele e nela e em seus filhos esperamos ter grande meio para a conversão dêstes gentios."

"Este homem, para mais ajuda, é parente do padre Paiva e cá se conheceram. *Quandõ veiu da terra que haverá quarenta anos e mais deixou a sua mulher lá,* viva, e nunca mais soube dela, mais que lhe parece ser morta, pois já vão tantos anos. Deseja casar-se com a mãe destes seus filhos. Já para lá se escreveu e nunca veio resposta deste seu negocio."

"Por tanto, é necessário que VaRa envie logo a Vouzela, terra do padre Mestre Simão, e da parte de Nosso Senhor lho requeiro: porque se este homem estiver em estado de graça fará Nosso Senhor por ele muito nesta terra. Pois estando ele em pecado mortal, por sua causa a sustentou até agora."

"E pois isto é cousa de tanta importancia mande VaRa logo saber a certa informação de tudo o que tenho dito."

"Nesta terra há muitos homens que estão amancebados e desejam casar-se com elas e será grande serviço de Nosso Senhor. Já tenho escrito que nos alcancem do Papa faculdade para nós dispensarmos em todos estes casos, com os homens que andam nestas partes de infieis. Porque uns dormem com duas irmãs e desejam, depois que têm filhos de uma, casar com ela e não podem. Outros têm impedimentos de afinidade e consanguinidade, e para tudo e para remedio de muitos se deveria isto logo impetrar para sossego e quietação de muitas consciencias."

"E o que temos para os gentios se deveria tambem ter e haver para os cristãos destas partes, ao menos até que do Papa se alcance geral indulto."

"Se o Nuncio tiver poder, hajam dele dispensa particular para este mesmo João Ramalho poder casar com esta india, não obstante que houvesse conhecido outra sua irmã e quaisquer outras parentes dela. E assim para outros dois ou tres mestiços, que querem casar com indias de quem têm filhos, não obstante qualquer afinidade que entre eles haja."

"Nisto se fará grande serviço a Nosso Senhor."

"E se isto custar alguma coisa ele o enviará de cá em açucar. Haja lá algum virtuoso que lho empreste, porquanto me achei nestas necessidades e com grande desejo de ver tantas almas remediadas."

"E escrevo isto a VaRa para na primeira embarcação mandar resposta a esta Capitania de S. Vicente."

"O demais escreverei para ida dos navios, se me achar em parte para isso; e senão os Padres e Irmãos suprirão. A uma

carta, que neste S. Vicente recebi, já tenho respondido. As que vierem por via da Baía ainda as não vi. E' mais facil vir de Lisboa recado a esta Capitania do que da Bahia".

"Vale, Pater". *Dêste sertão a dentro, ultimo de agosto de* 1553 *anos.* — Filho inutil de VaRa Nobrega"

(Copiado da *"Revista do Arquivo Municipal de São Paulo"*, 2.º volume, paginas 44 a 46).

INDICE ONOMASTICO

G

H

I

J

K

L

M

N

O

P

R

S

T

U

V

W

Z

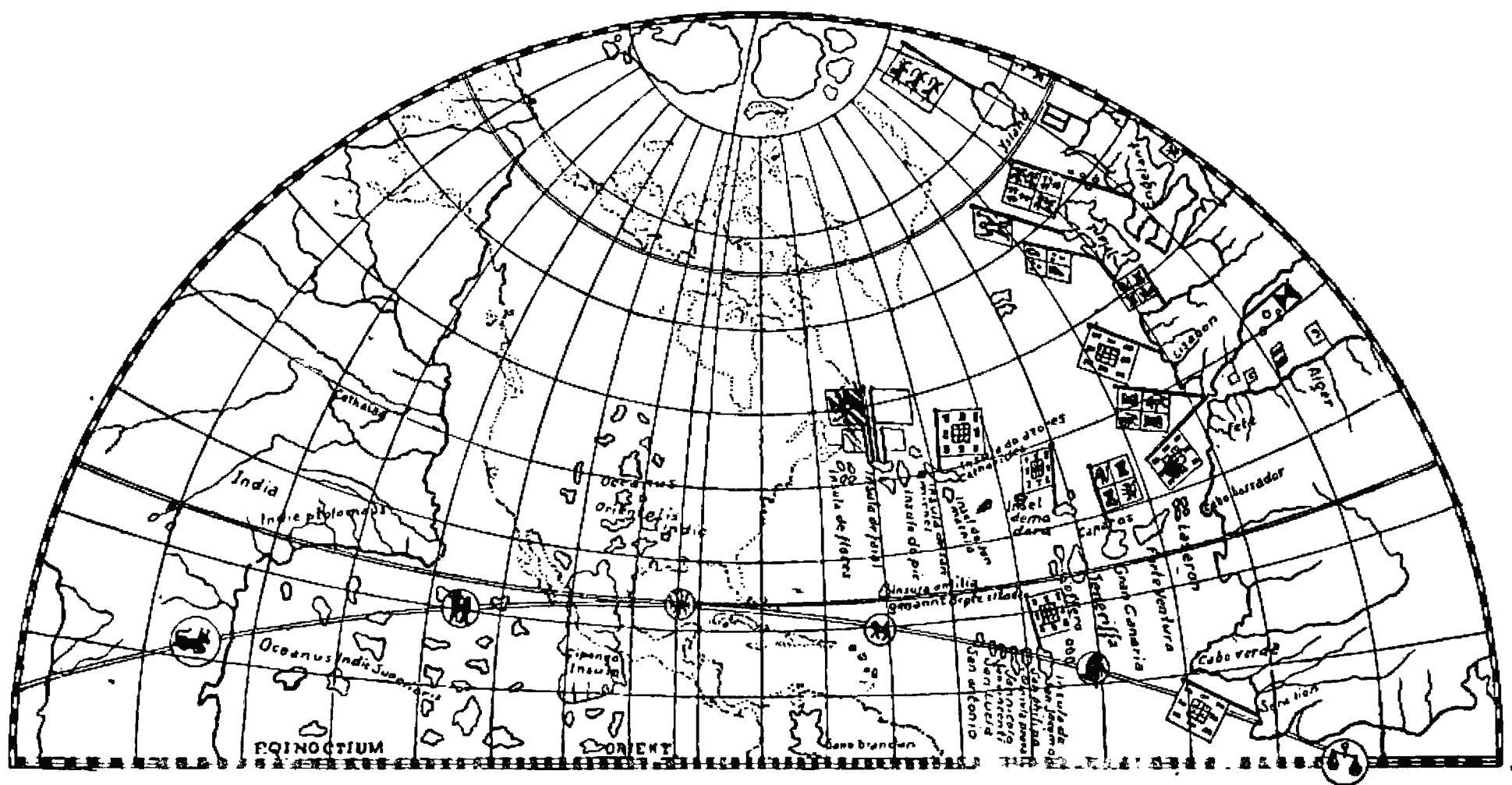
INDICE GERAL

Introdução

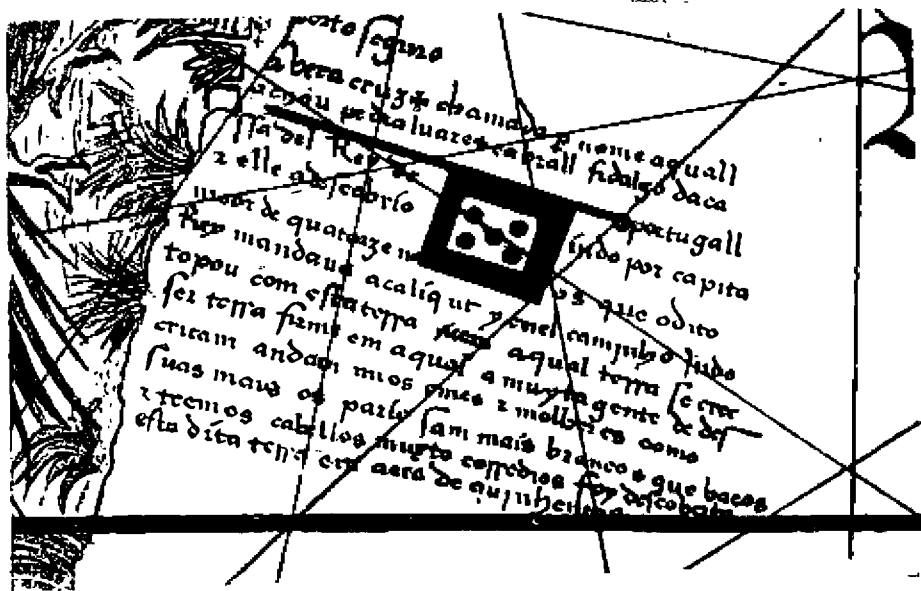
PRIMEIRA PARTE — SUPOSTOS DESCOBRIDORES DA AMERICA SETENTRIONAL

SEGUNDA PARTE — SUPOSTOS DESCOBRIDORES DA AMERICA MERIDIONAL

TERCEIRA PARTE — PRECURSORES E FALSOS PRECURSORES DE CABRAL

Um dos prototipos dos mapas do seculo XV.
Reprodução reduzida de uma parte do mapa-mundi catalão,
feito em Maiorca, em 1375, para o rei Carlos V de França.

Reprodução reduzida da metade setentrional do globo de Martim Behaim simplificado com a eliminação das inscrições, para melhor se acompanhar a presente discussão.

Reprodução da fotocopia das paginas 47, 48 e 49 do Codice Riccardiano 1910, onde estão copiadas por Pietro Vaglienti as cartas que, em Junho de 1501, Bartolomeu Marchioni envio

de Lisboa a Florença, dando noticia da viagem de Cabral à India e fazendo referencia ao descobrimento do Brasil.

Legenda do mapa de Cantino referente ao descobrimento do Brasil por Cabral. Reprodução feita do fac-simile da aludida carta existente no Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo.

Map to illustrate the voyage of
PEDRO ÁLVARES CABRAL
from Portugal to Brazil & South Africa
MARCH - JUNE 1500
Conjectural route of Cabral
Sailing route Europe - Cape Town recommended by the Admiralty
Sailing route recommended by U.S. Hydrographic Office
Winds
Currents
AFRICA
S. Nicolão
passed March 22
CAPE VERDE Is
Fogo
S. Tuge
NORTH EAST TRADES
GUINEA CURRENT
THE DOLDRUMS
St Paul Rocks
Equatorial current
Fernão de Noronha
C. de São Roque
BRAZIL
SOUTH EAST TRADES
BRAZIL CURRENT
(Bahia)
Porto Seguro
Abrolhos
Southern limit of Southeast trades
Cabral
U.S. Hydrogr. Office sailing route
Admiralty sailing route
VARIABLE WINDS
40
30
20
10
0